



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

FLÁVIA SOUZA DA SILVA

**ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA  
MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO – XIQUE-XIQUE (BA),  
MUNICÍPIO DA REGIÃO DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO: UMA  
ALTERNATIVA EDUCACIONAL.**

**Mestranda:** Flávia Souza da Silva

**Orientador:** Alfredo Eurico Rodrigues Matta

**Co-Orientadora:** Francisca de Paula Santos da Silva

Salvador

2019

FLÁVIA SOUZA DA SILVA

**ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA  
MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO – XIQUE-XIQUE (BA),  
MUNICÍPIO DA REGIÃO DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO: UMA  
ALTERNATIVA EDUCACIONAL .**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPEGEduc, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: .

Salvador

2019

## LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CEEP-BA	Centro Estadual de Educação Profissional Empreende Bahia
CIPA	Centro Integrado da Pesca Artesanal
COAPPES	Núcleo de Cooperativas Populares
DBR	Design-Based Research
DRS	Desenvolvimento Rural Sustentável
EMVPRMVMT	Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso
INEMA	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
MDA	Ministério de Desenvolvimento Agrário
MPA	Ministério da Pesca e Agricultura
MRSF	Médio Rio São Francisco
MUCAI	Museu Virtual de Contos Africanos Itan
PPEGEduc	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais
RSF	Rio São Francisco
SDT	Secretaria de desenvolvimento Territorial
SSEETU	Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo
TBC	Turismo de Base Comunitária
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
VRSF	Vale do Rio São Francisco
XX	Xique-Xique

## LISTA DOS QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Elementos de Localização e da Geografia Física do Médio Rio São Francisco.....	24
<b>Quadro 2</b>	Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).....	32
<b>Quadro 3</b>	Posse de Terras, Lideranças, Poderio, Relações Sociais Servil / Feudal, Violência e Formação Cultural do MRSF.....	42
<b>Quadro 4</b>	Heranças Culturais.....	50
<b>Quadro 5</b>	Formação Populacional do Médio Rio São Francisco e suas Contribuições Culturais.....	64
<b>Quadro 6</b>	História Recente do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).....	79
<b>Quadro 7</b>	Contexto Histórico MRSF.....	81
<b>Quadro 8</b>	Itens de Acervo do Histórico do Município de Xique-Xique (BA).....	96
<b>Quadro 9</b>	Aspectos Culturais de Xique-Xique (BA).....	101
<b>Quadro Geral 10</b>	Contexto Geral e Histórico /Cultural do Médio Rio São Francisco e do Município de Xique-Xique (BA).....	103
<b>Quadro Geral 11</b>	Pensamentos de Autores Sociostrutivistas adotados na Aplicação do Eco Museu da Cultura de Xique-Xique (BA).....	132
<b>Quadro 12</b>	Resumo Modelagem Computacional do EMVPRMVMVT.....	168
<b>Quadro 13</b>	Da Categoria de Referência: Os Princípios.....	184
<b>Quadro 14</b>	Categoria de Análise: O Eco Museu.....	193
<b>Quadro 15</b>	Instrumentos de Coleta no Eco Museu.....	195
<b>Quadro 16</b>	Crítérios de Análise dos Dados da Pesquisa.....	198

SILVA, Flávia S. da. Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha E Do Mato Grosso – Xique-Xique (BA), Município da Região do Médio Rio São Francisco: uma alternativa educacional. Dissertação de Mestrado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Programa de Pós - Graduação em Educação e Contemporaneidade, para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Aprovado em:**    de                    de 2019

**Banca Examinadora:**

**Professor(a):** Eduardo Jose N. Fernandes           **Instituição:** Universidade do Estado da Bahia

**Julgamento:**-----                   Assinatura-----

**Professor(a):** Luciana Conceição A. Martins **Instituição:** Universidade Católica de Salvador

**Julgamento:**-----                   Assinatura-----

**Professor(a):** Rosana Mara Rodrigues           **Instituição:** Universidade do Estado da Bahia

**Julgamento:**-----                   Assinatura-----

**Professor (a):** Silvio Jose de L. Figueiredo           **Instituição:** Universidade Federal do Pará

**Julgamento:**-----                   Assinatura-----

### **Dedicatória**

Dedico esse trabalho ao meu filho Vini, amor infinito da minha vida. Aquele que me inspira e faz lutar por todo tipo de inclusão social, pela equidade e respeito, para ele e todos os seres humanos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus, Senhor de todas as coisas do universo e Pai Misericordioso, que me deu força, saúde e sabedoria, para viver esta experiência e poder contribuir com mundo melhor.

Ao povo marrequeiro, sempre hospitaleiros e autênticos, que confiaram em mim e no nosso trabalho, e tem colaborado com os conteúdos, nas pessoas de Romário Nogueira, Sabrina Bonfim, Ricardo, Anne, a pequena Lívia de 1 ano (que acompanhou as atividades), Joãozinho, Wilma, Valdemir, Ari, Jurandir, Gildaci, Antônio de Miminha, Marli e suas filhas, Maiane, Priscila, João, Gugu, Carlinhos e muitos outros.

Ao povo do Mato Grosso que sempre foi acolhedor, me fazendo sentir em casa, e sempre mostram disponibilidade em contribuir com as atividades propostas, através das pessoas: Almir (In Memoriam), Ester, Alberto, Maria, Marianeide, Ademar, João Doido, Jazir, Maria Pereira, Zeneide, Zeleide, Domingos, Adriano, Edvaldo, Jose Pedro, Mirani, Elibertânia, Lourdivinia (Lourdes), Anny Victória e muitos outros.

Ao povo de Xique-Xique sede, Carlos Marçal (INEMA), que acompanhou processo de coleta de informações sob cultura popular e colabora na luta pela preservação do patrimônio. Sr. João Marrequeiro (INEMA). A equipe da coordenação de educação e cultura do município do Xique-Xique (BA), Del, uma pessoa que exala amor pela cultura de Xique-Xique, e os demais colegas desta coordenação, e também artistas da cidade Arilda, Hugo e Ricardo. Gisele. Ao Padre Claudivaldo (Claudio), que apesar do seu discipulado corrido, para dar atenção a tantas comunidades, sempre incentiva a preservação do patrimônio e colaborou com nosso trabalho. Sr. Quincas, da Sorveteria, sempre disponível para contar a história da região. As artesãs do grupo Mãos que Acreditam: Tânia, Edilnéa, Vilma, Luzimar, Zélia, Marli, Marlene, Luzeny, Naide e Ruth, que disponibilizaram seus produtos para comercialização na loja virtual. As Ceramistas de Passagem – Barra (BA), nas pessoas de Arilma e seu marido Crispim, e Edeltrudes, que colaboraram indiretamente com a pesquisa. Aos funcionários do Hotel J Macedo em Xique-Xique (BA), que colaboraram para uma boa estadia e alimentação na cidade, e conseqüentemente ter disposição para trabalho de pesquisa.

Aos colegas da ITCP /UNEB Odilon Sergio de Jesus, Mauricio Figueiredo, Suely Guimarães, Eduardo Koke, Gilson, Rosane Sales e Felipe Di Natale. Me apresentaram Xique-

Xique e me ensinaram sobre as comunidades populares da cidade. E parceiros do audiovisual Anderson Caldas e Luís Chaves.

Aos agentes colaboradores desta pesquisa, Dourival, Larissa, Edildéa, Hercules, Mônica e Rafael Henrique, que tiveram boa vontade e carinho, em colaborar com processo. Em especial meu amigo e colega de mestrado, Dourival, um presente que a vida me deu, companheiro de mestrado do início ao fim, construímos nossa pesquisa em paralelo e dividimos alegrias e desesperos do processo. Muito Obrigada, Dori.

Aos membros da minha banca examinadora do mestrado por terem aceito convite, e dado contribuições para com este trabalho.

A minha mãe Maria Leide Souza da Silva (In Memoriam). A pessoa que me ensinou amar e respeitar a cultura e as tradições populares. Presente sempre e para sempre.

A meu filho, Vini, minha experiência de amor maior, razão da minha vida e da minha luta por mundo melhor e mais inclusivo para todos.

A minha Bi Madrinha e Dinda Avó de Vini, Marlene de Souza Pereira, minha segunda mãe ao quadrado, que cuidou de mim, de meu filho e de minha casa para eu poder estudar, fazer pesquisa e ciência.

Ao meu Tio Carlinhos, Antônio Carlos de Jesus Filho, companheiro de Vini, muitos dias para eu sair e construir este trabalho.

Ao meu primo / irmão, Bruno Jorge de Souza Pereira, pelas mãos solidárias estendidas diariamente para que eu possa prosseguir.

Á Nice / Eunice, o meu carinho e agradecimento pela sua companhia à Vini, o que possibilitou eu sair, aprender e produzir.

As vizinhas amigas, Junalva Correia Nogueira, Celia Andrade Moreira, Zenaide Carvalho, Flaviana e Mary pela presença e colaboração no cotidiano da vida, que me possibilitaram desenvolver este estudo.

Ao Grupo Ciranda Alumiar que me inspirou e ensinou sobre trabalho coletivo e metodologia participativa, nos momentos que antecederam o mestrado. A Eduardo Gabriel (In

Memorian), meu amigo, geógrafo, estudioso, apaixonado pelas águas, e pelo Velho Chico, como não lembrar de você neste momento.

Aos amigos que torceram, rezaram, sofreram e se alegraram comigo, neste período de curso do mestrado. Gratidão por cada palavra de incentivo e oração: Sandra Aparecida, Luciana Melo, Lívia Embirussu, Dai Brito, Edildea Guimaraes, Hercules Azevedo, Monica Abud, Rafael Copello, Sandra Casanova, Stella Marcia, Antônia Reis, Moema Silva, Thyrso Maltez, Gabriela Guerreiro, Roberta Brasileiro, Cristiana Vasconcelos, Denize Barreto, minha afilhada Rai e Tia Lourdinha.

A Sandro Santa Barbara, meu parceiro na criação e cuidados com Vini, que me incentivou a fazer o mestrado e ficou com nosso filho para eu poder viajar para Xique-Xique e me dedicar a pesquisa.

A equipe administrativa, de professores / colegas e estudantes do CEEP-BA, Centro Estadual de Educação profissional Empreende Bahia, pelo apoio.

Agradeço a colaboração da equipe da UNEB Campus XXIV, Xique-Xique (BA). O Diretor professor Ricardo, professores e corpo técnico, equipe de informática, a secretária Charlina, que me socorreu muitas vezes, para fazer a logística da pesquisa acontecer.

Aos motoristas da UNEB Sr. Hamilton (campus 1) e Stenio Gouveia (campus XXIV), que conduziram de forma profissional e comprometida, os carros que me fizeram chegar até os povoados e fazer a pesquisa acontecer.

Aos professores da UNEB que contribuíram com minha formação acadêmica. E aos colegas do mestrado, companheiros de estrada do aprendizado: Karla (e seu Gui), Taís, Rosa, Michelini, Gil, Neto, Gabriel, Weber, Eugênia, Fernanda, Juliana Andrade, Gilcelia, Joelma, Carlinhos, Ana Carla, Priscila e tantos outros. Aos funcionários da PPEGEduc, secretaria e demais setores, obrigada pelo serviço, pela paciência, e disponibilidade.

E é claro, gratidão ao meu orientador Alfredo Matta e a minha co-orientadora Francisca de Paula, que compartilharam conhecimentos e afetividade, para juntos construirmos o EMVPRMVT. Meu eterno agradecimento.

## EPÍGRAFE

“ Riacho do Navio  
Corre pro Pajeú  
O rio Pajeú vai despejar  
No São Francisco  
O rio São Francisco  
Vai bater no mei do mar  
Ah! se eu fosse um peixe  
Ao contrário do rio  
Nadava contra as águas  
E nesse desafio  
Saía lá do mar pro  
Riacho do Navio  
Eu ia direitinho pro  
Riacho do Navio  
Pra ver o meu brejinho  
Fazer umas caçada  
Ver as pegá de boi  
Andar nas vaquejada  
Dormir ao som do chocalho  
E acordar com a passarada  
Sem rádio e sem notícia  
Das Terra civilizada  
Riacho do navio,  
Tando lá não sinto frio..”

**(Riacho do Navio – Aatoria de Luís Gonzaga e Zé Dantas)**

## RESUMO

O presente projeto apresenta a proposta de construção de uma ferramenta tecnológica e educativa, o Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso - EMVPRMVMVT, em Xique-Xique (BA), município da Região Médio Rio São Francisco: uma alternativa educacional. O estudo se deu a partir da construção do contexto histórico, sobre a formação populacional e cultural do Médio Rio São Francisco, com foco na história e tradições populares da cidade de Xique-Xique (BA), e das referidas comunidades ribeirinhas. Em seguida foram selecionadas as bases de conhecimento, autores e seus princípios teóricos a serem utilizados na modelagem do Eco Museu, construído como página web, via programa wix.com. Os princípios escolhidos foram conectados com os itens de acervo e formaram a modelagem do Eco Museu Virtual, definindo a organização física e estrutural do EMVPRMVMVT. A solução tecnológica é composta pelos principais elementos culturais desses territórios (identificados no contexto), com ferramentas de interação, colaboração e diálogo para dinamizar e manter em uso o Eco Museu criado, considerando-se o objetivo geral do projeto de pesquisa: investigar e criar um instrumento tecnológico, informativo, dialógico, de mediação, interação, participação e formação, com auxílio das comunidades ribeirinhas localizadas no município de Xique-Xique (BA), através do funcionamento do Eco Museu. Ou seja, pretende-se oferecer não apenas exposição virtual do patrimônio cultural local, mas também desenvolver nesse ambiente ações educativas e com possibilidade de comercialização de produtos regionais, roteiros e serviços turísticos definidos pelas comunidades envolvidas. Sobre a metodologia, foi adotada a Design Based Research – DBR (pesquisa aplicação), que foca no desenvolvimento da pesquisa, de forma integrada às práticas sociais comunitárias (práxis). Os resultados alcançados foram: criação da página web idealizada, utilizando parte do acervo selecionado no contexto histórico e com a maioria dos princípios teóricos definidos. As comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso conheceram a ferramenta, se apropriaram e contribuíram com novas informações, participando como coautora do Eco Museu. Os moradores mostraram interesse em continuar com as atividades propostas no EMVPRMVMVT. No entanto só conseguimos fazer um ciclo de aplicação da pesquisa, em decorrência da falta de tempo do mestrado. A partir da criação do Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA), criamos a oportunidade para pessoas receberem formação a distância (no ícone oficinas formativas). O processo educativo acontecerá através do acervo cultural, que ficará disponível para a população e para escolas da região, cujos estudantes poderão aperfeiçoar seus conhecimentos sobre história local. Todos que tiverem acesso ao Eco Museu serão multiplicadores dessa tecnologia e o mais importante é que a comunidade ganhou com valorização da autoestima, preservação da identidade cultural e projeção via web, das suas tradições e com a possibilidade de comercializar serviços e roteiros turísticos e produtos regionais na modalidade do e-Commerce.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eco Museu Virtual; Tradições Populares; Solução Tecnológica; Ações Educativas; Xique-Xique; Marreca Velha; Mato Grosso.

## ABSTRACT

This project presents the proposal of building a technological and educational tool, the Eco-Museum Virtual of the Riparian Villages of Marreca Velha and Mato Grosso - EMVPRMVMT, in Xique-Xique (BA), municipality of the Middle Region Rio São Francisco: an educational alternative. The study took place from the construction of the historical context, about the population and cultural formation of the Middle São Francisco River, focusing on the history and popular traditions of the city of Xique-Xique (BA), and of those riverside communities. Next, we selected the knowledge bases, authors and their theoretical principles to be used in modeling the Eco Museum, built as a web page, via the wix.com program. The chosen principles were connected with the collection items and formed the modeling of the Eco Virtual Museum, defining the physical and structural organization of EMVPRMVMT. The technological solution is composed of the main cultural elements of these territories (identified in the context), with interaction, collaboration and dialogue tools to dynamize and keep in use the Eco Museum created, considering the general objective of the research project: to create an instrument technological, informative, dialogical, mediation, interaction, participation and training, with the help of riverside communities located in the municipality of Xique-Xique (BA), through the operation of the Eco Museum. That is, it is intended not only to offer virtual exposure of the local cultural heritage, but also to develop in this environment educational actions with the possibility of commercialization of regional products, itineraries and tourist services defined by the communities involved. About the methodology, it was adopted Design Based Research - DBR (application research), which focuses on the development of research, integrated with the community social practices (praxis). The results achieved were: creation of the idealized web page, using part of the collection selected in the historical context and with most of the defined theoretical principles. The communities of Marreca Velha and Mato Grosso, got to know the tool, appropriated and contributed new information, participating as co-author of the Eco Museum. Residents expressed interest in continuing with the proposed activities at EMVPRMVMT. But we can only do one research application cycle. From the creation of the Eco-Virtual Museum of the Riparian Villages of Marreca Velha and Mato Grosso, Xique-Xique (BA), we created the opportunity for people to receive distance training in the iconic training workshops. The educational process will take place through the cultural collection, which will be available to the local population and schools, whose students can improve their knowledge of local history. Everyone who has access to the Eco Museum will be multipliers of this technology and the most important thing is that the community has gained from the appreciation of self-esteem, preservation of cultural identity and projection via the web, its traditions and the possibility of marketing services and regional tourist itineraries and products. in the e-Commerce mode.

**KEYWORDS:** Eco Virtual Museum; Popular Traditions; Technological solution; Educational actions; Xique-Xique; Marreca Velha; Mato Grosso.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
	<b>CAPÍTULO I - APRESENTANDO O MEU PROJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
1.1	CONTEXTO DO PROJETO DE PESQUISA DESTA DISSERTAÇÃO.....	13
1.2	CICLOS INTERATIVOS DE APLICAÇÃO E REFINAMENTO DA SOLUÇÃO EM PRÁXIS DA SOLUÇÃO.....	15
	<b>CAPÍTULO II - ENTENDENDO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO NOSSO CONTEXTO GERAL SOBRE O MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E O MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA).....</b>	<b>19</b>
	<b>CAPÍTULO III - CONSTRUINDO MEU CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE O MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E O MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA), COMO SUPORTE DE ACERVO DO ECO MUSEU VIRTUAL.....</b>	<b>21</b>
3.1	CONTEXTO GERAL E CULTURAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO.....	21
3.1.1	<b>Apresentação do Rio São Francisco.....</b>	<b>21</b>
3.1.2	<b>Características da Geografia Física na Bacia do São Francisco.....</b>	<b>22</b>
3.1.3	<b>Quadro 1: Elementos de Localização e da Geografia Física do Médio Rio São Francisco.....</b>	<b>24</b>
3.2	CONHECENDO OS PRINCIPAIS FATOS DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E DE XIQUE-XIQUE (BA).....	26
3.2.1	<b>Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).....</b>	<b>26</b>
3.2.2	<b>Quadro 2: Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).....</b>	<b>32</b>
3.3	POSSE DE TERRAS, LIDERANÇAS, PODERIO, RELAÇÕES SOCIAIS SERVIL / FEUDAL, VIOLÊNCIA E FORMAÇÃO CULTURAL DO MRSF.....	33
3.3.1	<b>Coronelismo.....</b>	<b>34</b>
3.3.2	<b>A figura do Jagunço.....</b>	<b>36</b>
3.3.3	<b>Alguns Coronéis de destaque da região MRSF.....</b>	<b>38</b>
3.3.4	<b>Quadro 3: Posse de Terras, Lideranças, Poderio, Relações Sociais Servil / Feudal, Violência e Formação Cultural do MRSF.....</b>	<b>42</b>
3.3.5	<b>A cultura dos Vaqueiros e Tropeiros.....</b>	<b>44</b>
3.3.6	<b>Santuário do Bom Jesus da Lapa.....</b>	<b>47</b>
3.3.7	<b>Milenarismo e os Penitentes no Médio Rio São Francisco.....</b>	<b>49</b>
3.3.8	<b>Quadro 4: Heranças Culturais.....</b>	<b>50</b>
3.4	FORMAÇÃO POPULACIONAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS.....	54

3.4.1	<b>Formação por povos indígenas no Médio Rio São Francisco.....</b>	54
3.4.2	<b>Formação por povos negros quilombolas no Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).....</b>	58
3.4.3	<b>Quadro 5: Formação Populacional do Médio Rio São Francisco e suas Contribuições Culturais.....</b>	64
3.5	HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).....	66
3.5.1	Usina Hidro Elétrica de Sobradinho.....	66
3.5.2	<b>Instituições Criadas para Administrar o Território do Médio Rio São Francisco.....</b>	68
3.5.3	<b>Irrigação.....</b>	70
3.5.4	<b>Complexo Eólico de Capoeiras e Assuruá, localizado entre Gentio do Ouro e Xique-Xique (BA).....</b>	71
3.5.5	<b>Transposição do Rio São Francisco.....</b>	72
3.5.6	<b>Agronegócio no Oeste Baiano e as influências nos territórios do MRSF.....</b>	74
3.5.6.1	O processo de ocupação no Oeste da Bahia.....	75
3.6	QUADRO 6: HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).....	79
3.7	QUADRO GERAL DO CONTEXTO HISTÓRICO MRSF.....	81
	<b>CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DA CIDADE DE XIQUE-XIQUE (BA).....</b>	88
4.1	HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA).....	88
4.1.1	<b>Itens de Acervo do Histórico do Município de Xique-Xique (BA).....</b>	96
4.2	ASPECTOS CULTURAIS DE XIQUE-XIQUE (BA).....	96
4.3	POVOADOS DE XIQUE-XIQUE (BA), EM ESTUDO, MATO GROSSO E MARRECA VELHA E SEUS ELEMENTOS CULTURAIS.....	98
4.3.1	<b>Aspectos Culturais de Xique-Xique (BA).....</b>	101
4.4	CONTEXTO GERAL E HISTÓRICO /CULTURAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E DO MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA).....	103
	<b>CAPÍTULO V - OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS ADOTADOS NA NOSSA PESQUISA E AS CONSEQUENTES DEMARCAÇÕES PARA ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DE MATO GROSSO, EM XIQUE-XIQUE (BA).....</b>	113
5.1	PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS: AS CONCEPÇÕES DO CONHECIMENTO ADOTADOS NA MINHA PESQUISA.....	114
5.1.1	<b>Princípios sócio – construtivistas, de Vygotsky e Bakhtin, com foco na área pedagógica.....</b>	114
5.1.2	<b>Princípios Epistemológicos X Processo de Modelagem.....</b>	118
5.2	PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO PARA EDUCAÇÃO.....	119
5.2.1	<b>Educação Popular.....</b>	119

5.2.3	<b>Princípios da Organização para Educação X Processo de Modelagem.....</b>	121
5.3	PRINCÍPIO DE MUSEAÇÃO E ABORDAGEM TECNOLÓGICA.....	121
5.3.1	<b>Conhecendo o que é Museu Virtual e Eco Museu Virtual.....</b>	121
5.3.1.1	O Que é um Eco Museu?.....	123
5.3.2	<b>Contextualizando a Modelagem do Eco Museu Virtual.....</b>	123
5.3.3	<b>Princípios da Musealização X Processo de Modelagem.....</b>	125
5.4	PRINCÍPIO DE CONCEPÇÃO CULTURAL.....	125
5.4.1	<b>Povos e Comunidades Tradicionais, Costumes, Cultura Popular e Ritualidade e Aplicação no Eco Museu da Cultura de Xique-Xique (BA).....</b>	125
5.4.2	<b>Princípio de Concepção cultural x Processo de Modelagem.....</b>	127
5.5	PRINCÍPIO DE CONCEPÇÃO DA REGIONALIDADE.....	127
5.5.1	<b>Identidade Regional do Sertanejo.....</b>	127
5.5.2	<b>Compreendendo a Geografia Agrária.....</b>	128
5.5.3	<b>Princípio de Concepção de Regionalidade x Processo de Modelagem</b>	130
5.6	PRINCÍPIOS DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, XIQUE-XIQUE (BA).....	132
<b>CAPÍTULO VI - MODELAGEM COMPUTACIONAL DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, EM XIQUE-XIQUE(BA).....</b>		
6.1	O QUE É SOCIEDADE EM REDE E COMO FUNCIONA.....	149
6.2	COMO A SOCIEDADE EM REDE FUNCIONA NOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, POVOADOS DE XIQUE-XIQUE (BA).....	151
6.3	A SOLUÇÃO DIGITAL EDUCATIVA ESCOLHIDA E AS ATIVIDADES OFERTADAS POR ESSA FERRAMENTA.....	153
6.3.1	<b>O que é Portal, Página Web e Website.....</b>	154
6.3.2	<b>Como fazer uma Página Web.....</b>	157
6.4	MODELAGEM DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, XIQUE-XIQUE (BA).....	160
6.4.1	<b>Descrição da nossa modelagem do Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos.....</b>	160
6.5	FUNCIONALIDADES DOS ITENS PRINCIPAIS DA BARRA DE MENU DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, ASSOCIADAS AOS SEUS RESPECTIVOS PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	163
6.5.1	<b>Contexto.....</b>	163
6.5.2	<b>Mapa Cultural.....</b>	163
6.5.3	<b>Eco Museu.....</b>	164
6.5.4	<b>Créditos.....</b>	164
6.5.5	<b>Sala de bate papo e Rodas de Conversas Virtuais.....</b>	164
6.5.6	<b>Oficina Formativa.....</b>	165
6.5.7	<b>Roteiros Turísticos.....</b>	165
6.5.8	<b>Serviços Turísticos.....</b>	166

6.5.9	Loja Virtual Comunitária.....	166
6.5.10	Contatos.....	166
6.5.11	Comentários.....	167
6.5.12	Acessibilidade.....	167
6.6	QUADRO RESUMO (12) MODELAGEM COMPUTACIONAL DO EMVPRMVM T.....	168
6.7	PRINT DAS TELAS DO ECO MUSEU.....	177
	<b>CAPÍTULO VII - METODOLOGIA.....</b>	<b>183</b>
7.1	DESCRIÇÃO GERAL DO TRABALHO.....	183
7.2	DEFININDO PROCESSO DE PESQUISA APLICADA E AS CATEGORIAS DA PESQUISA.....	183
7.3	CATEGORIA DE REFERÊNCIA: OS PRINCÍPIOS.....	184
7.4	CATEGORIA DE ANÁLISE: O ECO MUSEU.....	190
7.5	CAMPO DE APLICAÇÃO: DESCRIÇÃO DAS APLICAÇÕES NA PESQUISA, A COMUNIDADE, OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS PARA COLETA DE DADOS.....	193
7.5.1	<b>A comunidade e os sujeitos que participaram da aplicação da pesquisa na Marreca Velha.....</b>	<b>193</b>
7.5.2	<b>A comunidade e os sujeitos que participaram da aplicação da pesquisa no Mato Grosso.....</b>	<b>194</b>
7.6	INSTRUMENTOS DE COLETA.....	194
7.6.1	<b>Instrumentos de Coleta no Eco Museu.....</b>	<b>195</b>
7.7	CRITÉRIO DE ANÁLISE.....	197
7.7.1	<b>Crítérios de Análise dos Dados da Pesquisa.....</b>	<b>198</b>
	<b>CAPÍTULO VIII - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>200</b>
8.1	EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DA PÁGINA WEB EMVPRMVM T NO POVOADO DA MARRECA VELHA.....	200
8.1.1	<b>Nova alternativa para coleta de dados diante imprevistos no campo da pesquisa no povoado da Marreca Velha.....</b>	<b>201</b>
8.2	EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DA PÁGINA WEB EMVPRMVM T, NO POVOADO DO MATO GROSSO.....	202
8.2.1	<b>Nova alternativa para coleta de dados diante imprevistos no campo da pesquisa povoado do Mato Grosso.....</b>	<b>202</b>
8.3	EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DO CICLO DA PESQUISA COM OUTROS AGENTES COLABORADORES/COAUTORES DO EMVPRMVM T.....	204
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>209</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>215</b>

## INTRODUÇÃO

No início do ano de 2017, comecei a prestar serviço para o Núcleo de Cooperativas Populares (COAPPES) ligado à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). As minhas atividades estiveram atreladas especialmente com o desenvolvimento do Projeto Gestão Participativa da Pesca Artesanal, sendo coordenadas pelo Centro Integrado da Pesca Artesanal (CIPAR), que é subordinado ao Ministério da Agricultura e da Pesca. O referido projeto já estava sendo realizado há sete anos, com a finalidade de contribuir para a valorização e preservação do Rio São Francisco e das comunidades ribeirinhas.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) está vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por ser um programa de extensão universitária, que vem atuando desde 1998, com o objetivo de assessorar a formação de cooperativas populares, visando ao desenvolvimento de organizações populares autogestionárias.

Em 2011, a ITCP firmou convênio com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) com o objetivo geral de fortalecer o pescador artesanal através da implementação do Centro Integrado da Pesca Artesanal (CIPAR), na Região do Médio Rio São Francisco, municípios de Xique-Xique (BA), Morpará (BA) e Barra (BA).

Entre várias atividades propostas pelo CIPAR, uma de destaque foi a Regata Ecológica da Marreca Velha. O referido campeonato, proposto pela comunidade da Marreca Velha, teve o intuito de sensibilizar as populações da região para a preservação do Rio São Francisco e o potencial cultural, de modo que a participação ativa da comunidade garantiu a realização de várias atividades. O evento tem relevância regional, com premiação para os três primeiros colocados de cada prova, sendo realizadas competições em seis modalidades: 1-remo dupla masculino e feminino; 2-remo individual; 3-disputa de barco vela; 4- arremesso da rede de pesca; 5-tecer redes com maior rapidez; e 6- gastronomia regional. Além das competições ocorre a apresentação de grupos culturais da região, a exemplo da dança de São Gonçalo, grupo do povoado de Mato Grosso, apresentação do samba de roda “É na pisada ê”, exposição/venda do artesanato local (ceramistas) e, ainda, a gincana com tema sustentabilidade entre estudantes do povoado.

A Regata Ecológica da Marreca Velha nasceu de rodas de conversa com a comunidade local, evento que acontece na Área de Proteção Ambiental (APA) Dunas e Veredas do São

Francisco, visando resgatar as tradições locais e estimular o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, através da preservação do patrimônio natural e cultural, possibilitando a geração de trabalho e renda.

A Regata da Marreca desperta na comunidade uma visão crítica sobre a degradação do rio, que coloca em risco a atividade pesqueira, também ameaçada pela pesca predatória, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos comunitários e dos laços sociais e criando as condições propícias para a articulação da comunidade, num ambiente de discussões e ações coletivas na defesa e valorização do patrimônio natural e cultural. A Regata da Marreca ainda favorece a afirmação cultural, social e econômica do Médio Rio São Francisco (MRSF), especificamente em Xique-Xique (BA), onde o evento é realizado. Durante o evento são propostas ações sustentáveis, e também surge a possibilidade de geração de trabalho e renda, com ações do Turismo de Base Comunitária (TBC), dentro dos princípios da economia solidária e da valorização da identidade cultural.

Mas, para além das ações de planejamento e organização do evento, a minha contratação, como técnica, Bacharel em Turismo, foi para auxiliar no inventário turístico local e na articulação junto à comunidade para a elaboração de roteiros turísticos alternativos voltados para o Turismo de Base Comunitária (TBC), na região.

No mesmo período em que iniciei as viagens para Xique-Xique (BA) com a equipe da ITCP, estava me inserindo no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPEGEduc), da UNEB Campus 1, localizada em Salvador (BA). Foi a partir das informações e experiências adquiridas no campo profissional, no Médio Rio São Francisco, que surgiu o desejo de fazer pesquisa e de escrever a dissertação de mestrado sobre o tema “Eco Museu Virtual das Comunidades Ribeirinhas da Marreca Velha e do Mato Grosso, em Xique-Xique (BA), município da região do Médio Rio São Francisco: uma alternativa educacional”, cujo material será apresentado nos capítulos seguintes.

Importante relatar, também, o meu envolvimento e participação, desde 2012, como professora / pesquisadora no grupo de pesquisa, extensão e estudo denominado Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo (SSEETU), da UNEB, coordenado pela Professora Doutora Francisca de Paula Santos da Silva (minha Co-orientadora no Mestrado). O referido grupo tem como principal temática de estudo o turismo de base comunitária no bairro do cabula e entorno. Na ocasião, o Centro Estadual de Educação Profissional da Bahia (CEEP-BA), no qual lecionei, nos cursos técnicos do eixo de turismo, hospitalidade e lazer, no período de 2009 a 2017, firmou convênio com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e então passei a participar de atividades diversas do grupo de pesquisa SSEETU, nas comunidades populares

do Antigo Quilombo do Cabula (que fica no entorno da UNEB Campus 1). Além de participar das reuniões e atividades interdisciplinares entre SSEETU com grupo de pesquisa Sociedade em Rede, que estuda ferramentas tecnológicas como propostas educativas. Trata-se de experiências profissionais que contribuíram para minha atuação como pesquisadora, em razão da definição do tema da minha dissertação de Mestrado, bem como dos princípios e da epistemologia adotada neste trabalho.

Após apresentar a minha história e a minha relação com o município de Xique-Xique (BA) e seus povoados, na introdução deste trabalho, irei apresentar elementos pré- textuais do projeto de pesquisa desta dissertação, no primeiro capítulo.

# **CAPÍTULO I:**

## **APRESENTANDO O MEU PROJETO DE PESQUISA E SEUS ELEMENTOS PRÉ TEXTUIS**

### 1.1 CONTEXTO DO PROJETO DE PESQUISA DESTA DISSERTAÇÃO

Nosso projeto de pesquisa – intitulado “Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, em Xique-Xique, (BA), município da região do Médio Rio São Francisco: uma alternativa educacional” – foi elaborado com base na problemática indicada a seguir: Inexiste Eco Museu Virtual sobre os povoados de Xique-Xique (BA), com função educacional para atender as comunidades ribeirinhas, pertencentes à cultura do Médio Rio São Francisco. A partir da problemática levantada, definimos como objetivo geral: investigar e criar um instrumento tecnológico, informativo, dialógico, de mediação, interação, participação e formação, com comunidades ribeirinhas localizadas no município de Xique-Xique (BA), através da construção do Eco Museu Virtual, que apresente as tradições locais. Para isso, traçamos como objetivos específicos: Investigar sobre história, formação e desenvolvimento da população da região do Médio Rio São Francisco e do município de Xique-Xique (BA) e, conseqüentemente, da sua formação cultural; Levantar os elementos históricos e culturais que estão presentes na atualidade, em Xique-Xique (BA) e nos povoados em estudo, Mato Grosso e Marreca Velha; Listar os princípios teóricos norteadores para construção do museu, “linkando” com o acervo do museu; Fazer a modelagem dos elementos do acervo do Eco Museu Virtual, segundo contexto geral e histórico da pesquisadora; Construir, junto com a comunidade, acervo sobre elementos históricos e culturais, identificados durante a pesquisa e assim formalizando a coautoria da comunidade neste trabalho.

A metodologia adotada foi a qualitativa, focando no desenvolvimento da pesquisa aplicação, que tem como característica principal aplicar atividades de consulta e construção coletiva com as pessoas da comunidade, as quais podem ser realizadas de formas integradas às práticas sociais comunitárias, através da Design-Based Research (DBR), ou seja, a pesquisa aplicação. Em alguns momentos também foi usada a pesquisa-ação / aplicada.

A pesquisa qualitativa permitiu fazer análise das informações apuradas, pois durante a pesquisa de campo e levantamento de dados foram realizadas algumas rodas de conversa com moradores das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique (BA), nos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, a fim de consultar, ouvir, confirmar ou não as informações do contexto

histórico construído e acrescentar novas informações, construindo este trabalho como comunidade, legitimando a pesquisa e tornando essas pessoas como coautoras desta pesquisa. As consultas e conversa aconteceram em várias fases, inclusive na criação modelagem do Eco Museu, para consulta e definição dos ícones, acervo e atividades que funcionarão na página web do Eco Museu.

Foi escolhida a metodologia Design-Based Research (DBR), pelo seu propósito de desenvolvimento de aplicações práticas e soluções explicitamente voltadas para a prática e a inovação da práxis-pedagógica, para a realidade em estudo, além de possibilitar a participação dos membros da comunidade, realizando ação que comunga com a epistemologia seguida, o socioconstrutivismo. Assim, é do nosso interesse adotar o método DBR na construção e modelagem da página web, em parceria e coautoria da comunidade.

Matta (2015) define “a Design-Based Research (DBR) como uma inovadora abordagem de investigação, que reúne as vantagens das metodologias qualitativas e das quantitativas, focalizando no desenvolvimento de aplicações que possam ser realizadas e, de fato, integradas às práticas sociais comunitárias, considerando sempre sua diversidade e propriedades específicas, mas também aquilo que puder ser generalizado e assim facilitar a resolução de outros problemas.

A DBR se propõe a superar divergências entre a pesquisa qualitativa ou quantitativa, desenvolvendo investigações com foco no desenvolvimento de aplicações e na busca de soluções práticas e inovadoras para os graves problemas da educação. Para tanto, pode usar procedimentos, tanto os quantitativos quanto os qualitativos, não encontrando mais sentido em separar essas duas formas e nem em valorizar a distinção entre elas, mas em aplicar na medida do necessário, na direção do foco da pesquisa.

Uma definição já clássica da DBR foi dada por Barab e Squire (2004), a qual se traduz como “uma série de procedimentos de investigação aplicados para o desenvolvimento de teorias, artefatos e práticas pedagógicas que sejam de potencial aplicação e utilidade em processos ensino-aprendizagem existentes”.

Considera-se a DBR uma pesquisa aplicada. Apesar de esse método apresentar similaridades com a pesquisa-ação, de consideração da comunidade e do saber comunitário como parceiro, existe uma diferença fundamental, no propósito DBR de desenvolvimento de aplicações práticas e soluções explicitamente voltadas para a prática e a inovação da práxis pedagógica. (AMIEL; REVEES, 2008).

Essas ideias ganharam adesão cada vez maior daqueles que pesquisam e investigam as tecnologias digitais, seu propósito frequentemente inovador e o desenvolvimento de práticas pedagógicas consistentes em ambiente digital.

Enquanto as metodologias tradicionais focam no estudo de mecanismos ou processos causais gerais que, por princípio, devem relacionar as condições com os efeitos de dado processo genérico, repetíveis e realizáveis diversas vezes, e ainda assim entendido pela mesma regra de causa-efeito. A DBR prefere centrar na causalidade identificável em um caso particular, acompanhado, realizado e validado no ato da práxis, por aqueles que são a comunidade de práxis envolvida e engajada no processo. Por isso mesmo a causalidade identificada pode e, de fato, deve ser reestudada, revalidada, iterativamente adaptada, cada vez que for aplicada. De maneira que cada relação causal estabelecida em meio a uma práxis social será sempre em parte replicável e generalizável – seu *design* e princípios entendidos como fonte de solução do caso anterior –, e em outra parte única e intransferível, o que se refere à nova aplicação, novo contexto e nova comunidade engajada (COBB; GRAVEMEIJER, 2006).

Concorda-se com Herrington, J. *et al.* (2007), quando defendem que se uma pesquisa tem intenção de casar um projeto teoricamente robusto com as necessidades e validações locais de uma comunidade de aprendizagem a DBR é uma abordagem metodológica com todo potencial para fazer isto. Uma vez conhecendo e definido a nossa metodologia, iremos explicar como será aplicação da pesquisa.

## 1.2 CICLOS INTERATIVOS DE APLICAÇÃO E REFINAMENTO DA SOLUÇÃO EM PRÁXIS DA SOLUÇÃO.

Para melhor compreendermos os ciclos de aplicação, a nossa abordagem incide agora sobre as características da metodologia de aplicação do Design-Based Research (DBR).

De acordo com Matta (2015): “uma vez que um ambiente de aprendizagem ou intervenção tenha sido projetado e desenvolvido, o passo seguinte será a implementação e avaliação da intervenção em ação”. A DBR é uma abordagem de pesquisa, e não um método propriamente dito, e por isso métodos qualitativos ou quantitativos podem ser utilizados na medida em que forem interpretados como relacionados aos fenômenos em estudo e voltados para a aplicação prática e seu desenvolvimento. A proposta de pesquisa em construção deve revelar esses métodos e processos quantitativos ou qualitativos que serão usados no estudo. A proposta deve incluir também análises sobre a possibilidade e, até mesmo, modificações do conteúdo na fase da aplicação.

Percebe-se, pois, que a DBR é constituída de fases e que se desenvolve a partir da metodologia de aplicação, o que é explanado por Matta (2015):

A respeito das interações, a DBR assume que uma única implementação de solução raramente será suficiente para ter evidências sobre o sucesso de uma intervenção. Um estudo DBR deve ter dois ou mais ciclos de aplicação, os quais vão, a partir da análise da aplicação anterior, provocar alterações e refinamentos na intervenção proposta, que assim vai se desenvolvendo. A proposta da DBR é aplicar e solucionar e não provar alguma coisa. É nesta perspectiva que para a abordagem DBR o contexto deve ser entendido como um meio para um fim e não um fim em si mesmo. A intenção é obter uma compreensão que terá significado para além do ajuste imediato. Devido à natureza altamente situada da DBR, os participantes da investigação, são fundamentais para execução da pesquisa.

Verifica-se que a DBR considera resultados de diferentes ciclos da aplicação da pesquisa e que a autoria é dividida com demais participantes que colaborem com a construção do trabalho de pesquisa.

A DBR não é uma atividade que um pesquisador pode realizar isoladamente. Na maioria das vezes, os participantes são sujeitos implicados na prática aplicada que está sendo implementada – são pessoas envolvidas com a comunidade de aprendizagem que é o foco ou contexto para o estudo. Pois é assim que o diálogo de avaliação e validação de cada ciclo de aplicação deve ter como regra a responsividade em relação à comunidade envolvida e suas questões (MATTA, 2015).

O levantamento de dados pode envolver coleta de natureza quantitativa e/ou qualitativa e deve também ser realizada em ciclos. O tipo de dados e métodos de coleta pode variar por ciclo, ou por outro critério, desde que esteja bem articulado com o conjunto da investigação e sempre bem acompanhado. Isso porque, enquanto o método experimental, primeiro procura o controle da investigação, a DBR prefere acompanhar os processos investigados. Os ciclos subsequentes não podem ser descritos, pois dependem das avaliações do primeiro ciclo. Apesar disso é possível descrever a natureza cíclica, a previsão de avaliações e possíveis correções na aplicação, o que vai robustecer a proposta da pesquisa.

Sobre o levantamento de dados, na DBR estes podem ser de natureza quantitativa e qualitativa, podendo ter respostas variadas em cada ciclo. Para a análise dos resultados deve-se considerar um ciclo de cada vez e na sequência cronológica.

Uma vez concebidos e apresentados os elementos do projeto de pesquisa deste estudo, esta dissertação ficou assim estruturada:

No texto introdutório revelei como iniciou minha aproximação com o território de Xique-Xique (BA) e a motivação para desenvolver este tema como estudo da minha dissertação de mestrado, a partir da experiência profissional com a ITCP/UNEB.

Neste primeiro capítulo apresentei o meu projeto de pesquisa e o meu entendimento sobre contexto, para desenvolvimento do projeto em si. Também trouxe os ciclos interativos de aplicação e refinamento da solução em práxis.

A partir de então, no segundo capítulo, relato acerca do processo de construção do nosso contexto geral e histórico sobre o Médio Rio São Francisco e o município de Xique-Xique (BA).

No terceiro capítulo, é apresentado o contexto histórico, propriamente dito, que dará suporte para construção da modelagem do acervo do Eco Museu Virtual. Além do contexto geral e cultural do Médio Rio São Francisco, discorro sobre contexto geral e histórico de Xique-Xique (BA). Inicialmente trago informações sobre o contexto do Médio Rio São Francisco, suas principais características físico-geográficas, desenvolvimento histórico, e os aspectos que influenciaram a ocupação, formação e povoamento da região, bem como as heranças culturais.

No quarto capítulo, é apresentado o contexto específico do município de Xique-Xique (BA), contando a sua história e formação local, citando os elementos de destaque na contemporaneidade que surgiram ao longo do tempo e ainda possíveis de serem identificados no referido território. Enquanto recorte, escolhi na cidade de Xique-Xique (BA) os povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, como foco desta pesquisa, cujas localidades têm as suas marcas culturais descritas neste mesmo capítulo.

No quinto capítulo são evidenciados os princípios teóricos que nortearam o estudo, minha base de conhecimento para construção da dissertação, e que, posteriormente, serão conectados com os itens de acervo, já que formaram a modelagem do Eco Museu Virtual, definindo a organização física e estrutural do meu Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA). Neste capítulo são colocados em pauta os pensamentos ligados ao socioconstrutivismo, notadamente ancorados pelos autores Vygotsky, Bakhtin, Paulo Freire (reflexão sobre a Pedagogia do Oprimido). De Jacques Ranière abordei a emancipação intelectual do sujeito. Também citei conceitos de educação popular, por Arroyo. Para tratar de Eco Museu Virtual, busquei apoio em Carvalho, Vieira e Iconfom, considerando-o como espaço para ações educativas. Trouxe ainda as teorias e conceitos de Povos e Comunidades Tradicionais; Cultura popular, com Abib, que trata cultura popular como ferramenta de resistência e luta social; Lidia Cardel, sobre identidade do sujeito sertanejo. Guiomar Inez Germani, por sua vez, promove o entendimento sobre geografia agrária.

No sexto capítulo trago a definição da sociedade em rede e descrevo o seu funcionamento; a solução digital educativa escolhida e as atividades ofertadas por essa ferramenta; informações sobre sociedade em de Xique-Xique; diferenças entre website, portal e página web; justificativa da escolha por uma página web e orientações técnicas de como se constrói uma página web. Após a fundamentação, é descrita a proposta de modelagem do Eco Museu Virtual, com descrição da organização dos princípios teóricos, no meio virtual, da nossa página web. Ademais, apresento informações sobre a definição da estrutura física e estética no Eco Museu, atreladas aos princípios selecionados anteriormente, ao tempo em que mostro o print das principais telas do EMVPRMVMVT.

No sétimo capítulo, é abordada a metodologia adotada, etapa em que apresento a descrição geral do trabalho, processo de aplicação e as categorias (variáveis) da pesquisa, com descrição do perfil dos participantes coautores da pesquisa, e as práticas para coleta de dados, instrumentos de coleta da nossa pesquisa e os critérios delimitados para análise dos dados do nosso estudo.

No oitavo capítulo, é realizada a análise dos resultados da aplicação da pesquisa, através da descrição das experiências da aplicação da página web do Eco Museu Virtual, na Marreca Velha, no Mato Grosso e com agentes colaboradores.

O nono e último capítulo traz elementos conclusivos deste trabalho, em que apresento uma retomada da temática e as impressões/inferências acerca do tema especificamente.

No próximo tópico apresento a nossa compreensão sobre construção do contexto, para, em seguida, apresentar propriamente o contexto geral e histórico da região Médio Rio São Francisco e de Xique-Xique.

## **CAPÍTULO II**

### **ENTENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO NOSSO CONTEXTO GERAL SOBRE O MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E O MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA).**

Este capítulo trata-se de uma apresentação de elementos que considero fundantes para a construção de nosso entendimento sobre a cultura de Xique-Xique (BA), mas que vão mudando ou podem mudar, à proporção que a aplicação da pesquisa aconteça. Os elementos trazidos no contexto deste trabalho têm origem comum na formação dos povos do Médio Rio São Francisco e suas tradições culturais. Buscamos, pois, fazer a interpretação do contexto geral (geofísico, sócio-histórico e cultural) e do desenvolvimento das comunidades ribeirinhas do município de Xique-Xique (BA), situadas às margens do Velho Chico, considerando os fatos do tempo da ocupação desse território, pelos colonizadores, até a atualidade.

A elaboração do nosso estudo do contexto se deu através de investigação focada no desenvolvimento das comunidades ribeirinhas da Marreca Velha e de Mato Grosso, pertencentes a Xique-Xique (BA), onde está circunscrita a nossa pesquisa, já que são nessas localidades que nos propomos a construir, em conjunto com moradores, o Eco Museu Virtual, produto desta pesquisa. A escolha por essas duas comunidades se justifica por estar trabalhando mais de perto delas, durante a atividade profissional da ITCP. Nesse momento tive a oportunidade de conhecer as tradições populares e me motivei a fazer este trabalho, contribuindo com registro e preservação dos símbolos culturais locais.

Importante a ressalva de que não pretendemos neste trabalho dar conta de todas as questões relacionadas ao contexto histórico do Médio Rio São Francisco ou do município de Xique-Xique (BA), mas sim compreendermos os elementos histórico-sociais relevantes para a elaboração do Eco Museu Virtual, proposto por mim e pelos coautores.

À proporção que nosso estudo avançou, foi sendo desenvolvido conteúdo agregado, a partir da colaboração de pessoas da comunidade, associadas ao nosso entendimento e interpretação sobre tradições e a prática cultural das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique (BA), com relação à história do Médio Rio São Francisco. O que se pretendeu, além de fazer pesquisa bibliográfica, foi realizar levantamento das tradições dos povoados em destaque, de forma conjunta com moradores, na medida em que será proposta, colaborativamente, a inclusão e seleção de elementos de acervos que deverão compor o Eco Museu Virtual dos povoados ribeirinhos do Mato Grosso e da Marreca Velha, em Xique-Xique (BA). O intuito é legitimar essas informações através do diálogo com moradores das referidas localidades em estudo, às

quais eles pertencem, e que serão conduzidos à situação de coautores dos produtos desta pesquisa.

A extensão do contexto aqui apresentado se deve à necessidade de levar para a fase de modelagem da página web um acervo relativamente vasto, que será certamente trabalhado e reduzido no momento da construção do Eco Museu proposto.

O acervo será resultante do contexto histórico, que vai compor o futuro Eco Museu, e virá como resultado também de informações e conteúdos que surgirão nas fases posteriores da pesquisa, através do diálogo com a comunidade das localidades da Marreca Velha e do Mato Grosso, bem como na participação de membros do Grupo de Pesquisa Sociedade em Rede, ao passo que tivermos adesão no engajamento e contribuições com o processo de elaboração do referido Eco Museu.

O contexto e a interpretação sobre a cultura das localidades citadas serão a base de mediação para que a comunidade se expresse, negue, confirme, acrescente, e então seja estabelecido um diálogo sobre este tema, podendo daí surgir uma versão compartilhada deste contexto inicial. Após a construção da proposta de Eco Museu, este será exposto e potencialmente acrescido de novas contribuições, como preconiza a metodologia do trabalho.

Dessa forma, o objetivo desse nosso contexto, apresentado a seguir, é principalmente amadurecer nosso entendimento, tanto sobre as questões acadêmico-científicas que surgiram com leitura, estudo, análise de dados históricos, pesquisas e conversas com pessoas da região, quanto sobre os saberes dos sujeitos das comunidades envolvidas na pesquisa, que são coautoras deste trabalho. As informações cedidas pelos sujeitos engajados nas comunidades em estudo (pessoas que ainda estão em definição neste início) serão associadas também às vivências anteriores da pesquisadora, sobre trabalhos em comunidades populares e tradicionais.

Com o propósito da construção do Eco Museu Virtual – povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, no município de Xique-Xique (BA), o nosso foco na pesquisa está na construção de um contexto complexo o qual busca expressar a nossa compreensão necessária da realidade pesquisada. A nossa tentativa é compreender a totalidade – ao menos presente na nossa compreensão de pesquisador – sobre este tema, a fim de posteriormente ter elementos para selecionar o acervo real que estará presente no modelo proposto do referido Eco Museu Virtual. Assim, baseados nesse propósito, a seguir apresentamos o contexto nesta dimensão aqui explanada. Vamos, portanto, nos apropriar do contexto geral e histórico do MRSF e de Xique-Xique (BA).

## CAPÍTULO III

### CONSTRUINDO MEU CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE O MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E O MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA), COMO SUPORTE DE ACERVO DO ECO MUSEU VIRTUAL

#### 3.1 CONTEXTO GERAL E CULTURAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO

##### 3.1.1 Apresentação do Rio São Francisco

O passo inicial para construir nosso Eco Museu Virtual consiste em explicar nosso entendimento sobre o processo de desenvolvimento histórico-social, do território de estudo, dentro da abordagem epistemológica assumida. Para isso, precisamos começar por entender o Rio São Francisco e seu contexto social, que surgiu com a colonização desse território, ocupação, povoamento, formação e desenvolvimento da região, com seu legado cultural, principalmente no que se refere ao chamado Médio Rio São Francisco, e que também influenciou o desenvolvimento do contexto local da Marreca Velha e do Mato Grosso. Informações que foram coletadas em sites e conversas com moradores locais.

O Rio São Francisco é um rio totalmente brasileiro e se divide em quatro trechos: o Alto São Francisco, que vai das cabeceiras até Pirapora (MG); o Médio, de Pirapora até Remanso (BA); o Submédio, de Remanso até Paulo Afonso (BA); e o Baixo, de Paulo Afonso até a Foz.

A Região Hidrográfica do São Francisco abrange 521 municípios em seis estados: Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Goiás, além do Distrito Federal. Com 2.800km, o Rio São Francisco nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e escoar no sentido Sul-Norte pela Bahia e Pernambuco, quando altera seu curso para o Sudeste, chegando ao Oceano Atlântico na divisa entre Alagoas e Sergipe. Desde sua nascente o Rio irá correr por 3.161 quilômetros até misturar suas águas com as do Oceano Atlântico. (**Fonte:** <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/rio-sao-francisco.htm>).

Dessa forma, os aspectos dimensionais, de abrangência, caminhos percorridos e limítrofes do Rio São Francisco apresentados resultarão em parte do contexto do Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso – Xique-Xique (BA), a fim de situá-lo no espaço e delimitar o foco do estudo.

### 3.1.2 Características da Geografia Física na Bacia do São Francisco

Sobre as características da geografia física do Rio São Francisco, o qual corta a região Nordeste e o estado da Bahia, destacam-se: no Nordeste, o clima é quente na maior parte do ano e o clima semiárido domina todo o sertão nordestino, caracterizado pelas poucas chuvas e baixa umidade. O relevo nordestino é remontado basicamente pelo Planalto da Borborema, localizado a leste, uma das principais causas pela secura do sertão, já que o planalto impede a chegada de chuvas à região, causando grandes estiagens. A Bacia do Rio Parnaíba está a oeste e tem algumas elevações, como as chapadas e os planaltos. Ao litoral, estão as planícies. O território se divide em terrenos de serras, brejos e pedras, mas há predomínio de planície com morros em volta, às margens do Rio São Francisco. No período chuvoso, a água vem quase até a borda da torrente. Já o granito aflora frequentemente no meio da planície.

A vegetação é bem diversificada. O Cerrado é visto no centro-oeste da região, indo desde o sul do Maranhão até o oeste da Bahia, sendo esta a famosa vegetação com árvores pequenas( e retorcidas; a Caatinga é encontrada no sertão, dominando a maior parte do Nordeste.Saindo dos vestígios do cerrado, a vegetação começava a se definir com maior presença das cactáceas – o Xique-Xique (nome da cidade em estudo, em virtude da grande presença destas plantas no local), o quipá, o mandacaru, a coroa de frade (plantas que normalmente armazenam água) e das pequenas árvores de folhas miúdas e espinhos agudos. A vegetação pelas margens difere apenas em alguns tipos vegetais novos, mas ainda assim no horizonte de caatinga imperam plantas como o mandacaru, o xiquexique, o quipá, o coroa de frade, macambira, a jurema, a favela, a quixaba, a imbu, a angico, a imburana, jatobá, muquém, cantigueira, mari, periau, moleque duro, canafístula, juazeiro, cruili, canudo.

Margeando todo o rio e seus afluentes encontra-se a faixa de solos aluviais / lameiros (no povoado da Marreca existe, mas não tem em Mato Grosso), cuja utilização agrícola requer cuidados, pela possibilidade de inundação. A agricultura lameira – plantio nas margens do rio – acontece apenas após as cheias, pois não é praticada no resto do ano, por causa do regime regular das chuvas. A presença de rios intermitentes e as croas e ipueiras fazem parte da paisagem local. (Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/rio-sao-francisco.htm>).

Na cidade de Pirapora (que tem ligação histórica com Xique-Xique), depois da cachoeira começa o trecho navegável, cuja travessia atualmente acontece apenas por meio de barco pequeno, ou quando o rio está cheio, no período das chuvas. De Pilão Arcado para o povoado de Baixio é possível fazer travessia de barco a vapor. Os peixes mais comuns da região são cardumes de surubins, piabas, pintados, dourados, tambaqui, piau, piranha, pescada,

mandin, curimata, caboja, cari, carpa. Pescar ainda é uma profissão dos sujeitos das comunidades em estudo, por ser uma prática que complementa a renda, desenvolvendo outras atividades econômicas. (Fonte: [https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza\\_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/](https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/)).

Dentre os muitos aspectos físicos apresentados pelo Vale do São Francisco, segundo nosso entendimento, o que mais se destaca é a região da seca, causada pela escassez de chuvas, proporcionando dificuldades, sofrimento, pobreza e fome, mas que ao longo dos anos levou a população local a criar um modo de vida próprio para suportar esta realidade. É o que se pode evidenciar com os moradores de Xique-Xique (BA).

O Sertão nordestino, inclusive na região do Médio Rio São Francisco, apresenta as menores incidências de chuvas, isso em âmbito nacional. A restrita presença de chuva nessa área é causada basicamente pelo tipo de massa de ar aliado ao relevo, muitas vezes impedindo que massas de ar quente e úmido possam agir sobre o local causando chuvas.

No Sertão ocorrem chuvas entre outubro e março, as quais são provenientes da ação de frentes frias com característica polar que se apresentam e agem no Sudeste. As outras áreas do Sertão têm suas chuvas provocadas pelos ventos alísios vindos do hemisfério norte, como é o caso do território de Xique-Xique (BA). No entanto, em determinados anos isso não acontece, ocasionando um longo período sem chuvas, originando assim a seca. Segundo a população, a pior seca, aquela que trouxe mais sofrimento, foi a do ano de 1932.

As secas prolongadas no Sertão nordestino são oriundas, muitas vezes, da elevação da temperatura das águas do Oceano Pacífico, cujo aquecimento é denominado pela classe científica de El Niño, de modo que, nos anos em que esse fenômeno ocorre, o Sertão sofre com a intensa seca. A longa estiagem provoca uma série de prejuízos aos agricultores, como perda de plantações e animais, a falta de produtividade causada pela seca também provoca a fome. Os rios do sertão agreste normalmente ficam secos durante o período de estiagem e voltam a acumular água no período de chuvas, trazendo alguns momentos de forte precipitação com as enchentes, situação esta que acontece também em Xique-Xique (BA). Os moradores afirmaram que a enchente mais famosa foi da década de 1970, trazendo severas consequências para cidade e a população.

Considerando os aspectos peculiares do MRSF, não poderíamos deixar de incluir no nosso estudo para construir o Eco Museu Virtual das comunidades ribeirinhas da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA) - EMVPRMVMT os elementos geofísicos do Médio Rio São Francisco e da região de Xique-Xique (BA), como o clima semiárido, vegetação da caatinga

e terrenos aliviais, um relevo com presença de morros e planalto, dinâmica sobre secas e regimes pluviométricos, rio e sua navegabilidade, como itens de acervo do EMVPRMVMT.

No sequência, apresentamos o mapa da Bacia do São Francisco, para situar sua localização, percurso percorrido e entender algumas das características geográficas citadas.

**Figura 1:** Mapa da Bacia do São Francisco



**Fonte:** [https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&gs\\_l=psy-ab.3](https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&gs_l=psy-ab.3) – Acesso dia 15/10/2017

Deste estudo vamos iniciar a coleção de nossos itens de acervo, conforme nosso entendimento. O próximo tópico traz o quadro com os itens de acervo selecionados neste primeiro estudo.

### 3.1.3 Localização e Geografia Física do Médio Rio São Francisco.

**Quadro 01:** Elementos de Localização e da Geografia Física do Médio Rio São Francisco.

ITEM DO ACERVO	CARACTERÍSTICA	OBSERVAÇÕES
LOCALIZAÇÃO	Bacia do Médio Rio São Francisco, onde fica a cidade de Xique-Xique (BA).	
CLIMA	Quente e Semiárido.	

<b>VEGETAÇÃO</b>	Presença da Caatinga; Solos aluviais; plantas comuns: Mandacaru, o xiquexique, o quipá, o cardo cabeça de frade, macambira, a jurema, a favela, a quixaba, a imbu, a angico, a imburana, jatobá, muquém, cartigueira, mari, periau, moleque duro, canafistala, juazeiro, crutili, canudo.	
<b>TRECHO NAVEGÁVEL</b>	Em Pirapora, depois da cachoeira, começa o trecho navegável, e prossegue até Xique-Xique-Ba; agora apenas com barco pequeno; quando rio está cheio, no período das chuvas.	
<b>FAUNA FLUVIAL</b>	Os peixes mais comuns da região: surubins, piabas, pintados, dourados, tambaqui, piau, piranha, pescada, mandin, curimata, caboja, cari, carpa.	
<b>SECA E O REGIME PLUVIAL</b>	Região seca, causada pela escassez de chuvas; em Xique-Xique (BA); as chuvas se apresentam entre dezembro e abril.	
<b>RELEVO</b>	Presença de alguns morros, no seu trajeto. Como é encontrado no povoado da Marreca Velha; território se divide entre serras, brejos e pedras, mas tem predomínio de planície com morros em volta, as margens do RSF.	
<b>RIOS</b>	Os rios do sertão agreste, normalmente ficam secos durante período de estiagem e voltam a acumular água no período de chuvas, trazendo em alguns momentos de fortes chuvas, causando as enchentes; Presença de rios intermitentes e as croas e ipueiras fazem parte da paisagem local.	
<b>MAPA BACIA DO SÃO FRANCISCO</b>	<b>Link:</b> <a href="https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3">https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3</a> – Acesso dia 15/10/2017	

**Fonte:** Quadro Elaborado pela autora / pesquisadora (2018)

Percebe-se a magnitude do Rio São Francisco não apenas pela sua extensão, mas também porque, além de percorrer um longo percurso, atravessa diferentes territórios com distintas características geográficas e socioculturais e, ao mesmo tempo, costura uma unidade entre as comunidades banhadas por ele, pois sustenta algumas características comuns, através de suas relações com o rio. Alegrias, crenças religiosas, aflições com as mudanças que surgiram com a história do Rio São Francisco, despertando esses sentimentos nas comunidades ribeirinhas locais, conforme se observa nos povoados ribeirinhos de Xique-Xique (BA), tema do estudo aqui proposto. Enfim, o Velho Chico passa por diferentes terras, mas todas

estritamente brasileiras, compondo e formando o cenário da população do Brasil. É um rio que carrega a responsabilidade de alimentar, nutrir e construir uma importante parte da gênese do povo brasileiro.

Para continuar montando nosso acervo do Eco Museu Virtual, proposto nesta dissertação de mestrado, prosseguimos com o estudo do nosso contexto sobre o Vale do Rio São Francisco. Conheceremos outros aspectos deste rio, segundo nosso entendimento, como: a origem do nome do rio, história, povoamento, formação e desenvolvimento da região até a contemporaneidade, com foco na região de Xique-Xique (BA).

### 3.2 CONHECENDO OS PRINCIPAIS FATOS DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E DE XIQUE-XIQUE (BA)

#### **3.2.1 Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e de Xique-Xique (BA)**

Os povos indígenas já habitavam a região do Médio Rio São Francisco antes da chegada dos portugueses nessa região. Com a chegada dos ibéricos que desejava ocupar e se apossar daquelas terras, os indígenas resistiram e travaram várias lutas. Os portugueses colonizadores não se instalaram com facilidade, encontraram problemas na ocupação das terras, principalmente no interior, o que retardou sua aproximação do rio São Francisco. Consequentemente existiram dificuldades na apropriação das terras do entorno Rio São Francisco, por parte dos europeus, pois naquele território já existiam donos e moradores.

Chegando ao Médio e Alto São Francisco, os primeiros colonizadores encontraram, ali, além dos povos Amoipiras, os Massacarás, o Pontás e os Aracujás, tribos Gês (grande parte das antigas tribos tapuias que estava englobada pelo grupo “gê”. Vale a explicação de que, já no começo do século XX, os antropólogos passaram a rejeitar o nome "tapuia" e adotaram a denominação de "gês" para este outro grupo de famílias linguísticas, que ainda hoje subsistem nos traços fisionômicos dos muitos caboclos das fazendas e carnaubais da zona) e também na práxis cultural e nos hábitos cotidianos (como na gastronomia e no comportamento). (Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/os-povos-indigenas-no-brasil.htm>).

O grupo “ge” tem sua origem indígena presente em Xique-Xique (BA), mas nem sempre esta origem é reconhecida pelos moradores, porque tem rejeição a tais influências, em decorrência do processo de colonização, conforme depoimento de pessoas da comunidade local.

Desde a chegada dos portugueses, dezenas de nações indígenas abandonaram o litoral e foram esconder-se nos altos sertões, para fugir da escravização. Combatidos, humilhados, os índios perceberam que somente sobreviveriam se impedissem que os brancos conquistassem seus novos territórios. E apesar de lutarem muito, os europeus com tempo passaram a dominar em virtude da melhor organização social, para aquela grande população que se formava no Brasil, bem diferente da organização social que indígenas estavam acostumados a viver e a administrar.

A vitória da forma de vida trazida pelo europeu (senhorial) se dar porque eles são capazes de reproduzir um maior número de seres humanos vivendo em sua ordem social, do que outras ordens sociais como a dos tupis ou tapuias... ou seja,...logo logo...enquanto uma aldeia tapuia tinha 100 pessoas, e uma tupi cerca de 600, uma cidade colonial chegava a 5000, e Salvador, já em 1575, tinha 15000 pessoas. Ou seja, mais e mais pessoas viviam daquela forma, o que acabava trazendo os arredores (inclusive as aldeias, para a nova forma de viver (ou novo ordem social) (MATTA, 2008).

E assim aconteceu o domínio do território brasileiro pelos portugueses, trazendo conseqüentemente a escravização indígena no Brasil - Colônia, inclusive na região do Médio Rio São Francisco (MRSF).

A primeira carta régia que estabelece o direito de escravização dos aborígenes (índios) é de 1570, mas, antes mesmo da autorização da metrópole, já em 1543 e 1550, os homens de Duarte Coelho adentravam o São Francisco na perseguição de índios para a escravidão. Não eram passados ainda trinta anos do início da ocupação efetiva do Brasil e já a escravidão dos índios já estava generalizada e se instituía firmemente em toda parte, uma política que os padres condenavam e os oficiais da câmara da Bahia advogavam com ardor.

Essas lutas travadas entre colonizadores e indígenas no período do Brasil - Colônia foram as primeiras disputas por território, mas que continuam na contemporaneidade. Isso é evidente com alguns elementos diferentes, mas com objetivo principal comum, o de expulsar quem tem a posse da terra para favorecer grupos poderosos e protegidos. Ou seja, quem antes era defensor da civilização cristã, agora beneficia pessoas que defendem ações favoráveis ao sistema capitalista. Na contemporaneidade, na região do Médio Rio São Francisco, a Comunidade indígena de Rondelas, (localizada na cidade de Ibotirama, faz divisa com município de Xique-Xique (BA), mas no passado recente houve séria disputa de terras, e a solução encontrada foi a transferência do grupo tradicional para outro território, pela atual administração pública governamental, em uma ação que gerou conseqüências irreparáveis para a comunidade. Atualmente as disputas por terras têm outras motivações, como briga de herança,

ou conflitos entre Incra e famílias assentadas. Assim, o motivo da luta muitas vezes é porque pessoas desejam aumentar quantidade das terras e tomar terra do outro à “força”.

As tradições indígenas permanecem imbricadas, de forma especial, nas gerações posteriores que se fixaram na região do Vale do Rio São Francisco (VRSF) e também em Xique-Xique (BA). E as lutas, do passado, pela terra entre europeus portugueses e indígenas, primeiros habitantes da terra, desencadearam muitas consequências para as futuras gerações pela relevância da influência, a cultura indígena e as lutas por terra serão itens de acervo do EMVPRMVMVT.

Segundo Carvalho e Kotscho (1989), a colonização portuguesa do Vale do São Francisco começou um ano depois da chegada das Naus de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, quando o rio foi avistado pelo fotografo Genovês Américo Vespúcio, no dia 04/10/1501. Ele vinha a bordo de uma das cinco caravelas da frota comandada por João da Nova, que veio de Portugal para reconhecer e marcar a recém descoberta terra de Vera Cruz. Esse fato, segundo o calendário da época, aconteceu no dia de São Francisco de Borja, e por esse motivo os navegadores Vespúcio e Nova deram ao rio, o nome de São Francisco. Por ser um elemento esclarecedor, a explicação do nome do importante Rio São Francisco, personagem principal deste estudo, vai estar na seleção item do acervo do EMVPRMVMVT.

Após algumas entradas e bandeiras pelo interior, para contra costa do Brasil, algumas com massacres de colonos, portugueses chegaram ao MRSF. Foi na entrada comandada por João Coelho de Afonso, chegando onde é atualmente a cidade de Ibotirama (BA), cidade que faz divisa com Xique-Xique (BA), município tema deste trabalho, que a colonização portuguesa iniciou suas atividades no Médio Rio São Francisco. A população dos povoados de Xique-Xique (BA) em estudo identificou várias famílias com sobrenome Coelho, no povoado da Marreca, na atualidade. Esse fato é um aspecto a ser considerado como item do acervo no EMVPRMVMVT, pois entendemos que é um marco inicial da ocupação do território no Médio Rio São Francisco, a chegada de João Coelho de Afonso neste local e por isso estará no referido Eco Museu Virtual.

Conforme relata Sampaio (2002), a colonização no interior do Brasil, de fato, começou com a chegada de Tomé de Souza, em março de 1549, período em que foram doadas terras brasileiras para alguns portugueses, através da concessão de Sesmarias, a fim de ocupar e povoar o território. Uma forma de se apossar do espaço e de produtos valiosos, para a época, ali encontrados. Até então o Rio São Francisco era desconhecido pelos colonizadores. A ação de colonização do vale do Rio São Francisco fez toda a diferença no processo histórico e futuro da região, logo reconhecemos como elemento importante do acervo para EMVPRMVMVT.

Segundo Sampaio (2002), Com a autorização da Coroa Portuguesa, no ano de 1553 começou a criação de gado com a presença dos currais, atividade que marca a história do desenvolvimento do vale do São Francisco, e também no município de Xique-Xique (BA). Hoje, nos povoados da Marreca e Mato Grosso existem as roças (em ilhas fluviais) utilizadas para criação de gado. A criação de gado e consequente presença dos currais estão presentes até os dias atuais na região e por isso também será item de museu EMVPRMVMVT.

A exploração territorial, pela Coroa, se limitava ao litoral, principalmente por causa dos indígenas. Ao que tudo indica a ocupação dessa região, pode estar relacionada com a busca por riquezas locais como ouro, prata e pedras preciosas, e por isso atraía aventureiros que colaboraram em abrir caminhos, descobrir novos territórios e até mesmo povoar espaços até então desconhecidos.

No século XVI o Rio São Francisco era a principal via de transporte e comunicação dos habitantes locais e dos bandeirantes, e, além disso, servia também de ligação para facilitar o comércio entre as cidades circunvizinhas. Não existiam estradas em bom estado, transporte precário, normalmente à base de animais (cavalo, boi etc.). Outro fator de destaque do rio São Francisco para Xique-Xique (BA), é a relação desta cidade com a região, principalmente para Juazeiro e Pirapora, cidades com força política e econômica que influenciaram todo o Vale. Para além desses fatores, o rio ainda tem uma importância como meio de subsistência para comunidade ribeirinha que vive da pesca. Segundo moradores, atualmente o Rio São Francisco como via de transporte, reduziu, mas não acabou. Mudou a forma de transporte, como por exemplo, para alunos que vêm do povoado de Passagem na Barra, para estudar em Xique-Xique (BA), já que o trajeto é menor do que ir até cidade de Barra, sede, e assim usam outro tipo de embarcação, menor.

È do nosso entendimento que o Rio São Francisco representa até os dias atuais um importante meio de transporte, de ligação comercial, especialmente com Juazeiro e Pirapora, além de servir de meio de subsistência para comunidades ribeirinhas. E por esses itens serem relevantes para este estudo, estarão fazendo parte do acervo do museu virtual EMVPRMVMVT.

Os bandeirantes buscaram seguir mata adentro, e no sentido do Rio São Francisco, rio que passou a ser conhecido como “Rio dos Currais”. Ao longo do vale desse rio foram criados currais e fazendas perto de áreas de pastagens do gado. Com o desenvolvimento dessa atividade econômica, foram sendo fixados pólos de povoamento, principalmente em fazendas. Xique-Xique (BA) foi um destes pólos de criação de gado para ocupação do espaço. Importante fato que desencadeou mudança no comportamento cultural, pólos de povoamento no vale por outros

povos de diferentes etnias da indígena (portugueses), trouxe novos saberes, além das relações inter-raciais que surgiram neste processo, e assim será incluso como elemento do acervo.

Com a distribuição de terras para povoamento, os homens que receberam doações de terra eram motivados em explorar as terras à procura de ouro. Mas a principal estratégia de povoamento das terras se deu através da criação de gado, conforme é relatado por Lins (1960):

Os baianos e pernambucanos fizeram a sua entrada guiados pelas boiadas, que só a custo venciam os obstáculos do terreno irregular, próximo as cachoeiras. Implantando currais pelo vale adentro, os bandeirantes do norte, avançavam lentamente, chegando a atingir, no caminhar, as regiões mineiras.

A fala do autor confirma a importância da criação de gados para o desenvolvimento local do Vale do Rio São Francisco, no período do Brasil-Colônia, e que também foi relevante para Xique-Xique (BA), deixando herança alimentar, nas vestimentas e principalmente no comportamento da população, inclusive na atualidade. Assim é necessário incluir como item de acervo o povoamento das terras, através da criação de gado.

Outro fato importante da ocupação e constituição populacional, do território MRSF foi a presença das missões religiosas católicas, iniciadas por frades capuchinhos bretões, a partir de 1641, no Vale do Rio São Francisco. Os Franciscanos Capuchinhos dos Bretões instalaram os primeiros aldeamentos. Existiu atrito entre a família de Garcia d'Ávila e os franciscanos com constantes desentendimentos. Os frades reclamavam da constante interrupção das missões que geralmente instalavam nas ilhas, áreas mais férteis. Ora, os vaqueiros da Casa da Torre, no período da seca, que ali durava seis meses por ano, empurravam os rebanhos para comer a lavoura dos índios, obrigando-os a buscar alimento na caça, dispersando-se na caatinga e interrompendo o trabalho de catequese.

Observa-se a influência da Igreja Católica no contexto da ocupação, povoamento e disputa pelas terras brasileiras, fazendo papel de intermediária entre gentios e bandeirantes colonizadores. Em Xique-Xique (BA), até a atualidade verifica-se forte influência da Instituição Católica Secular. Existe a presença mesmo em minoria de outras religiões. Como a influência da Igreja Católica se deu muito forte e ainda se encontram suas devoções e práticas religiosas, colocaremos essa relação da população, com as crenças no acervo do EMVPRMVMVT.

O déficit populacional e a necessidade de Portugal explorar o território, com pouca mão de obra, tornaram o trabalho escravo uma realidade da época. Os colonizadores procuravam se desdobrar para conquistar os povos que subjugavam. Os negros escravizados vindos da África para essa finalidade não foram enviados em quantidade para o Vale do Rio São Francisco, pois eram raros. O trabalho escravo ficou para indígenas encarcerados e povos que surgiram do relacionamento entre grupos étnicos diferentes que eram julgados como

indivíduos inferiores (brancos europeus e indígenas ou brancos e negros). E então surge também outra forma de aproximação e conquista das terras, através da promiscuidade sexual (imposta pelos colonizadores) entre portugueses e índias e, mais tarde, entre portugueses e negras. Isso deixou sequelas irreparáveis nos povos indígenas e negros, até as suas gerações posteriores.

De acordo com Lins (1960)

Os primeiros povoadores do vale do São Francisco, “cruzando” com as nativas, numa época em que o elemento negro não estava nas cogitações dos colonizadores lusos, criaram às margens do grande rio uma raça de homens fortes. Mesmo depois de iniciado o tráfico de negros para o Brasil, era raro, no São Francisco, o elemento africano, mais utilizado nos engenhos do litoral e nas fazendas do sul.

(...)

O Vale do São Francisco, durante os primeiros séculos da civilização brasileira, além de fator importante da unidade territorial do país, foi o local que se fez a experiência inter - racial e mudou a paisagem humana com o surgimento do vaqueiro. **Vaqueiro era o sertanejo são-franciscano**, com sua pele bronzeada, olhos meio oblíquos, é o mais autêntico representante dos primeiros cruzamentos raciais havidos na terra recém-descoberta.

Os vaqueiros que habitavam essas fazendas eram geralmente mamelucos, de ascendência indígena e europeia. Eles trabalhavam com os donos dos rebanhos em regime de parceria. A cada quatro crias, dos animais sobreviventes, uma era do vaqueiro. Com o tempo, alguns vaqueiros conseguiram formar seu próprio rebanho. Paisagem ainda encontrada nos povoados de Xique-Xique (BA). Mais adiante no texto, traremos mais informações culturais sobre a figura do vaqueiro.

O vaqueiro, por si só, apresenta um modo de vida, uma personalidade e uma cultura próprias associadas ao sertão baiano e às comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco e de Xique-Xique. Sua força atravessou o tempo e possibilita às atuais gerações desfrutarem de práticas desenvolvidas por eles nos primórdios da formação desse grupo. Portanto, precisa estar no acervo do EMVPRMVMT.

Após observar elementos históricos de formação e ocupação do MRSF, criamos o quadro 2 com itens de acervo do museu, sobre o contexto que cita: a presença e influência indígena na chegada e povoamento do colonizador europeu no MRSF; desenvolvimento da criação de gado para ocupação do território; RSF como importante meio de transporte e comunicação; disputas por terras; influência da Igreja Católica nas questões políticas, culturais e sociais, desde o período colonial até nossos dias; a presença de negros na região, embora em pouca quantidade já que não foram muito utilizados como mão de obra no sertão; e o surgimento

dos vaqueiros através do “cruzamento” inter-racial (formação de sujeitos entre brancos europeus e indígenas ou entre negros e brancos), constituem fatos históricos que formaram o Vale do Rio São Francisco e influenciaram e influenciam até dias atuais a população de Xique-Xique (BA).

### 3.2.2 Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).

**Quadro 2:** Histórico, Ocupação e Povoamento do Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).

ITEM DO ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>Povos Indígenas que habitaram MRSF</b>	Povos Amoipiras, os Massacará, o Pontás e os Aracujás, tribos Gês.	Tradições indígenas permaneceram nas gerações posteriores
<b>Disputas por terras: indígenas x portugueses</b>	Nações indígenas entraram em conflito com europeus. E Indígenas se afastaram do litoral e foram para os altos sertões	Contemporaneidade, <b>indígenas de Rondelas</b> ainda lutam pela posse e o direito de permanecer nas terras.
<b>Chegada de João Coelho de Afonso VRSF</b>	Através de uma entrada, colonizadores portugueses chegaram a cidade de Ibotirama (BA), que faz divisa com Xique-Xique.	Na contemporaneidade a comunidade sinalizou que ainda tem muitas pessoas com sobrenome Coelho.
<b>Colonização do VRSF.</b>	Aconteceu a partir da chegada de Tomé de Souza, em março de 1549, através da concessão de Sesmarias.	A concessão de sesmarias deu início à ocupação das terras no VRSF e em Xique-Xique.
<b>Ocupação do VRSF criação de gado</b>	A coroa autorizou, no ano de 1553, início da criação de gado e a construção dos currais, marcou a história do VRSF	A criação de gado, ainda na contemporaneidade faz parte da rotina das comunidades de Xique-Xique.
<b>RSF como via transporte, comércio e subsistência</b>	No sec. XVI o RSF era a principal via de transporte e comunicação, de ligação para o comércio e oportunidade de trabalho através da pesca.	Na atualidade o RSF ainda tem grande importância para as comunidades, mas com seca do rio, tem reduzido esta relevância.
<b>Pólos de povoamento no VRSF</b>	Pólos de povoamento no VRSF foram criados a partir das fazendas com currais e perto de áreas de pastagens do gado.	Ainda são identificados pólos de povoamento a partir das fazendas de gado nos povoados ribeirinhos
<b>Igreja Católica x Ocupação e povoamento.</b>	Os Franciscanos Capuchinhos dos Bretões instalaram os primeiros aldeamentos no VRSF.	Ainda se encontram devoções e práticas da religião católica.
<b>Negro na Região VRSF</b>	Mesmo depois de iniciado o tráfico de negros para o Brasil, <b>era raro</b> , no Vale do Rio São Francisco, africanos escravizados.	
<b>Cultura Inter-racial, vaqueiro, sertanejo são franciscano</b>	Mistura inter-racial, entre portugueses e índias, portugueses e negras, surgimento do vaqueiro, <b>sertanejo são franciscano</b> .	A figura do vaqueiro ainda está presente no cotidiano de Xique-Xique (BA)

Fonte: Elaborado pela autora/ pesquisadora (2018)

Na sequência apresentamos novos fatos históricos que colaboraram para a formação cultural do MRSF e de Xique-Xique (BA).

### 3.3 POSSE DE TERRAS, LIDERANÇAS, PODERIO, RELAÇÕES SOCIAIS SERVIL / FEUDAL, VIOLÊNCIA E FORMAÇÃO CULTURAL DO MRSF

Segundo Lins (1960), não apenas os portugueses estiveram no Vale do Rio São Francisco, no período do século XVII, mas também outros estrangeiros europeus chegaram ao sertão, os holandeses. Estes desejavam desfrutar das riquezas locais e tentaram ocupar territórios, tomar parte das terras brasileiras, mas logo foram expulsos. E com a expulsão de Maurício de Nassau (líder holandês) e sua tropa, a quem não passou despercebido a importância do São Francisco, iniciou a distribuição de terras como compensação a colaboração nas batalhas contra os holandeses, um incremento as doações de sesmarias no Vale São Francisco. Quando os holandeses (estrangeiros que também tentaram se apossar e colonizar terras do interior brasileiro) foram expulsos, o São Francisco já contava com vários latifúndios em embrião, inclusive nos municípios de Sento Sé, Salitre, Pajeú e Sobradinho. Os holandeses se renderam no ano de 1658, com a colaboração do dono da fazenda Casa da Ponte (exemplo de um indivíduo que foi beneficiado com indenização por serviços prestados e gêneros fornecidos às guerras) e cinco anos depois o senhor Antônio Guedes de Brito, recebeu em carta data de 27 de agosto de 1663, e assinada pelo soberano português, a doação de enorme extensão de terras à margem direita do São Francisco. Terras latifundiárias que em parte constituíram território e cultura de Xique-Xique (BA), de hoje, tema deste estudo.

Percebemos que esse fato histórico deixou marcas e nos dias atuais observa-se a constituição territorial e influências culturais deixadas pela família da Casa da Ponte. E como é importante na atualidade, vai entrar como item de acervo do museu EMVPRMVMT.

Afirma Lins (1960), que Guedes de Brito, proprietário da Casa da Ponte, recebeu 960 quilômetros de margem de rio, que tinham início no atual município de Jacaraci (BA), estendendo-se até as nascentes do Rio das Velhas, em Minas Gerais. A Casa da Ponte, embora mais atrasada do que a Casa da Torre, na sua obra de expansão, desde 1652, logo, antes mesmo da expulsão dos holandeses, caminhada, desbravando terras, povoando desertos, construindo currais, conquistando o sertão rumo ao São Francisco e deixando legado cultural, reconhecido na população da atualidade, desta região. Pela participação desta família efetivamente na formação do MRSF e de Xique-Xique, (BA) e os seus reflexos culturais e comportamentais

ainda identificados na população da contemporaneidade desta região, selecionaremos a casa da ponte como item de acervo.

Enquanto isto, do outro lado do rio prosseguia desenvolvimento e enriquecimento de outro poderoso latifundiário, os Garcia D'Ávila, conhecidos como a família da Casa da Torre. Segundo documentos da época, desde 1573, a Casa da Torre emendava sesmarias, dominando as terras marginais do Jacuípe e do Itapicuru, e daí estenderam-se os seus domínios ao rio. Garcia D'Ávila, que tinha mais de 70 léguas entre o São Francisco e o rio Parnaíba, no Piauí.

O Fazendeiro Garcia D'Ávila comprava grande número de animais que haviam chegado de Portugal pelas caravelas e depois multiplicou a criação de gado, nas fazendas litorâneas e subia com eles o Rio São Francisco. Escolhia um ponto que lhe parecesse bom e deixava alguns animais para iniciar criação de gado. O dono da Casa da Torre construía em distâncias certas um curral e uma choupana, ele deixava 10 novilhas e um touro, e, para cuidar do rebanho, um casal de escravos. Tornou-se assim o primeiro latifundiário do São Francisco (inclusive em Juazeiro e Pirapora, cidades que mantiveram especial relação com Xique-Xique (BA) influenciando seu cotidiano) e poucos anos depois o rio dos currais abastecia de carne, couro e outros produtos, vasta porção do litoral nordeste.

Assim, essa região, o Médio Rio São Francisco e da cidade de Xique-Xique (BA) e municípios circunvizinhos, tornou-se um dos importantes pontos de criação de gado para abastecer outras cidades brasileiras. E como na atualidade a criação de animais e especialmente de gado, ainda é relevante para a população, colocaremos a família Garcia D'Ávila como item de acervo, que foi a responsável pela introdução e desenvolvimento dessa cultura no MRSF.

Baseando-se nos escritos de Lins (1960), percebe-se que foram essas duas poderosas casas, rivais entre si, que conduziram as etapas seguintes do povoamento efetivo do VSF: fazendeiros da Casa da Torre e da Casa da Ponte. Ambos se tornaram latifundiários que ocuparam terras, ao longo do vale do São Francisco e que chegaram ao Médio Rio São Francisco - MRSF e território de Xique-Xique (BA), deixando marcas culturais na região. As referidas importantes famílias colaboraram com a povoação, práticas sociais e são perceptíveis no atual contexto do MRSF e povoados de Xique-Xique (BA), herdeiros do conflito, entre colonizador x colonizado, Torre x Ponte.

Pela relevância da atuação e repercussão dos atos e legados culturais das famílias latifundiárias da Casa da Ponte e da Casa da Torre, atitudes que hoje ainda observamos nos povoados ribeirinhos de Xique-Xique, adotamos, como item de acervo EMVPRMVM, a história destes latifundiários. E a seguir discorreremos sobre novo elemento cultural, os coronéis.

### 3.3.1 Coronelismo

Conforme Lins (1960), depois da fuga dos colonizadores do VRSF, com a ausência da autoridade da Coroa, este poder passou a ser alcançado de forma arbitrária pela força. O fazendeiro mais rico e mais valente assumia a liderança natural dos outros proprietários de terra, tomando a si a responsabilidade de manutenção da ordem entre a população, e a segurança das propriedades entre os fazendeiros, sempre em conflitos por causa dos limites de terra.

Lins (1960) também afirma que, após a independência do Brasil de Portugal, com a instalação de um governo nacional, a monarquia deu a muitos sujeitos, importantes regionalmente, os títulos de nobre e a representação e simbolismo de poder local, neste sujeito. Foi assim que surgiram no cenário político da região as figuras hoje lendárias daqueles “brigadores”, “capitães” e “coronéis”.

O coronelismo no Brasil, também foi uma herança europeia. Na verdade, coronelismo uma expressão brasileira que foi adaptada a um fenômeno tipicamente ibérico, o do caudilhismo ou de caciquismo. Toda vez que na Península Ibérica, por uma razão qualquer, o poder político central ficou abalado, enfraquecido, deu-se ascensão do chefe provincial ou local que adquiria expressão militar e jurídica própria. O caudilhismo nasceu na Espanha medieval em luta contra os mouros, quando um rei dava a um chefe militar ou um aventureiro qualquer que o solicitava uma “carta de partida”, que o autorizava a recrutar homens e a arrecadar recursos para lutar na cruzada contra os homens do califa muçulmano.

(Fonte: <http://relatosdahistoria.blogspot.com/2014/09/ascensao-e-queda-do-coronelismo.html>)

Segundo Wikipédia (2019), Caudilhismo é o exercício do poder político caracterizado pelo agrupamento de uma comunidade em torno do caudilho. Em geral, caudilhos são lideranças políticas carismáticas ligadas a setores tradicionais da sociedade e que baseiam seu poder no seu carisma. Observa-se que, Caudilhismo ou caudilhamento é o sistema de governo liderado por um caudilho, em um determinado território e geralmente está ligado aos interesses das instituições tradicionais agrárias, com poder local. E posteriormente, esta atividade irá corresponder ao coronelismo brasileiro.

De acordo com Lins (1960)

Os coronéis eram homens telúricos, frutos amargos daquela ambiência étnica magistralmente estereotipada pelo escritor Euclides da Cunha, os varões dominadores, que ditavam a lei naqueles ermos, bem merecem a compreensiva complacência que a história lhes tem concedido. Os coronéis estão ligados ao desenvolvimento da região, além do papel por eles desempenhado no cenário político e econômico na terra que lhes serviu de berço.

Percebe-se a influência na política e questões sócio-econômicas da região, dos coronéis, que manipulavam o povo e rumos das cidades do vale. E por isso, de certa forma o coronelismo foi um dos maiores entraves ao desenvolvimento, da liberdade e da democracia na região, já que manipulavam também a vida das pessoas daquela região e progresso local.

O coronel, em geral era um grande proprietário de terras, quase sempre o maior negociante da região e estabelecia falsas relações afetivas, apadrinhando filhos dos trabalhadores que lhe serviam. Por isso tinha sob seu controle toda a população de sua área de influência e sob seu comando um expressivo exército particular de jagunços.

Segundo Lins (1960), Major Lindolfo foi responsável por vender terras de Mato Grosso, para pessoas que vieram de Sento Sé e Pilão Arcado, com inauguração do Sobradinho, iniciando história da comunidade daquele povoado. Outros coronéis conhecidos da população de Xique-Xique (BA) são Chico Caboja e Terêncio (Senhor das Pedras), Major Luís da França (na Marreca). Sem falar na família Castelo Branco, que era dona de terras nas Pedras também.

A figura do coronel passou a ser emblemática no território nacional, e por muitos anos foi o símbolo de força e direcionamento do desenvolvimento no sertão. Assim, pela sua atuação e simbolismos presentes no Médio Rio São Francisco, através dos coronéis e com resquícios na contemporaneidade, será incluso o coronel como item de acervo do museu, relatando ações dos principais indivíduos na região e cidade de Xique-Xique (BA).

Lins (1960), o coronelismo manteve-se forte pelo menos até por volta do ano de 1930, quando o governo brasileiro decidiu enfrentar o poder dos senhores do sertão, logo após a tomada da presidência da república por Getúlio Vargas. As lutas entre forças militares e os jagunços dos coronéis ainda duraram algum tempo. Mas a espinha dorsal do “feudalismo do sertão brasileiro” foi quebrada. Foi com o fim do coronelismo formal e enfraquecimento do poder político local, deste grupo, que a região Nordeste sentiu muito atraso em conhecimento técnico.

Xique-Xique (BA) também viveu período do coronelismo e os líderes que dominaram naquele território deixaram suas marcas comportamentais, nos princípios e valores e costumes na região. Não só foi construída relação de autoritarismo com a população local, mas especialmente com seus serviços mais próximos ao líder, como os jagunços. Na Xique-Xique

de hoje, ainda existe respeito, temor, e sim uma total dependência a algumas figuras com poder político local, que no passado já tiveram uma ascensão social e política.

Pela relevância e influência do coronelismo na cultura do MRSF e na cidade de Xique-Xique (BA) colocaremos este tema como item de acervo do EMVPRMVM. E passamos para o estudo do novo elemento cultural, o Jagunço.

### 3.3.2 A figura do Jagunço

A figura do Jagunço possibilitou durante muito tempo as ações de desmando dos coronéis. Eles viveram em parceria praticando atos que lhes convinha conforme seus princípios.

A seguir, o autor Lins (1960) traz um relato sobre os jagunços:

Sobre Jagunços: ...o jagunço do São Francisco é um homem temente à lei, que só pega em armas sob a responsabilidade de um chefe. Por conta própria, o “beradeiro” só pega em arma depois de esgotar todos os recursos, inclusive a paciência.

O jagunço fora da luta é roceiro, vaqueiro, agregado em alguma fazenda, camarada de viajante, pescador, guia, canoieiro. Como a organização política do vale conserva ainda os traços característicos do regime feudal em que a sua sociedade foi formada, a democracia ali sofre a influência...

Essa é uma leitura humana e afetiva do autor sobre o jagunço, haja vista que Wilson Lins é filho de um ex-coronel de Pilão Arcado (território antigo de Xique-Xique), e tinha uma relação emocional com a realidade descrita. O jagunço apresentado por Lins é combatido pela maioria das pessoas, que acreditam no estereótipo de indivíduos grosseiros, frios, sem coração, que não sorriam e nem se relacionavam afetivamente, sem família própria e nem amigos, viviam prontos para matar pessoas que discordassem dele ou do seu patrão / coronel, e não cumprissem as regras ditas pelos poderosos locais.

Ainda sobre jagunços, Lins (1960), afirma:

Os jagunços são parte integrante das famílias dominantes. Cada proprietário rural conta em sua fazenda com a solidariedade dos seus vaqueiros, agregados, arreios e camaradas, sem falar nos compadres. Já o compadre é uma instituição na sociedade pastoril e tem sua razão de ser na prática da gente pobre os roceiros e os pequenos proprietários dão os seus filhos para batizar aos vizinhos mais ricos de maiores extensões de terra.

Percebe-se que as relações estabelecidas entre coronéis e jagunços ultrapassavam o trabalho servil, e criavam situações como a de compadrio, para os laços entre estas partes

ficarem mais estreitos e assim ficar grupo mais fraco, à disposição da classe poderosa e soberana, nas alegrias e tristezas, com sentimento de gratidão eterno. Mas na prática os jagunços eram explorados pelos seus chefes coronéis e levavam vida simples, passando até dificuldades para sobreviver, em alguns momentos.

Na história mais recente do MRSF, os jagunços tomavam terrenos à força. Conhecidos agora como grileiros, eles derrubavam casas e eram capangas que faziam esse serviço a mando do seu chefe (dono das terras).

Os jagunços foram sujeitos que colaboraram com as ações dos coronéis no desenvolvimento da história do Vale do Rio São Francisco. Atualmente, ainda, observa-se esse comportamento nas relações de trabalho, entre as pessoas do território em estudo, que se assemelham às relações que existiram entre coronéis e jagunços. Assim precisam estar como item de acervo no EMVPRMVM, pela influência nas populações locais, de várias gerações. A seguir trazemos informações sobre coronéis de destaque da região MRSF.

### **3.3.3 Alguns Coronéis de destaque da região MRSF**

Segundo Lins (1960), entre os principais coronéis que se destacaram na história da região do Médio Rio São Francisco, estava o Sr. Militão Plácido de França Antunes, chamado de Caudilho (chefe militar e político que possui uma força militar própria). Era responsável por várias ações violentas e assassinatos nos caminhos da ribeira e das caatingas do São Francisco, no tempo que era uma constante no ambiente das sociedades rurais. Militão, conhecido também por ser dono da fazenda de Caroá (folhas de uma planta nativa que fornecem longas fibras, de grande resistência e durabilidade), foi um dos coronéis que ordenou assassinato de várias pessoas da região, na disputa pelo poder e por terras.

De acordo com Lins (1960)

Pelo ano de 1840, Pilão Arcado era um próspero núcleo de civilização, no Médio São Francisco. Reinava lá, soberana e única, a vontade de Militão Plácido de França Antunes que encontrava nas pessoas do Sr. Dom Felix Castelo Branco, resistência ao seu absolutismo. Mas as maneiras fidalgas de Dom Felix não lhe permitiam atividades violentas, de forma que era Militão, na realidade, quem era truculento e afoito, mandava e desmandava, não só em Pilão Arcado (território onde nasceu Xique-Xique), como em Sento Sé e Remanso, onde ficava o Senhor Caroá, na velha fazenda da família Antunes. Da sede do seu feudo, que era a fazenda Caroá, na margem esquerda do rio em terras do município de Remanso, Militão distribuía suas ordens para Pilão Arcado, Xique-Xique, Remanso e Sento Sé.

No auge do prestígio de Militão, chega a Pilão Arcado, para tentar a vida no comércio, um português pobre de nome Bernardo Guerreiro (o maroto). Vinha da região do Rio de contas. Quando Bernardo começou a prosperar, ficou rico e casou com uma moça de uma família tradicional do lugar, passou a merecer todo acatamento, consideração e respeito, mas Militão e alguns coronéis, como Antunes, não aceitava a presença e prosperidade de Bernardo e as batalhas eram constantes.

No Caroá, Militão recebia constantemente cartas dos seus irmãos, que viviam em Pilão Arcado, relatando, com despeito, da crescente influência do estrangeiro Bernardo, na terra. O Senhor do Caroá observava com secreto rancor os progressos do “maroto”, ele que ajudara a expulsar da Bahia as tropas de Madeira. Os ódios entre França Antunes e os Guerreiros eram indisfarçáveis e vinham à tona com frequência.

Começava a cair a estima das velhas famílias do vale, como os Mariani do município da Barra, que reprovavam abertamente os excessos de violência, e o conceito positivo a família dos Guerreiros crescia nas cidades circunvizinhas.

O que mais prejudicou a reputação de Militão, naquela época foi o bárbaro assassinato de Pedro Costa, agregado seu, na fazenda de Caroá. A esposa de Militão começou a ter um romance, paralelo ao casamento, com um criado do coronel Militão, que se chamava Pedro. Militão descobriu e mandou seus serviçais caçarem Pedro. E quando os serviçais de Militão alcançaram o fugitivo nas vizinhanças de Xique-Xique (local do meu estudo) e ao trazê-lo para fazenda, levaram para vila onde seria julgado por um conselho composto de membros e amigos da família França Antunes. Era desejo dos irmãos de Militão que a execução das ordens do chefe fosse feita na praça principal de Xique-Xique (BA), para exemplo dos sedutores de todo o vale. Entretanto, pessoas influentes da terra conseguiram demovê-los do intento, ficando combinado que seria na vila da Ilha do Miradouro, que também está localizada em Xique-Xique (BA). Como castigo, mutilaram o conquistador, como foi solicitado pelo coronel. E ordenaram aos moradores da ilha que não se aproximassem nem socorressem o condenado. Relata-se que, durante a execução deste crime bárbaro, o coronel estaria promovido uma grande festa regada a música, alimentos e bebidas fartas.

Este fato trouxe um mal estar para Militão e levou à perda de prestígio na região, por causa da atrocidade dispensada a Pedro Costa. Em pouco tempo todo o vale repugnou aquela ação. Os Castelos Brancos de Pilão Arcado e Nunes de Sento Sé ficaram indignados, e isto criou uma impopularidade de Militão na região. E não só o referido coronel perdeu privilégios, mas o território que ele ocupava também passou por privações, ou seja, Pilão Arcado e Xique-Xique, como locais que passaram ser reconhecidos negativamente, como espaços de violência.

Os Guerreiros, Os Marianis de Barra, os Castelos Brancos de Pilão Arcado (antigo território de Xique-Xique) e os Nunes de Sento Sé começaram a utilizar o bárbaro crime da ilha do Miradouro como arma contra as pretensões do valente do Caroá. O Coronel Antônio Joaquim da Costa, comandante da Guarda Nacional, em Sento Sé, e encarregado de organizar aquela unidade cívico-militar em Pilão Arcado, era muito amigo dos Guerreiros e por intermédio dele a conseguiu eliminar Militão e seus parentes e amigos dos quadros da guarda nacional, em Pilão Arcado. Ser da Guarda Nacional, naquele tempo, era a maior honraria que um homem do interior podia conquistar, para dar provas do seu prestígio. Mais uma vez Xique-Xique (BA) perdeu posto de honra na região, em decorrência do crime de Pedro Costa.

De acordo com Lins (1960):

Militão, o gênio bárbaro, triunfou sobre os escombros dos seus inimigos, implantando a tiros de bacamarte e patas de cavalo, a sua ditadura rural, onde a ausência da autoridade do Estado era o principal fator de todas as desordens. Mas Militão não representa apenas uma família que se quis impor como senhora da terra de ninguém. Antes de tudo foi uma consequência de um estado de espírito oriundo do isolamento do homem no deserto dominador. Por isto, ao invés de um bandido, ele foi um herói, e os crimes que praticou o foram em nome da ambiência moral.

Este foi o coronel Militão. Ele deixou muitas influências sociais, culturais e políticas no Vale do Rio São Francisco e para Xique-Xique (BA). Na atualidade os moradores de Xique-Xique (BA) continuam sendo povos violentos (“esquentados”) e vingativos. O comportamento de abuso de poder dos coronéis, em especial Militão que atuou em Pilão Arcado e Xique-Xique, repercutiu nas atitudes das gerações posteriores, por isso selecionamos como elemento de acervo do museu EMVPRMVMVT.

Existiram no vale outras figuras curiosas de mandos arbitrários, cujos abusos nem sempre eram justificáveis, como no caso daquele poderoso senhor das Pedras, de nome José Correia de Lacerda, que foi deputado estadual e ditava ordens para meia dúzia de chefes do Médio São Francisco. Até hoje são famosas as arbitrariedades desse senhor feudal no Vale.

Contam contemporâneas seus, que ele, quando viajava de sua fazenda para Xique-Xique ou Pilão Arcado, não retirava o indicador de dentro d’água. Com o dedo dentro d’água, pela pressão da correnteza, calculava o esforço dos remadores. Quando a pressão da correnteza diminuía, o Lacerdão, era assim que o chamavam (por ser uma pessoa obesa) gritava para os dois soldados que sempre o acompanhavam em suas viagens: - Esquentem estes, meninos!  
E o facão “cantava” nas costas dos remadores, que, gemendo de dor, remavam mais ligeiros.

Senhor absoluto da política de três municípios, o Lacerdão dispunha de Remanso, Pilão Arcado e Xique-Xique como de propriedades suas, prendendo e soltando, premiando e infligindo castigos. (LINS, 1960).

Lacerdão foi outro marcante coronel do município de Xique-Xique que fez história com uso do poder arbitrário e foi responsável pela introdução de alguns costumes culturais da população. E hoje ainda existe a adoção de algumas destas atitudes, como considerar disparidade entre níveis hierárquicos e socioeconômicos das pessoas, como divisor de direitos, e alguns indivíduos dão valor àqueles que têm um sobrenome famoso, tem sua origem em uma família tradicional. Por estas concepções estarem ainda vivas, estaremos incluindo coronel Lacerda como elemento do acervo do museu.

Em Pilão Arcado (antigo território de Xique-Xique, antes do desmembramento), representando o poderoso senhor da Casa das Pedras reinavam uns seus parentes, os Correias, que dirigiam a terra como dispostas. Da época da dominação dos Correias contam-se coisas de espantar. Os rapazes, filhos dos poderosos chefes da família, aprendiam a atirar fazendo pontaria nos camponeses, como fez um de nome Alcides, que matou uma idosa, tomada como alvo nos seus exércitos de tiro.

Outro líder viveu no MRSF, Franklin Lins de Albuquerque, de Pilão Arcado (antigo território de Xique-Xique - BA), na sua vida e nas suas lutas, foi um autêntico líder voltado para questões populares, saído da massa para galgar as camadas superiores e ocupar o lugar especial. Ele esteve na contramão dos coronéis prepotentes e truculentos. Franklin atuou com um genuíno representante do povo, tinha espírito igualitário da sua época. Mas ele teve que enfrentar luta para sobreviver em meio assedio de seus inimigos e acultura do coronelismo.

O novo coronel do sertão do São Francisco surgia apelando não apenas para a força das armas, mas, também, apoiado no voto e na confiança do povo. Com ele, tinha início o caudilhismo eleitoral, que embora enfraquecido, perdura ainda nos nossos dias.

Como Coronel Franklin Lins está ligado ao território de Xique-Xique e colaborou para reduzir abuso de poder dos coronéis, um coronelismo às avessas que defendia igualdade entre as pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e possibilitou novos tempos democráticos na região, iremos incluir sua história como item de acervo do EMVPRMVMVT.

Também esteve presente a figura feminina na cultura do coronelismo. A valente Dama foi um exemplo significativo. Ela preferiu a morte a ver o marido perdendo poder aquisitivo na frente dos amigos. Mulher valente, sabendo fazer aos rigores da guerra, D. Francelina foi uma heroína, e o seu nome até hoje é lembrado com admiração e respeito por todos os ribeirinhos.

Em qualquer emergência, ela estava ao lado do esposo, correndo os mesmos riscos, desafiando os mesmos perigos.

Em quase todas as grandes lutas armadas do vale há sempre um vulto de mulher, ora encorajando a frente dos jagunços, de arma na mão.

A bravura das mulheres é outra tradição do vale, que também teve a fazendeira Maria da Cruz, cujo feudo, foi Pedras de Maria da Cruz. Era uma cidadela intransponível. Beradeira valente, cuja coragem invulgar era reverenciada pelos mais duros bandoleiros. Ela era descendente de Matias de Cardoso, era uma guerreira de sangue fervente, atirava muito beme cavalgava como uma legítima amazona. Mesmo depois de velha, ela era animadora, conduzia seu filho Pedro Cardoso. Dizem que em várias lutas que Pedro Cardoso enfrentou, Maria da Cruz teve que tomar a frente para filho não ser fracasse ou fosse morto.(LINS, 1960).

Carinhanha, Xique-Xique, Pilão Arcado e Remanso são os municípios baianos mais belicosos (espaços de lutas armadas) da ribeira do MRSF, ou pelo menos foram os que serviram de cenário a maior número de lutas pelos coronéis.

Traremos informações sobre atuação dos coronéis como acervo do EMVCRMVMT, pois, como lideranças de seus territórios, região do local do meu estudo, marcaram as gerações futuras de Xique-Xique (BA) e entorno. A população atual em alguns momentos continua com ânimos exaltados em situações delicadas, como herança do legado da cultura do coronelismo, que resolvia conflitos com lutas e na disputa da força física.

Para situarmos os elementos históricos que constituíram o acervo do EMVPRMVMT, apresentamos o quadro 3, com últimos itens selecionados para o acervo.

### **3.3.4 Posse de Terras, Lideranças, Poderio, Relações Sociais Servil / Feudal, Violência e Formação Cultural do MRSF**

**Quadro 3:** Acervo relacionado a Posse de Terras, Lideranças, Poderio, Relações Sociais Servil / Feudal, Violência e Formação Cultural do MRSF

<b>ITENS DE ACERVO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>A Casa Da Ponte – Família Guedes de Brito</b>	Latifundiário de destaque no VRSF, que teve início no Morro do Chapéu - BA (localizado na região do MRSF estendendo-se até as nascentes do rio das Velhas (MG))	Ainda existem na atualidade, grandes propriedades de terras em Xique-Xique, diferenciando dos pequenos agricultores rurais
<b>A Casa da Torre – Família Garcia D'Ávila</b>	Garcia D'Ávila comprava grande número de animais vindo de Portugal pelas caravelas e	Importantes pontos criação de gado para abastecer cidades baianas.

	depois multiplicava a criação de gado, nas fazendas litorâneas e subia com eles o RSF.	
<b>Coronel Manuel Nunes Viana</b>	Dono da maior fortuna do MRSF, a partir da procuração da filha do senhor da Casa da Ponte, Isabel Guedes de Brito (que não teve herdeiros);transformou-se poderoso de gado VSF.	Ainda encontramos a cultura do coronelismo em Xique-Xique.
<b>Coronelismo</b>	Coronel, grande proprietário de terra, negociante da região;com grande influência política; tinha sob seu controle a população local e comandava exército de jagunços.	
<b>Jagunços</b>	O jagunço fora da luta, era roceiro, vaqueiro, agregado em alguma fazenda, pescador, guia, canoeiro, homem de confiança do coronel. " Faz tudo na fazenda". Mas principal estereotipo de jagunço conhecido, indivíduo perverso, viviam para servir coronel, agir como "justiceiro".	

**Fonte:** Elaborado pela autora/ pesquisadora (2018)

Verificou-se que, apesar de no território brasileiro, inclusive no Médio Rio São Francisco, já ter habitantes e donos, quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil decidiram designar pessoas para povoar território, através do sistema de sesmarias e distribuiu terras para donatários portugueses que se propunham ocupar e povoar as terras. Entre os principais expedidores estavam os chefes das famílias Garcia D'Ávila, dono da casa Torre e Antônio Guedes de Brito, dono da casa da Ponte. Primeiros latifundiários, líderes da região, que deram mais tarde origem ao coronelismo. Figuras arbitrarias que detinham total poder sobre população pobre da região e que tinham na figura dos jagunços expressão maior de seu poder e relação social servil /feudal. Alguns coronéis se destacaram no médio rio São Francisco como Militão, Bernardo - o guerreiro, Lacerdão e Franklin Lins. Todos esses fatos aconteceram também nas terras de Xique-Xique (BA), e/ou nas cidades circunvizinhas, e nos dias de hoje, ainda observam-se, algumas das influências originadas do período do coronelismo. Esses elementos culturais que estão vivos no cotidiano das comunidades, advindos dos fatos históricos relatados, ainda podem ser encontrados no dia a dia dos povoados de Xique-Xique (BA)na atualidade.

Para nossa melhor compreensão, a seguir apresentamos o desdobramento do povoamento e do desenvolvimento do território interior baiano, mais especificamente no aspecto cultural, especialmente das comunidades ribeirinhas do MRSF e de Xique-Xique (BA).

O desenvolvimento e povoamento do interior / sertão brasileiro e baiano, tiveram três principais pilares: 1 Povoamento pelos colonizadores na faixa litorâneo e no Recôncavo baiano; 2 Descoberta de minas de ouro e pedras preciosas nas terras centrais da Bahia, no período colonial; 3 Criação de vilas a partir da cultura sertanista dos vaqueiros, em alguns lugares o sujeito vaqueiro era chamado de Tropeiro, também estiveram e estão presentes em Xique-Xique (BA), na atualidade, promovendo traços e costumes culturais diversos.

No caso do desenvolvimento das comunidades no MRSF, o principal fator desencadeador foi a ocupação com a criação de gado, que possibilitou surgimento da figura do sertanista / vaqueiro e que a seguir será descrito, personagem típico do Vale do Rio São Francisco.

### **3.3.5A Cultura dos Vaqueiros e Tropeiros**

De acordo com Lins (1960), as fazendas que desenvolviam espaços com currais, tinham ao seu redor pequenas comunidades de vaqueiros, às quais se agregava a tradição indígena, a herança africana e a portuguesa. Xique-Xique fez parte desta história, por isso recebeu forte influência dos sertanejos e vaqueiros, e hoje ainda é possível identificar legados originários desta cultura.

Os caminhos por onde bois passavam, acabaram construindo as rotas dos tropeiros, os pontos de descanso, de comércio, de encontro para diversão com as vaquejadas, e isso foi levando a Bahia a criar rotas de comunicação. Povoados, aldeias e cidades floresceram, com trânsito dos tropeiros e vaqueiros pelas estradas, transportando bois. Algumas estradas destas foram asfaltadas e ainda hoje são utilizadas. Devido à importância e feitos dos tropeiros, abrir caminhos, possibilitar comunicação entre cidades e povos, incluiremos tropeiros como item de acervo do museu.

Durval (1979), afirma que com o tempo, ao redor dos currais surgiam os arraiais, os pequenos centros de população cabocla, sempre chefiados por um arrendatário das casas da Ponte (pertencentes à Família Guedes de Brito) ou da casa da Torre (pertencentes a família de Garcia D'Ávila). O Arraial, em geral, era um amontoado de casinhas pequenas, ladeadas e centralizadas por um largo no qual se dava o principal das relações cotidianas, e para o qual estava geralmente voltada à frente da igreja, à frente da casa do arrendatário, algum possível pequeno comércio, venda ou fábrica de couro, ou de outra coisa.

Quase todas as vilas do sertão eram dotadas de duas escolas primárias, um prédio da câmara - que acolhia cadeia e quartel -, uma igreja católica matriz, uma praça e uma feira local que ocorria em um dia da semana. Era normal que nas vilas houvesse algumas (3 a 6), casas comerciais ou lojas, além de quitandas, entre 100 a 400 casas, com até 1000 habitantes. As localidades, geralmente, estavam voltadas à sua subsistência com roças e criações. (DURVAL, 1979).

A paisagem ainda é muito comum de se encontrar nos povoados de Xique-Xique, na atualidade, modelo de cidade rural. Como esse cenário vivo ainda é possível se ver, na atualidade, no Vale do Rio São Francisco e também em alguns povoados de Xique-Xique (BA), é importante por que retrata a cultura de vida, locais de moradia e do cotidiano do povo sertanejo, em especial dos tropeiros, motivo pelo qual estará como item de acervo do museu.

As rotas dos vaqueiros da Casa da Torre partiam do litoral norte da Bahia até Juazeiro (cidade importante do VRSF e que mantinha importantes relações comerciais e administrativas com Xique-Xique, tema deste estudo). A Casa da Torre deu existência à cultura do couro e à criação de gado não somente na Bahia, mas em praticamente todo o Nordeste. (FREIRE, 1998)

Já as rotas dos vaqueiros da Casa da Ponte começavam geralmente em Cachoeira, às margens do Paraguaçu, e seguiam para Morro do Chapéu, de lá para Jacobina e Irecê, na busca pelo Rio São Francisco. Esta última cidade pertence à região circunvizinha de Xique-Xique (BA) e também viveu a cultura dos vaqueiros.

Com hábito do deslocamento as comunidades vizinhas costumaram criar laços entre si, frequentar territórios do entorno, como por exemplo, visitar feiras populares, que a cada semana se davam em um lugarejo, disseminando e preservando as tradições locais, principalmente associadas aos vaqueiros e tropeiros. Como troca de produtos, saberes e comportamento humano. Nas feiras semanais em Xique-Xique (BA), ainda é possível viver esta experiência, e assim selecionamos esse item como elemento de acervo do museu.

Outro elemento vindo como legado dos vaqueiros foi o aproveitamento do couro retirado do gado para produzir vestimentas e também produzia a carne-seca (ou charque, como era conhecida no Sul), muito consumida durante o período colonial, em virtude da forma e do tempo de conservação da carne. A produção de gado cresceu para atender ao mercado interno da colônia, que ganhou impulso após a mineração. O couro também está presente em várias outras atividades do ribeirinho: como roupa e instrumento de trabalho para o vaqueiro; é toldo e cordoalhas das embarcações para o remeiro; é rebenque, bainha da faca, alpercada arreada e embornal, para o jagunço.

Apesa do acervo tecnológico contemporâneo disponível, a sociedade agropastoril do Vale São Francisco ainda tem no boi a sua principal matéria-prima o centro de suas

preocupações, no rebanho e na valorização de produtos da agricultura. É dos produtos do boi, direto ou indiretamente, que a maioria da população ainda vive. O vaqueiro veste-se com o couro do boi, seu chapéu, suas luvas, seu rebenque, tudo é feito de couro. A cama de vento, leito primitivo, constando de dois travessões equilibrados em cima de um cavalete, é formada couro ou de chifre de boi, e a borracha de conduzir água para os trabalhos no mato é de couro também. O surrão, que leva a produção das roças para o mercado das cidades, é igualmente de couro, como de couro é a “bruaca”, que serve para carregar tudo, inclusive roupa. Os mais pobres, que não podem ter cama, dormem sobre couros estendidos no chão, e que duram mais que as esteiras de carnaúba, hoje raras em vista do valor da cera desta palmeira.

Durval (1979) relata, quando a pecuária no vale ficou mais próspera, e o couro de boi valendo muito dinheiro, o homem beradeiro deixou de usar cama de vento forrada de couro, passando a forrá-la de pano, trouxe as portas de couro por varas e passando a forrá-la de pano. Também trocou as portas de couro por varas e passou a cobrir os ranchos com palhas de carnaúba. Data desse tempo o grande uso de esteiras, mais macias que o couro seco e áspero. A idade do couro estava cedendo lugar a idade de palha. Mas a palha de carnaúba começou a ter valor pela cera nela contida e o beradeiro (moradores da beira do rio) recorreu a outras palmeiras mais raras e de palha menos fortes para cobrir e confeccionar esteiras e chapéu.

Segundo os moradores locais, para ir ao campo pegar gado, vaqueiros usam ainda, materiais de couro como tamborete, chapéu, gibão, perneira, bota, grande peito, e para fazer cama de improvisado, tapete couro.

Observa-se que o couro do boi e seus derivados têm uma relevância para as comunidades do Médio Rio São Francisco, ainda nos dias de hoje e também nos povoados de Xique-Xique (BA), pois continuam sendo valorizados e utilizados no dia a dia, por isso colocaremos como item de acervo de museu EMVPRMVMVT.

A utilização da palha, apesar de ser um legado dos indígenas, só muitos anos depois da instalação dos currais foram os artefatos de palha usados em grande escala. Com o aproveitamento da palha, o couro ficou sendo empregado quase que exclusivamente pelo vaqueiro, na confecção de suas roupas de campo, selas, arreios, relhos, cordas-de-sédem, borracha etc. Nos dias atuais, segundo a população, a palha é utilizada para fabricação de vassouras, chapéu, esteiras.

Até as famosas “caretas” que os vaqueiros colocam nos bois fujões e touros bravos, deixavam de ser de couro, entrando a ser de palha: um trançado de palhas finas (semelhante aos abandonadores usados nas cozinhas), destinado a vedar os olhos da rês teimosa.

Durval (1979), o uso dos artefatos de palha teve de ser quase que abolido, em face do bom preço da cera da carnaúba e mais tarde do ouricuri. Com isso, o couro, mesmo tendo boa cotação no mercado, voltou a desfrutar as preferências do homem do vale, na confecção de utensílios pessoais. Mas produtos em palha na região do MRSF tiveram seu momento de apogeu e ainda são utilizados na atualidade, o que justifica a importância de incluir este assunto no acervo do museu.

Além do aspecto econômico e territorial, a pecuária serviu principalmente como base de formação de uma cultura sertaneja, que tem suas peculiaridades em cada uma das regiões em que se desenvolveu. Elementos da cultura sertaneja, ainda permeiam e preenchem os espaços do sertão baiano e cotidiano de suas comunidades, nos dias atuais do Médio São Francisco e Xique-Xique (BA), logo, será item do acervo do EMVPRMVMVT.

Após conhecer os principais elementos da cultura oriunda da criação de gado, vamos apresentar outro elemento cultural de relevância para região MRSF e do Xique-Xique, o Santuário Bom Jesus da Lapa.

### **3.3.6 Santuário do Bom Jesus da Lapa**

Outro importante elemento cultural que surgiu com povoamento do Vale do Rio São Francisco foi a presença do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Sua capela milagrosa e a devoção ao Bom Jesus (como é carinhosamente chamado pelos moradores da região) são símbolos de fé e da cultura sertaneja do MRSF, de modo que este local se tornou o mais importante centro de peregrinação do Vale do Médio São Francisco, inclusive da população de Xique-Xique (BA), que ainda tem hábito de fazer peregrinações a este local.

O primeiro europeu que penetrou, realmente, até o fundo do vale foi Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, entre 1543 e 1550. Ele foi considerado pelos historiadores como o responsável pela descoberta do famoso santuário de Bom Jesus da Lapa, pois foi o primeiro homem branco, europeu que avistou o morro onde fica o referido santuário. Tornou-se assim um local de referência de fé e devoção para a região, até a atualidade, e também para povo de Xique-Xique (BA).

Lins (1960) relata, que em 1691 o monge Francisco de Mendonça Mar – um jovem português, messiânico, artesão de metais – decidiu sair da capital da Bahia vestido com um burel e carregando uma imagem de Jesus, penetrar pelo sertão até encontrar um lugar onde iria construir uma capela para louvar a Deus. Vagou vários meses, sempre caminhando para o oeste, até que encontrou a lapa, gruta cavada no rochedo à beira do grande rio. O padre era artista –

fora contratado para pintar o palácio do governador geral do Brasil – e procurou criar na gruta um ponto que atraísse a atenção dos índios, que pretendia cristianizar. Mas o espírito místico dos sertanejos foi transformado, com o passar dos anos, aquela pequena gruta num local de milagres e de romaria, e o Santuário do Bom Jesus da Lapa se tornou o mais importante centro de peregrinação do VRSF.

Este Santuário ainda hoje é o mais importante espaço dedicado a fé, do Médio Rio São Francisco e para a população de Xique-Xique (BA). Segundo os moradores, existem evangélicos na região, mas predominam católicos, e a devoção ao Bom Jesus. Na Ilha do Miradouro moradores têm fé em Nossa Sra. Santana e ainda tem a devoção a São Francisco e festa da Trindade, da comunidade de Mato Grosso.

Carvalho e Kotscho (1989) assim descrevem o Santuário Bom Jesus: “De longe se avistava, no alto rochedo na margem do rio, com sua forma de esfinge sem cabeça – o leão deitado”.

Já Burton, durante sua expedição ao vale, descreveu o Santuário assim:

E agora podíamos distinguir os traços peculiares do rochedo que o levava a tornar-se um santuário. É um simples esqueleto de montanha, assentada de rumo nordeste para sudoeste, isolado em um terreno plano. É impressionante pelas linhas perpendiculares que sobem para o céu, com ressaltos que se assemelham a pináculos como os arcos de uma construção gótica, são cortados em ângulos agudos, formando pontas, pelo efeito do tempo.

Esse estranho rochedo, fincado na planície arenosa, vinha atraindo multidões de romeiros desde 1704, quando foi construída a capela numa caverna existente na face do rochedo fronteira ao rio.

Como os muçulmanos que precisavam pelo menos uma vez na vida, visitar Meca, os sertanejos – homens e mulheres – sentem-se obrigados a irem rezar na Gruta da Lapa do Bom Jesus. Por isso as romarias são constantes e vêm dos mais longínquos sertões.

A população de Xique-Xique (BA) e vários moradores da região também têm o hábito de frequentar este Santuário, e fazem várias romarias ao local, principalmente no mês de agosto, período da festa e louvor ao Bom Jesus, indo ao santuário, muitas vezes, em procissão coletiva de barco ou pela estrada, ou mesmo individualmente, para as comemorações da festa do Santo. Pela sua importância regional, reconfirmamos este elemento como item de acervo do museu, como foi citado no quadro 2.

O próximo elemento cultural a ser descrito, é a cultura do milenarismo e dos penitentes. Vejamos.

### 3.3.7 Milenarismo e Penitentes no Médio Rio São Francisco

Durante as romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, circulam pessoas diversas pelos locais, como pobres e miseráveis, doentes, mendigos, e também os milenaristas que inventavam suas pequenas seitas e vinham – com seus seguidores – rezar e pregar à sombra do rochedo.

Carvalho e Kotscho (1989) explanam sobre essa prática:

O milenarismo está de fato, entranhado na alma dos sertanejos. Vivendo isolados, numa região árida, onde muitas vezes a chuva e água são tão difíceis que parecem milagres, as crenças panteístas dos índios, os espíritos africanos e as superstições dos aldeões portugueses mesclaram-se numa religiosidade profunda, dura e estranha. Há uma espécie de culto sombrio à morte, ao sofrimento físico. As mulheres cantam cânticos de lamentos, relatos de tristeza e sofrimento.

O milenarismo está presente na cultura do Vale, especialmente em Bom Jesus da Lapa, como reflexo da história, alma e crenças do sujeito que ali habita. A força e dureza das preces vem da essência dos povos e de suas experiências de vida, do sofrimento aos testemunhos de milagres e transformações. É fruto também da mística das crenças dos seus antepassados (índios, brancos europeus e negros).

Na atualidade a população local, conta que a a prática do Milenarismo (penitentes), estão presentes nas ações dos penitentes, que fazem autoflagelação, durante a Sexta-Feira Santa, pagando promessas, por 7 anos seguidos, pelos milagres alcançados.

Como a prática dos penitentes, durante a Semana Santa, ainda está viva no Médio Rio São Francisco, na atualidade, selecionamos como item de acervo do EMVPRMVMVT.

Além de apresentar informações sobre a cultura advinda dos vaqueiros e tropeiros, das tradições que surgiram com uso do couro e da palha, a devoção ao Bom Jesus da Lapa, e as práticas do milenarismo / penitentes, iremos apresentar outros elementos culturais encontrados no Médio Rio São Francisco e em Xique-Xique (BA). Eles existem como práticas da cultura popular local, ligadas à herança dos povos que formaram a identidade cultural do sertanejo. Elementos representados pela figura dos remeiros, e também pelos personagens lendários como o negro d'água ou caboclo d'água, mãe d'água e cavalo d'água, que pertencem ao imaginário das comunidades ribeirinhas locais. Ainda tem o símbolo da carranca, usada nas embarcações ou como artesanato local; a tradição da cultura alimentar advinda da criação de gado e das plantações em solos secos da caatinga e também da cachaça fruto dos solos encharcados. Os saberes diversos que vêm também do uso da navegação e pesca no Rio São Francisco; as

enchentes e as oscilações na vida das pessoas que nasceram e vivem no Médio Rio São Francisco. Verifica-se que todos esses elementos caracterizam a cultura local.

Observou-se que a partir da formação populacional e do Povoamento do Médio Rio São Francisco surgiram várias e diversas manifestações culturais que influenciaram a história das comunidades do Vale do Rio São Francisco. Seja em decorrência aos aspectos geográficos da região, como fenômenos das secas e enchentes, seja em decorrência da cultura sertaneja, que nasceu com vaqueiros e tropeiros, e/ou no quesito religiosidade e crenças, perceberam-se influências diversas do catolicismo através da fé e devoção ao Bom Jesus da Lapa e aspectos indígenas, com a Mãe D'Água e Caboclo D'Água. Seja ainda nos costumes do uso das Carrancas nas embarcações ou como adorno decorativo, no artesanato. Ou ainda nos hábitos de comer alimentos da cultura sertaneja (boi, bode...), e tomar a cachaça dos terrenos aluviais. Sobre a relação da população com o Velho Chico, navegando para outros povoados, em atividades comerciais, sociais e outras, na prática da pesca, como forma de subsistência e preservação dos costumes. Outros fatos estão na memória da população como a navegação a vapor e seus feitos e também sobre a atuação e importância os remeiros, na cultura do MRSF.

Todos esses elementos culturais ainda na contemporaneidade fazem sentido, porque estão vivos no cotidiano e tem relevância na vida das pessoas que vivem, atualmente nos povoados de Xique-Xique (BA), continuando a realizar e a preservar essas tradições.

Após apresentar elementos culturais de destaque, construímos um quadro (4) com estes itens para selecionarmos como acervo do museu EMVPRMVMT.

### 3.3.8 Heranças Culturais

**Quadro 4:** Acervo das Heranças Culturais do MRSF

ITENS DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>Caminhos dos Tropeiros</b>	Os caminhos por onde bois passavam conduzidos por vaqueiros, construíram rotas dos tropeiros, com pontos de descanso, comércio, local para diversão, como vaquejadas.	
<b>Feiras Livres Populares</b>	Com hábito do deslocamento as comunidades vizinhas costumaram frequentar feiras dos territórios do entorno. Como por exemplo, agricultores de Xique-Xique – XX vão para feira no centro de XX, mas também em outras cidades.	

<b>Surgimento dos Arraiais</b>	Ao redor dos currais, surgiam os arraiais, pequenos centros de população, chefiados por um arrendatário. Trabalho com cultura de roças e criações de animais.	
<b>Cultura do Couro - Produtos à base de couro</b>	Aproveitamento do couro retirado do gado para produzir vestimentas e para produção de carne-seca; O couro também está presente nos instrumentos de trabalho para o vaqueiro.	
<b>Cultura da Palha</b>	A utilização da palha foi um legado dos indígenas, mas demorou para ser aproveitada como artefatos; A palha de carnaúba começou a ter valor pela cera nela contida e recorreram a outras palmeiras mais raras e de palha menos forte para cobrir e confeccionar esteiras e chapéu.	
<b>Milenarismo / Penitentes</b>	O milenarismo entranhado na alma dos sertanejos. Vivem isolados, numa região árida, onde muitas vezes a chuva e água são tão difíceis. Religiosidade profunda, dura e estranha. Há uma espécie de culto sombrio à morte e ao sofrimento físico (autoflagelação).	
<b>Remeiros, canoeiros, marinheiros.</b> “Operador” do São Francisco	Convive com populações ribeirinhas de vários estados e conhece culturas diferentes as margens do RSF e unifica todas elas; São autossuficientes, constroem suas próprias moradias, suas canoas, suas roupas, produz os seus remédios, a partir das plantas do sertão.	
<b>Negro d’água ou caboclo d’água</b>	Lenda atribuída a um homem pequeno, com cabeça grande e pelada, os pés achatados, de cor escura; Vivi nos rochedos no meio do rio e caminha solitário pelas praias e ilhas desertas; Tem um gênio agressivo e interesseiro pode vingar-se de quem o ofende levantando ventanias ou redemoinhos no rio, fazendo com que as embarcações virem; E aceita presentes, como fumo, cachaça ou comidas, protegendo quem o adula.	
<b>Mãe d’água</b>	Uma lenda atribuída a uma espécie de sereia, influência europeia, reforçada pela Uiara dos Tupis. Uma bela mulher de longos cabelos louros. Seus olhos exercem uma fascinação irresistível e sua voz doce é melodiosa enfeitiça os barqueiros nas noites de lua.	
<b>Outras superstições locais.</b>	Além do caboclo d’água e da mãe d’água, há um mundo de animais místico, povoando as sombras do rio São Francisco, como o cavalo d’água, que tem o tamanho de um potro, pelos	

	vermelhos e casco redondo, pastando sempre na beirada do rio.	
<b>Carrancas</b>	As carrancas do São Francisco começaram a ser utilizadas a partir de 1901, as barcas passaram colocar carrancas em suas proas. Além do aspecto decorativo e pitoresco, costumava-se afirmar-se que as carrancas, em geral carantonhas feias, um misto de feições humanas e de animais tinham o poder de espantar os espíritos maus do rio, como o caboclo d'água. Atualmente usadas para decoração.	
<b>Cultura alimentar</b>	Alimentação baseada na farinha de mandioca, arroz, feijão, peixe, abobora, carne de sol e charque, melancia e manga. Além da carne bovina salgada e seca ao sol. Outros produtos típicos do MRSF: a pêta, o biscoito avoador, o pé de galinha, o biscoito arrieiro, surubi com abobora, quibebe de abobora, paçoca de carne seca.	
<b>Cachaça</b>	- Januária se destaca por produzir cachaça no sertão, desde anos 1800, pelo excelente produto. A pinga de Januária é quase toda produzida por métodos artesanais há anos. É envelhecida nos tonéis de umburana. É comum também a produção de cachaça em várias outras margens alegadas.	
<b>A cultura da pesca</b>	A pesca profissional, praticada de forma artesanal, atividade clássica RSF. Muitas famílias ribeirinhas se dedicam a essa ocupação, mas com mudanças irreversíveis no ambiente natural do rio, impactos ambientais afetaram os pescadores.	
<b>Enchentes</b>	- Enchente tem desenvolvido cultura própria da população que vive esta realidade, da mesma forma que o assoreamento reduz a lâmina d'água e impede a navegação, faz com que as enchentes se espalhem por áreas cada vez maiores. No período colonial, as enchentes eram vistas pela população como uma verdadeira bênção.	

**Fonte:** Elaborado pela autora/ pesquisadora (2018)

No processo de povoamento do MRSF, os povos indígenas tiveram um papel relevante, inclusive deixando como herança cultural muitos dos aspectos citados anteriormente. Assim a seguir conheceremos as características específicas dos povos indígenas que habitaram a região do Médio Rio São Francisco, município de Xique-Xique (BA) e entorno.

### 3.4 FORMAÇÃO POPULACIONAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS.

#### 3.4.1 Formação por povos indígenas no Médio Rio São Francisco.

A palavra índio é fruto do engano dos primeiros colonizadores. Ao chegarem às Américas, eles pensaram estar na Índia e então chamaram de índios os habitantes do continente. No Brasil essa palavra é usada como sinônimo de indígena. E indígena quer dizer “aquele que é nativo e descende dos povos originários de uma localidade”.

Opará é o nome indígena para o Rio São Francisco, que significa rio-mar. Um significado e relação própria dos povos indígenas com este importante rio.

No período do “descobrimento do Brasil” o território baiano era ocupado por povos Tupis: Tupinambás, mais ao norte; Tupiniquins ao sul do Rio de Contas, mais localizados no litoral; e por povos de língua Jê, os Tapuias. Os Tapuias habitavam o sertão, a maior parte do interior semiárido, o cerrado e alguns pontos mais próximos do litoral, entre Ilhéus e Espírito Santo. Estes Tapuias mais próximos eram os Aimorés. De fato, na época dos descobrimentos os Tapuias estavam sendo expulsos do litoral e cedendo espaço aos agressivos Tupinambás e Tupiniquins. Mas eram fortes inimigos, tidos como guerreiros especiais, principalmente em seu território, sempre por eles muito bem conhecidos. Estes povos viviam somente da caça e coleta, não conheciam a agricultura e moravam em choupanas toscas. Eram frequentemente capturados e devorados em rituais pelos Tupis, em guerras. (MATTA, 2013).

Percebe-se neste texto, que o sertão foi habitado, em sua maior parte, pelo grupo de indígenas denominados Tapuias, guerreiros que viviam da caça e coleta, elementos culturais que foram herdados pelos novos povos que formaram aquele território. Mas a população do Médio Rio São Francisco sofreu influência do tapuia e também do tupi.

Matta (2013) informa que, Tapuia é um termo que foi utilizado, ao longo dos séculos, no Brasil, para designar os indígenas que não falavam a língua tupi. Falavam línguas do tronco Macro-jê, os Kariris e os Tarariús. E Tapuia significa “homem escravo” em língua Tupi. Em suas guerras aos Tupis também realizavam capturas e antropofagia, mas não a escravidão. Embora habitassem extensas regiões, com exceção da toponímia, pouco deixaram como herança direta nos elementos da cultura baiana, exceto talvez, o hábito de dormir em redes, que, aliás, era também tupi. Sua forma de viver nômade os transformava em arredios, e fortes resistências aos povos sedentários, como os tupis, mas também contra o colonizador. O Tapuia foi a verdadeira resistência ao colonizador europeu.

Matta (2013) relata, já os Tupis desenvolveram a agricultura e em consequência hábitos sedentários e uma vida mais elaborada, rica de tradições, artesanatos, cultura e arte. O sedentarismo possibilita a existência de mais tempo livre, próprio para o desenvolvimento de técnicas e elaborações que o nomadismo não pode realizar. Tinham também vocação para guerra. Sua agricultura produzia mandioca, milho, amendoim, dentre outros produtos e era voltada para a subsistência. Eram também bons construtores. As primeiras cidades e vilas baianas devem muito as suas técnicas e formas de habitar, para que tomassem suas primeiras feições. Também caçavam, coletavam mariscos, produziam cerâmica, instrumentos de couro e palha. Sedentários, estabeleceram logo laços com os europeus. Muitos dos hábitos Tupis são reconhecidos no cotidiano atual dos povoados ribeirinhos de Xique-Xique (BA), pela importância, incluiremos como elemento de acervo do nosso museu virtual.

Os grupos indígenas remanescentes destes povos sobreviventes, da região Médio Rio São Francisco são: os pancararus, aticuns-umãs, cambiuás, trucás, quiriris, tuxás e pancararés. Ainda é possível encontrar alguns povos indígenas na região do Médio Rio São Francisco, apesar de todas as ações para exterminar, escravizar e/ou alterar identidade desse grupo étnico, ao longo da história brasileira e baiana. Os povos indígenas citados colaboraram com a formação e povoamento da região do Médio Rio São Francisco e alguns deles ainda resistem e podem ser encontrados na região, na atualidade, assim estaremos acolhendo como item de acervo do museu, nome dos primeiros povos indígenas que habitaram a região do MRSF. (Fonte: [https://www.indiosonline.net/as\\_tribos\\_do\\_sao\\_francisco/](https://www.indiosonline.net/as_tribos_do_sao_francisco/)).

Entre os povos indígenas mais próximos do território de Xique-Xique (BA), que ainda resistem, tem o povo Pankararu do povoado Brejo dos Padres (Paulo Afonso-BA) e Povo Tuxá, no território de Irecê (BA). (Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tuxa>).

A seguir, serão apresentados, através de suas histórias.

Já em meados do século XIX se pode identificar a consolidação de dois novos núcleos constituídos por população indígena egressa de Curral dos Bois: um em *Brejo dos Padres* (região de Paulo Afonso), no lado pernambucano do rio, onde vivem os atuais Pankararu; e outro no *Brejo do Burgo*, do lado baiano, onde habitam os Pankararé. Ainda ao final daquele século, o primeiro desses núcleos originaria mais dois, em localidades próximas: o dos atuais Jiripankó, no extremo ocidental do Estado de Alagoas, e o dos Kantaruré, na localidade da Batida, próxima à margem baiana. (BRASILEIRO, 2003).

Brasileiro (2003), ainda relata que, em 1920, Padre Alfredo Dâmaso, teve contato com povo “Pankararu”, passou a apoiá-los nas reivindicações fundiárias, grupo que costumava frequentar a feira semanal da cidade Paulo Afonso (BA), cidade que tem uma relação histórica com Xique-Xique (BA).

Para os Pankararu, a cidade de Rodelas, (localizada em Ibotirama, divisa com Xique-Xique) e “os rodelas”, atuais Tuxá, eram uma referência permanente de suas viagens, antes da construção das usinas hidroelétricas que impediram o canal desse fluxo no movimento das pessoas da região.

Os Pankararu mantinham contatos também com outros grupos, de outros pontos do Rio São Francisco, como os Fulni-ô e, menos freqüentemente, os Kambiwá. A relação dos Pankararé e os Jeripancó foi ainda mais estreita. No caso dos primeiros, em função da memória de uma origem comum, no caso dos segundos, porque estes seriam uma parte desgarrada do Brejo dos Padres (território de Paulo Afonso), fruto destas viagens de fuga, justamente no momento de maior expropriação das terras do antigo aldeamento de Brejo dos Padres. As batalhas por terra permaneceram entre os indígenas e novos colonizadores do território. (**Fonte:** <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankararu> )

Os Pankararu vivem próximo à cidade de Paulo Afonso (BA), com uma população de mais de 1600 pessoas, segundo a Funasa (2010). Consideram-se parentes, Pankararu, Kantaruré e Jiripancó, entre outros. Sobre os Pankararu:

São descendentes da população indígena que originalmente habitava o trecho do rio São Francisco entre a cachoeira de Paulo Afonso, a embocadura do rio Pajeú e as caatingas, brejos e serras adjacentes. (BRASILEIRO, 2003).

O povo Pankararu sobreviveu bravamente a vários momentos de luta pela vida, pela sobrevivência e pelas terras que habitavam. Neste processo deixou um importante legado cultural as demais gerações, e que hoje ainda resistem e desenvolvem suas tradições, por isso será agregado aos itens de acervo do museu EMVPRMVMT.

Depois de passarem por vários momentos de contato com a sociedade colonial/nacional a partir do século XVII, o povo Tuxá, se transformou e resultou em uma síntese histórica dos diversos povos que foram aldeados no povoado da Missão de São João Batista de Rodelas. Vivenciaram de perto muitos momentos de aflição com relação a manutenção das terras, atividades agrícolas, socioeconômica para evitar a migração maciça, a escolarização da população e a aliança com o poder público entre outros.

Outro fato que mexeu com a história de vida da comunidade de Rodelas, povo Tuxá, foi que a inundação da aldeia pelas águas do rio, transformado em Lago do Sobradinho, resultante da constru o da Barragem de Itaparica um projeto desenvolvido pela Companhia Hidrelétrica e Energética do São Francisco (CHESF). O destino de muitas famílias passava a ser controlado pelo poder dos órgãos estatais. Sendo assim, os Tuxá que optaram em morar da cidade de Ibotirama acreditavam que as terras fora da área de inunda o eram de baixa qualidade, e mesmo com as pressões políticas das lideranças oligárquicas locais da cidade que temiam um esvaziamento eleitoral significativo o grupo não mudou de idéia. O grupo decidiu morar no oeste da Bahia, têm as margens do Rio São Francisco, e assim surge a aldeia de Ibotirama (município que faz divisa com Xique-Xique).

Atualmente o povo Tuxá tem se organizado e lutado pelos seus direitos e melhorias sociais, além do fortalecimento das identidades, costumes e tradi es. Os Tuxá vivem na cidade de Rodelas, constituindo-se a sua “baia” num prolongamento da área central da cidade a noroeste, acompanhando o curso do Rio São Francisco. A aldeia compõe-se de um arruamento de casas, habitadas unicamente por famílias indígenas e de uma área arenosa vizinha, com aproximadamente 1km. Além do terreno na cidade, os Tuxá ocupam a Ilha da Viúva no Rio São Francisco, que constitui o seu exíguo território agrícola.

Agrupados em famílias nucleares, os Tuxá mant m laços interfamiliares muito estreitos, que não são rompidos, seja com a ocorrência de casamentos inter-étnicos com os novos padrões referidos. Além do cacique, (que no caso dos Tuxá tem um papel menos central que nos demais povos indígenas na Bahia), há ainda o pajé, o capitão e o conselheiro. O pajé é o primeiro, det m muito prestígio, dirige as práticas rituais e pode ser identificado como o guardião das tradi es. O capitão atua como um organizador das atividades associativas da ‘aldeia’, enquanto que o conselheiro estabelece fundamentalmente os vínculos do povo Tuxá com a sociedade nacional, representando-o junto a esta.

As boas rela es mantidas entre índios e não-índios em Rodelas, (da aldeia de Ibotirama, cidade divisa com Xique-Xique) têm implicado numa crescente participa o daqueles na política local, no âmbito da qual atuam de modo coeso, marcando posi o de relativo destaque e contando com um vereador, seu representante na Câmara Municipal.

Possivelmente o Tuxá faz parte de uma das últimas diversas etnias reunidas a partir do século XVII, quando foram realizadas as missões dos jesuítas. Essas missões aconteciam no curso do baixo-médio São Francisco. A memória dos Tuxá é marcada por acontecimentos ocorridos devido à ocupa o holandesa, com destaque ao primeiro cacique Francisco Rodelas, que lutou ao lado de Felipe Camarão, indígena da tribo potiguar. Com o passar do tempo, os

moradores indígenas daquela região passaram a serem chamados de Rodela. (**Fonte** <http://indios-tuxa-rodela.blogspot.com/p/cultura.html>)

A tribo Tuxa, comunidade de Rodelas, preserva a memória de um guerreiro. E durante os rituais sagrados do povo Tuxá, usam símbolos em comum com as comunidade ribeirinhas do Medio Rio São Francisco. Em Xique-Xique (BA), que fica no MRSF, também encontramos manifestações dos rituais sagrados, o que demonstra influências dos antepassados neste território.

A atuação do povo Tuxá foi e é significativa para o território do Médio Rio São Francisco e também para Xique-Xique (BA), razão pela qual estaremos colocando como item de acervo do EMVPRMVMT.

Verifica-se que os povos indígenas fizeram história no vale do Rio São Francisco e na atualidade ainda existem grupos da resistência na região como os Pankararu (Brejo dos Padres, região município de Paulo Afonso) e Tuxás (da cidade de Rodelas, pertencente à aldeia de Ibotirama, cidade divisa com Xique-Xique). Povos que resistem com as suas tradições e manifestações culturais de séculos.

Pela sua importância selecionamos os povos indígenas e o seu legado cultural como item de acervo do EMVPRMVMT e incluiremos no quadro (4) de itens de acervo, aqui apresentado.

A seguir serão apresentados outros povos que colaboraram na formação dos povos do Médio Rio São Francisco, isto é, os de origem quilombola, que também povoaram e deixaram legado na referida região.

### **3.4.2 Formação por Povos Negros Quilombolas no Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA).**

Para historiadores como Kátia Mattoso (1978), um quilombo é:

[...] um esconderijo de escravizados, fugidos, e tal prática seria uma das formas comuns de luta contra a escravidão. Tais espaços, certamente, clandestinos constituem formas grupais de resistência e de afirmação de uma comunidade e seus hábitos culturais, unida não só pela cor, mas também pela condição de sofrimento. Os quilombos não eram premeditados, nasciam espontaneamente, podendo reunir negros e crioulos, escravos ou homens livres.

No povoamento dos territórios do interior brasileiro, como no Médio Rio São Francisco, e no município de Xique-Xique (BA), a presença e influência dos povos negros foi menor e proporcionalmente menos significativa na cultura local. No vale, os negros que

chegavam normalmente não eram escravizados e sim fugitivos do litoral brasileiro. Como por exemplo, o povoado de Xique-Xique (BA), de nome Saquinho, que teve formação negra. Moradores comentam que na atualidade, na beira do rio tem povo de origem negra e nos brejos tem povo de origem branca. Em Xique-Xique, sede, tem 12 terreiros de candomblé e os principais quilombos deste território são 1 Vicente 2 Utinga. Os poucos povos negros, que foram trazidos para a região do MRSF, eram para ocupar serviços domésticos da casa grande.

O camponês serviçal, das caatingas distintas e dos brejos remotos, foi quase sempre branco, cabelos avermelhados, nariz e lábios de construção maciça. Quando não era assim, é acabocado (mistura entre branco e indígena) figura com olhos oblíquos, lábios grossos, cabelos lisos, exibindo em tudo a predominância do elemento indígena.

Quando surgiu a ameaça dos quilombolas, foram negros africanos rebeldes, que fugiram do cativeiro no litoral e tentavam organizar este reduto, nas brenhas da mata brasileira, a seu jeito, para escapar dos colonizadores brancos europeus. Mas, mesmo na luta contra o “perigoso negro”, os pioneiros e criadores do vale, os bandeirantes encontravam uma fonte de renda a mais, como é sabido, os sertanistas podiam vender os negros que aprisionassem nos quilombos. (Fonte: [https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura\\_blog/comunidade-quilombolas-pela-bacia-do-rio-sao-francisco/](https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/comunidade-quilombolas-pela-bacia-do-rio-sao-francisco/))

Percebe-se que existiram alguns poucos quilombos remanescentes, e seus povos negros também influenciaram na formação étnica da população da referida região.

Segundo Matta (2013), provavelmente povos Bantos foram os escravizados que povoaram e colaboraram com a formação da população do sertão Médio Rio São Francisco. Pois a maior parte dos sujeitos escravizados, negros africanos, que vieram para o Brasil era de etnias bantas (congo, benguela, ovambo, cabinda, angola, macua, angico etc.). Os povos Bantos, chegaram principalmente no Nordeste brasileiro, em maior volume na Bahia. Apesar do intenso processo de aculturação a que foram submetidos quando chegaram ao Brasil, muito de sua cultura original preservou-se. Muito do vocabulário atual do português que é falado no Brasil, por exemplo, tem origem banta. Mais especificamente se origina do idioma quimbundo, uma das línguas nacionais de Angola. Povos que formam um grupo étnico africano que habitaram a região da África ao sul, do Deserto do Saara. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos era formada por agricultores, que viviam também da pesca e da caça. Estes subgrupos possuem em comum a família linguística banta.

Um dos importantes legados dos povos Bantos é a atual arte marcial da capoeira. Arte que foi criada no Brasil pelos escravos Bantos procedentes do sul de Angola, que praticavam,

em sua terra de origem, uma luta que tinha por objetivo encostar o pé na cabeça do oponente, num movimento semelhante ao coice de uma zebra. Tal luta, chamada *n'golo* ("zebra" em quimbundo), era praticada ao som de tambores e possuía muitos movimentos semelhantes à capoeira atual. O berimbau, o principal instrumento utilizado na capoeira, também é originário dos povos bantos do sul da África. A festa típica da congada é uma referência direta às antigas cerimônias envolvendo os reis do Congo, as quais foram trazidas para o Brasil pelos escravos dessa região. (Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/influencia-de-angola-e-vista-em-varios-tracos-culturais-do-brasileiro>)

Os bantos conheceram a metalurgia desde muito tempo, fato que deu grande vantagem a este povo na conquista de povos vizinhos. Eles chegaram a constituir o Reino do Congo, que envolvia grande parte do noroeste do continente africano. Eram povos agricultores (exemplos de plantas de origem africana e que talvez tenham sido cultivadas pelos primeiros povos Bantos são: a melancia, o jiló, o feijão-fradinho, o dendezeiro e o maxixe). Eram também caçadores, pescadores, coletores e criadores (por exemplo, de galinha d'angola). Praticavam religiões tribais, com grande ênfase dada ao culto a seus antepassados.

Percebe-se que muitas das tradições, como capoeira, tambores e berimbau; tipo de agricultura, alimentos e diversos costumes como pesca, caça e criação de animais, trazidas pelos povos banto, negros africanos que circularam, povoaram o Médio Rio São Francisco, são visíveis nas comunidades de Xique-Xique (BA), ainda hoje. Então selecionaremos como item de acervo do EMVPRMVMVT.

Referente aos quilombos remanescentes de negros africanos, formados no território do Médio Rio São Francisco, na atualidades e destacam as seguintes comunidades, de Xique-Xique (BA) ou próximas a cidade: 1. **Barreiros** (Itaguaçu da Bahia-BA); 2. **Vicentes** (Xique-Xique-BA) 3. **Rio das Rãs** (uma comunidade rural que fica em Rio de Contas (BA), a 70 Km de Bom Jesus da Lapa, entre o Rio São Francisco e o Rio das Rãs); e 4. **Ilha da Champrona**. São, portanto, espaços que resistem na contemporaneidade. A seguir serão apresentadas as principais características destas comunidades, conforme conteúdos pesquisados em sites específicos sobre esse tema. Começaremos a apresentação pela comunidade de Barreiros.

Sobre presença quilombola em Xique-Xique (BA), Cassimiro Macedo (1993) relata:

João Pereira Gomes, nasceu no ano de 1868, na localidade Vereda da Serra de Campo Belo, próximo ao povoado de Conceição do Mato Verde e de Mirorós, na época pertencente ao Município de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique, província da Bahia... 'João Pretinho', como os familiares e os

conhecidos o chamavam – nasceu filho de escravos fugidos e reunidos em quilombos nas serras das Laranjeiras e Azul, escarpas ocidentais da Chapada Diamantina, alto sertão da Bahia. Os pais e demais familiares de João Pretinho se mudaram inúmeras vezes, sempre que desconfiavam que poderiam ser descobertos por capitães do mato e capatazes, vivendo em quilombos móveis nas localidades de Vereda da Serra, Conceição, Mirorós, Mata Verde, Morro do Gomes, nas proximidades das fazendas Canabrava do Gonçalo, Riacho de Areia, Vacaria e Alto do Mamão.

Finalmente, estando “João Pretinho” no Quilombo do Alegre, por ele formado, e tendo, no início dos anos 1950, certeza que a escravidão havia acabado, seus familiares passaram a construir habitações mais sólidas no atual povoado de Barreiros, pertencente ao então distrito de Tiririca de Luizinho, município de Chique-Chique, estado da Bahia.

(Fonte: <http://xiquexiquense.blogspot.com.br/2010/04/passagens-historicas-o-quilombo-de.html>)

Observa-se através da história de vida de “João Pretinho”, aparecem fatos históricos que retratam o contexto da formação do MRSE, e de Xique-Xique (BA), que na época era chamada de Senhor do Bonfim do Chique Chique. Revelação de parte da história dos povos negros na formação daquela região, através da comunidade quilombola de Barreiros.

Devido à importância das informações, relatos de um personagem de destaque na história dos povos negros quilombolas no médio rio São Francisco, e como essa história ainda tem influência na comunidade retratada, na atualidade, incluiremos como elemento de acervo do EMVPRMVMT.

#### **a) Barreiros**

Apesar de todas as adversidades, os quilombolas da comunidade de Barreiros, povoado de Itaguaçu da Bahia (município próximo a Xique-Xique (BA), tentam, por meio da cultura, manter ou resgatar as tradições de seus ancestrais.

Barreiros é um povoado quilombola formado basicamente por agricultores, como os povos Bantos, e que têm uma história em comum. Quase todos são descendentes de escravos que, no passado, trabalhavam nas fazendas da região. O principal produto agrícola da região é a mandioca, cultivada em quase todos os sítios, somando Barreiros e algumas outras comunidades vizinhas. Além de plantar e colher a mandioca, as famílias da região sempre tiveram o costume de produzir farinha em mutirão (como no povoado da Marreca Velha, de Xique-Xique, este hábito continua vivo entre a população).

O problema é que, em um lugarejo tão simples e distante, vender a produção é uma dificuldade. A falta de comprador criava um problema crônico: os agricultores produziam

pouco, a casa de farinha funcionava lentamente, sendo necessário buscar alternativas. A realidade começou a mudar há pouco tempo com a profissionalização da produção por meio de um projeto social local de qualificação de produção e prestação de serviço, cuja iniciativa possibilitou o escoamento dos produtos da comunidade. (Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/01/descendentes-de-escravos-na-bahia-conseguem-vencer-fome-e-miseria.html>).

Barreiros é a “Baixa dos Negros”, era para onde os escravos refugiados do litoral brasileiro se deslocavam, ao fugirem da senzala. Atualmente a Associação de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Quilombolas João Pereira Gomes estimulou a comunidade a produzir bolos e biscoitos, além de outros produtos comestíveis, derivados da mandioca. O que é produzido na comunidade é adquirido pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e outra parte é distribuída entre a própria população carente. (Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2011/12/comunidade-quilombola-participa-de-projeto-para-valorizacao-do-trabalho.html>)

Percebe-se que a comunidade quilombola de Barreiros ainda vive e preserva o modo de vida, costumes e cultura dos seus antepassados afrodescendentes, sendo, assim, pertinente acrescentar como item de acervo do EMVPRMVM T.

#### **b) Vicentes**

Outra comunidade quilombola foi identificada no território de Xique-Xique (BA), denominada de “Vicentes”, que está situada próxima ao povoado do Mato Grosso. Essa comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente das comunidades quilombolas, em dezembro de 2006. Mas pelo INCRA ainda está em processo de reconhecimento.

Em outubro de 2013, o procurador da República Samir Nacheff, autor da ação que solicitou o reconhecimento, e a analista de antropologia do MPF, Sheila Brasileiro, visitaram a comunidade Vicentes. Durante a diligência constataram que muitos habitantes migraram para São Paulo/SP e que os remanescentes em Xique-Xique (BA) sobrevivem da pesca artesanal e da agricultura de subsistência. (Fonte: <https://jurisbahia.com.br/justica-federal-em-irrece-determina-que-incra-regularize-comunidade-remanescente-de-quilombo/>)

Estando a comunidade quilombola dos Vicentes está em atividade, nos dias de hoje, preservando e continuando a desenvolver suas tradições, consideramos que deve ser incluídas como item de acervo do EMVPRMVMVT.

**c) Rio Das Rãs**

O Rio das Rãs foi utilizado por escravos fugitivos das fazendas do litoral pernambucano e baiano entre os séculos XVI e XVII. A referida região se encontra no Médio Rio São Francisco e, entre os séculos XVII e XVIII, a região teve uma época de “ouro”, pois se encontrava na rota dos canaviais do Nordeste, rota mineradora e principalmente, esteve no território da criação de gado. Depois, infelizmente enfrentou grandes dificuldades por mais de cem anos, decorrentes da decadência da atividade pecuária, de modo que nessa época só permaneceram na região os negros e os índios aquilombados, sem oportunidades de trabalho e isolados da sociedade.

Com a criação da Lei de Terras em 1850, grileiros, posseiros e supostos donos das terras tentaram legalizar os terrenos em que moravam negros e índios aquilombados. Muitos supostos donos das terras buscaram obter ou regularizar títulos de propriedade sem tomar conhecimento dos direitos da população que já ocupava a região há muitos séculos. Foi nesse período que o coronel Deoclesiano Teixeira tomou o controle sobre as terras dos quilombolas de Rio das Rãs. Segundo relatam os moradores mais antigos da comunidade, seus antepassados entraram em acordo com o coronel e passaram a trabalhar para ele, como vaqueiros. Esse arranjo só viria a se modificar na segunda metade do século seguinte. Este é um exemplo de novo modelo de disputa por terras no MRSF, como aconteceu no período Brasil-Colônia.

Depois de quase um século de paz, a comunidade enfrentou novamente problemas, pois, no início da década de 1970, novos conflitos se iniciaram na região. A violência foi intensa e muitos quilombolas foram expulsos, além de algumas localidades acabarem se extinguindo. No início da década de 1980, a compra dessas terras pelo Grupo Bial-Bonfim, indústria algodoeira, agravou ainda mais essa situação de conflito. Nessa luta, os quilombolas contaram com diversos aliados, como o Ministério Público Federal, o Movimento Negro Unificado e a Comissão Pastoral da Terra. A comunidade saiu vitoriosa e conseguiu no ano 2000 o título sua terra. Os quilombolas de Rio das Rãs tornaram-se exemplo de luta e estímulo para outras comunidades quilombolas da Bahia e do Brasil, por sua resistência e suas conquistas.

A cultura do povo quilombola Rio das Rãs foi herdada dos seus antepassados africanos e se reproduzem na capoeira, som do berimbau, danças, cultura agrícola, comidas, remédios naturais e religiosidade de matriz africana. Pelos relatos de moradores locais, existe a crença e

a prática do sincretismo entre a cultura de origem africana, indígenas e dos santos católicos reverenciados pelos europeus brancos. (**Fonte:** <http://programatodososcantos.com.br/a-bahia/em-informacoes/geografia/quilombo-de-rio-das-ras-encanto-alem-da-paisagem/> ).

São poucos os povoados em Xique-Xique (BA) onde se encontram esses rituais, mas ainda são preservados.

Em vista da relevância da cultura, luta e resistência da comunidade quilombola Rio das Rãs pelas terras do seu povo e preservação das suas tradições, ainda nos dias de hoje, consideramos esta comunidade como elemento de acervo do EMVPRMVMVT.

#### **d) Comunidade da Ilha de Champrona**

A comunidade da Ilha da Champrona busca, através de relatos orais, ser reconhecida pela Fundação Palmares como um povo remanescente dos quilombos, constituídos ao longo do tempo em várias partes do território brasileiro. A Ilha de Champrona fica localizada em uma cidade emancipada que pertenceu ao território de Xique-Xique (BA).

Depois de muitas lutas e resistência contra a escravidão, os remanescentes quilombolas da Ilha da Champrona se autorreconhecem como descendentes das pessoas negras que vieram da África, escravizados, durante período Brasil-Colônia, e negros que conseguiram fugir do homem branco europeu, refugiaram-se no sertão, no território MRSF.

A comunidade da Ilha da Champrona, localizada no entorno de Xique-Xique (BA), tem características quilombolas, vive de forma coletiva e a população preserva seus costumes vindo da cultura negra africana, ainda nos dias atuais. Assim incluiremos este grupo como item de acervo do eco museu virtual. (**Fonte:** <https://culturaxiquexique.blogspot.com/2017/12/comunidade-remanescentes-de-quilombo.html>).

A seguir temos o quadro (4), que traz informações dos povos indígenas e negros quilombolas do território do Médio Rio São Francisco e de Xique-Xique (BA), e serão itens de acervo do EMVPRMVMVT.

### **3.4.3 Formação Populacional do Médio Rio São Francisco s suas Contribuições Culturais.**

**Quadro 5:** Acervo da Formação Populacional do Médio Rio São Francisco s suas Contribuições Culturais.

ITENS DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
-----------------	-----------	-------------

<b>Heranças Tupis</b>	Produziam: mandioca, milho, amendoim e outros voltados para a subsistência; tradições no artesanato, cultura e arte; vocação para guerra; bons construtores; caçavam, coletavam mariscos, produziam cerâmica, instrumentos de couro e palha.	
<b>Pancararus, aticunsumãs, cambiuás, trucás, quiriris, tuxás e pancararés.</b>	Os grupos indígenas remanescentes da região médio Rio São Francisco.	
<b>Pankararu</b>	Origem na região Brejo dos Padres (Paulo Afonso – BA); pajé é a figura central, dirigindo todas as fases do ritual.	
<b>Tuxá (Rodelas)</b>	Tuxás vivem na cidade de Rodelas-BA. Comunidade resultante de uma síntese histórica de diversos povos que foram aldeados no povoado Missão de São João Batista de Rodelas. Grupo se mudou para Ibotirama após construção Usina de Sobradinho e terras inundadas.	
<b>Povos Bantos</b>	Herança cultural da capoeira, praticada ao som de tambores e o berimbau, além da festa congada; metalurgia; produtor de melancia, jiló, feijão-fradinho, dendezeiro e maxixe. Também eram caçadores, pescadores, coletores e criadores.	
<b>João Pretinho, filhos de escravos fugidos.</b>	João Pretinho nasceu filho de escravos fugidos e reunidos em quilombos, no alto sertão da Bahia, vivendo em quilombos móveis, fugindo capitães do mato. Em 1950, formou o quilombo do Alegre, com habitações mais sólidas no atual povoado de Barreiros, município de Chique-Chique-BA.	
<b>Barreiros</b>	Barreiros é um povoado quilombola, no município de Itaguaçu da Bahia, limite da cidade de Xique-Xique (BA). Formado por agricultores; descendentes de escravos que, no passado, trabalhavam nas fazendas da região; criaram associação de Trabalhadores Rurais Quilombolas, e a comunidade passou a produzir bolos e biscoitos, derivados da mandioca.	
<b>Vicentes</b>	Quilombo localizado em Xique-Xique (BA). Foi certificação pela Fundação Cultural Palmares como remanescente das comunidades quilombolas, em dezembro de 2006.	
<b>Rio das Rãs</b>	Comunidade rural que fica em Rio de Contas-BA, 70 Km de Bom Jesus da Lapa, cidade MRSF; 1850 supostos donos das terras tentaram legalizar os terrenos em que moravam negros e índios aquilombados, coronel conseguiu o controle sobre o quilombo de Rio das Rãs e comunidade passou a trabalhar para ele, como vaqueiros. Entre décadas de 70 e 80 grupos ricos	

	compraram terras e trabalho exploratório continuou. Só no ano 2000, a comunidade conseguiu título de proprietária destas terras.	
<b>Ilha da Champrona</b>	A Ilha de Champrona fica localizada em uma cidade emancipada que pertencia ao território de Xique-Xique -BA. E se autorreconhecem como descendentes das pessoas que vieram da África e foram escravizadas no Brasil, mas ainda não tem título de quilombola.	

**Fonte:** Elaborado pela autora/pesquisadora (2018)

Observou-se a herança deixada pelos indígenas junto com saberes por povos negros escravizados na região do médio RSF (com destaque para os povos bantos, vindos da África do Sul e que vivia da agricultura, pesca e criação de gado), ainda identificamos nos povoados da contemporaneidade em cidades do médio RSF e inclusive em Xique-Xique (BA). Até tipo de cultura como quiabo, mandioca etc., são os elementos que ainda são produzidos na atualidade. Quilombos remanescentes resistem ao tempo, como Vicentes e Barreiros que pertencem ao território de Xique-Xique (BA); o Rio das Rãs e Ilha da Champrona, que ficam em cidades pertencentes ao MRSF, são exemplos de espaços de luta e resistência dos povos antigos, na região e que formaram a população.

Depois de conhecer a história, ocupação e povoamento do MRSF, será apresentada a história recente dessa região, com foco em Xique-Xique (BA), território do nosso estudo.

### 3.5 HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).

Alguns acontecimentos no entorno do Rio São Francisco, região oeste da Bahia e do MRSF, dinamizaram e transformaram o território, trazendo pontos positivos e negativos, modernizando, mas também promovendo consequências sérias às comunidades ribeirinhas, e comprometendo muitas vezes a identidade cultural, cotidiano e tranquilidade das localidades. Vejamos quais foram os principais fatos que mexeram com a cultura local do MRSF.

#### 3.5.1 Usina Hidrelétrica de Sobradinho

Sempre foi grande o potencial hidráulico do rio São Francisco, por isso estudiosos propuseram a criação de uma usina hidrelétrica.

Uma das principais usinas do Brasil, é a de Sobradinho, foi construída entre 1971 e 1980, relevante por ter sido divisor de mudanças na vida de muitas comunidades do vale do

São Francisco. A planície transformou-se num dos maiores lagos artificiais do mundo, o reservatório da represa de Sobradinho, com 4.214 Km<sup>2</sup>, 34,2 bilhões de metros cúbicos de água e 354 quilômetros de extensão. As cachoeiras foram aproveitadas para a construção da barragem. (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago\\_de\\_Sobradinho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_de_Sobradinho))

Sobradinho nasceu da necessidade de se regularizar a vazão da água do São Francisco, não mais para a navegação – já decadente desde o final da década de 50 – mas para garantir um bom volume de água às hidrelétricas que haviam sido construídas na cachoeira de Paulo Afonso levar energia elétrica para vários municípios.

O projeto foi grandioso e necessário desapropriar cerca de 4.500 Km<sup>2</sup> que foram cobertos pela água. Desalojar e transferir cerca de 12 mil famílias ou cerca de 7- mil pessoas, que habitavam as cidades, vilas, fazendas e sítios da região. (Fonte: <http://projetolagodesobradinho.blogspot.com/p/historico.html> ).

Com a inundação das cidade, desapareceram as cidades de Sento Sé, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado (de onde nasceu território de Xique-Xique – BA). Haveria uma profunda transformação social e cultural em toda a área. A agricultura de lameiro iria desaparecer ao longo de 354 quilômetros do lago. Os barqueiros com suas embarcações de fundo chato, própria para navegação em águas rasas, não poderiam mais trafegar no grande lago que se formaria, onde as ondas poderiam atingir nascidos na beira do rio seriam transferidos para o meio da caatinga, mudando os hábitos de toda a população.

Ao afastar da margem um povo que tinha sua vida umbilicalmente ligada ao rio, a construção de Sobradinho criou muitos problemas, que apenas o tempo foi capaz de resolver satisfatoriamente. As vantagens e virtudes de Sobradinho só puderam beneficiar as populações de maneira complementar, embora sua importância seja inegável como reguladora da vazão do rio, como geradora de energia elétrica e como polo de irrigação de vastas áreas de caatinga. Nada havia sido construído no país com tal magnitude. Nunca se havia enfrentado problemas semelhantes.

Do ponto de vista social o rio desempenhava um papel importante como ponto de encontro, onde as pessoas se juntavam para trabalhar, para conversar, fazer negócios, trocar informações. Além disso, essas comunidades, organizadas tradicionalmente, tinham padrões rígidos de relações sociais, consolidadas ao longo dos anos. Para eles qualquer mudança seria traumática. E, evidentemente não era possível reproduzirem-se na caatinga as condições de vida beira rio.

Conforme depoimento da população local, as comunidades não se conformaram e resistiram por muito tempo, até que as feridas começaram a cicatrizar e a surgir novas atividades, como a de irrigação e o plantio de produtos que nunca haviam visto, como uvas e melões, tornaram-se parte de suas novas comunidades.

A maioria dos barqueiros foi, então, indenizada, e seus barcos abandonados, acabando, quase que definitivamente, com a velha navegação que se constituiu, durante quase duzentos anos, numa das principais atividades do Vale do São Francisco.

De todo modo, a construção de sobradinho em que pese os problemas causados pela transformação radical a que obrigou toda a região sob sua influência – trouxe um aspecto inegável de modernidade ao sertão.

A obra de sobradinho alterou profundamente a vida no vale do São Francisco. Não apenas por exigir a transferência de muitas pessoas de quatro diferentes cidades, como também por representar desafios à engenharia brasileira e a necessidade de criar-se uma sinergia de trabalho entre todas as empresas responsáveis (Departamento Nacional dos portos e vias navegáveis, INCRA, Codevasf (Companhia de desenvolvimento do Vale e São Francisco) pelo desenvolvimento do vale.

A Construção de Sobradinho também repercutiu na vida da população de Xique-Xique (BA), pois as cidades inundadas estão localizadas entre o submédio e o médio São Francisco. Sendo que uma delas, Pilão Arcado, já agregou o território onde é hoje o município de Xique-Xique, então as pessoas têm ligação espacial e humana entre estes municípios. Também se considera que em decorrência da inundação, as comunidades ribeirinhas, se redistribuíram e foram morar em outras cidades circunvizinhas, inclusive em Xique-Xique (BA).

A maioria da população que se instalou nas terras onde hoje é o povoado de Mato Grosso antes morava no município de Sento Sé e vieram morar ali, quando foi construída Usina de Sobradinho. Essa Usina mexeu com história das pessoas da região, e a história da localidade. Povo veio de Sento Sé, Pilão Arcado, Umbuzeiro, fugindo do alagamento de Sobradinho e assim aconteceu a formação e ocupação de Mato Grosso. Local construído para receber desabrigados foi Agrovile na Lapa. Mas povo não quis ir para lá e se direcionaram para Mato Grosso.

Na época da construção Usina de Sobradinho, técnicos achavam que ia inundar as terras da Marreca (já que usina começa no terreno da Marreca Velha) e a população foi levada para outro território e Nova Iguira que depois virou Marreca Nova. Como não inundou alguns voltaram para Marreca Velha. Assim a construção de Sobradinho teve ligação direta com a

população deste povoado. Além de ter sido a Chesf responsável em negociar a retirada (e até chantagear e fazer promessas) da população, das terras de cidades que foram inundadas

Como vimos a Usina de Sobradinho veio transformar o cotidiano das comunidades do Médio Rio São Francisco e na atualidade esta hidroelétrica ainda traz reflexos para a população desta região, inclusive para Xique-Xique (BA), pela relevância, levarei como itens de acervo, para montar o EMVPRMVMVT.

### **3.5.2 Instituições Criadas para Administrar o Território do Médio Rio São Francisco**

Foi apenas em 1948 que o governo federal, pressionado pela miséria crescente na região do Rio São Francisco, espelhando-se no projeto de recuperação econômica levado a cabo no Vale do Tennessee, nos EUA, resolve criar duas empresas públicas que deveriam minimizar a pobreza do entorno do Rio São Francisco através da comissão do vale do São Francisco e a CHESF – Companhia Hidrelétrica do São Francisco

A comissão do vale caberia a tarefa de promover o desenvolvimento global das comunidades, implantando desde projetos de irrigação até escolas industriais. A CHESF trabalharia com o objetivo de construir hidrelétricas e barragens ao longo do vale, gerando e distribuindo energia elétrica para todo o Nordeste.

Enquanto a CHESF – como empresa de capital misto – desenvolvia seu papel técnico de construção de barragens e usinas com competência, a comissão atolava-se nos desmandos da política regional dos novos coronéis e aplicava mal os seus recursos. Investindo em poucos postos de saúde, algumas escolas primárias e menos de mil hectares irrigados e a navegação agonizando.

Extinta essa comissão, foi criada a Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale), com estrutura para retirar da influência dos coronéis. Situação que começou a mudar, melhorar, de modo que a região, de forma lenta, construiu novas estradas e implantar novos projetos de irrigação eficientes.

Em 1974, a Suvale foi substituída pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), com uma estrutura administrativa mais moderna, capaz de acelerar processo de irrigação. **(Fonte** <http://www2.codevasf.gov.br/osvales/vale-do-sao-francisco/solos/>).

Muito dinheiro foi liberado para este programa, mas o trabalho da comissão não aparecia. Os coronéis do sertão, mesmo sem seus fuzis e jagunços, continuavam comandando a política regional e a comissão passou a integrar seus poderosos arsenais de influência. Sem objetivos técnicos claramente definidos por critérios técnicos, os recursos da comissão passaram a ser aplicados segundo as necessidades políticas de cada grande chefe regional. Cidades e povoados cujos eleitores não estavam do lado de determinados coronéis jamais recebiam qualquer benefício – seja em irrigação, seja em abertura de estradas ou criação de escolas e postos de saúde. A Codevasf atualmente tem uma sede em Xique-Xique (BA), onde tem tanques diversos para criação de peixes em cativeiros e eventualmente soltam no rio, alevinos (filhotes de peixe) para garantir a continuação da população dos pescados locais, além de ter outras atribuições na região. E durante a Regata Ecológica da Marreca Velha participa com apoio logístico e soltura de alevinos.

A CHESF, Suvale, e Codevasf são representações institucionais públicas que com o tempo estiveram na administração de territórios por onde passa o Rio São Francisco, conforme objetivos e necessidades do momento. E todas elas estiveram relacionadas com município de Xique-Xique (BA), desenvolvendo atividades.

**(Fonte:**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_de\\_Desenvolvimento\\_dos\\_Vales\\_do\\_sao\\_Francisco\\_e\\_do\\_Parnaiba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Desenvolvimento_dos_Vales_do_sao_Francisco_e_do_Parnaiba)).

Na atualidade tem uma sede da Codevasf, nesta cidade, que é fundamental para acompanhar de perto as demandas das comunidades ribeirinhas e do rio que banha seus territórios. Selecionamos este item como elemento de acervo EMVPRMVMVT.

### **3.5.3 Irrigação**

Em virtude de tecnologia avançada de irrigação de terras, as águas do São Francisco passaram a irrigar os parreirais que foram implantados ao longo do rio, desde Juazeiro até Santa Maria da Boa Vista e trouxeram mudanças e progresso para região, servindo de modelo para outros territórios de clima seco. Não apenas a uva de mesa passou a ser uma das melhores produzidas em todo o mundo, como o vinho fabricado com as variedades mais nobres (chablis, pinot noir, pinot blanc, cabernet etc.). O vinho do sertão, principalmente o branco, está criando um espaço próprio, comparado aos melhores produtores do mundo.

A tecnologia desmentiu o diagnóstico inicial dos que naquele solo as uvas só serviram para vinagre. Ali, no sertão, o solo fértil recebe uma insolação alta o ano inteiro. Controlando a irrigação consegue-se não apenas uma maturação por igual das bagas, mas até mesmo é possível deixá-las maturar até atingir um nível de açúcar elevado, melhorando ainda mais a qualidade do vinho. Além disso, com o controle de podas é possível obter-se até três safras de uva por ano, o que para a produção de uva de mesa é um excelente negócio. A produtividade, que aumenta ano a ano, devido ao melhor trato do solo, já chega a 35 toneladas por hectares. Também passou a se investir no cultivo do melão, melancia, laranja, manga, maracujá, pinha, mamão e goiaba, frutas tropicais, que agora mantinham a qualidade por causa do cultivo via irrigação.

A irrigação mudou, principalmente, a paisagem árida do sertão de Juazeiro e Petrolina (cidades que têm relações comerciais com Xique-Xique (BA)). Esta segunda tornou-se uma cidade moderna e rica, com indústrias de transformação e milhares de hectares de lavouras irrigadas.

Mas o grande segredo do sucesso da irrigação da caatinga está na alta produtividade que se consegue. Estudos da Codevasf mostram que a produtividade média de todas as culturas é muito maior do que nas melhores regiões agrícolas brasileiras.

Na verdade, a irrigação transformou a paisagem, não apenas da caatinga na Bahia e Pernambuco. Desde a represa de Três Marias, em Minas Gerais, os projetos de irrigação foram se multiplicando ao longo do vale do São Francisco. E Xique-Xique (BA) tem aprendido com essas técnicas, existem perspectivas futuras do município adotar as referidas técnicas, para fazer conseguir alcançar uma melhor produtividade nas suas lavouras, apesar de ser em menor escala. Na atualidade duas fazendas particulares usam a técnica da irrigação e exportam frutas como manga e banana. A Prefeitura tem distribuído alguns poucos kits de irrigação para população do município, mostrando e estimulando tendência entre agricultores.

A irrigação dos solos sertanejos e resultados prósperos são uma realidade na contemporaneidade do médio Rio São Francisco, e Xique-Xique (BA) tem sido influenciada por estas práticas, assim incluiremos irrigação como item do acervo do EMVPRMVT.

### **3.5.4 Transposição do Rio São Francisco**

A transposição do Rio São Francisco é um projeto de deslocamento de parte das águas do Rio São Francisco, no Brasil, nomeado pelo governo brasileiro como “Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional”. O projeto é um

empreendimento do Governo Federal, sob responsabilidade do Ministério da Integração Nacional (MIN). A obra previu a construção de mais de 700 quilômetros de canais de concreto em dois grandes eixos (norte e leste) ao longo do território de quatro Estados (Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte) para o desvio das águas do rio. Ao longo do caminho, o projeto prevê a construção de nove estações de bombeamento de água. Mais tarde aventou a possibilidade do chamado eixo sul, abrangendo a Bahia e Sergipe e eixo oeste, no Piauí.

O projeto, teoricamente, irrigará a região Nordeste e semiárida do Brasil. O principal argumento da polêmica dá-se, sobretudo, pela destinação do uso da água: os críticos do projeto alegam que a água será retirada de regiões onde a demanda por água para uso humano e para bebedouro animal é maior que a demanda na região de destino e que a finalidade última da transposição é disponibilizar água para a agroindústria e a carcinicultura.

Aveiro (2015) relata que as comunidades que foram desinstaladas de seus territórios, para passar transposição, lutam por reparos dos prejuízos causados por este projeto. Além de tentar minimizar os impactos ambientais que surgirão com mudança de curso do Rio São Francisco.

Além destas mudanças de residência e de território a comunidade já sente as modificações referentes ao abastecimento de água e no volume de água do rio. A população avalia como ruim este projeto, pois dizem que estão tirando água para cidade de Irecê e prejudica Xique-Xique (BA). Isso tem levado o ribeirão para caatinga, ou seja, secou o rio e trouxe prejuízo ao município, pois o pescado diminuiu. Influência no baixio do Rio São Francisco. Puxou água do RSF para abastecer outras cidades e prejudicou Xique-Xique (BA), porque diminuiu abastecimento local. Tem dias que falta água em Xique-Xique sede.

Em agosto de 2007, foram iniciadas as obras dos canais de aproximação no Reservatório de Itaparica (Eixo Leste) e em Cabrobó (Eixo Norte).

O eixo leste foi inaugurado em março de 2017, com 217 Km, beneficiando 1 milhão de pessoas, em 32 municípios dos estados de Pernambuco e da Paraíba. Já no eixo norte, foi inaugurado segundo semestre de 2018 95% da obra, extensão de 260 Km, beneficiando 7,10 milhões de pessoas, em 223 municípios dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Mas nem todos moradores dos municípios onde passa a transposição foram beneficiados, pois por falta de encanamento, a água não chega às comunidades rurais e cidades menores da região, como Puxinanã -PB. Os beneficiados pela irrigação são a minoria. Para os produtores mais distantes da água do São Francisco o alto custo e desafios da logística, para

instalar uma bomba e quilômetros de mangueira inviabilizam acesso. Mas os técnicos defendem que existem mais benefícios do que problemas neste projeto

Xique-Xique (BA), nos dias atuais, apesar de não sofrer mudanças no curso do leito do rio, diretamente, na parte que banha seu território, sofre com as consequências de mudança volume de água, baixo calado para navegação de barcos pesqueiros e a redução na quantidade de produção de peixes e etc. Assim, a transposição do Rio São Francisco passa ser elemento do acervo do EMVPRMVMT.

### **3.5.5 Complexo Eólico de Capoeiras e Assuruá, localizado entre Gentio do Ouro e Xique-Xique (BA).**

Energia eólica é a transformação da energia do vento em energia útil, tal como na utilização de aerogeradores para produzir eletricidade, moinhos de vento para produzir energia mecânica ou velas para impulsionar veleiros. A energia eólica, enquanto alternativa aos combustíveis fósseis, é renovável, está permanentemente disponível, pode ser produzida em qualquer região, é limpa, não produz gases de efeito de estufa durante a produção e requer menos terreno. O impacto ambiental é geralmente menos problemático do que o de outras fontes de energia.

Os parques eólicos são conjuntos de centenas de aerogeradores individuais ligados a uma rede de transmissão de energia elétrica. A energia eólica pode ser considerada uma das mais promissoras fontes naturais de energia, principalmente porque é renovável, ou seja, não se esgota, limpa, amplamente distribuída globalmente e, se utilizada para substituir fontes de combustíveis fósseis, auxilia na redução do efeito estufa. Em países como o Brasil, que possuem uma grande malha hidrográfica, a energia eólica pode se tornar importante no futuro, porque ela não consome água, que é um bem cada vez mais escasso e que também vai ficar cada vez mais controlado. (**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia\\_eolica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia_eolica))

A maior fonte de eletricidade do Brasil são as usinas hidrelétricas. Um estudo indica que o país poderia substituir a energia térmica pela energia eólica. Isso porque as usinas termoelétricas só são acionadas durante os períodos de seca, quando os rios ficam mais baixos e as hidrelétricas são insuficientes para produzir toda a energia consumida. Porém, é justamente nesse período que o regime de ventos no Nordeste é mais intenso.

O maior centro de geração de energia eólica do país é o complexo eólico Alto Sertão I, situado na Bahia, com capacidade de gerar até 300 MW. Em seguida está o Parque eólico de

Osório, localizado no Rio Grande do Sul, com a capacidade de gerar até 150 MW e ainda tem o Parque Eólico Cerro Chato com capacidade de gerar 91 MW localizado em Santana do Livramento - RS.

Na Bahia temos o Complexo Eólico Capoeiras e Assuruá, que fica entre Gentio do Ouro e Xique-Xique, no Vale do São Francisco. A obra foi iniciada em 2014, cujo complexo é formado por nove parques eólicos e composto por 117 aerogeradores e potência instalada de 234 megawatts. A energia produzida pelos parques será de 1,1 gigawatts-hora, por ano, suficientes para atender o consumo elétrico de uma cidade com cerca de 750 mil habitantes.

Dentro do território, onde foi instalado o referido parque eólico entre municípios de Xique-Xique e Gentio do Ouro, região de muitas pedras e rochas, foram encontradas pinturas rupestres, avaliadas por arqueólogos da USP, com idade aproximada de 12 milhões de anos. O que demonstra a presença humana, ameríndios neste espaço, muito antes da colonização do Brasil e ocupação territorial pelos portugueses designados pela corte portuguesa. (**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Parques\\_eolicos\\_da\\_Bahia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Parques_eolicos_da_Bahia)).

A instalação de torres para funcionamento do parque eólico começou na região há menos de dez anos e acontece mais na área da serra. A caatinga não recebe influência. O povoado de Mato Grosso por enquanto não passou por mudanças com este parque. Já na Marreca Velha existe uma torre de experimento do Parque Eólico. Em Itapicuru e Boa Vista, povoados de Xique-Xique (BA), a população foi beneficiada com emprego, aluguel de casas para equipe técnica da eólica etc.

Parque de energia eólica é um tema da contemporaneidade no desenvolvimento sócio ambiental sustentável e saudável, das sociedades. E Xique-Xique (BA) está como vanguardista acolhendo e implantando um parque desta natureza. Pela sua importância nos dias de hoje e por ser elemento de ponta / novidade, é necessário colocar este item como acervo do EMVPRMVMVT.

### **3.5.6 Agronegócio no Oeste Baiano, e as influências nos territórios do MRSF**

A atividade agropecuária brasileira passou, nas últimas cinco décadas, por um processo de reestruturação que tem resultado em nova organização do território estadual e nacional. Motivada por fatores econômicos e geopolíticos, a expansão da fronteira agrícola moderna brasileira ocorreu em direção às áreas de cerrado, tendo a soja como principal cultura.

A reestruturação produtiva da agropecuária no Brasil tem também como característica a criação de novas demandas sobre as cidades das regiões de difusão do agronegócio, com

incremento da urbanização e de processos urbanos e regionais. A expansão do setor de serviços para atender às atividades do campo tem sido o principal fator responsável pela urbanização da fronteira agrícola moderna.

Elias (2012) propõe uma nova categoria de análise do urbano, a qual denomina “cidades do agronegócio”, que define como centros urbanos nos quais se dá a gestão local ou regional do agronegócio globalizado, ou seja, um centro urbano que organiza esse espaço, com funções urbanas diretamente vinculadas a essa atividade.

A partir da década de 1980, o oeste baiano aparece como um espaço economicamente dinâmico no contexto das economias nacional e estadual, concentrando um dos mais promissores e modernos pólos agroindustriais do estado, com crescente relevância na produção de grãos, destacando-se a soja, um dos cultivos de maior importância no agronegócio nacional.

Segundo Elias (2012), tal reorganização espacial traz como consequência um fortalecimento da urbanização e cria processos de reestruturação urbana e regional, resultando na formação ou consolidação de Regiões Produtivas Agrícolas (RPA). Nessas regiões encontram-se os focos dinâmicos da economia agrária moderna, e é dentro delas que estão difundidos diversos ramos do agronegócio mundial.

Pelo interior das RPAs perpassa parte do circuito de produção do agronegócio. Isso acontece porque as atividades agrícolas e agroindustriais desenvolvidas nessas regiões são comandadas por grandes empresas multinacionais e nacionais que operam em escala mundial. Nesse sentido, a realização das atividades do agronegócio acontece, ao mesmo tempo, dentro de uma ordem global e local.

Através dos fluxos gerados pela atividade de cultivo de soja, que possui parte de seus insumos oriunda de locais distantes das RPAs (em outros estados do país ou mesmo em outros países), como é o caso de maquinários agrícolas, fertilizantes e sementes específicas. Outra parte é originária da própria localidade ou de cidades vizinhas, como a contratação de mão de obra e algumas prestações de serviços.

A reestruturação produtiva da agropecuária no Brasil tem também como característica a criação de novas demandas sobre as cidades das regiões de difusão do agronegócio, principalmente aquelas relacionadas com as atividades produtivas. Como consequência, observa-se o incremento dos setores de comércio e serviços especializados para a agropecuária e para as demandas pessoais nos espaços urbanizados da região, localizados próximos às áreas de cultivo.

Essas principais demandas estão relacionadas também com os aportes técnicos de mão de obra, de serviços contábeis e financeiros, jurídicos e outros necessários. A consequência

direta dessa dinâmica é a expansão da economia urbana, visto que parte do circuito global do agronegócio se realiza dentro dessas cidades. Elas se tornam fundamentais para que esse circuito se realize. Quanto maior a expansão da área de cultivo das commodities, maiores se tornam as demandas, implicando uma maior necessidade/estímulo ao surgimento de novas cidades.

#### 3.5.6.1 O processo de ocupação no oeste da Bahia

Elias (2012) relata que “até meados da década de 1980, o oeste da Bahia, inserido na região do além São Francisco, se caracterizava por uma ocupação lenta e rarefeita – sob o ponto de vista tanto das atividades econômicas quanto demográficas”. A região era ocupada por uma população de sertanejos, que desenvolviam atividades de subsistência e pecuária extensiva, com núcleos urbanos pouco povoados, que atendiam apenas às necessidades básicas dessa população.

O Rio São Francisco e seus afluentes, como os rios Grande, Preto e Corrente, tiveram um papel fundamental em seu povoamento, pois eram os únicos meios de transporte de pessoas e mercadorias. No final dos anos 1960 e início de 1970, diversos investimentos públicos e privados no Brasil central constituíram vetores impulsionadores do desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro e do Oeste Baiano.

Por outro lado, a implantação da rede viária terrestre implicou a perda do papel hegemônico ocupado pelo Rio São Francisco e seus afluentes na dinâmica de povoamento e de desenvolvimento regional, redefinindo também a configuração interna do espaço regional quanto às possibilidades e as formas de integração com a economia nacional. Em outros termos, a centralidade da região do Vale do São Francisco e de suas cidades portuárias foi paulatinamente substituída pela dinâmica econômica de áreas de agronegócio e das cidades situadas ao longo das rodovias, com efeitos significativos sobre o desenvolvimento regional.

Até esse período o Rio São Francisco e seus afluentes desempenhavam papel fundamental em seu povoamento, pois eram os únicos meios de transporte de pessoas e mercadorias de cidades e povoados que se localizavam nas margens dos rios navegáveis, originando as cidades portuárias e com função de entreposto comercial, a exemplo de Barra, Barreiras, Santa Maria da Vitória e Formosa do Rio Preto. As atividades urbanas se desenvolviam lentamente, de forma subordinada e secundária em relação à agropecuária, que, por sua vez, também apresentava pouco dinamismo, sendo conduzida por sertanejos, que desenvolviam atividades de subsistência e pecuária extensiva.

Mas foi especialmente nas décadas de 1980 e 1990 que a região vivenciou transformações significativas na sua estrutura produtiva e urbana, decorrentes do processo de migração interestadual de famílias sulistas, predominantemente gaúchas e paranaenses, associadas à difusão da agricultura moderna. É nesse contexto que o oeste baiano emerge como região de expansão do agronegócio, capitaneado pelo cultivo da soja, associado ao fluxo migratório de sulistas e à implementação de um conjunto de políticas públicas na área de infraestrutura voltadas para a viabilização técnica e econômica da produção agrícola nos cerrados.

Além do oeste da Bahia, o processo de expansão do agronegócio atingiu, na década de 1990, áreas dos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí, conformando uma região que posteriormente seria denominada de Matopiba, em alusão às iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A outra face do desenvolvimento regional desse período refletiu-se no fluxo demográfico aliado ao processo de urbanização e de dinamização dos mercados de trabalho de bens e serviços. E com isso surgem novas demandas relacionadas à modernização da agricultura, ao processamento da produção agrícola (insumos, máquinas, implementos, sementes, serviços técnicos, logística etc.) e ao consumo dos indivíduos e famílias, transformando e redefinindo a hierarquia os papéis e funções das cidades (Santos Filho; Fernandes; Almeida, 1988).

O crescimento populacional na região traz consigo uma enorme demanda sobre a cidade, principalmente quanto à disponibilidade habitacional e aos empregos urbanos, em particular da população tradicional do campo que foi expulsa para dar espaço aos novos empreendimentos rurais. Nesse sentido, tal população busca formas de inserção em outras atividades econômicas que permitam a sua sobrevivência.

Pode-se considerar que Barreiras e Luís Eduardo Magalhães constituem um bipolo urbano e exercem, juntas, a centralidade urbana da RPA nos cerrados baianos. Barreiras desempenha papéis clássicos de uma cidade de porte médio, concentrando a maior parte do comércio e de serviços voltados às demandas da população, especialmente serviços públicos. Luís Eduardo Magalhães configura-se no que Elias (2012) chama de cidade do agronegócio, destacando-se como centralidade emergente. Apresenta hegemonia das funções de atendimento das demandas do agronegócio sobre as demais funções exercidas pela cidade e se sobressai na região pelo oferecimento dos mais modernos produtos e serviços demandados pelas atividades agrícolas e agroindustriais. Destaca-se, por exemplo, por possuir revendedores autorizados das maiores fabricantes de máquinas agrícolas que atuam no Brasil.

Apesar das perspectivas futuras de crescimento e lucros com o agronegócio, no oeste baiano, e da empolgação do empresariado agrário, percebe-se a perda de espaço no mercado agropastoril tradicional, dos pequenos agricultores locais, dos grupos que trabalham através do modelo da agricultura familiar, com plantação de produtos regionais, orgânicos e saudáveis, respeitando meio ambiente e as áreas de proteção ambiental, produzindo em menor escala, e que não conseguem competir com a indústria do agronegócio.

Este fenômeno tende afetar também, ao longo do tempo, os municípios do Médio Rio São Francisco, onde fica Xique-Xique (BA), com imposição de padrão agrícola, ou com demandas de serviços e/ou de bens e/ou para logística e funcionamento do agronegócio nessa região, comprometendo cotidiano simples, das comunidades ribeirinhas tradicionais e conseqüentemente a cultura local. Como vimos, já existe a presença de imigrantes sulistas desde a década de 1990 e a predominância do plantio em grãos, com destaque para a soja, que modificaram nas últimas décadas o cenário entre as cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, criando cidades do agronegócio e impondo urbanização excessiva e “progresso” necessário para desenvolver esta atividade econômica. E os beneficiados são os megafazendeiros da região, só restando para a população local submissão a trabalhos dentro desta cadeia econômica proposta, que não estimula a autonomia do sujeito e muito menos a igualdade social, além de transformar o território e alterar o meio ambiente.

Após analisar principais fatos históricos, da atualidade, que ocorreram no MRSF, observou-se que a construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho, modificou o VRSF e a rotina de suas comunidades ribeirinhas, em alguns casos prejudicando as mesmas e impondo novos locais de moradia e atividades de trabalho. Também se verificou que com o surgimento de órgãos para administrar e fiscalizar as realizações em torno do RSF, tem colaborado, algumas vezes, apenas tentado preservar e fazer gestão de manejo nos territórios assistidos por respectivos órgãos, como na atualidade a Codevasf realiza.

Percebe-se que na história recente do Vale do Rio São Francisco, inclusive no MRSF, onde está localizado município de Xique-Xique (BA), foram realizadas ações voltadas para o desenvolvimento local, a fim de levar o progresso para região, e aproveitar melhor o potencial do RSF. O discurso foi que tais ações viriam para o crescimento e melhoria da qualidade de vida da população, mas de fato os benefícios vieram em sua maioria para parte do empresariado local, ligados aos grandes fazendas e agroindústrias. Como no caso uso da tecnologia de ponta de irrigação na lavoura.

Os personagens que substituíram os coronéis na contemporaneidade foram os empresários da agroindústria / agronegócio. Agora eles ofertam inúmeros empregos, fazem

altos investimentos e utilizam modernas tecnologias (de “ponta”) e trabalha com produção em grande escala para exportação. E o povo de baixo nível sócio econômico, mais uma vez vive como serviçais de quem tem força econômica. Os novos poderosos da região, inclusive políticos que estão no governo, porém em paralelo transitam pelo agronegócio, são também muitas vezes produtores locais, que acabam criando ações para benefício próprio. Novos tempos no vale, novas formas de gestão dos negócios do VRSF, mas sempre com poucos e selecionados beneficiados. A principal arma utilizada no momento é o dinheiro, acúmulo de divisas, confirmando que o poder econômico comanda os negócios.

A transposição do Rio São Francisco foi a mudança geofísica mais significativa e recente no Vale, e que alterou e tem alterado as questões geográficas do leito e curso do Rio drasticamente, modificando não só hábitos socioculturais, mas principalmente a natureza física do Rio. As consequências começam a ser sentidas com as mudanças climáticas e sistemas de chuva, por exemplo, já que deixa o período de secas e enchentes mais intenso, e trazendo consequências maiores para a população. Situações que foram sentidas também pelo povo de Xique-Xique (BA). Em outubro de 2017 a Lagoa de Itaparica, localizada em uma área de proteção ambiental do território de Xique-Xique (BA), era um dos santuários de peixe e fonte de vida para sobrevivência da comunidade local, mas secou totalmente. Os moradores assistiram uma cena nunca vista antes. Peixes pulando ainda vivos, na terra seca, lutando pela vida. Toneladas de peixe morreram, porque as pessoas não deram conta de transferi-los para tanques com água. Cemitério de peixe surgiu no local da conhecida lagoa. População religiosa como relata a tradição, realizaram missas campais no terreno que antes ficava a referida lagoa, clamando por chuva. Meses depois as chuvas vieram e a lagoa voltou a se formar, mas já com pouco volume (poças d’ água), bem diferente do passado.

Já com a instalação do Parque Eólico na região do MRSF, em Gentio do Ouro, cidade limítrofe de Xique-Xique (BA), apesar da proposta de trabalhar energia limpa, com menor impacto social para as comunidades locais, ainda não foram observados benefícios concretos para região, como geração de emprego e renda, e nem atender abastecimento energético na cidade e região. A contrapartida da empresa que administra o parque eólico tem sido ofertar alguns minicursos de qualificação e sensibilização para importância da preservação cultural e ações socioambientais positivas.

O Agronegócio, apesar de não ser praticado no território de Xique-Xique (BA), tem gerado influências indiretas no município. O modelo de agricultura, tipo de cultura e plantio adotado de grãos, a necessidade de contratação de parceiros para realizar logística neste negócio (máquinas colheitas e transporte próprio etc.) faz com que recorram a vizinhos circunvizinhos

para ter demandas atendidas e assim surgem possibilidades de trabalho e renda para região, conforme as regras desta atividade. Pela sua relevância regional iremos considerá-lo como item de acervo do EMVPRMVMVT.

E após conhecer contexto geral, do MRSF e os principais fatos históricos recentes, que vem caracterizando a referida região na atualidade, construímos um quadro (6) com itens de acervo selecionados sobre este tema.

### 3.6 HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).

**Quadro 6:** Acervo da História Recente Do Médio Rio São Francisco E Xique-Xique (BA).

ITEM DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>Usina Hidroelétrica de Sobradinho</b>	A Construção de Sobradinho também repercutiu na vida da população de Xique-Xique (BA), pois entre as cidades inundadas estava Pilão Arcado, onde é hoje o Xique-Xique, as pessoas têm ligação espacial e humana.	
<b>CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco SUALE</b>	CHESF: objetivo de construir hidrelétricas e barragens ao longo do vale, gerando e distribuindo energia elétrica para todo o Nordeste. SUALE: estrutura criada para retirar poder dos coronéis, começou a mudar, melhorar a região de forma lenta, construiu novas estradas e implantou projetos de irrigação.	
<b>CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco</b>	Em 1974, a Suvale foi substituída pela Codevasf, com uma estrutura administrativa mais moderna, capaz de acelerar processo de irrigação. Mas recursos eram aplicados conforme as necessidades políticas de cada chefe regional.	
<b>Irrigação no VRSF</b>	Águas do São Francisco passaram a irrigar os parreirais que foram implantados ao longo do rio, desde Juazeiro até Santa Maria da Boa Vista.	
<b>Transposição do RSF</b>	A transposição do rio São Francisco é um projeto do Governo Federal, de deslocamento de parte das águas do RSF, no Brasil, nomeado como "Projeto de Integração do RSF com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional.	
<b>Energia Eólica</b>	O maior centro de geração de energia eólica do país é o complexo eólico Alto Sertão I, situado na Bahia, com capacidade de gerar até 300MW. Temos o Complexo Eólico Capoeiras e Assuruá fica entre Gentio do Ouro e Xique-Xique, no VRSF, na Bahia.	
<b>Agronegócio no Oeste da Bahia</b>	A reestruturação produtiva da agropecuária no Brasil tem estimulado criação de novas demandas sobre as cidades das regiões de difusão do agronegócio, com incremento da urbanização, com reorganização espacial e expansão de	

	<p>serviços para cidades circunvizinhas, alterando realidade da região. A partir de 1980, o oeste baiano passou a ter, promissores e modernos pólos agroindustriais do estado, produção de grãos, destacando-se a soja. As atividades agrícolas e agroindustriais desenvolvidas nessas regiões são comandadas por grandes empresas multinacionais e nacionais que operam em escala mundial. Incentiva o fluxo migratório de sulistas (para mão de obra) e à implementação de um conjunto de políticas públicas na área de infraestrutura voltadas para a viabilização técnica e econômica da produção agrícola nos cerrados. A expansão do agronegócio atingiu, na década de 1990, áreas dos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí, conformando uma região que posteriormente seria denominada de Matopiba, em alusão às iniciais dos estados Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.</p>	
--	--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora /pesquisadora (2018)

Após conhecer os principais fatos que influenciaram desenvolvimento da região Médio Rio São Francisco na contemporaneidade, a seguir iremos apresentar o quadro geral do contexto histórico e cultural da MRSF, que tem relação com o município de Xique-Xique (BA), trazendo influências e vice-versa, a fim de sistematizar as informações, sobre o contexto compreendido por mim.

### 3.7 QUADRO GERAL DO CONTEXTO HISTÓRICO MRSF

**Quadro 7:** Acervo: Elementos de Localização e da Geografia Física do Médio Rio São Francisco.

<b>ITEM DO ACERVO</b>	<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Bacia do Médio Rio São Francisco, onde fica a cidade de Xique-Xique (BA).	
<b>CLIMA</b>	Quente e Semiárido.	
<b>VEGETAÇÃO</b>	Presença da Caatinga; Solos aluviais; plantas comuns: Mandacaru, o xiquexique, o quipá, o cardo cabeça de frade, macambira, a jurema, a favela, a quixaba, a imbu, a angico, a imburana., jatobá , muquem, cartigueira, mari, periau, moleque duro, canafistala, juazeiro, crutili, canudo.	
<b>TRECHO NAVEGÁVEL</b>	Em Pirapora, depois da cachoeira, começa o trecho navegável, e prossegue até Xique-Xique (BA); agora apenas com barco pequeno; quando rio está cheio, no período das chuvas.	
<b>FAUNA FLUVIAL</b>	Os peixes mais comuns da região: surubins, piabas, pintados, dourados, tambaqui, piau, piranha, pescada, mandin, curimata, caboja, cari, carpa.	

<b>SECA E O REGIME PLUVIAL</b>	Região seca, causada pela escassez de chuvas; em Xique-Xique (BA); as chuvas se apresentam entre dezembro e abril.	
<b>RELEVO</b>	Presença de alguns morros, no seu trajeto. Como é encontrado no povoado da Marreca Velha; território se divide entre serras, brejos e pedras, mas tem predomínio de planície com morros em volta, as margens do RSF.	
<b>RIOS</b>	Os rios do sertão agreste, normalmente ficam secos durante período de estiagem e voltam a acumular água no período de chuvas, trazendo em alguns momentos de fortes chuvas, causando as enchentes; Presença de rios intermitentes e as croas e ipueiras fazem parte da paisagem local.	
<b>MAPA BACIA DO SÃO FRANCISCO</b>	LINK: <a href="https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+região+C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+região+C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3">https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+região+C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+região+C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3</a> – Acesso dia 15/10/2017	
<b>ITEM DO ACERVO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>Povos Indígenas que habitaram MRSF</b>	Povos Amoipiras, os Massacará, o Pontás e os Aracujás, tribos Gês.	Tradições indígenas permaneceram nas gerações posteriores
<b>Disputas por terras: indígenas x portugueses</b>	Nações indígenas entraram em conflito com europeus. E Indígenas se afastaram do litoral e foram para os altos sertões.	Contemporaneidade e, <b>indígenas de Rondelas</b> , lutam
<b>Chegada de João Coelho de Afonso VRSF</b>	Através de uma entrada, colonizadores portugueses chegaram a cidade de Ibotirama (BA), que faz divisa com Xique-Xique.	
<b>Colonização do VRSF.</b>	-Aconteceu a partir da chegada de Tomé de Souza, em março de 1549, através da concessão de Sesmarias.	
<b>Ocupação do VRSF criação de gado</b>	A Coroa autorizou, no ano de 1553 início da criação de gado e a construção dos currais, marcou a história do VRSF.	
<b>RSF como via transporte, comércio e subsistência</b>	No sec. XVI o RSF era a principal via de transporte e comunicação, de ligação para o comércio e oportunidade de trabalho através da pesca.	
<b>Pólos de povoamento no VRSF</b>	Pólos de povoamento no VRSF foram criados a partir das fazendas com currais e perto de áreas de pastagens do gado.	
<b>Igreja Católica x ocupação e povoamento</b>	Os Franciscanos Capuchinhos dos Bretões instalaram os primeiros aldeamentos no VRSF.	Ainda se encontra suas devoções e práticas religiosas
<b>Negro na região VRSF</b>	Mesmo depois de iniciado o tráfico de negros para o Brasil, eram raros, no Vale do Rio São Francisco, africanos escravizados.	
<b>Cultura Interracial, vaqueiro, sertanejo são franciscano</b>	Mistura interracial, entre portugueses e índias, portuguesas e negras, gerou surgimento de novo grupo étnico: vaqueiro, <b>sertanejo são franciscano</b> .	

**QUADRO 3: POSSE DE TERRAS, LIDERANÇAS, PODERIO, RELAÇÕES SOCIAIS SERVIL / FEUDAL, VIOLÊNCIA E FORMAÇÃO CULTURAL DO MRSF**

ITENS DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>A Casa Da Ponte – Família Guedes de Brito</b>	Latifundiário de destaque no VRSF, que tinham início no Morro do Chapéu - BA (que está localizado na região do MRSF estendendo-se até as nascentes do rio das Velhas MG.	
<b>A Casa da Torre – Família Garcia D'Ávila</b>	Garcia D' Ávila comprava grande número de animais vindo de Portugal pelas caravelas e depois multiplicava a criação de gado, nas fazendas litorâneas e subia com eles o RSF.	Importantes pontos criação de gado para abastecer cidades.
<b>Coronel Manuel Nunes Viana</b>	Dono da maior fortuna do MRSF, a partir da procuração da filha do senhor da Casa da Ponte, Isabel Guedes de Brito (que não teve herdeiros); transformou-se poderoso de gado VSF.	
<b>Coronelismo</b>	Coronel, grande proprietário de terra, negociante da região; com grande influência política; tinha sob seu controle a população local e comandava exército de jagunços.	
<b>Jagunços</b>	O jagunço fora da luta é o “Faz tudo na fazenda”. Era homem de confiança do coronel Mas principal estereotipo de jagunço conhecido, indivíduo perverso, viviam para servir coronel, agir como “justiceiro”.	

**QUADRO 4: FORMAÇÃO POPULACIONAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS.**

<b>Caminhos dos Tropeiros</b>	Os caminhos por onde bois passavam conduzidos por vaqueiros, construíram rotas dos tropeiros, com pontos de descanso, comércio, local para diversão, como vaquejadas.	
<b>Feiras Livres Populares</b>	Com hábito do deslocamento as comunidades vizinhas costumaram frequentar feiras dos territórios do entorno	
<b>Surgimento dos Arraiais</b>	Ao redor dos currais, surgiam os arraiais, pequenos centros de população, chefiados por um arrendatário. Trabalho com cultura de roças e criações de animais.	
<b>Cultura do Couro - Produtos à base de couro</b>	Aproveitamento do couro retirado do gado para produzir vestimentas e para produção de carne-seca; O couro também está presente nos instrumentos de trabalho para o vaqueiro.	
<b>Cultura da Palha</b>	A utilização da palha foi um legado dos indígenas, mas demorou em ser aproveitada como artefatos; A palha de carnaúba começou a ter valor pela cera nela contida e recorreram a outras palmeiras mais raras e de palha menos forte para cobrir e confeccionar esteiras e chapéu.	
<b>Milenarismo / Penitentes</b>	O milenarismo entranhado na alma dos sertanejos. Vivem isolados, numa região árida, onde muitas vezes a chuva e água são tão difíceis. Religiosidade profunda, dura e estranha. Há uma espécie de culto sombrio à morte e ao sofrimento físico (autoflagelação).	
<b>Remeiro, canoieiro, “Operador” do São Francisco</b>	Convive com populações ribeirinhas de vários estados, e conhece culturas diferentes as margens do RSF e unifica todas elas.	

<b>Negro d'água ou caboclo d'água</b>	Lenda atribuída a um homem pequeno, com cabeça grande e pelada, os pés achatados, de cor escura; Vivi nos rochedos no meio do rio e caminha solitário pelas praias e ilhas desertas; Tem um gênio agressivo e interesseiro pode vingar-se de quem o ofende levantando ventanias ou redemoinhos no rio, fazendo com que as embarcações virem; E aceita presentes, como fumo, cachaça ou comidas, protegendo quem o adula.	
<b>Mãe d'água</b>	Uma lenda atribuída a uma espécie de sereia, influência europeia, reforçada pela Uiara dos Tupis. Uma bela mulher de longos cabelos louros. Seus olhos exercem uma fascinação irresistível e sua voz doce é melodiosa enfeitiça os barqueiros nas noites de lua.	
<b>Outras superstições locais.</b>	Além do caboclo d'água e da mãe d'água, há um mundo de animais místico, povoando as sombras do rio São Francisco, como o cavalo d'água, que tem o tamanho de um potro, pelos vermelhos e casco redondo, pastando sempre na beirada do rio.	
<b>Carrancas</b>	As carrancas do São Francisco começaram a ser utilizadas a partir de 1901, as barcas passaram colocar carrancas em suas proas. Além do aspecto decorativo e pitoresco, costumava-se afirmar-se que as carrancas, em geral carantonhas feias, um misto de feições humanas e de animais tinham o poder de espantar os espíritos maus do rio, como o caboclo d'água. Atualmente usadas para decoração.	
<b>Cultura alimentar</b>	Alimentação baseada na farinha de mandioca, arroz, feijão, peixe, abobora, carne de sol e charque, melancia e manga. Além da carne bovina salgada e seca ao sol. Outros produtos típicos do MRSF: a pêta, o biscoito avoador, o pé de galinha, o biscoito arrieiro, surubi com abobora, quibebe de abobora, paçoca de carne seca	
<b>Cachaça</b>	Januária se destaca por produzir cachaça no sertão, desde anos 1800, pelo excelente produto. A pinga de Januária é quase toda produzida por métodos artesanais há anos. É envelhecida nos tonéis de umburana. É comum também a produção de cachaça em várias outras margens alegadas.	
<b>A cultura da pesca</b>	A pesca profissional, praticada de forma artesanal, atividade clássica RSF. Muitas famílias ribeirinhas se dedicam a essa ocupação, mas com mudanças irreversíveis no ambiente natural do rio, impactos ambientais afetaram os pescadores.	
<b>Enchentes</b>	Enchente tem desenvolvido cultura própria da população que vive esta realidade, da mesma forma que o assoreamento reduz a lâmina d'água e impede a navegação, faz com que as enchentes se espalhem por áreas cada vez maiores. No período colonial, as enchentes eram vistas pela população como uma verdadeira bênção.	

**QUADRO 5: FORMAÇÃO POPULACIONAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS.**

ITENS DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>Heranças Tupis</b>	Produziam: mandioca, milho, amendoim e outros voltados para a subsistência; tradições no artesanato, cultura e arte; vocação para guerra; bons construtores; caçavam, coletavam mariscos, produziam cerâmica, instrumentos de couro e palha.	
<b>Pankararu</b>	Origem na região Brejo dos Padres (Paulo Afonso – BA); pajé é a figura central, dirigindo todas as fases do ritual.	
<b>Tuxá (Rodelas)</b>	Tuxás vivem na cidade de Rodelas-BA. Comunidade resultante de uma síntese histórica de diversos povos que foram aldeados no povoado Missão de São João Batista de Rodelas. Grupo se mudou para Ibotirama após construção Usina de Sobradinho e terras inundadas.	
<b>Povos Bantos</b>	Herança cultural da capoeira, praticada ao som de tambores e o berimbau, além da festa congada; metalurgia; produtor de melancia, jiló, feijão-fradinho, dendezeiro e maxixe. Também eram caçadores, pescadores, coletores e criadores.	
<b>João Pretinho, filhos de escravos fugidos.</b>	João Pretinho nasceu filho de escravos fugidos e reunidos em quilombos, no alto sertão da Bahia, vivendo em quilombos móveis, fugindo capitães do mato. Em 1950, formou o quilombo do Alegre, com habitações mais sólidas no atual povoado de Barreiros, município de Chique-Chique - BA.	
<b>Barreiros</b>	Barreiros é um povoado quilombola, no município de Itaguaçu da Bahia, limite da cidade de Xique-Xique (BA). Formado por agricultores; descendentes de escravos que, no passado, trabalhavam nas fazendas da região; criaram associação de Trabalhadores Rurais Quilombolas, e a comunidade passou a produzir bolos e biscoitos, derivados da mandioca.	
<b>Vicentes</b>	Quilombo localizado em Xique-Xique (BA). Foi certificado pela Fundação Cultural Palmares como remanescente das comunidades quilombolas, em dezembro de 2006.	
<b>Rio das Rãs</b>	Comunidade rural que fica em Rio de Contas - BA, 70 Km Bom Jesus da Lapa, cidade MRSF; 1850 supostos donos das terras tentaram legalizar os terrenos em que moravam negros e índios aquilombados, coronel conseguiu o controle sobre o quilombo de Rio das Rãs e a comunidade passou a trabalhar para ele, como vaqueiros. Entre décadas de 70 e 80, grupo rico comprou terras e trabalho exploratório continuou. Só no ano 2000, a comunidade conseguiu título de propriedade destas terras.	
<b>Ilha da Champrona</b>	A Ilha de Champrona fica localizada em uma cidade emancipada que pertencia ao território de Xique-Xique -BA. E se autorreconhecem como descendentes das pessoas que vieram da África e foram escravizadas no Brasil, mas ainda não tem título de quilombola.	

<b>QUADRO 6: HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).</b>		
<b>ITEM DE ACERVO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>Usina Hidroelétrica de Sobradinho</b>	A Construção de Sobradinho também repercutiu na vida da população de Xique-Xique (BA), pois entre as cidades inundadas estava Pilão Arcado, onde é hoje o Xique-Xique, as pessoas têm ligação espacial e humana.	
<b>CHESF – companhia hidroelétrica do São Francisco SUVALE</b>	CHESF: objetivo de construir hidrelétricas e barragens ao longo do vale, gerando e distribuindo energia elétrica para todo o Nordeste. SUVALE: estrutura criada para retirar poder dos coronéis, começou a mudar, melhorar a região de forma lenta, construiu novas estradas e implantou projetos de irrigação.	
<b>CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco</b>	Em 1974, a Suvale foi substituída pela Codevasf, com uma estrutura administrativa mais moderna, capaz de acelerar processo de irrigação. Mas recursos eram aplicados conforme as necessidades políticas de cada chefe regional.	
<b>Irrigação no VRSF</b>	Águas do São Francisco passaram a irrigar os parreirais que foram implantados ao longo do rio, desde Juazeiro até Santa Maria da Boa Vista.	
<b>Transposição do RSF</b>	A transposição do rio São Francisco é um projeto do Governo Federal, de deslocamento de parte das águas do RSF, nomeado como "Projeto de Integração do RSF com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional.	
<b>Energia Eólica</b>	O maior centro de geração de energia eólica do país é o complexo eólico Alto Sertão I, situado na Bahia, com capacidade de gerar até 300MW. Temos o Complexo Eólico Capoeiras e Assuruá que fica entre Gentio do Ouro e Xique-Xique, no VRSF, na Bahia.	
<b>Agronegócio no Oeste da Bahia</b>	Difusão do agronegócio, com incremento da urbanização, com reorganização espacial e expansão de serviços para cidades circunvizinhas, alterando realidade da região. Oeste baiano passou a ter promissores e modernos pólos agroindustriais do estado, produção de grãos, destacando-se a soja.	

Fonte: Elaborado pela autora/ pesquisadora (2018)

Percebe-se a diversa e extensa lista de acervo, selecionados durante a construção do contexto histórico da região do presente estudo, mas consideram-se relevantes os elementos identificados, porque ainda estão presentes no cotidiano de Xique-Xique sede e das comunidades ribeirinhas da Marreca Velha e do Mato Grosso. Assim, iremos fazer a seleção real do acervo, no momento da modelagem do EMVPRMVMVT.

A seguir apresentamos o capítulo que aborda acerca de Xique-Xique (BA), sua história e a formação cultural local.

## **CAPÍTULO IV**

### **APRESENTAÇÃO DA CIDADE DE XIQUE-XIQUE (BA)**

#### **4.1 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA)**

Xique-Xique (BA) é um município brasileiro, localizada no estado da Bahia, no Médio Rio São Francisco, com área 9.603 Km<sup>2</sup>. Fica em linha reta 515 Km da capital baiana. O nome Xique-Xique é por causa da farta abundancia de vegetação cactos, na região. A explicação do nome da cidade em estudo tem sua importância, ainda nos dias de hoje, e vai para o acervo do Museu Virtual.

A vila de Xique-Xique, no século XVII, teve sua origem numa fazenda, denominada Praia, de propriedade da família portuguesa, de Theobaldo Jose Miranda Pires de Carvalho. O local possuía um “cabo da ipueira”, muito abundante de peixe. Nessa fazenda já havia sido construído, nas proximidades da Ipueira, um pequeno templo dedicado ao Senhor do Bonfim, por causa de um cumprimento de uma promessa feita por um tropeiro. A Vila onde ficava a referida fazenda nasceu com a invocação a um milagre de Senhor do Bonfim, em 1714, por isso inicialmente foi intitulada pelo nome de Senhor do Bonfim de Chique Chique (assim era escrito na época).

A história do surgimento da vila / freguesia e capela de Chique Chique é contada assim: um tropeiro, passando por aquele lugar, sentiu uma forte dor de cabeça, fez uma parada para descansar e pediu para o Senhor do Bonfim que lhe livrasse daquela enorme agonia (dor forte na cabeça), e em troca faria ali uma igreja. Ao acordar, não sentia mais a dor e cumpriu a promessa, edificando uma capela que deu início à Vila de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique. A região começou a ter devoções, de origem europeia, aos santos Senhor do Bonfim e Bom Jesus da Lapa.

Foi por esta razão que, em 1714, Dom Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Bahia, assinou um ato que elevava a capela de Chique-Chique à categoria de freguesia. Em pouco tempo a comunidade era um arraial em franco crescimento. Durante a administração do Governador Tomé de Souza passou por esta região uma expedição exploradora, conforme documentos da época colonial. Verifica-se nestes fatos a influência e força da Igreja Católica, desde a formação e o povoamento da região até a atualidade. O município foi criado como território desmembrado do Município de Pilão Arcado e como nome de Senhor do Bonfim de Chique Chique, pelo decreto imperial regencial de 06.07.1832.

Em síntese, a Vila de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique originou o município onde na atualidade está localizada Xique-Xique (BA). É um marco zero referencial para a população, pela sua relevância e será incluso como item de acervo do EMVPRMVMVT.

A vila de Chique Chique, foi muito afamada no passado, seja pelas lutas políticas das quais participou e testemunhou, seja pela riqueza mineralógica e uberdade do solo do seu município. A sua principal agricultura era do fumo, sendo regular a indústria pastoril e a extração da cera de carnaúba. As terras de Xique-Xique distinguiram no passado pela fama de suas riquezas em ouro e diamantes bem como pela fertilidade do solo. Limites com Pilão Arcado, Sento Sé, Itaguaçu, Gentio do Ouro, Morpará e Barra. Sua população estimada em 48.365 habitantes, segundo o IBGE (2017). A cidade está situada à margem direita do Rio São Francisco e abriga um porto de grande importância para a economia da região, que gira em torno da agricultura, pecuária e pesca.

O município é banhado também pelo rio verde afluente do São Francisco e são seus principais povoados: Mocambo do vento, Jatobainho, Sambaiaba, Porto Alegre, Batalha, Lagoa da Santa, Santa Barbara, Marrecas, Periquitos, Guaxinis, Icatu e Champrona.

Marreca, um dos povoados do estudo desta pesquisa, é considerado como destaque no povoado de Xique-Xique (BA), assim como Champrona, reduto quilombola, ainda na atualidade (que já foi citado anteriormente). Selecionaremos estas informações como item do EMVPRMVMVT.

Burton, historiador, contratado pelo Imperador D. Pedro II, para desbravar a região do Vale do Rio São Francisco, descreve em seu livro as terras de Xique-Xique (BA):

Descendo a cidade Barra (BA), encontra-se na distância de 12 léguas a margem direita do Rio São Francisco, um braço de ipueira (charco que se forma em lugares baixos, devido às enchentes dos rios) que serve de canal para vila de Xique-Xique que fica meia légua distante para dentro do RSF.

(...)

A viagem pelo rio abaixo, para Xique-Xique, é sempre muito contrariada pelos ventos rijos da proa, obrigando as embarcações a ficarem encostadas até passe, no que se gasta as vezes dias e se esgotam as provisões; por que teimar é arriscar, ir-se ao fundo com as impetuosidades das águas que assoberbam a proa ou pelo desabamento de uma barranca, coisa muito frequente quando o rio enche. Esse fenômeno de ano a ano faz aumentar a largura do rio durante a seca, com a diminuição de profundidade sempre na razão direta do espraiamento das águas. Após cada cheia mudam-se os canais e mesmo algumas ilhas desaparecem enquanto outras surgem onde menos se espera. (CARVALHO e KOTSCHO 1989).

O autor descreve sobre os acontecimentos naturais em Xique-Xique (BA) e região, demonstrando o processo e dinâmica de vida da população ligada às enchentes, tanto para a

construção das suas casas, no lidar com a terra e a cultura agropastoril, quanto para seus hábitos cotidianos, cujo fato influenciou na formação e desenvolvimento da referida cidade. E como na atualidade as enchentes ainda são parte da realidade na vida da população de Xique-Xique e mexem com o cotidiano das pessoas, incluiremos como item de acervo EMVPRMVMVT.

A vila de Chique Chique pode muito bem ser denominada a vila dos risos e das lágrimas – do riso por que entre a sua prodiga natureza já floresceu um povo alegre e opulento, cheio de vida; das lágrimas por que hoje, os olhos do observador somente encontram vestígios do glamour do passado, vindo com as pedras preciosas. A política essa torpe messalina em nossa vila Chique Chique mostrou-se cruel. Mas, Chique Chique nada possui do seu esplendor original. (LINS, 1960).

O autor faz comparação entre diferentes períodos da história de Xique-Xique (BA). Houve momentos de fartura e vida alegre para a população, no período das descobertas de pedras preciosas, entretanto, depois veio a fase de decadência, inclusive por causa das atividades políticas individualistas dos coronéis mais radicais da região.

Quando o Brasil separou-se politicamente de Portugal, a área que se tornaria município de Xique-Xique contribuía com a economia do império do Brasil, principalmente com a produção de ouro e pedras preciosas dos garimpos da Serra do Assuruá, que, na atualidade, é valorizada mais por outras características naturais do que por essa atividade.

O município de Xique-Xique foi emancipado no período da história brasileira conhecido como “Período das Regências”. Xique-Xique teve um diretório municipal do partido liberal e outro do partido conservador, além de um regimento da Guarda Nacional.

O conselho provincial da Bahia achou por bem criar o município em 1832 e instalou oficialmente o município com o nome de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique (este segundo nome ficou até 1837). O município foi administrado pelo poder legislativo até 1834. Os vereadores eram em números de 7 e seu mandato era de 2 anos. Quem fosse escolhido pelos colegas para presidente da mesa-diretora da câmara municipal era o responsável pela direção geral do município.

É a partir da proclamação da república, em 1889, e da constituição republicana em 1891, é instituída a figura do intendente que em passa a ser chamado de prefeito. O primeiro intendente municipal de Chique-Chique foi o coronel Gustavo Magalhães Costa.

Pelas leis diversas, Municipal e Estadual, de 1900 aos anos 1960, aconteceram mudanças administrativas, e através de alguns decretos foram criados variados distritos em Xique-Xique (BA), como o povoado da Marreca, tema do estudo desta pesquisa. Período 1939-1943 Marrecas (ex. povoado de Pedras); e pelo Decreto-lei Estadual n.º 141, de 31-12-1943,

retificado pelo Decreto Estadual n.º 12.978, de 01-06-1944, o município de Chique-Chique passou a grafar Xique-Xique e o distrito de Marrecas a chamar-se Iguira.

Verifica-se que na história de Xique-Xique (BA) aconteceram várias mudanças territoriais, o que demonstra inconstância na distribuição espacial e, conseqüentemente, na identidade da população local. Ao mesmo tempo, quando são citados fatos históricos da região do MRSF, inevitavelmente Xique-Xique (BA) sofre influência das localidades circunvizinhas, algumas terras que estiveram anexadas a esse município e hoje, por questões políticas ou administrativas, não mais pertencem à mesma cidade. No passado recente estiveram unidos os distritos, e as origens são únicas com marcas históricas que serão eternas. Como nos dias atuais Xique-Xique (BA) ainda apresenta reflexos dessas mudanças territoriais e no nome de alguns povoados, incluiremos como item de acervo do EMVPRMVMVT.

O município de Xique-Xique (BA) inicialmente era composto pelas seguintes ilhas: Ilha das Gaivotas, Ilhote de Mucambo, Ilhote de Champrona, Ilha de Boca de Icatu, Ilha das Tabocas, Ilha da Fartura, Ilha do Meio, Ilhote de Paulista, Ilha da Coroa do Gado, Ilha do Povo, Ilha de Jose Maria, Ilha do Mendonça, Ilha do Carrapicho, Ilhote de Lucio, Ilha do Brandão ou do Sequilho, Ilha do Carrapicho, Ilhote do Lucio, Ilha do Brandão ou do Saquinho, Ilha do João Vieira, Ilhas do Juvenal, do Banco da Areia, Ilha da Marreca, Ilha do Porto do Saco, Ilhas do Silva da Boa Vista, Ilhote dos Coroados, Ilha do Povo, da Salina de Santo Antônio, Ilhote do Pai Aécio, Ilha da Manga, Ilha da Venda e Ilha do Pau Branco. Vale o destaque para Ilha do Miradouro, povoado que é considerado marco inicial da história de Xique-Xique (BA), e que guarda tradições, principalmente com a lenda da serpente. Vejamos.

No final do século XVII um grupo de garimpeiro da Serra do Assuruá instalou-se na Ilha do Miradouro (nome originário da expressão popular “daqui miro o ouro nas serras”), nascendo ali o primeiro núcleo populacional habitado por europeus.

Na entrada do braço que se comunica com a ipueira que banha a vila de Chique Chique do lado esquerdo uma grande e importante ilha, talvez a de maior dimensão do São Francisco, denominado de Miradouro pertencente ao patrimônio de N. Sra. Santana. Essa imagem ali é adorada em uma igreja muito bem construída, de aspecto agradável e interiormente bem decorada com alguma elegância. Aproximadamente mede essa ilha 12 quilômetros de comprimento sobre 3 de largura. Conta com uma população superior a mil habitantes. Tem boa leitura, várias lagoas piscosas e matas que se utilizam os seus habitantes para as cercas das roças e para as fábricas de cal da vila. (GENERAL LABATUT, 1903).

Existe uma lenda que envolve a Igreja Nossa Senhora Santana, no Miradouro, que diz assim: À beira do Rio São Francisco, uma moça vivia a se banhar. Um dia, um tropeiro passou pelo

local, a viu e se apaixonou. Os dois se relacionaram, mas ela engravidou e o rapaz a deixou. Meses depois, sem saber o que fazer, deixou o filho no Velho Chico. Por um encanto, o garoto virou serpente. Anos se passaram e os dois encontraram-se na Igreja de Santana. Com outro encanto, a serpente voltou a ser garoto. Porém, a mãe se tornou serpente e foi aprisionada no porão da Igreja. Os moradores antigos garantem que a serpente ainda habita a Igreja Nossa Senhora Santana, e por isso o local é mal assombrado.

O fato é que a Igreja de Santana do Miradouro é conhecida pela sua história e arquitetura, extrapola os limites municipais e atrai fiéis de várias regiões da Bahia. Há seis anos o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) tombou o local como patrimônio estadual material e vem desenvolvendo a reforma e a restauração da parte física da capela.

A Ilha do Minadouro fez parte inicial da cidade de Xique-Xique (BA) e ainda hoje é apontada como território especial pela população, fazendo referência à lenda da serpente e também pela presença da Igreja de Nossa Senhora Santana e devoção da comunidade, além da relevância da arquitetura dessa referida igreja, tombada pelo IPAC.

Verificou-se que a cidade de Xique-Xique (BA) surgiu de uma fazenda / vila, onde já havia uma Capela que foi construída em promessa ao Senhor do Bonfim. As terras de Xique-Xique (BA) foram desmembradas do município de Pilão Arcado e assim virou vila, freguesia, cidade até sua emancipação, já tendo sido administrado também pelo legislativo. A presença da Igreja de Nossa Senhora Santana, com sua lenda, mostra os valores, crenças e a cultura local. São manifestações que se mantêm viva em Xique-Xique (BA) na contemporaneidade. Por se tratar de um importante elemento histórico/cultural de Xique-Xique, será incluso como item de acervo do EMVPRMVMVT.

Atualmente, pela classificação dos territórios para o Desenvolvimento Rural e Sustentável (DRS) do Estado da Bahia, Xique-Xique (BA) pertence ao Território de Identidade de Irecê. A seguir mostraremos um mapa da Bahia, que sinaliza a localização de Xique-Xique (BA) com seus limites territoriais, tema do nosso estudo.

**Figura 2:** Localização de Xique-Xique(BA) com seus limites territoriais



**Fonte:** [https://www.google.com.br/search?q=mapas+xique+xique+da+bahia&hl=pt-BR&tbm=isch&tbs=rimg:CQECpAZ0NO5sIjhB5uDFSQr-ATm9l2fqHsUFYw4mt8d0l7WEiBMc50FpqKdCqmdIpyptPFZKpoU3JYyuTrg2kwkgsCoSCUHm4MVJCv4BEWeCdmlwvufRKhIJOb2XZ-oeXQRztW6nkElNp0qEgljDia3x3QjtRF6NjOZsYc1oCoSCYSIExznQWmoEbu2OcM051gpKhIjp0KqZ0inKm0R8veEfHdVRAYqEgk8VqkmhTcljBFMrlg2aaVy7CoSCa5OuDaTCSCwEfTQWmecXf69&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwiji96w7frZAhVCiJAKHZnAA0gQ9C96BAGAEBS&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgrc=I\\_zHsb0yunviBM](https://www.google.com.br/search?q=mapas+xique+xique+da+bahia&hl=pt-BR&tbm=isch&tbs=rimg:CQECpAZ0NO5sIjhB5uDFSQr-ATm9l2fqHsUFYw4mt8d0l7WEiBMc50FpqKdCqmdIpyptPFZKpoU3JYyuTrg2kwkgsCoSCUHm4MVJCv4BEWeCdmlwvufRKhIJOb2XZ-oeXQRztW6nkElNp0qEgljDia3x3QjtRF6NjOZsYc1oCoSCYSIExznQWmoEbu2OcM051gpKhIjp0KqZ0inKm0R8veEfHdVRAYqEgk8VqkmhTcljBFMrlg2aaVy7CoSCa5OuDaTCSCwEfTQWmecXf69&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwiji96w7frZAhVCiJAKHZnAA0gQ9C96BAGAEBS&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgrc=I_zHsb0yunviBM)

A cidade de Xique-Xique (BA) desfruta de uma posição especial no MRSF, a ponto de, no ano de 1867, levar o explorador inglês Richard Burton, que então percorria o vale, a considerá-la como a capital ideal para a então projetada Província do São Francisco, cuja fundação se cogitava novamente naquelas épocas.

O território do município é constituído de extensas planícies com ligeiras ondulações, cortadas a sudeste e sudoeste pela Serra do Assuruá, e ao norte e nordeste, pela serra do Rumo e serrotes de Boa Vista e Pedras. Como essas características geográficas específicas em Xique-Xique (BA) e limites territoriais de valor intrínseco, tem-se local rico que contribui para a formação da população local e sua cultura, e nos dias atuais ainda continuam com este cenário, de modo que incluiremos como item de acervo do EMVPRMVT.

No ano de 2003, para dar cumprimento e implementar as estratégias e ações previstas na política de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), executada pelo Ministério de

Desenvolvimento Agrário (MDA), no âmbito da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), a região de Irecê foi escolhida, junto com outras, para participar do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (PRONAT), no estado da Bahia.

O Programa abarcou inicialmente os Territórios de Irecê, Velho Chico, Sisal, Chapada Diamantina, Baixo Sul e Litoral Sul; posteriormente foram se incorporando em distintos momentos Piemonte de Paraguaçu, Bacia do Rio Jacuípe, Bacia do Rio Corrente e Sertão do São Francisco, todos diretamente vinculados à SDT. Há também 04 Territórios – Extremo Sul, Vale do Médio Rio das Contas, Vale do Jiquiriçá e Itapetinga – assessorados pela Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira (Ceplac). A partir de 2007, o estado da Bahia passou acompanhar mais 11 territórios. No total existem 26 Territórios de Identidade que constituem as unidades de planejamento da intervenção do governo estadual.

A política de DRS tem como finalidade articular, promover e apoiar iniciativas da sociedade civil e dos poderes públicos capazes de viabilizar o desenvolvimento sustentável dos Territórios Rurais, buscando reduzir as desigualdades regionais e sociais, integrando-os aos processos de desenvolvimento nacional e promovendo a melhoria das condições de vida das populações. O grande desafio enfrentado por essa política e seus gestores é articular e construir institucionalmente os territórios, a partir da composição de identidades regionais, considerando-os como espaços privilegiados para a concretização das políticas e das estratégias de desenvolvimento sustentável.

A identificação de regiões (territórios) com realidades e problemáticas similares resulta em ações estratégicas que consideram não mais o município isoladamente. Como elemento estimulador para essa visão do desenvolvimento, instituições públicas de crédito e financiamento passam a vincular a liberação de recursos a planos que integrem municípios, mantenham espaços comuns de discussão das alternativas locais e sejam potencialmente positivos para todo o Território.

Adotar a abordagem territorial como referência para uma estratégia de apoio ao desenvolvimento rural se justifica por diversos aspectos, por exemplo, o rural não se resume ao agrícola. Mais do que um setor econômico, o meio rural tem áreas menos artificiais, menor população e mais influência dos aspectos naturais. Outro item a considerar nessa abordagem é que as decisões não acontecem de forma verticalizada do poder público, mas são criadas atividades e estratégias para propiciar que os agentes locais se mobilizem em torno de uma visão de futuro, de um diagnóstico de suas potencialidades e dificuldades, pensando e planejando o projeto que estimule o desenvolvimento sustentável.

O Território de Irecê, em funcionamento desde 2003, está composto por 20 municípios que possuem antecedentes históricos semelhantes, já que foram se originando de desmembramentos dos municípios de Morro do Chapéu, Irecê, Central e Xique-Xique, constituindo-se como áreas de mineração, de exploração da pecuária extensiva e de agricultura familiar de subsistência, desenvolvendo posteriormente a agricultura comercial, capitalizada e com tecnologias custosas para a época (irrigação, poços). Esses municípios possuem, também, características sociais, ambientais, econômicas e culturais semelhantes. Vale ressaltar que a população de Xique-Xique (BA) não se identifica com esse território, visto que faz mais referência às demandas e às estratégias de atendimento do Território do Velho Chico, como possibilidade de aplicação em seu povoado.

Apesar de a política de desenvolvimento territorial ser recente, promove também mudanças nas políticas culturais, nas relações entre Poder Público e Sociedade Civil, materializadas nos debates entre prefeitos, vereadores, secretários municipais, técnicos de órgãos públicos, ONGs e representantes dos movimentos sociais, assim como sua participação ativa nas oficinas e reuniões promovidas pelo Colegiado Territorial. A abertura de canais de diálogo com as Instituições de Ensino Superior (IES) é também outra novidade trazida pela política territorial. Também foi instalado um centro público de economia solidária em Irecê, como ponto de apoio e estímulo às atividades alternativas para desenvolver nesse território ações dentro do princípio da economia solidária.

Embora existam propostas sociopolíticas interessantes no referido programa, a população de Xique-Xique (BA) não se sente representada no território pelo qual o município foi abarcado, e também existem sérias divergências políticas e socioculturais entre Irecê e Xique-Xique (BA), com disputas e sentimento de repúdio, o que impede a integração no referido programa.

O Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais, (PRONAT), no estado da Bahia, contempla a cidade de Xique-Xique (BA), mas na prática não tem atendido às necessidades da população. Contudo, pela importância do programa na região, colaborando para o desenvolvimento econômico na contemporaneidade, este deve compor elementos de EMVPRMVMVT.

Foi apresentada a classificação dos territórios por identidade, como proposta de política regional, através de desenvolvimento sustentável dos Territórios Rurais (que vão para além do meio rural) e preservação das suas características, o que tem impactado na Xique-Xique (BA) da contemporaneidade, incentivando e valorizando a identidade cultural e criando

ações para viabilizar esta política, como a implantação de um centro de economia solidária. Assim, colocaremos o PRONAT como item de acervo do EMVPRMVMT.

Para sistematizar as informações históricas, características e estruturais do município de Xique-Xique (BA), que serão itens de acervo no EMVPRMVMT, foi elaborado um quadro descritivo, conforme se apresenta no próximo tópico.

#### 4.1.1 Acervo do Histórico do Município de Xique-Xique (BA).

**Quadro 8:** Itens de Acervo do Histórico do Município de Xique-Xique (BA).

ITEM DE ACERVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<b>Motivo do nome da cidade</b>	Abundância de vegetação cactos, na região	
<b>Origem da Vila de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique</b>	A Vila onde ficava a referida fazenda, nasceu com a invocação a um milagre de Senhor do Bonfim, em 1714, por isso inicialmente foi intitulada pelo nome de Senhor do Bonfim de Chique Chique (BA). A história do surgimento da vila / freguesia e capela de Chique Chique veio então com pagamento da promessa de um tropeiro, que passava por aquele lugar. Ele edificou uma capela que deu início a referida vila.	
<b>Cidades limítrofes de Xique-Xique</b>	Limites com os municípios de Gentio do Ouro, Ipupiara, Pilão Arcado, Itaguaçu da Bahia, Barra e Ibotirama. As terras do atual município pertenciam ao município de Pilão Arcado e denominava-se Senhor do Bonfim de Xique-Xique. E assim a história de Pilão Arcado, inicialmente foi a história do município de Xique-Xique.	
<b>Atividades econômicas de Xique-Xique</b>	A principal agricultura já foi o fumo, sendo regular a indústria pastoril e a extração da cera de carnaúba. As terras de Xique-Xique distinguiram no passado pela fama de suas riquezas em ouro e diamantes bem como pela fertilidade do solo. E o rio sempre favoreceu a atividade pesqueira.	
<b>Principais povoados de Xique-Xique</b>	Principais povoados: Mocambo do vento, Jatobainho, Sambaiaaba, Porto Alegre, Batalha, Lagoa da Santa, Santa Barbara, <b>Marrecas</b> , Periquitos, Guaxinis, Icatu e <b>Champrona</b> .	
<b>Mudanças administrativas, e no nome dos povoados</b>	-Foram criados variados distritos em Xique-Xique, como povoado da Marreca. Distrito de Marreca Nova a chamar-se Iguira.	
<b>Ilha do Minadouro</b>	Antes de terminar o século XVII um grupo de garimpeiro da Serra do Assuruá, instalou-se na Ilha do Miradouro	

	(nome originário da expressão popular daqui miro o ouro nas serras). Existe na ilha a igreja de N Sra. Santana e lenda da serpente, e a população acredita fortemente.	
<b>Geo física de Xique-Xique</b>	O território do município é constituído de extensas planícies com ligeiras ondulações, cortadas a sudeste e sudoeste pela Serra do Assuruá, e ao norte e nordeste, pela serra do Rumo e serrotes de Boa Vista e Pedras.	
<b>Território de identidade de Irecê</b>	Através da política de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), a região de Irecê foi escolhida, junto com outras, para participar do PRONAT – Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais, no estado da Bahia. O Território de Irecê está em funcionamento desde 2003, e Xique-Xique (BA) pertence a este grupo que tem contemplado áreas de mineração, de exploração da pecuária extensiva e de agricultura familiar de subsistência, desenvolvendo posteriormente a agricultura comercial, capitalizada e com tecnologias (irrigação, poços). Funciona centro público de economia solidária em Irecê.	

**Fonte:** Quadro criado pela autora /pesquisadora (2018)

A seguir, continuamos a descrever Xique-Xique (BA), agora relatando principais aspetos culturais da referida cidade.

#### 4.2 ASPECTOS CULTURAIS DE XIQUE-XIQUE (BA).

Xique-Xique (BA) apresenta um território rico em tradições culturais, com herança dos povos originais, os indígenas que sobreviveram aos ataques e violências dos forasteiros, agregado à herança dos colonizadores portugueses (bandeirantes), criadores de gado, coronéis e figura dos vaqueiros e jagunços, além de alguns negros escravizados, fugitivos que chegaram nessa região. Muitas das manifestações culturais ainda são preservadas pela população, devido ao modo de vida simples de povos ligados à agricultura, à pecuária e à pesca. O Rio São Francisco foi e é o principal personagem no desenvolvimento da história do povo e seus costumes da região do vale e do sertão.

Segundo relato dos moradores, no referido município são encontradas atividades próprias do cotidiano do povo ribeirinho, e também da pesca profissional, com o deslocamento de barcos com apreciação das paisagens naturais preservadas, igrejas e capelas diversas, com destaque para Nossa Senhora Santana no Miradouro (uma das primeiras vilas de Xique-Xique (BA) a ser habitada, e cercada por uma lenda milenar). Também existem manifestações

culturais diversas como a Festa do Padroeiro de cada povoado; Regata Ecológica do povoado de Marreca Velha (que visa à preservação do Rio São Francisco e ao resgate de formas de pesca artesanal; Dança de São Gonçalo, povoado do Mato Grosso; grupo de Samba de Roda “É na pisada ê”, com apresentação de personagens do cotidiano do Rio; Artesanato de palha e cerâmica com barro extraído do Rio São Francisco, produzido no povoado de Passagem em Barra (município vizinho de Xique-Xique (BA) e por outro grupo de ceramistas da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, situada na sede do município de Barra (BA); na beleza da Lagoa de Itaparica; Alambiques de cachaça das localidades conhecida como Brejos, vegetações que margeiam o rio; Gastronomia à base de bode e carneiro, galinha caipira, pescados e outras iguarias locais, como doces, rapaduras, petas etc. O município tem ainda como marcadores culturais o sotaque e as expressões orais regionais, as roupas de couro, carrancas e crenças, presentes no dia a dia das comunidades ribeirinhas em estudo. Percebe-se nas conversas com moradores antigos, remadores, rezadeiras, contadores de estórias, poetas, repentistas, artesãos etc. que o Rio São Francisco inspira o cotidiano das comunidades ribeirinhas e as pessoas de fora querem conhecer e viver estas experiências.

#### 4.3 POVOADOS DE XIQUE-XIQUE (BA), EM ESTUDO: MATO GROSSO E MARRECA VELHA E SEUS ELEMENTOS CULTURAIS

No Município de Xique-Xique (BA), localiza-se Mato Grosso, comunidade ribeirinha e rural, onde a população simples vive da agricultura, pecuária e/ou pesca. Lugarejo com mesmas características dos arraiais, construídos pelos vaqueiros e tropeiros, no passado. As poucas famílias do povoado cultivam algumas tradições, como festejos dos santos católicos, sendo que um deles é o São Francisco. Existe uma casa de farinha coletiva e uma capela no povoado e nesse local, durante a novena a São Francisco, a comunidade faz apresentações da Dança de São Gonçalo, de origem portuguesa, com o objetivo de pagar promessas e também da diversão. Esse grupo cultural também tem o hábito de fazer apresentações da dança de São Gonçalo em outros povoados da região, conforme convite das comunidades, para entreter e cumprir promessas. Em outubro de 2017, o líder e morador mais antigo do povoado de Mato Grosso, também sanfoneiro do grupo nas apresentações, Almir, teve morte súbita e o grupo está se reorganizando para continuar a tradição.

Moradores de São Gonçalo relataram que a Dança do São Gonçalo consiste em: 12 dançadeiras + 1 tocador + 1 dançador, que dançam e se apresentam na Festa de São Gonçalo. Os devotos de São Gonçalo manifestam sua gratidão por meio das danças, cujo pagamento de

promessa ao santo é chamado de “brinquedo”. É constituído de “30 rodas”. Os devotos que tenham o seu favor recebido ou desejadoprometem e pagam, no mínimo, vinte “brinquedos”, mas já se tem verificado casos em que o devoto promete e paga cem “brinquedos” por uma graça alcançada, e em tais casos as danças demoram três ou quatro dias, entre gritos de alegria e estouros de foguetes. Os “brinquedos” de São Gonçalo são feitos à sombra de árvores ou sob barracões cobertos de palha. Cada dançarino tem uma função e o mestre das danças tem de ter boa memória e corpo ágil. Acompanham as danças cânticos alegres alusivos às virtudes e aos poderes de São Gonçalo.

A Dança do São Gonçalo é uma atividade cultural de relevância para moradores de Xique-Xique (BA) e região, mesmo na contemporaneidade, por isso incluiremos como elemento do acervo do EMVPRMVMVT.

Também existe o povoado da Marreca Velha, povoado ribeirinho banhado pelo Rio São Francisco, uma das comunidades mais antigas da região. Vejamos abaixo a história desse importante e tradicional povoado, contado por um escritor, historiador e originário de Xique-Xique (BA).

No ano de 1763 o português Marçal Ferreira dos Santos, embarca em Lisboa com destino ao Brasil Colônia, mais precisamente para a cidade do Salvador (BA). Era solteiro, rico, burguês e como outros milhares de judeus resolveu procurar o novo mundo, em busca de um lugar de franca liberdade para tocar negócios e viver longe das vistas dos inquisidores. Nessa cidade tomou conhecimento da existência das abundantes e baratas terras existentes nas margens do Rio São Francisco.

Como desejava ser fazendeiro, procurou os herdeiros dos dois grandes latifundiários da região são-franciscana Francisco Garcia Dias D’Ávila – Barão da Casa da Torre – e Antônio Guedes de Brito – Barão da Casa da Ponte – os quais eram também fazendeiros e grandes criadores em ambas as margens do Rio São Francisco e lhes comprou duas grandes áreas de terras: uma ilha aos herdeiros do Barão da Casa da Torre, proprietários na margem esquerda do rio, à qual deu o nome de "Fazenda Marrecas" e uma gleba enorme em terra firme na margem direita do rio, dos herdeiros do Barão da Casa da Ponte, à qual deu o nome de "Fazenda Riacho Grande". No ano de 1766 o início das obras da sede, dos currais e das roças de subsistência na "Fazenda Marrecas".

Marçal Ferreira dos Santos casou-se com D. Josefa Ferreira de Brito e tiveram oito filhos. A tradição oral conservou os nomes de três dos oito filhos de Marçal Ferreira dos Santos e Josefa Ferreira de Brito: João Ferreira dos Santos, Izidro José Ferreira e Lúcio Ferreira dos Santos.

Essas terras adquiridas em 1763 pelo português Marçal Ferreira dos Santos e que foram denominadas de "Fazenda Marrecas" e "Fazenda Riacho Grande", Mais tarde essas terras passaram a pertencer ao Distrito de Iguira, município de Xique-Xique (BA), distante 25 km da sede. (CASSIMIRO NETO, 2000)

Não é à toa que o nome Marçal é muito comum entre moradores da Marreca. E como já foi relatado anteriormente, com a construção da Barragem de Sobradinho, na década de 1970, e a conseqüente formação do lago, houve a inundação dos municípios de Pilão Arcado, Santo Sé, Remanso e Casa Nova. Nesse contexto, era prevista a inundação de parte do Município de Xique-Xique (BA), incluindo a comunidade de Marreca Velha. A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) chegou a construir outro povoado para as famílias da Marreca irem morar, local conhecido como Marreca Nova ou Nova Iguira. Mas, embora estivesse sob ameaça de alagamento, isso não ocorreu com a Marreca Velha. Na atualidade, em decorrência da dificuldade de acesso (extremamente precário, estradas com pedregulhos e barro) e da distância do centro de Xique-Xique (BA), o povoado acabou sendo favorecido com a preservação de sua identidade cultural e do seu modo de vida, relacionado à pesca e ao cotidiano do ribeirinho.

Há sete anos, no último final de semana de setembro, acontece a Regata Ecológica da Marreca Velha. A comunidade, de forma coletiva, organiza o evento e propõe competição de modalidades diversas de atividades ligadas à pesca artesanal, como disputa barco à vela, remo, lançamento de tarrafa e prova das trançadeiras de rede. Na ocasião também acontecem apresentações de artistas regionais e do Grupo Cultural da Dança do São Gonçalo, com venda de comidas típicas, proporcionando incremento, trabalho e renda para a população local.

O povoado da Marreca Velha tem características ímpares, desde a aparência física do seu povo, como pela sua fala e comportamento, reconhecida pelas comunidades vizinhas. É uma população bastante tradicional, inclusive para com valores éticos, morais, familiares e religiosos, ainda hoje mantendo seus costumes culturais. Com a realização da regata anualmente, tem-se fortalecido mais ainda a preservação cultural pesqueira e de moradores ribeirinhos. Pela relevância cultural, ainda na atualidade, incluiremos a Regata Ecológica da Marreca Velha, como elemento de acervo do EMVPRMVMVT.

Outros aspectos culturais compõem costumes da população de Xique-Xique (BA), como a Igreja Nossa Senhora Santana que é tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) do estado da Bahia; Festa do Padroeiro do município o Senhor do Bonfim; Festa da cidade, que acontece anualmente, com festejos populares e apresentações de cantores e bandas do cenário nacional; Grupo de Samba de Roda “É na Pisada ê”; Dança Sinhá Furrundunga; Grupos teatrais locais como Ribeirarte; Grupo Cultural Dança de São Gonçalo, do Povoado de Mato Grosso; Regata Ecológica da Marreca Velha; Tradição da Casa de Farinha da Marreca Velha; Artesanato à base de palha e barro extraído do Rio São Francisco; Rendeiras; Gastronomia regional e cachaça; Filarmônica que iniciou trabalhos em 2018; Prédios históricos do centro de Xique-Xique (BA); Feira livre semanal; Lagoa de Itaparica situada na APA que

leva mesmo nome, e a APA Dunas e Veredas, além do Parque Aquático, Ponta das Pedras (PAPP), que estimulam uma dinâmica cultural própria aos moradores de Xique-Xique (BA) e ao seu entorno.

Devido à importância destes aspectos culturais citados, ainda na atualidade para a população de Xique-Xique (BA), foram selecionados como elementos de acervo do EMVPRMVMVT.

Percebe-se que o Médio Rio São Francisco e Xique-Xique (BA) foram influenciados, ao longo da sua formação histórica, pelos povos e costumes que ali estiveram durante povoamento, desenvolvimento e expansão desses grupos sociais. As heranças culturais – bandeirantes/ homem branco europeu, do vaqueiro, pecuarista, agricultor, barqueiro, remeiro e pescador artesanal de descendência dos povos indígenas e negro – ainda são observadas no território de estudo, assim como seu modo de vida cotidiano, religiosidade, alimentação, musicalidade, sensibilidade e poesia.

Os elementos que mostram a diversidade e riqueza cultural da cidade, e ainda refletem importância na vida da população, na contemporaneidade, tem grande relevância no cotidiano de Xique-Xique (BA), e por isso serão itens de acervo do Eco Museu Virtual.

A seguir apresentaremos quadro com acervo selecionado sobre aspectos culturais de Xique-Xique, que em sua maioria foram citados por moradores locais.

#### 4.3.1 Aspectos Culturais de Xique-Xique (BA)

**Quadro 9:** Descrição dos aspectos culturais de Xique-Xique (BA)

<b>ELEMENTO CULTURAL</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>Grupo Cultural Dança de São Gonçalo do Povoado de Mato Grosso.</b>	São 12 dançadeiras + 1 tocador + 1 dançador, que dançam e apresentam na Festa de São Gonçalo. Os devotos de São Gonçalo prometem e pagam suas promessas com danças. A realização das danças, como pagamento de promessa a São Gonçalo, é chamada de “brinquedo” É constituído de “30 rodas”.	
<b>Regata Ecológica da Marreca Velha</b>	O evento sensibiliza para importância da preservação do patrimônio natural. Incentivando a pesca artesanal e a preservação da cultura.	
<b>Igreja Nossa Senhora Santana no Miradouro Tombada pelo IPAC</b>	Igreja que foi fundada há 400 anos. E foi tombada pelo IPAC. No momento está sendo restaurado desde 2006. Trata-se de uma igreja com elementos franciscanos elaborados por pessoas da terra. Elementos típicos do século XVII.	

<b>Festa do Padroeiro Senhor do Bonfim</b>	O padroeiro da cidade é Senhor do Bonfim, e é comemorado, no mês de janeiro, no mesmo dia do Sr. Dos Navegantes, com procissão náutica, do miradouro a enseada.	
<b>Festa da Cidade</b>	Evento popular. Acontece no mês de junho de cada ano e nas ruas do centro da cidade de Xique-Xique - BA.	
<b>Grupo de Samba de Roda “É na Pisada ê”</b>	Hoje o grupo tem 45 componentes e 7 tocadores. Os instrumentos usados são triângulo, pandeiro, caixa de viola. D. Anita é a vocalista. A vestimenta usada é blusa do grupo e saia rodada. Tem também a vestimenta do Reisado, conforme roupa do personagem.	
<b>Dança Sinhá Furrundunga</b>	Com o batuque da caixa, palmas e de vozes acontece a dança da Sinhá Furrundunga. As dançadeiras utilizam mantas coloridas que se entrelaçam, passam por cima e por baixo e, ao final, formam uma estrela.	
<b>Casa de Farinha da Marreca Velha</b>	Local onde acontece processamento da mandioca e produção de farinha para consumo e comercialização. Atividades realizadas em grupo, maioria mulheres da comunidade.	
<b>Lagoa da Itaparica situada em uma APA – Área de Proteção Ambiental.</b>	A APA está localizada no semi-árido nordestino, na margem do Rio São Francisco, abrangendo os municípios de Xique-Xique e Gentio do Ouro. A APA Lagoa de Itaparica tem uma área total de 78.450 ha.	
<b>APA Dunas e Veredas</b>	A decisão de criação da referida APA, se deu por considerar a singularidade das formações geológicas de dunas e veredas do Baixo-Médio São Francisco, com as ocorrências de espécies diferenciadas de fauna e flora.	
<b>Parque Aquático Ponta das Pedras – PAPP</b>	O parque conta com uma área de 140 mil m <sup>2</sup> , estacionamento gratuito para até 400 veículos, espaço para shows de até 10 mil pessoas, bares, restaurante, parques infantis e um imenso jardim. Usado para lazer da população e de visitantes. Parque aquático está localizado às margens do Rio São Francisco.	
<b>Artesanato</b>	Objetos a base de palha que vem do rio verde. Objetos em Cerâmica das Mulheres de Passagem de Areia – Barra (BA). Barro extraído Rio São Francisco.	
<b>Rendeiras</b>	Todo fim de tarde em Xique-Xique um grupo de mulheres se reúnem na porta de casa para tecer as redes de pesca e com muita cantoria e alegria elas mostram uma habilidade com as mãos. O Bairro da Ponta da Ilha que era conhecido como o bairro dos pescadores. Hoje a referência são as tecedeiras.	

<b>Gastronomia Regional</b>	Comidas a base de carneiro e bode, peixes de água doce (surubim, corveia, curumatá, pescada, piranha, trairá, pocomom, cabrage). Além de encontrar mandi (marisco), sarapatel, buxada, feijão de corda, doce de leite, rapadura, doce de buriti, biscoito ginete.	
<b>Cachaça</b>	Cachaça pinga da catuzeira (feita da folha de junco, arranca cabeça e coloca em efusão na cachaça). Planta cultivada em áreas alagadas.	
<b>Prédios arquitetônicos do centro de Xique-Xique</b>	Casarões residenciais antigos no centro da cidade. Prédios Mercado Central, Mercado da carne e Mercado do Peixe.	
<b>Feira Livre</b>	Acontece uma vez na semana, no centro da cidade, às sextas-feiras, pela manhã.	

**Fonte:** Elaborado pela autora /pesquisadora (2018)

Após as informações apresentadas sobre o contexto histórico/ cultural do Médio Rio São Francisco, do município de Xique-Xique (BA) e de seus povoados, para nosso entendimento e continuação da nossa pesquisa, torna-se necessário reunir o possível acervo do Museu em um único quadro, o quadro geral, com as informações mais relevantes do referido contexto geral e histórico, exposto no tópico seguinte.

#### 4.4 CONTEXTO GERAL E HISTÓRICO /CULTURAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E DO MUNICÍPIO DE XIQUE-XIQUE (BA).

**Quadro 10:** Panorama do Contexto Geral e Histórico / Cultural do Médio Rio São Francisco e do Município de Xique-Xique (BA).

<b>ACERVO 1: ELEMENTOS DE LOCALIZAÇÃO E DA GEOGRAFIA FÍSICA DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO.</b>		
<b>Item do Acervo</b>	<b>Característica</b>	<b>Observações</b>
LOCALIZAÇÃO	Bacia do Médio Rio São Francisco, onde fica a cidade de Xique-Xique (BA).	
CLIMA	Quente e Semiárido.	
VEGETAÇÃO	Presença da Caatinga; Solos aluviais; plantas comuns: Mandacaru, o xiquexique, o quipá, o cardo cabeça de frade, macambira, a jurema, a favela, a quixaba, a imbu, a angico, a imburana., jatobá , muquem, cartigueira, mari, periau, moleque duro, canafistala, juazeiro, crutili, canudo.	
TRECHO NAVEGÁVEL	Em Pirapora, depois da cachoeira, começa o trecho navegável, e prossegue até Xique-Xique (BA); agora apenas com barco pequeno; quando rio está cheio, no período das chuvas.	

FAUNA FLUVIAL	Os peixes mais comuns da região: surubins, piabas, pintados, dourados, tambaqui, piau, piranha, pescada, mandin, curimata, caboja, cari, carpa.	
SECA E O REGIME PLUVIAL	Região seca, causada pela escassez de chuvas; em Xique-Xique (BA); as chuvas se apresentam entre dezembro e abril.	
RELEVO	Presença de alguns morros, no seu trajeto. Como é encontrado no povoado da Marreca Velha; território se divide entre serras, brejos e pedras, mas tem predomínio de planície com morros em volta, as margens do RSF.	
RIOS	Os rios do sertão agreste, normalmente ficam secos durante período de estiagem e voltam a acumular água no período de chuvas, trazendo em alguns momentos de fortes chuvas, causando as enchentes; Presença de rios intermitentes e as croas e ipueiras fazem parte da paisagem local.	
MAPA BACIA DO SÃO FRANCISCO	LINK: <a href="https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3">https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&amp;biw=1366&amp;bih=613&amp;tbm=isch&amp;sa=1&amp;q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&amp;gs_l=psy-ab.3</a> – Acesso dia 15/10/2017	
<b>ACERVO2: HISTÓRICO, OCUPAÇÃO E POVOAMENTO DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).</b>		
<b>Item do Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>Povos Indígenas que habitaram MRSF</b>	Povos Amoipiras, os Massacará, o Pontás e os Aracujás, tribos Gês.	Tradições indígenas permaneceram nas gerações posteriores
<b>Disputas por terras: indígenas x portugueses</b>	Nações indígenas entraram em conflito com europeus. E Indígenas se afastaram do litoral e foram para os altos sertões	Contemporaneidade, indígenas de Rondelas, lutam
<b>Chegada de João Coelho de Afonso VRSF</b>	Através de uma entrada, colonizadores portugueses chegaram a cidade de Ibotirama (Ba), que faz divisa com Xique-Xique.	
<b>Colonização do VRSF.</b>	-Aconteceu a partir da chegada de Tomé de Souza, em março de 1549, através da concessão de Sesmarias.	
<b>Ocupação do VRSF criação de gado</b>	A coroa autorizou, no ano de 1553 início da criação de gado e a construção dos currais, marcou a história do VRSF	
<b>RSF como via transporte, comercio e subsistência</b>	No sec. XVI o RSF era a principal via de transporte e comunicação, de ligação para o comércio e oportunidade de trabalho através da pesca.	
<b>Pólos de povoamento no VRSF</b>	Pólos de povoamento no VRSF, foram criados a partir das fazendas com currais e perto de áreas de pastagens do gado.	
<b>Igreja Católica x ocupação e povoamento</b>	-Os Franciscanos Capuchinhos dos Bretões instalaram os primeiros aldeamentos no VRSF.	Ainda se encontra suas devoções e práticas religiosas
<b>Negro na região VRSF</b>	-Mesmo depois de iniciado o tráfico de negros para o Brasil, era raro, no Vale do Rio São Francisco, africanos escravizados.	

<b>Cultura Interracial, vaqueiro, sertanejo são franciscano</b>	Mistura interracial entre portugueses e índias, e entre portugueses e negras gerou surgimento de novo grupo étnico: vaqueiro, sertanejo são franciscano.	
<b>ACERVO3: POSSE DE TERRAS, LIDERANÇAS, PODERIO, RELAÇÕES SOCIAIS SERVIL / FEUDAL, VIOLÊNCIA E FORMAÇÃO CULTURAL DO MRSF</b>		
<b>Itens do Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>A Casa Da Ponte – Família Guedes de Brito</b>	Latifundiário de destaque no VRSF, que tinham início no Morro do Chapéu - BA (que está localizado na região do MRSF estendendo-se até as nascentes do rio das Velhas MG.	
<b>A Casa da Torre – Família Garcia D’Ávila</b>	Garcia D’Ávila comprava grande número de animais vindo de Portugal pelas caravelas e depois multiplicava a criação de gado, nas fazendas litorâneas e subia com eles o RSF.	Importantes pontos criação de gado para abastecer cidades.
<b>Coronel Manuel Nunes Viana</b>	Dono da maior fortuna do MRSF, a partir da procuração da filha do senhor da Casa da Ponte, Isabel Guedes de Brito (que não teve herdeiros); transformou-se poderoso de gado VSF.	
<b>Coronelismo</b>	Coronel, grande proprietário de terra, negociante da região; com grande influência política; tinha sob seu controle a população local e comandava exército de jagunços.	
<b>Jagunços</b>	O jagunço fora da luta “Faz tudo na fazenda”. era homem de confiança do coronel Mas principal estereotipo de jagunço conhecido, indivíduo perverso, viviam para servir coronel, agir como “justiceiro”.	
<b>QUADRO 4: HERANÇAS CULTURAIS</b>		
<b>Caminhos dos Tropeiros</b>	Os caminhos por onde bois passavam conduzidos por vaqueiros, construíram rotas dos tropeiros, com pontos de descanso, comércio, local para diversão, como vaquejadas.	
<b>Feiras Livres Populares</b>	Com hábito do deslocamento as comunidades vizinhas costumaram frequentar feiras dos territórios do entorno.	
<b>Surgimento dos Arraiais</b>	Ao redor dos currais, surgiam os arraiais, pequenos centros de população, chefiados por um arrendatário. Trabalho com cultura de roças e criações de animais.	
<b>Cultura do Couro - Produtos à base de couro</b>	Aproveitamento do couro retirado do gado para produzir vestimentas e para produção de carne-seca; O couro também está presente nos instrumentos de trabalho para o vaqueiro.	
<b>Cultura da Palha</b>	A utilização da palha foi um legado dos indígenas, mas demorou para ser aproveitada como artefatos; A palha de carnaúba começou a ter valor pela cera nela contida e recorreram a outras palmeiras mais raras e de palha	

	menos forte para cobrir e confeccionar esteiras e chapéu.	
<b>Milenarismo / Penitentes</b>	O milenarismo entranhado na alma dos sertanejos. Vivem isolados, numa região árida, onde muitas vezes a chuva e água são tão difíceis. Religiosidade profunda, dura e estranha. Há uma espécie de culto sombrio à morte e ao sofrimento físico (autoflagelação).	
<b>Remeiro, canoieiro, “Operador” do São Francisco</b>	Convive com populações ribeirinhas de vários estados, e conhece culturas diferentes as margens do RSF e unifica todas elas.	
<b>Negro d’água ou caboclo d’água</b>	Lenda atribuída a um homem pequeno, com cabeça grande e pelada, os pés achatados, de cor escura; Vivia nos rochedos no meio do rio e caminha solitário pelas praias e ilhas desertas; Tem um gênio agressivo e interesseiro pode vingar-se de quem o ofende levantando ventanias ou redemoinhos no rio, fazendo com que as embarcações virem; E aceita presentes, como fumo, cachaça ou comidas, protegendo quem o adula.	
<b>Mãe d’Água</b>	Uma lenda atribuída a uma espécie de sereia, influência europeia, reforçada pela Uiara dos Tupis. Uma bela mulher de longos cabelos louros. Seus olhos exercem uma fascinação irresistível e sua voz doce é melodiosa enfeitiça os barqueiros nas noites de lua.	
<b>Outras superstições locais.</b>	Além do caboclo d’água e da mãe d’água, há um mundo de animais místico, povoando as sombras do rio São Francisco, como o cavalo d’ água, que tem o tamanho de um potro, pelos vermelhos e casco redondo, pastando sempre na beirada do rio.	
<b>Carrancas</b>	As carrancas do São Francisco começaram a ser utilizadas a partir de 1901, as barcas passaram colocar carrancas em suas proas. Além do aspecto decorativo e pitoresco, costumava-se afirmar-se que as carrancas, em geral carantonhas feias, um misto de feições humanas e de animais tinham o poder de espantar os espíritos maus do rio, como o caboclo d’ água. Atualmente usadas para decoração.	
<b>Cultura alimentar</b>	Alimentação baseada na farinha de mandioca, arroz, feijão, peixe, abobora, carne de sol e charque, melancia e manga. Além da carne bovina salgada e seca ao sol. Outros produtos típicos do MRSF: a pêta, o biscoito avoador, o pé de galinha, o biscoito arrieiro, surubi com abobora, quibebe de abobora, paçoca de carne seca.	
<b>Cachaça</b>	- Januária se destaca por produzir cachaça no sertão, desde anos 1800, pelo excelente produto. A pinga de Januária é quase toda produzida por métodos artesanais há anos. É envelhecida nos tonéis de umburana. É comum também a produção de cachaça em várias outras margens alegadas.	

<b>A cultura da pesca</b>	A pesca profissional, praticada de forma artesanal, atividade clássica RSF. Muitas famílias ribeirinhas se dedicam a essa ocupação, mas com mudanças irreversíveis no ambiente natural do rio, impactos ambientais afetaram os pescadores.	
<b>Enchentes</b>	- Enchente tem desenvolvido cultura própria da população que vive esta realidade, da mesma forma que o assoreamento reduz a lâmina d'água e impede a navegação, faz com que as enchentes se espalhem por áreas cada vez maiores. No período colonial, as enchentes eram vistas pela população como uma verdadeira bênção.	
<b>ACERVO5: FORMAÇÃO POPULACIONAL DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS.</b>		
<b>Itens do Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>Heranças Tupis</b>	Produziam: mandioca, milho, amendoim e outros voltados para a subsistência; tradições no artesanatos, cultura e arte; vocação para guerra; bons construtores; caçavam, coletavam mariscos, produziam cerâmica, instrumentos de couro e palha.	
<b>Pankararu</b>	Origem na região Brejo dos Padres (Paulo Afonso – BA); pajé é a figura central, dirigindo todas as fases do ritual.	
<b>Tuxá (Rodelas)</b>	Tuxás vivem na cidade de Rodelas-BA. Comunidade resultante de uma síntese histórica diversos povos que foram aldeados no povoado Missão de São João Batista de Rodelas. Grupo se mudou para Ibotirama após construção Usina de Sobradinho e terras inundadas.	
<b>Povos Bantos</b>	Herança cultural da capoeira, praticada ao som de tambores e o berimbau, além da festa congada; metalurgia; produtor de melancia, jiló, feijão-fradinho, dendezeiro e maxixe; Também eram caçadores, pescadores, coletores e criadores.	
<b>João Pretinho, filhos de escravos fugidos.</b>	João Pretinho nasceu filho de escravos fugidos e reunidos em quilombos, no alto sertão da Bahia, vivendo em quilombos móveis, fugindo capitães do mato. Em 1950, formou o quilombo do Alegre, com habitações mais sólidas no atual povoado de Barreiros, município de Chique-Chique - BA.	
<b>Barreiros</b>	Barreiros é um povoado quilombola, no município de Itaguaçu da Bahia, limite da cidade de Xique-Xique - BA. Formado por agricultores; descendentes de escravos que, no passado, trabalhavam nas fazendas da região; criaram associação de Trabalhadores Rurais Quilombolas, e a comunidade passou a produzir bolos e biscoitos, derivados da mandioca.	

<b>Vicentes</b>	Quilombo localizado em Xique-Xique- BA.Foi certificado pela Fundação Cultural Palmares como remanescente das comunidades quilombolas, em dezembro de 2006.	
<b>Rio das Rãs</b>	Comunidade rural que fica em Rio de Contas -Ba, 70 Km Bom Jesus da Lapa, cidade MRSF; 1850 supostos donos das terras tentaram legalizar os terrenos em que moravam negros e índios aquilombados, coronel conseguiu o controle sobre o quilombo de Rio das Rãs e a comunidade passou a trabalhar para ele, como vaqueiros. Entre décadas de 70 e 80, grupo rico comprou terras e trabalho exploratório continuou. Só no ano 2000, a comunidade conseguiu título de proprietária destas terras.	
<b>Ilha da Champrona</b>	A Ilha de Champrona fica localizada em uma cidade emancipada que pertencia ao território de Xique-Xique -BA. E se autorreconhecem como descendentes das pessoas que vieram da África e foram escravizadas no Brasil, mas ainda não tem título de quilombola.	
<b>ACERVO6: HISTÓRIA RECENTE DO MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO E XIQUE-XIQUE (BA).</b>		
<b>Item do Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>Usina Hidroelétrica de Sobradinho</b>	A Construção de Sobradinho também repercutiu na vida da população de Xique-Xique (BA), pois entre as cidades inundadas estava Pilão Arcado, onde é hoje o Xique-Xique, as pessoas têm ligação espacial e humana.	
<b>CHESF - companhia hidroelétrica do São Francisco SUVALE</b>	CHESF: objetivo de construir hidrelétricas e barragens ao longo do vale, gerando e distribuindo energia elétrica para todo o Nordeste. SUVALE: estrutura criada para retirar poder dos coronéis, começou a mudar, melhorar a região de forma lenta, construiu novas estradas e implantou projetos de irrigação.	
<b>CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco</b>	Em 1974, a Suvale foi substituída pela Codevasf, com uma estrutura administrativa mais moderna, capaz de acelerar processo de irrigação. Mas recursos eram aplicados conforme as necessidades políticas de cada chefe regional.	
<b>Irrigação no VRSF</b>	Águas do São Francisco passaram a irrigar os parreirais que foram implantados ao longo do rio, desde Juazeiro até Santa Maria da Boa Vista.	
<b>Transposição do RSF</b>	A transposição do rio São Francisco é um projeto do Governo Federal, de deslocamento de parte das águas do RSF, nomeado como "Projeto de Integração do RSF com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional.	

<b>Energia Eólica</b>	O maior centro de geração de energia eólica do país é o complexo eólico Alto Sertão I, situado na Bahia, com capacidade de gerar até 300MW. Temos o Complexo Eólico Capoeiras e Assuruá, que fica entre Gentio do Ouro e Xique-Xique, no VRSF, na Bahia.	
<b>Agronegócio no Oeste da Bahia</b>	Difusão do agronegócio, com incremento da urbanização, com reorganização espacial e expansão de serviços para cidades circunvizinhas, alterando realidade da região. Oeste baiano passou a ter, promissores e modernos pólos agroindustriais do estado, produção de grãos, destacando-se a soja.	
<b>ACERVO7: ITENS DE ACERVO DO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICO DO MUNICÍPIO DE XIQUE -XIQUE (BA)</b>		
<b>Item De Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>Motivo do nome da cidade</b>	Abundancia de vegetação cactos, na região	
<b>Origem da Vila de Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique</b>	A Vila onde ficava a referida fazenda, nasceu com a invocação a um milagre de Senhor do Bomfim, em 1714, por isso inicialmente foi intitulada pelo nome de Senhor do Bomfim de Chique-Chique (BA). A história do surgimento da vila / freguesia e capela de Chique-Chique veio então com pagamento da promessa de um tropeiro, que passava por aquele lugar.	
<b>Cidades limítrofes de Xique-Xique</b>	Limites com os municípios de Gentio do Ouro, Ipujiara, Pilão Arcado, Itaguaçu da Bahia, Barra e Ibotirama. As terras do atual município pertenciam ao município de Pilão Arcado e denominava-se Senhor do Bomfim de Xique-Xique. E assim a história de Pilão Arcado, inicialmente foi a história do município de Xique-Xique.	
<b>Atividades econômicas de Xique-Xique</b>	A principal agricultura já foi o fumo, sendo regular a indústria pastoril e a extração da cera de carnaúba. Nas terras de Xique-Xique, já tiveram ouro e diamante. E o rio sempre favoreceu a atividade pesqueira.	
<b>Principais povoados de Xique-Xique</b>	Principais povoados: Mocambo do vento, Jatobainho, Sambaiaba, Porto Alegre, Batalha, Lagoa da Santa, Santa Barbara, Marrecas, Periquitos, Guaxinis, Icatu e Champrona.	
<b>Mudanças administrativas, e no nome dos povoados</b>	-Foram criados variados distritos em Xique-Xique, como povoado da Marreca. Distrito de Marreca Nova a chamar-se Iguira.	
<b>Ilha do Minadouro</b>	Antes de terminar o século XVII um grupo de garimpeiro da Serra do Assuruá, instalou-se na Ilha do Miradouro (nome originário da expressão popular daqui miro o ouro nas serras). Existe na ilha a Igreja	

	de N Sra. Santana e a lenda da serpente, na qual a população acredita fortemente.	
<b>Geofísica de Xique-Xique</b>	O território do município é constituído de extensas planícies com ligeiras ondulações, cortadas a sudeste e sudoeste pela Serra do Assuruá, e ao norte e nordeste, pela serra do Rumo e serrotes de Boa Vista e Pedras.	
<b>Território de identidade de Irecê</b>	Através da política DRS e do PRONAT, no estado da Bahia o Território de Irecê, desde 2003, e Xique-Xique -BA, que pertence a este grupo, tem sido contempladas com ações nas áreas mineração, exploração da pecuária extensiva e agricultura familiar de subsistência, e a agricultura comercial, com tecnologias (irrigação, poços). Além do centro público de economia solidária em Irecê.	
<b>ACERVO 8: ASPECTOS CULTURAIS DE XIQUE-XIQUE (BA).</b>		
<b>Item do Acervo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
<b>Grupo Cultural Dança de São Gonçalo do Povoado de Mato Grosso.</b>	São 12 dançadeiras + 1 tocador + 1 dançador, que dançam e apresentam na Festa de São Gonçalo. Os devotos de São Gonçalo prometem e pagam suas promessas com danças. A realização das danças, como pagamento de promessa a São Gonçalo, é chamada de “brinquedo” É constituído de “30 rodas”.	
<b>Regata Ecológica da Marreca Velha</b>	O evento sensibiliza para importância da preservação do patrimônio natural. Incentivando a pesca artesanal e a preservação da cultura.	
<b>Igreja Nossa Senhora Santana no Miradouro Tombada pelo IPAC</b>	Igreja que foi fundada há 400 anos. E foi tombada pelo IPAC. No momento está sendo restaurado desde 2006. Trata-se de uma igreja com elementos franciscanos elaborados por pessoas da terra. Elementos típicos do século XVII.	
<b>Festa do Padroeiro Sr.do Bonfim</b>	O padroeiro da cidade é Senhor do Bonfim, e é comemorado no mês de janeiro, no mesmo dia do Senhor dos Navegantes, com procissão náutica, do miradouro a enseada.	
<b>Festa da Cidade</b>	Evento popular. Acontece no mês de junho de cada ano e nas ruas do centro da cidade de Xique-Xique - BA.	
<b>Grupo de Samba de Roda “É na Pisada ê”</b>	Hoje o grupo tem 45 componentes e 7 tocadores. Os instrumentos usados são triângulo, pandeiro, caixa de viola. D. Anita é a vocalista. A vestimenta usada é blusa do grupo e saia rodada. Tem também a vestimenta do Reisado, conforme roupa do personagem.	
<b>Dança Sinhá Furrundunga</b>	O batuque da caixa, palmas e de vozes, acontece a dança da Sinhá Furrundunga. As dançadeiras utilizam mantas	

	coloridas que se entrelaçam, passam por cima e por baixo e, ao final, formam uma estrela.	
<b>Casa de Farinha da Marreca Velha</b>	Local onde acontece processamento da mandioca e produção de farinha para consumo e comercialização. Atividades realizadas em grupo, maioria mulheres da comunidade.	
<b>Lagoa da Itaparica situada em uma APA – Área de Proteção Ambiental.</b>	A APA está localizada no semi-árido nordestino, na margem do Rio São Francisco, abrangendo os municípios de Xique-Xique e Gentio do Ouro. A APA Lagoa de Itaparica tem uma área total de 78.450 ha.	
<b>APA Dunas e Veredas</b>	A decisão de criação da referida APA, se deu por considerar a singularidade das formações geológicas de dunas e veredas do Baixo-Médio São Francisco, com as ocorrências de espécies diferenciadas de fauna e flora.	
<b>Parque Aquático Ponta das Pedras – PAPP</b>	O parque conta com uma área de 140 mil M <sup>2</sup> , estacionamento gratuito para até 400 veículos, espaço para shows de até 10 mil pessoas, bares, restaurante, parques infantis e um imenso jardim. Usado para lazer da população e de visitantes. Parque aquático está localizado às margens do Rio São Francisco.	
<b>Artesanato</b>	Objetos a base de palha que vem do rio verde. Objetos em Cerâmica das Mulheres de Passagem de Areia – Barra (BA). Barro extraído Rio São Francisco.	
<b>Rendeiras</b>	Todo fim de tarde em Xique-Xique um grupo de mulheres se reúnem na porta de casa para tecer as redes de pesca e com muita cantoria e alegria elas mostram uma habilidade com as mãos. O Bairro da Ponta da Ilha que era conhecido como o bairro dos pescadores. Hoje a referência são as tecedeiras.	
<b>Gastronomia Regional</b>	Comidas a base de carneiro e bode, peixes de água doce (surubim, corveia, curimatar, pescada, piranha, trairá, pocomom, cabrage). Além de encontrar mandi (marisco), sarapatel, buxada, feijão de corda, doce de leite, rapadura, doce de buriti, biscoito ginete.	
<b>Cachaça</b>	Cachaça pinga da catuzeira (feita da folha de junco, arranca cabeça e coloca em efusão na cachaça). Planta cultivada em áreas alagadas.	
<b>Prédios arquitetônico do centro de Xique-Xique</b>	Casarões residenciais antigos no centro da cidade. Prédios Mercado central, Mercado da carne e Mercado do peixe.	
<b>Feira Livre</b>	Acontece uma vez na semana, no centro da cidade, às sextas-feiras, pela manhã.	

Fonte: Elaborado pela autora /pesquisadora (2018)

Ao apresentar o meu entendimento sobre o contexto geral, histórico e o desenvolvimento da região do Médio Rio São Francisco e do município de Xique-Xique (BA), durante realização desta pesquisa, percebeu-se que o texto ficou com um extenso conteúdo. E por causa do grande volume de informações coletadas, levou o contexto a ficar vasto e detalhado para o que requeria o eco museu virtual proposto. Mas mesmo com o contexto complexo, foi preferível, aprofundar estudos sobre contexto histórico de Xique-Xique e entorno, para posteriormente fazer real seleção de acervo, no capítulo de modelagem.

Depois do capítulo do contexto histórico estamos trazendo os princípios teóricos usados para fundamentar a modelagem e as funções do nosso Eco Museu Virtual. A partir dos pensamentos de alguns teóricos que comungam comigo das mesmas teorias, propomo-nos à análise e associação dos princípios através do uso e funcionamento destes princípios no EMVPRMVM. T.

## CAPÍTULO V

### **OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS ADOTADOS NA NOSSA PESQUISA E AS CONSEQUENTES DEMARCAÇÕES PARA ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DE MATO GROSSO, EM XIQUE-XIQUE (BA).**

Depois da descrição do contexto geral e histórico do Médio Rio São Francisco, recorte no nos povoados ribeirinhos de Mato Grosso e Marreca Velha do município de Xique-Xique (BA), apresento neste novo capítulo um conjunto de princípios teóricos o qual seguir, para desenvolver as reflexões neste trabalho, e posteriormente, foram reunidos para auxiliar na organização e na modelagem do EMVPRMVM. Serão estes princípios que nortearão a construção da modelagem do referido Eco Museu virtual, definindo atividades e ações que estarão disponíveis no espaço tecnológico, para direcionar o funcionamento do mesmo. Importante salientar que os princípios teóricos escolhidos também colaborarão para validação e legitimação deste trabalho, junto com a metodologia utilizada (DBR), que será aplicada conjuntamente com a comunidade/coautora.

Os meus referenciais teóricos (princípios) adotados, como base analítica desta dissertação são dos seguintes autores: Vygotsky (que defende trabalhos colaborativos e interativos), Bakhtin (apresenta o dialogismo, polifonia, importância da linguagem e processo de comunicação), Paulo Freire (teorias que vem especialmente da reflexão sobre a Pedagogia do Oprimido) e Jacques Ranière (defende a emancipação intelectual do sujeito). Conceito de educação popular, por Arroyo; Eco Museu Virtual, que tem como referência acervo da cultura popular ambientado no comportamento do cotidiano das comunidades, pensamentos com apoio em Carvalho, Vieira e Iconfom, que consideram também esta ferramenta como espaço para ações educativas. Foram trazidas, ainda, as teorias e conceitos de Povos e Comunidades Tradicionais, Cultura Popular e Ritualidade com Abib, (que trata cultura popular como ferramenta de resistência e luta social); Lidia Cardel falando sobre identidade do sujeito sertanejo e Guiomar Germani trazendo entendimento sobre geografia agrária.

Para facilitar a compreensão dividimos os princípios em: 1) Princípios Epistemológicos, e da Concepção do Conhecimento; 2) Princípios de Organização da Educação (Educação Informal e Educação Popular); 3) Princípio de Musealização e Abordagem Tecnológica; 4) Princípios de Conteúdo, com Concepção Cultural (Povos e Comunidades Tradicionais,

Costumes, Cultura Popular e Ritualidade); e 5) Princípio de Concepção da Regionalidade (Tipologia Sertaneja e Geografia Agrária).

Após conhecer quais serão os autores adotados e respectivos princípios a serem trabalhados, a seguir apresentamos cada um destes referenciais citados, de forma detalhada, justificando sua participação na pesquisa e sinalizando como cada um respectivamente, contribuirá com a modelagem do Eco Museu Virtual das Comunidades Ribeirinhas da Marreca Velha e de Mato Grosso, Xique-Xique (BA).

## 5.1 PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS: AS CONCEPÇÕES DO CONHECIMENTO ADOTADOS NA MINHA PESQUISA.

### **5.1.1 Princípios socioconstrutivistas, de Vygotsky e Bakhtin, com foco na área pedagógica.**

Apesar de existirem outros princípios, o socioconstrutivismo atende melhor as necessidades da minha pesquisa, porque tem uma abordagem educativa, estimula interatividade e foco nas práxis das comunidades de estudo, o que favorece a aplicação da metodologia DBR, escolhida neste trabalho.

Por conta desta realidade, escolhi alguns dos pensamentos de Vygotsky, que se encaixam com a proposta deste trabalho, como: as relações colaborativas; processos de relações sociais e interações; construção do conhecimento coletivamente; processo de aprendizagem; uso de instrumentos e signos para levar informação; o homem como construtor da cultura; linguagem como formas de expressão cultural. São características que interessam ao meu projeto, por que estimulam os indivíduos a realizarem atividades coletivamente e de forma participativa, com interação mútua, além de valorizar e favorecer a preservação cultural local. O uso desta tecnologia ainda pode contribuir com o processo de aprendizado, de forma mais efetivo. Convencida por este tipo de operação, decidi que a mesma estará presente na proposta das soluções do Eco Museu Virtual, a serem legitimadas pelos participantes / coautores.

Outro teórico, que defende princípios socioconstrutivismo e traz elementos que também estão sendo adotados na nossa pesquisa é Mikhail Bakhtin. Sobre suas escritas, buscamos as teorias do dialogismo e da polifonia. Para Bakhtin, o ensinar, o aprender e o uso da linguagem têm a participação do sujeito aprendiz (já que ele é agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos). O sujeito se vale do conhecimento de enunciados anteriores (que estão na história local) para formular suas falas e redigir seus

textos. Assim participa-se constantemente de um diálogo. A interação com o outro é inevitável, já que o eu, constitui esse outro e é por ele constituído. Bakhtin usa também signo e significado, na comunicação. E ele acredita que o significado das coisas pode ser passado para outras pessoas. Pois o discurso é um código enraizado, que mostra as origens, na sua essência, às vezes de forma disfarçada. O contexto histórico relata também a fala e a alma da comunidade, pois não se desconstrói sentido e nem se transfere sentido, mas é possível compreender o sentido das ações humanas. A interação verbal constitui a realidade fundamental, para ter acesso a saberes e fazeres de povos antigos, e dos antepassados.

Em linguística, polifonia é, segundo Bakhtin, a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. No nosso trabalho teremos espaço para participações, contribuições, comentários, avaliações e decisões da comunidade, coautora desta pesquisa, fazendo a prática da polifonia acontecer. Os ícones que possibilitarão tais atividades são: contribua com acervo, aconteceu na comunidade, deixe sua receita de comida regional, fórum da sala de bate papo e ficha de comentários / avaliação. Além da página web, que oferece aos membros da comunidade ferramentas para realizar gestão dos serviços turísticos, agendando e realizando referidos roteiros turísticos, na loja virtual há um espaço de comercialização de produtos regionais, definidos pela comunidade.

Na minha pesquisa adotei a metodologia DBR, que leva à realização de diálogos e audições constantes, além da vivência e trocas em rodas de conversa com membros da comunidade de estudo, com oportunidade de incluir novos conteúdos, trazidos pelos moradores, e que serão levados para a referida dissertação, assim a teoria de Bakhtin fortalecerá e confirmará nossos pensamentos.

Em complemento aos princípios anteriores, e que também aborda tema sócio-constructivismo, iremos adotar as teorias de Paulo Freire, abordadas na pedagogia do oprimido. Pois, o referido autor, também traz elementos que estão presentes nesta pesquisa.

Pretendemos usar da “educação dialógica” ou “educação libertadora” de Paulo Freire, que trata a necessidade de o educador ensinar usando a mesma linguagem do estudante / aprendiz. No nosso Eco Museu Virtual, teremos salas de bate papo estimulando rodas de conversa usando linguagem simples e de fácil entendimento, abordando temas de interesse das comunidades em estudo, e que permeiam cotidiano destas pessoas. Também haverá espaço para oficinas formativas, um local de aprendizado sobre conteúdos que estimulem a autonomia e luta social pelos seus direitos enquanto sujeito cidadão.

As teorias de Paulo Freire, selecionadas, estão associadas aos seguintes elementos: conscientizar os sujeitos sobre a necessidade de não aceitar valores, interesses e determinações de outros grupos sociais, como os pertencentes à classe dominante economicamente, pois é necessário resistir, para manter viva sua identidade cultural e tradições. Além de fortalecer a autoestima dos oprimidos, o autor estimula os mesmos a lutarem pela liberdade de escolha, através de uma pedagogia que ensina a combater a realidade desigual, e colaborar com fim da alienação das pessoas, uma oportunidade de libertar-se da opressão ideológica e buscar autonomia na vida como um todo. Essa é a proposta de Freire, uma pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação.

Contextualizando tais princípios no nosso Eco Museu Virtual teremos espaço de aprendizado (oficinas formativas) e para diálogo e debates (rodas de conversas virtuais) de diferentes temas que levam à sensibilização das pessoas e desalinhamento dos sujeitos, que no nosso estudo são os moradores das comunidades ribeirinhas tradicionais, ricas culturalmente, mas esquecidas e marginalizadas diante ausência dos benefícios com políticas públicas e precária infra-estrutura na região. Além de serem coagidos a modificarem sua identidade cultural e absorverem valores impostos pelo processo de globalização e modismo dos centros urbanos.

O nosso trabalho, com base na teoria da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, vem dar voz aos ribeirinhos e fortalecer culturalmente, para resistir e lutar contra opressores (classe dominante). No Eco Museu Virtual, os ícones de oficinas formativas virtuais (espaço educativo), registros do que aconteceu na comunidade, apresentação do contexto regional, mapa cultural da região e dos elementos do eco museu permitirão a valorização das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique (BA) e de sua cultura, além de proporcionar conhecimento para as pessoas viverem com dignidade, aspectos que confirmam as teorias freirianas.

Freire cita também que somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. E os sujeitos passam a defender sua identidade cultural e sua história. Estes conteúdos serão trabalhados nas atividades que compõem o Eco Museu Virtual, pois teremos rodas de conversas virtuais, que funcionarão como espaço para conversa, reunião, organização e reivindicação de direitos sociais, através desta ferramenta tecnológica.

Para completar os princípios epistemológicos associados ao socioconstrutivismo, inclui a teoria sobre a emancipação pedagógica e intelectual do sujeito, defendida pelo autor Jacques Rancière.

Segundo Halpern: “Jacques Rancière leva a sério as vozes dos pobres e dominados, ele insiste na capacidade dos indivíduos para se subtrair das identidades que lhes são atribuídas. Ele recorda que, na democracia, todos devem participar no poder.”

Na nossa pesquisa, como Rancière, defendemos direito a participação e igualdade e equidade social para as comunidades tradicionais, esquecidas e preteridas pelo Estado e classe dominante, na história local. Para aplicação desta teoria, no Eco Museu Virtual, usamos a ferramenta de oficina formativa (espaço de sensibilização, orientação e aprendizado) além das rodas de conversas virtuais, local para dialogar, participar de discussões e definições de ações nas comunidades ribeirinhas da Marreca Velha e de Mato Grosso, como, por exemplo, sobre os direitos sociais e preservação da cultura local.

A igualdade entre os sujeitos, é a grande bandeira de luta defendida por Rancière. Ele também chama atenção para ter cuidado com discurso eterno sobre os mecanismos de dominação. Não se deve visar, mas constituir a igualdade, seja ela política, estética ou intelectual. Na minha pesquisa a preocupação é dar voz e vez a todos das comunidades em estudo e visibilidade aos seus respectivos elementos culturais, através da tecnologia e fazer com que a igualdade seja vivenciada no processo de aprendizagem, entre todas as classes e grupos sociais. Este é um outro tópico defendido por Rancière, não reduzir os modos de vida e de pensamento dos sujeitos à determinações sociais, culturais ou históricas, em uma única categoria / classe.

Atento à parte dos “sem-parte”, os pobres, os excluídos e os dominados, ele afirma enfaticamente que as pessoas não estão trancadas em um destino social que ditaria seus pensamentos, gostos, aparências ou suas aspirações. Isso porque cada sujeito é livre e tem direito de escolher os caminhos a percorrer em sua própria vida.

Percebe-se que Rancière é um defensor nato dos grupos sociais dominados, e luta pela aplicação da democracia e da igualdade na sociedade, através de atividades que oportunizem os menos favorecidos a emanciparem intelectualmente, pensar e agir de forma autônoma, livres e diferentes das teorias determinadas pelo sistema econômico capitalista. Teorias que estão de comum acordo com nosso Eco Museu Virtual. Nesta ferramenta educativa / tecnológica, teremos ícones para a comunidade expor suas ideias (rodas de conversas), além de ter a oportunidade de participar da manutenção e funcionamento do referido EMVPRMVMT.

Assim, por concordarmos com princípios socioconstrutivistas aqui descritos, e estes comungarem com o projeto de pesquisa aqui abordado, incluiremos no nosso Eco Museu Virtual. Os mesmos estarão presentes na forma de interação entre sujeitos (os visitantes do museu entre si) e nos canais de comunicação público do sistema, possibilitando participação no funcionamento do Eco Museu.

Vejamos a seguir como os princípios epistemológicos no processo de modelagem.

### **5.1.2 Princípios Epistemológicos X Processo de Modelagem**

Coma definição dos princípios socioconstrutivistas como concepção do conhecimento e princípios epistemológicos adotados, vejamos como estes colaborarão com organização do Eco Museu Virtual.

Afirmamos que os princípios de mediação, interação, construção do conhecimento, sujeito histórico-social, dialogismo, polifonia, e a luta pela libertação dos ideais do opressor, estarão presentes e determinaram a modelagem da estrutura da página web, através da definição das ações e ícones no EMVPRMVM. Ou seja, auxiliará na formatação e nas atividades propostas pelo Eco Museu Virtual, com suas respectivas funções. Teremos diversas formas de diálogo e comunicação, através dos ícones: aconteceu na comunidade, contatos, cadastro, sala de bate papo, agendamento e venda de serviços turísticos do TBC, loja virtual, vamos pescar, comentários sobre eco museu e/ ou serviços e etc. Assim os princípios estarão direcionando as ferramentas de ação no EMVPRMVM.

No Eco Museu Virtual, o visitante poderá conhecer o acervo cultural através dos ícones: contexto regional, mapa cultural da região e elementos do eco museu. E também contribuir de forma interativa, seja dando opiniões, fazendo questionamentos ou passando sugestões. Ainda tem outros ícones que permitem a participação da comunidade, através de rodas de conversas e experiência de aprendizado, com ícone oficinas formativas.

Após situar os princípios de epistemologia do nosso trabalho, a seguir discutiremos princípios educativos, ligados às modalidades de educação informal e popular. E posteriormente, informaremos as formas de organização destes no Eco Museu Virtual, que virão como elementos da modelagem da referida página web.

## **5.2 PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO PARA EDUCAÇÃO**

### **5.2.1 Educação Popular**

Para Arroyo, a educação popular tem objetivo de levar sujeitos a conhecerem seus direitos enquanto cidadão e estimulá-los a participar da luta social e emancipação, por isso é bastante utilizada em atividades educativas dos movimentos sociais e educações especiais, como no programa de Jovens e Adultos, e em classes populares em geral, além de utilizar metodologia participativa e com troca de saberes, entre educador e educando.

De acordo com Arroyo, na educação popular são utilizados modelos pedagógicos de orientação “freiriana”, não exclusivamente escolar, e que se caracterizam por sua intencionalidade política por transformar as condições de vida da população e por sua flexibilidade. Educação que se construiu por meio de experiências de alfabetização popular direcionadas aos jovens e adultos das classes trabalhadoras, e dos Movimentos de Educação de Base, associando projetos de alfabetização à ação comunitária. A educação é vista para além da instituição escolar. Uma forma de educar horizontal, dialógica, que respeita os saberes dos educandos e tem como princípios a ética, a solidariedade e a transformação social. Educação que mobilizou e mobiliza os movimentos populares. Portanto, ao mesmo tempo em que se luta, se educa.

Percebe-se que as teorias descritas, comungam com a proposta no nosso trabalho, por isso, acolhemos como princípio para referenciar a modelagem do EMVPRMVMT. Os princípios educativos estarão na sala de bate papo para debates diversos, e nas oficinas formativas, terão como metodologia similar da educação popular, e invocam assuntos similares, por isso esse princípio foi adotado e são importantes no desenvolvimento de nossa pesquisa.

É uma constante, os conteúdos em foco abordarem a prática, o cotidiano para a valorização da identidade cultural, e também conscientizar sobre a relevância da autonomia da comunidade, reivindicação de direitos e ações que contribuam com desenvolvimento local. No Eco Museu teremos ícones para utilização e interação dos sujeitos entre si e/ou com instituições sociais locais (Associação, cooperativas, sindicato, colônia de pescadores...). Através das ferramentas da página web sobre EMVPRMVMT, como: a sala de bate papo, o fórum, documentos e arquivos gerados pós-reuniões, oficinas formativas, comentários e sugestões do eco museu virtual e serviços turísticos.

### **5.2.3 Princípios da Organização para Educação X Processo de Modelagem**

Com apresentação e seleção dos princípios da educação informal e educação popular, no Eco Museu Virtual, podemos observar que eles estarão presentes através das ferramentas como “bate papo”, “roda de conversa virtual”, oficinas formativas, que serão instrumentos de politização, troca de saberes e estímulo ao trabalho conjunto (evitando formalidade, discursos prontos e a manipulação das classes sociais com maior poder aquisitivo), e assim alcançar a proposta do EMVPRMVMVT.

Pretende-se a partir da construção coletiva, da metodologia participativa, e as ações de motivação, criar espaço interativo entre membros das comunidades em estudo (Mato Grosso e Marreca Velha, situadas em Xique-Xique (BA), mas que também são usuários do Eco Museu, possam ser contagiados positivamente e levem as pessoas a praticarem presencialmente nos seus territórios. Ou seja, que possa acontecer *in loco*, trabalho e decisões conjuntas, com troca de informações, exercitando ato da partilha, solidariedade, respeito a opinião do outro e aos saberes que este traz consigo. Essa mudança de atitude poderá criar uma prática cotidiana nas comunidades, valorizando as pessoas, estimulando atividades conjuntas e respeito as diferenças, e preservação da cultura local.

Lembramos que a partir da criação do EMVPRMVMVT, e com estímulo do dialogo via espaço virtual, poderão acontecer mudanças de atitudes nas pessoas da comunidade, como engajamento e luta social, por melhorias coletivas.

Os próximos princípios a serem apresentados serão os tecnológicos adotados na nossa dissertação, através do conceito do Museu Virtual e Eco Museu Virtual, tipologias e características, a fim de ter entendimento da organização da ferramenta Eco Museu.

### 5.3 PRINCÍPIO DE MUSEAÇÃO E ABORDAGEM TECNOLÓGICA

#### 5.3.1 Conhecendo o que é Museu Virtual e Eco Museu Virtual

A despeito do nome **Museu Virtual**, a ideia desse fenômeno é construir uma extensão digital do museu na internet, um museu sem muros, como defende Carvalho (2008).

Segundo pensamento de Reis (apud DJINDJIAN), o museu virtual tem possibilitado a divulgação de uma variedade de serviços, adaptados em diversas línguas, o que amplia os meios para se trabalhar com assuntos universais (globalizados) e restrições com temáticas das coleções selecionadas. E ainda utilizar conhecimentos diversos em ações que levem desenvolvimento local, colaborando com organização e autogestão das comunidades tradicionais.

Outros potenciais e contribuições oferecidos por um museu virtual são: recuperação de coleções; promoção de acessibilidade ao público com alguma deficiência; controle temporal e espacial dos grupos de visitantes; oferecimento de vias para comunicação com as visitas do museu, além da virtualização de objetos de forma detalhada.

No nosso trabalho, para além de registrar e preservar as manifestações culturais e o patrimônio local, o Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e de Mato Grosso – Xique-Xique (BA) se converterá em uma ferramenta educativa – seja apresentando história local, seja na sensibilização de princípios e valores, ou como espaço reivindicação social e cultural. Enfim, pretende-se desenvolver um canal eletrônico, de modo que as pessoas das comunidades (do nosso estudo) tenham a oportunidade de utilizar, de forma autônoma, conforme seus interesses, em diferentes momentos, para divulgação do patrimônio e cultura local e de eventos regionais; ou para formação sociopolítica da comunidade; ou como espaço de diálogo, notícias, depoimentos, protestos, reivindicações, sugestões etc.

Percebe-se que a proposta conceitual para um Museu Virtual, se aplica ao formato do nosso trabalho que é construir um EMVPRMVMVT, que virá como página web. Nela, encontramos ícones para registro e divulgação do acervo cultural selecionado sobre desenvolvimento histórico, formação populacional, tradições e elementos culturais das comunidades ribeirinhas do Médio Rio São Francisco e de Xique-Xique (BA), aspectos da geografia física, fauna e flora de destaque. Os conteúdos com valor único contribuirão para preservação destes elementos. A página web ainda irá oferecer ferramentas de acessibilidade e que permitirá aproximação das pessoas com limitações (em virtude da deficiência) e /ou da localização geográfica, por estar em outras cidades, estados e países, longe, de Xique-Xique (BA).

Ainda sobre princípios tecnológicos, informamos que existem dois tipos de modelagem: a modelagem cognitiva e a modelagem sistêmica, utilizada pelos profissionais de computação. No EMVPRMVMVT, estaremos adotando a primeira tipologia de modelagem, a cognitiva, pois a partir da escolha dos princípios teóricos selecionados, construiremos a modelagem cognitiva do referido Eco Museu Virtual, em desenvolvimento.

#### 5.3.1.1 O Que é um Eco Museu?

Considera-se um Eco Museu, um tipo do Museu de Território, aquele modelo de museu que opera processos de musealização *in situ* (no local), ou seja, o objeto musealizado não é apartado do seu contexto de ambiência. Pois todo o ambiente/território, na integralidade, são

musealizados junto com acervo exposto, como os parques naturais, sítios musealizados, museus a céu aberto e eco museus. Assim, considera-se Eco Museu, um local que se preocupa apresentar acervo das tradições populares de uma localidade, contextualizando a exposição com as características do ambiente, onde vive essa comunidade.

Para alguns pesquisadores Eco Museu também é a descrição e registro do folclore. Ou ainda, a apresentação das “coisas do povo”, ou seja, a tradição popular, os costumes e hábitos, e as técnicas tradicionais de uma comunidade popular e/ou tradicional. Teorias que confirmam o que foi citado acima: Eco Museu descreve costumes e a cultura popular de um povo, situando essas informações, conforme contexto territorial local. E também tem a colaboração da comunidade. A partir desses princípios, identificamos pontos em comum com nosso trabalho, por este motivo, adotamos como teoria referencial da nossa pesquisa.

No nosso Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, em Xique-Xique (BA), temos elementos que coincidem com a teoria conceitual apresentada sobre Eco Museu. Temos os seguintes ícones: 1. Contexto; 2. Mapa Cultural; 3. Elementos do Eco Museu; 4. Sala de Bate Papo; 5. Oficinas Formativas; 5. Roteiros Turísticos; 6. Serviços Turísticos; 7. Loja Virtual Comunitária; 8. Galeria; 9; Acessibilidade. Percebe-se que modelamos a página web, considerando ambiência e patrimônio cultural local, associado às funções de um museu virtual, que permite inclusão social, ferramentas educativas e comerciais.

No EMVPRMVMVT os itens musealizados foram: povoamento por povos indígenas; legado indígena; cultura da pesca; cultura da palha; coronéis e jagunços; vaqueiros; arraiais e tropeiros; cultura do couro; superstições e fé; das comidas e das bebidas regionais; contribua com acervo.

### **5.3.2 Contextualizando a Modelagem do Eco Museu Virtual**

Considerando a proposta de construção colaborativa de um Eco Museu Virtual dos povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso - Xique-Xique (BA), discorreremos sobre a construção da modelagem desta ferramenta, o seu processo prático, estético e estrutural para o desenvolvimento do referido Eco Museu. Destacamos como ícones os itens de acervo vindos do contexto histórico e geral e princípios teóricos selecionados para a construção das atividades interativas na página web, e em paralelo processo de aplicação de ciclos com diálogos participativos, dos membros, das referidas comunidades, para avaliarem, inserirem ou

eliminar novos conteúdos na página web, na qual eles são coautores e colaboram na modelagem e manutenção da ferramenta eletrônica.

Optamos por um Eco Museu virtual em formato 2D / portal, composto por ferramentas de sonoplastia (apresentação da história local e das suas tradições, músicas e poesias), além de imagens, dos vídeos e de instrumentos de acessibilidade, *templates* relacionados com a vitrine que terá elementos do patrimônio e cultura local (contexto regional, mapa cultural da região e elementos do eco museu). Mas além de possibilitar informações históricas, culturais o Eco Museu disponibilizará tópicos formativos através da discussão de temas reflexivos sociopolíticos.

No Eco Museu dos povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, localizados em Xique-Xique (BA), o usuário vai encontrar 14 ícones que darão acesso às informações contidas na página web. São eles:

- 1) Página Inicial;
- 2) Contexto;
- 3) Mapa Cultural da região;
- 4) Geografia Local
- 5) Eco Museu;
- 6) Créditos;
- 7) Sala de Bate Papo (dividida em cadastro, fórum, rodas de conversa 1 e 2);
- 8) Oficinas formativas (divididas pelos temas dos minicursos);
- 9) Roteiros Turísticos;
- 10) Serviços turísticos (item composto por agente on-line, loja virtual, contatos);
- 11) Comentários e Contate-nos
- 12) Galeria (vídeos e fotografias);
- 13) Acessibilidade;
- 14) Chat.

### **5.3.3 Princípios da Musealização X Processo de Modelagem**

Os princípios destacados na conceituação de Museu e Eco Museu estarão organizados, por exemplo, nos ícones: contexto regional, mapa cultural e elementos do eco museu, “roda de conversa virtual” (espaço de diálogo), oficinas formativas (ferramenta que deve funcionar como espaço para desenvolvimento educacional).

Importante ressaltar que o ambiente virtual proposto tem compromisso de estimular nos visitantes virtuais atitudes ecologicamente corretas no espaço tecnológico e também durante as visitas as comunidades. Por exemplo, visitantes devem levar um recipiente (saco ou sacola) para recolher seu próprio lixo produzido. Ou embalagem para carregar artesanato e outros produtos comprados no local visitado. Não utilizar material descartável (copos, canudos etc.) por que contribui no aumento de lixo não degradável, que poluem o planeta. Evitar desperdício de água, já que região sofre com a seca. Respeitar fauna e flora local. E só praticar pesca em locais recomendados, acompanhados de alguém da comunidade para orientar sobre procedimentos da pesca correta ecologicamente. Evitar levar bagagens muito grandes e pesadas, para não ter impactos no transporte, durante deslocamento até o destino a ser visitado. E outras tantas atitudes ecológicas que podem fazer a diferença na sensibilização virtual e na realização presencial.

Após demonstrar os princípios de musealização e abordagem tecnológica, a seguir abordamos os princípios de concepção cultural, que engloba o entendimento sobre os povos e comunidades tradicionais, costumes, cultura popular e ritualidade, para apresentar outros princípios que irão organizar o Eco Museu Virtual proposto.

#### 5.4 PRINCÍPIO DE CONCEPÇÃO CULTURAL

##### **5.4.1 Povos e Comunidades Tradicionais, Costumes, Cultura Popular e Ritualidade e Aplicação no Eco Museu da Cultura de Xique-Xique (BA)**

Compreende-se por povos e comunidades tradicionais os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. E é a tradição e a organização social o que une e fortalece as pessoas que vivem em comunidades tradicionais, levando as preservarem sua identidade cultural. E nos espaços que vivem essas comunidades, são construídas e vivenciadas a cultura popular.

ABIB (2015) afirma que a Cultura Popular é a essência da alma e ferramenta de luta e resistência de um povo, contra poder hegemônico e que propicia a desigualdade social e a perda da identidade cultural. Pois a cultura popular é um caminho de luta e um vetor que possibilita respeito aos povos com menos prestígio social. Cultura popular como ferramenta e arma na luta

para resistir às mudanças impostas pelas classes dominantes, elitistas. Preservando tradições e costumes locais. A cultura popular está para além de referências de memórias, tradições, pois é um ambiente propício também para a luta de determinados valores, o que pode gerar a força e autonomia de um povo, logo, é uma ferramenta de reivindicação social.

Articular o passado historicamente não significa reconhecê-lo como verdadeiramente foi. Significa apoderarmo-nos de uma memória tal como ela relampeja num momento de perigo e assevera que a capacidade de redenção do passado reside nesta possibilidade de emergir inesperadamente num momento de perigo, como fonte de inconformismo (ABIB, 2015)

A história de um povo pode funcionar como instrumento de defesa de comunidades aparentemente mais frágeis, diante de classes hegemônicas, mas que, através da força dos seus costumes, união e elo entre as gerações, avança com firmeza e sabedoria.

A ritualidade está presente no cotidiano, nas festas e nas celebrações das comunidades, ou nos grupos sociais que se caracterizam pela luta em defesa das tradições que consideram importantes para sua afirmação identitária. Percebe-se que a ritualidade é considerada como ato de desenvolver ações e ritos tradicionais, simbólicos e valorosos para um determinado grupo. São ações que colaboram para defender as tradições e a memória de um povo.

Todos os três elementos de concepção culturais citados neste trabalho – I) povos e comunidades tradicionais; II) cultura popular e III) ritualidade – foram introduzidos na nossa pesquisa, pois estamos estudando e temos como parceiros de produção, as comunidades tradicionais do município de Xique-Xique Marreca Velha e Mato Grosso. E temos ícone contribuições com acervo, dentro do EMVPRMVM, espaço para membros da comunidade registrar, divulgar e preservar a cultura popular, como oportunidade de garantir a preservação também do cotidiano daqueles povos e oferecer instrumento de luta para reivindicar melhorias e inclusão social no território no qual vivem. Incentivá-los a continuar com seus processos de ritualidade, e estimular a continuação da cultura dos ribeirinhos do São Francisco, além de incentivar a comunidade a lutar pelos direitos humanos, sociais e outros.

#### **5.4.2 Princípio de Concepção Cultural x Processo de Modelagem**

Para aplicação no Eco Museu, referente os princípios de destaque sobre os povos e comunidades tradicionais, cultura popular e ritualidade, adotaram-se estes conteúdos através de alguns ícones estabelecidos no Eco Museu, Vejamos:

Ícones: 1. “Contexto”; 2. “Mapa Cultural”; e 3. Elementos do Eco Museu. A partir deles surgirão subpáginas com tópicos dos principais fatos históricos e das principais manifestações culturais do Médio Rio São Francisco e da cidade de Xique-Xique (BA), segundo nosso entendimento sobre contexto, que foram selecionados no capítulo anterior.

Teremos também ícone de sala de bate papo para diálogos e debates, sobre temas pertinentes ao Território do Médio Rio São Francisco, assim será uma oportunidade de levar a comunidade a refletir sobre importância de preservar suas tradições, para levar os visitantes do Eco Museu a compreender a cultura popular como espaços de reivindicações e lutas, e afirmação identitária. Isso para não apenas pensar na exposição e defesa do patrimônio cultural, mas também desenvolver ações conjuntas, virtuais e presenciais, em favor da defesa do meio ambiente, o patrimônio natural representado por grande símbolo brasileiro, o “Velho Chico”. A partir das atitudes virtuais de politização, associadas na defesa da cultura popular e reivindicações sociais diversas, criar também uma prática cotidiana de lutas, nas comunidades, presencialmente. Isso pode ser feito conscientizando vizinhos, crianças etc. da importância de cuidar e ter uma relação saudável com Rio São Francisco, e não apenas extrair os benefícios que ele promove. Criar atividades sustentáveis para o meio ambiente. E realizar ações concretas para garantir mobilização, mudanças de atitude em favor ao Rio São Francisco e suas comunidades ribeirinhas.

Após conhecer princípios culturais, iremos mostrar princípios de regionalidade, destacados em nosso trabalho.

## 5.5 PRINCÍPIO DE CONCEPÇÃO DA REGIONALIDADE

### 5.5.1 Identidade Regional do Sertanejo

Segundo Lidia Cardel (2007), é comum no sertão uma comunidade se organizar por meio de três elementos primordiais: 1) relações de parentesco, 2) relações de vizinhança e localidade, e 3) relações de amizade e parentesco espiritual. Casos em que os princípios de identidades estão inextricavelmente ligados às formas de apropriação dos espaços históricos e místicos do universo do sertão (ou sertões) baiano, onde as terras devolutas, os mananciais e os rios se transformaram em espaços de luta, de reprodução social e de vida.

Conforme estudo de Cardel (2007), essas dimensões estão presentes em diferentes cidades do sertão baiano. Como nas organizações sociais de Capivara, comunidade de “fundo do pasto”, localizada no município de Monte Santo (Nordeste baiano, no polígono das secas), de Barra, comunidade quilombola do município de Rio de Contas (Chapada Diamantina); e de

Olhos da Água, comunidade rural da cidade de Barra (noroeste baiano, às margens dos rios Grande e São Francisco). Lembramos que Barra é cidade limítrofe com Xique-Xique (BA), local objeto de estudo da nossa pesquisa.

Compreendemos que é importante perceber e respeitar as diferenças entre locais sertanejos e seus sujeitos, a fim de evitar erros e indelicadezas com generalização conceitual sobre tipos sertanejos, como mostra a autora /pesquisadora Lidia Cardel (2007).

Determinar parâmetros da identidade sertaneja e seus pares, é um princípio de conteúdo da regionalidade, relevante para nossa pesquisa por que nos mostra quem são os sujeitos dos territórios em estudo e como eles foram e são constituídos; como se relacionam e se organizam, e a partir destas informações traçar as propostas de atividades funcionais do Eco Museu virtual, que terá como mediadores e usuários estes sujeitos. Logo é importante que o ambiente seja familiar e aconchegante para eles, para reconhecerem e encontrarem neste espaço tecnológico, traços da sua realidade. Seja através da linguagem popular, ou de fotografias do seu cotidiano. Nosso trabalho não impõe receitas e regras para as comunidades se desenvolverem, mas criar um espaço tecnológico e educativo, participativo com e para as comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso, que, através do aprendizado e colaboração, eles se autovalorizem, se organizem e lutem por seus ideais e necessidades, conciliando com a preservação da cultura local.

E para continuar nosso estudo dos princípios, iremos a seguir apresentar a teoria sobre a geografia agrária na sua totalidade, como ambiente de desalienação, luta e resistência dos sujeitos que habitam e trabalham neste espaço, ao longo da história do território brasileiro e baiano, conhecendo processo da ocupação e apropriação das terras.

### **5.5.2 Compreendendo a Geografia Agrária**

A geografia agrária tem como tarefa fundamental “desalienar” os sujeitos rurais, ou seja, fazê-los romper com a ideologia opressora e/ou capitalista, para conseguir a transformação da sociedade e alcançar resultados exitosos no campo, pois é a partir da contextualização geográfica e histórica, que envolve diferentes personagens que lutam pela terra, que acontecem diferentes iniciativas sobre esse tema: o aumento da produtividade agrícola; a reforma agrária; a necessidade de apoio à agricultura familiar entre outros assuntos que são distorcidos pelo senso comum. E normalmente esses fatos também provocam diferentes acirramentos dos conflitos no campo, através de atos de violência, o que cria tensão no ambiente de resistência.

Percebe-se que a autora traz importante reflexão sobre contexto da participação dos movimentos sociais na criação de políticas públicas que envolvem a posse de terras, inclusive no território de estudo do nosso trabalho.

Verificou-se que na história pelas leis regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro, para a posse de terra no Brasil, desde a chegada dos portugueses para colonizar e ocupar o território brasileiro, sempre esteve prevalecendo benefícios e interesses da classe dominante, favorecendo grupo sócio economicamente mais forte para receber e se apropriar das terras, o que dificultava o acesso da classe popular, e de grupos de lavradores, em receber, adquirir e /ou comprar propriedades, o que impossibilitou sua autonomia e ficando submisso às estruturas sociais hierárquicas.

O sistema capitalismo se articula de forma excludente/classista/contraditório na conformação do espaço geográfico, que é configurado e organizado pelas relações capitalistas de produção, já que o fundamento da dominação e da exploração era o escravo, mas agora passa a ser a terra. É a terra, a disputa pela terra, que traz para o confronto direto os camponeses (pequenos proprietários de terra) e os fazendeiros. E, ao observar o desenrolar dos fatos ligados a posse de terra no Brasil, compreende-se também como algumas relações são mantidas na contemporaneidade. No caso do território do Médio Rio São Francisco, áreas rurais e com presença de comunidades ribeirinhas, que também trabalham com a pesca artesanal, estes acontecimentos foram responsáveis por características culturais que balizaram a relação com a posse da terra e poder político na região.

Aconteceu e continua processo da evolução, pela ocupação e apropriação das terras, no território brasileiro e a instalação do capitalismo no campo, trazendo novos sujeitos com poder e domínio, o que vem distanciando o trabalhador livre e pobre, com pequena propriedade, do direito a posse da terra. Uma realidade também encontrada em Xique-Xique (BA), cidade do nosso estudo.

Observa-se a atuação efetiva dos movimentos sociais dos trabalhadores rurais, em defesa das minorias sociais, na luta pela terra. E na região do MRSF também existem avanços em virtude das reivindicações deste movimento.

Observa-se que, falar das questões agrárias é falar de luta pelas terras e dos movimentos sociais. E no território de Xique-Xique (BA) ainda se vive esta realidade. Alguns grupos sociais quilombolas não foram reconhecidas como proprietários das terras e eles vivem no local resistindo, mas podendo ser expulsos a qualquer momento, junto com sua história e cultura. E alguns moradores ainda vivem em terras sem formalização da propriedade do terreno, subordinados a novos coronéis.

Considera-se importante trazer este princípio de conteúdo para nossa pesquisa porque concordamos com a teoria sobre regionalidade, na qual vive as comunidades de estudo desta pesquisa, da Marreca Velha e do Mato Grosso, e por isso no nosso trabalho existe espaço para apresentar informações sobre esse tema e também discuti-lo. Será através do ícone sala de bate-papo e oficinas formativas, do EMVPRMVM, que exercitaremos esta atividade, além de oferecer serviços e informações como, orientação jurídica, legal e educativa as questões agrárias na região e sua história, auxiliando e instruindo as comunidades.

### **5.5.3 Princípio de Concepção de Regionalidade x Processo de Modelagem**

Considerando o campo como espaço de luta pelas terras e conflito de classes sociais, no EMVCRMVM será ofertado o ícone enciclopédia básica do campo, com a finalidade de passar conceitos, evolução histórica e política do meio rural brasileiro.

No capitalismo agrário acontece a continuidade da histórica concentração de terras nas mãos da elite e das barreiras encontradas pelos grupos sociais minoritários, no acesso a terra e que reivindicam seus direitos territoriais. No Eco Museu, teremos um ícone de rodas de conversa virtual, que propõe tema de debate e reflexão, capitalismo agrário x tradições culturais. Além dos temas relacionados às relações de poder, às lutas de classe no campo, à organização dos movimentos sociais no campo e sua importância na região.

Existe diferença na luta por terras, por quem é apenas trabalhador rural pobre, querendo acesso ao direito a compra e /ou posse da terra. E outro grupo constituído pelas comunidades tradicionais que luta pelo direito da posse de terra, a qual pertenceu aos seus antepassados. Dentro do ícone oficinas formativas, criar subpáginas: 1. Aprender sobre TBC; 2. Aprender sobre questões agrárias; 3. Aprender sobre agenciamento e receptivo em TBC; 4. Aprender sobre sustentabilidade; 5. Aprender sobre economia solidária e cooperativismo. A intenção é proporcionar mini cursos com várias temáticas, ligados aos princípios e conteúdos no nosso trabalho.

Após escolher princípios relacionados socioconstrutivismo, de Vygotsky, Bakhtin, Paulo Freire, Rancière, Educação informal e popular, conceitos de Eco Museu Virtual, Comunidades tradicionais e cultura popular; Tipos sertanejos e Geografia Agrária, iremos disponibilizar ferramentas no EMVPRMVM que possam apresentar a cultura do MRSF e cidade de Xique-Xique (BA), além de aproximar as comunidades ribeirinhas locais. Trata-se de uma proposta forte e concreta que se desenrola inicialmente através do espaço virtual, mas tem a culminância em mudança de pensamentos, em outros percursos e em diferentes espaços

físicos. Seja na vida pessoal dos sujeitos que se encontraram e trocaram saberes, seja enquanto cidadãos que passaram a ter um olhar mais humano e a defender interesses coletivos, prestar atenção no outro, ouvir e considerar as diferenças, fazendo com que a dinâmica da vida e das relações comerciais, seja mais justa, colaborativa e sensível. Já que a aprendizagem é uma atividade conjunta e mediada, e promove relações colaborativas entre as pessoas, segundo Vygotsky.

No EMVPRMVMVT as ações virtuais estimulam atitudes diferenciadas e influenciarão visitantes virtuais, a agirem diferentemente, na vida prática, também. Com consequências exitosas coletivamente, está aí uma oportunidade para vivenciar a autonomia, ser participativo e colaborativo, em busca da equidade social, tornando o mundo mais humano, da realidade e da práxis, que vem dos princípios socioconstrutivistas.

A partir destas abordagens, escolhemos um coletivo geral de princípios necessários para formatação do Eco Museu, considerando a imersão desses no campo de entendimento acerca do Médio Rio São Francisco, através das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique (BA), o que conseqüentemente nos auxiliou no processo de identificação dos mesmos na conjuntura física do museu.

Dessa maneira, anunciamos a seleção dos seguintes princípios: relações sociais e interações; dialogismo e polifonia; socioconstrutivismo; valorização do conhecimento; materialismo histórico e práxis, além do próprio museu virtual; autogestão, colaboração, participação, trabalho coletivo, entendimento sobre cultura popular, educação informal e educação popular, formaram os elementos norteadores.

Contudo, enfatizamos que não utilizamos todos os princípios refletidos, devido à falta de tempo no processo de pesquisa de campo e por isso, aplicamos os conceitos mais convenientes para análise do museu nas primeiras práticas pedagógicas correspondentes ao primeiro ciclo de aplicação, segundo a DBR, junto à comunidade coautora.

Após a apresentação e reflexão sobre princípios teóricos deste trabalho, a seguir teremos o quadro geral com todos os princípios levantados para modelagem, norteadores da estrutura do EMVPRMVMVT.

## 5.6 PANORAMA GERAL DOS PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, XIQUE-XIQUE (BA)

**Quadro 11:** Pensamentos de Autores Socioconstrutivistas Adotados na Aplicação do Eco Museu da Cultura de Xique-Xique (BA)

AUTOR	BIBLIOGRAFIA ADOTADA	PENSAMENTO / PRINCÍPIO	O QUE É / SIGNIFICATIVA	APLICAÇÃO NO ECO MUSEU (o que implica na prática)
VYGOTSKY	LUCCHI, Marcos Antonio. <b>A Proposta de Vygotsky: A Psicologia Sóciohistórica.</b> PUC São Paulo, 2006.	Relações colaborativas;	Produção de atividades diversas, de forma compartilhada por sujeitos em colaboração permanente.	Ferramenta específica, para os visitantes do EMVPM VMT poderem sugerir, criticar, e/ou participar do funcionamento do mesmo.
		Processos de relações sociais e interações;	Relações cotidianas e de interação entre as pessoas, seja ambientes familiares, residências e/ou de trabalho.	Disponibilizar ícone para moradores dos povoados de estudo, poderem partilhar, relatar seu cotidiano e interagir com pessoas que desejem visitar seu território.
		Uso de instrumentos e signos para levar informação;	Adotar ferramentas para difundir e/ou divulgar informações.	Criar ícones informativos. Notícias “aconteceu na comunidade.”

		Preocupado com a gênese da cultura, acredita que o homem é o construtor da cultura;	O ser humano é o responsável pela cultura local.	Disponibilizar ícone Mapa do patrimônio cultural X ação do homem MRSF no território ao longo dos anos.
		Linguagem como formas de expressão cultural;	Linguagem funciona como elemento característico da cultura local.	Criar ícone que liste expressões orais locais além de música, poesia etc.
		Homem é moldado pela cultura que ele próprio cria	Homem apresenta características da cultura do espaço onde vive, e por ele foi criado.	Ícone com relatos de moradores sobre seu cotidiano, e exibição de registros fotográficos.
<b>MIKHAIL BAKHTIN</b>	BAKHTIN, Mikhail. <b>Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais.</b> SP: Hucitec, 2010.	Dialogismo e polifonia.	Formas de entendimento e comunicação entre sujeitos.	Criar espaço para rodas de conversa virtual
		Ensinar e aprender passa pelo sujeito, que é agente das relações sociais.	O Sujeito é o agente que comanda ações e transformações.	Ícone com atividades educativas de leitura e sensibilização para estimular ações de resistência e transformação, através de oficinas

				formativas
		O sujeito se vale dos conhecimentos anteriores, para formular suas falas e redigir seus textos.	Sujeito se baseia na história local para agir	Ícone aconteceu na comunidade, onde teremos informações sobre notícias e também a história local.
		A interação com o outro é inevitável, já que o eu, constitui esse outro e é por ele constituído.	Todo sujeito carrega consigo um pouco dos valores do outro sujeito.	Ícone contribua com acervo.
		Discurso é um código enraizado, que mostra suas origens, e o significado das coisas.	As falas e discursos levam informações das origens culturais do sujeito.	Ícone jargões regionais.
		Não se desconstrói sentido e nem transferi sentido, mas é possível compreender o sentido das ações humanas.	O sentido, valores e princípios são demonstrados para outras pessoas, e segue de geração em geração.	Ícone “contribua com acervo”, também pode ter depoimentos, aprendi com a vovó ou vovô... (o usuário pode contribuir dando depoimentos de ensinamentos vindos dos seus

				antepassados).
		A interação verbal constitui a realidade que dar acesso a saberes e fazeres de povos antigos.	As tradições orais, as falas sobre saberes e fazeres, são os principais instrumentos de preservação da cultura.	Ícone vitrine com acervo dos elementos culturais RSF
<b>PAULO FREIRE</b>	FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia do oprimido.</b> 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.	A pedagogia do oprimido, é a luta do sujeito por sua libertação ideológica.	Na medida em que, as minorias, submetendo as a maiorias a seu domínio, as oprimem, ou, luta contra essa ação	Disponibilizar no EMVPR MVMT ícone com oficinas formativas e reflexivas que estimulem ações de resistência e autonomia.
		Os opressores pertencem à classe socioeconômica dominante e ditam um único padrão de organização social/cultural.	Opressores (grupo social dominante, de alto nível sócio-econômico) impõe modo de pensar e viver.	Ícone denúncias que prejudicam meio ambiente, RSF e a cultura
		Os oprimidos são as pessoas com menor condição socioeconômica, que tiveram menos acesso ao conhecimento e ao poder.	Os oprimidos ficam vulneráveis as decisões dos opressores, também	Ícone sala de bate-papo para conscientizar as pessoas sobre importância da

			em relação aos seus hábitos culturais.	identidade cultural e melhorar autoestima dos grupos sociais envolvidos no estudo.
		Luta pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoa, terão significado, quando oprimidos resistirem opressores.	Desalienar as pessoas sobre processos produtivos, humanizar as relações de trabalho, evitar o desvalor de quem está lado inferior.	Nasala de bate papo, realizar rodas de conversas virtuais a fim de desalienar os sujeitos das comunidades ribeirinhas e prepará-los para enfrentar e se impor diante idéias opressoras.
		Quem melhor que os oprimidos, para entender o significado terrível de uma sociedade opressora.	Aquele que sente danos e desrespeitos humanos no cotidiano é o melhor sujeito para compreender a opressão.	Criar espaço denuncie /desabafo, de situações constrangedoras e que minimize a cultura local.
		Quando os oprimidos descobrem a ação opressora se engajam na luta organizada por sua	Nas ações práticas e de inter-relações, entre opressores	Nasala de bate papo, realizar rodas de conversas virtuais, a

		<p>libertação, começam a crer em si mesmos, superando regime imposto.</p>	<p>s X oprimidos , acontece o desperta para a importância da liberdade, autonomia e aceitação da sua identidade</p>	<p>fim de estimulá- los a lutar pelos seus direitos.</p>
		<p>Os homens são seres do que fazer; é de ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. O que fazer tem de ter uma teoria e prática.</p>	<p>Reflexão sobre as ações humanas estão ligadas ao seu cotidiano e estimulam os sujeitos a transformar as relações determinadas pelo capitalismo.</p>	<p>Nasala de bate papo, realizar encontros e discussões a fim de estimular as pessoas a realizar ações práticas na sua comunidade, referente a preservação da cultura e/ou do meio ambiente local, compartilhar no portal.</p>
		<p>O sujeito que se libertar, através da superação de seus problemas com criatividade, deixará de ser oprimido e passará a ser agente transformador.</p>	<p>As comunidades tradicionais, (oprimidos) através dos saberes e fazeres, e com consciência</p>	<p>Nasala de bate papo realizar rodas de conversas virtuais, a fim de dialogar sobre temas sociais para as</p>

			ia do seu valor, se fortalecem e vencerão o sistema econômico dominante.	comunidades ribeirinhas, em estudo.
<b>TEORIA DA EMANCIPAÇÃO PEDAGÓGICA E INTELLECTUAL DO SUJEITO</b>				
<b>JOSEPH JACOTOT – JJ</b>	Disponível no site: <a href="https://www.academia.edu/34475866/O_SUJEITO_INTELLECTUAL_LEITURAS_DE_JOSEPH_JACOTOT_1770-1840_NO_BRASIL">https://www.academia.edu/34475866/O_SUJEITO_INTELLECTUAL_LEITURAS_DE_JOSEPH_JACOTOT_1770-1840_NO_BRASIL</a>	A teoria do “Ensino Universal” propunha a total perda de hierarquias entre mestre e aluno subvertendo as concepções tradicionais, estagnada.	Eliminar hierarquias entre mestres e alunos, faz da educação um ato revolucionário e democrático. Processo educativo é troca de saberes.	Ofertar espaço de roda de conversa e oficinas formativas virtuais, interativas e participativas, para todos se posicionarem e trocarem conhecimento e saberes.
<b>JACQUES RANCIÈRE</b>	RANCIÈRE, Jacques. <b>O mestre ignorante</b> : Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução: Lillian do Valle Coleção Educação: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.	O mestre pode ensinar aquilo que ele mesmo não sabe. Ou seja, pode fazer com que o aluno construa por si mesmo as prerrogativas e mecanismos de seu aprendizado.	Aluno pode comandar processo de aprendizagem e romper com teoria que diz, o mestre é o senhor que domina conhecimento e entrega ao aluno.	Estimular no Eco Museu, compartilhamento de conteúdo, fotos e vídeos, conhecimento em geral. Por exemplo, o que produzir na escola / sala de aula de interessante e importante para toda

				comunidade, como por exemplo ações de preservação RSF, compartilhar no Eco Museu.
		“O Velho” é personificação das mentalidades retrógradas e embrutecedoras, capazes de estancar o fluxo de pensamento e criatividade necessários ao aprendizado verdadeiro.	Velho é metodologia pedagógica retrógrada e embrutecedora no aprendizado do aluno que impede fluxo natural do aprendizado através da liberdade e criatividade no aprender.	No espaço oficina formativa, valorizar educação informal e popular, metodologia pedagógica livre, espontânea, participativa e criativa em seus espaços educativos.
		Incapacidade do aluno de apreender, não mais aparece como um problema a ser resolvido por uma metodologia pedagógica, mas torna-se a “ficção estruturante” em um sistema de ensino.	Com a emancipação pedagógica, o aluno que tem dificuldade em assimilar determinado conteúdo e não se ajusta a determinadas metodologias, passa a ter nova	Espaço da inclusão, acessibilidade, imagens com pessoa usando sinais de libras, programa de áudio para deficientes, visuais, software para interação de quem tem

			oportunidade de aprendizado, por outros métodos.	dificuldade e motora nas mãos etc.
		<p>Categoria oposta à de emancipação é o intelecto condicionado a receber verdades prontas, e desacostumado ao agir criativo característico e necessário ao sujeito emancipado.</p>	<p>A ação de condicionar indivíduo para receber verdades prontas, em forma de conhecimento. Se desacostumado a agir de forma livre, criativa e independente no processo formal da sua aprendizagem.</p>	<p>Disponibilizar atividade que estimulem a criatividade dos visitantes do Eco Museu (criando arte com Velho Chico), seja através de contar histórias, fazer relatos do cotidiano, desenhar, criar poesia, etc., sobre RSF.</p>
		<p>Poder aprender sem um mestre explicador – (mas não sem mestre). Rancière designa como pressuposição, a igualdade das inteligências.</p>	<p>Criar novas metodologias, na qual aluno precise aprender apenas com o mestre. Mas não sem mestre. Associado ao EAD, da contemporaneidade.</p>	<p>Contribua com acervo</p>
		<p>As inteligências são distintas e de que para que elas se</p>	<p>As inteligências das</p>	<p>Espaço da inclusão, acessibili</p>

		tornem equivalentes seria necessário instruí-las e proporcioná-las o conhecimento.	<p>peças são diferentes e para serem iguais, deve-se instruí-las, levando conhecimento. Mas sem utilizar reprodução conceitual.</p>	<p>dados, imagens com pessoa usando sinais de libras, programa de áudio para deficientes, visuais, software para interação de quem tem dificuldade motora nas mãos etc.</p>
		Partilha desigual das competências ao não se colocar o aluno na função de criador, mas apenas como um mero receptor pedagógico.	O aluno não deve ser apenas receptor de conhecimento.	Espaço no Eco Museu de participação avaliação e comentários.
		Objetificação absoluta do conhecimento, transformado em algo que se aprende, e não em algo pelo qual se aprende.	Conhecimento como um objeto que pode ser transportado e entregue a uma pessoa, é restringir processo educativo, reduzir descobertas e inovações do aluno.	Espaço no Eco Museu de participação avaliação e comentários.
		As aparentes faltas de habilidade e fragilidades intelectuais, atribuídas a segmentos	Falta de oportunidades ao conhecimento, além do pré-	Criar espaço orientações para navegação,

		específicos da população.	o julgamento e preconceito, levam ao senso comum que este grupo não tem habilidades para o aprendizado.	instruindo quem tem dificuldades de usar ferramentas tecnológicas.
<b>PRINCÍPIO DA EDUCAÇÃO POPULAR</b>				
<b>ARROYO</b>	ARROYO, Miguel G. <b>Educação popular, saúde, equidade e justiça social.</b> 2008.	Educação popular são formas diversas de educação de adultos das classes populares.	Importante e pelo seu viés cultural e também estar mais associada ao campo dos movimentos sociais do que à própria educação, pelo fato de como o senso comum prega não ser vista como tendo um viés político, militante.	Na sala de bate papo pode ser usada pelos parceiros das comunidades, como e organizações sociais locais (Associação, cooperativas, sindicato, colônia de pescadores...).
		Educação popular se construiu por meio de experiências de alfabetização popular direcionadas aos jovens e adultos das classes trabalhadoras, e dos Movimentos de Educação de Base.	Prática comum em cursos para comunidades tradicionais, de uma faixa etária mais avançada.	Aconteceu na comunidade, espaço, também para divulgar casos bem sucedidos na educação popular.
		A educação, como forma de educar	Educação popular	Oficinas formativas

		horizontal, dialógica, que respeita os saberes dos educandos e tem como princípios a ética, a solidariedade e a transformação social.	atua também como oportunidade de sensibilizar o sujeito educando, sobre assuntos de relevância social e sobre valores comportamentais (ética, respeito às diferenças, solidariedade).	s sobre temas como: ética, respeito as diferenças, autonomia e solidariedade.
		Educação popular mobilizou e mobiliza os movimentos populares. Ao mesmo tempo em que luta, educa.	Educação que estimula grupos a se organizar e reivindicarem pelos direitos sociais.	Sala de bate papo, as pessoas poderão conversar e se auto-organizar para realizar ações concretas na sociedade.
		Educação Popular educa, visando à formação de um novo sujeito, que se posiciona contra todas as formas de opressão e violação, e defende direitos fundamentais.	Educação popular funciona também como ferramenta de aprendizagem dos direitos e deveres do cidadão.	Referências e link de acesso a bibliografias como: constituição brasileira, diretrizes básicas sobre direitos humanos, ECA,

				direitos das mulheres, idosos, pessoas com deficiências.
		Educação Popular usa da metodologia participativa de construção coletiva e popular.	Educação popular utiliza da metodologia participativa, linguagem, com troca de saberes, a fim de estimular a atenção nas aulas e melhor entendimento do conteúdo.	Sala de Bate papo
<b>PRINCÍPIO DE MUSEAÇÃO E TECNOLÓGICO: O QUE É MUSEU VIRTUAL E ECO MUSEU</b>				
<b>AUTOR</b>	<b>BIBLIOGRAFIA ADOTADA</b>	<b>PENSAMENTO / PRINCÍPIO</b>	<b>O QUE É / SIGNIFICA PARA PESQUISADOR A</b>	<b>APLICAÇÃO NO ECO MUSEU (o que implica na prática)</b>
<b>REIS (Apud DJINDJIAN)</b>	DJINDJIAN, François. The Virtual Museum: an introduction. <b>Archeologia e Calcolatori Supplemento.</b> Itália: Paola Moscati. V.1, 2007.	Divulga uma variedade de serviços, e amplia os meios para se trabalhar com assuntos universais (globalizados).	Museu Virtual é oportunidade de estender o acesso do acervo, cuidado com coleções especiais expor de forma mais segura, aumento de	Apresentar elementos culturais em um destes espaços: 1. Contexto da região; 2. Mapa Cultural; 3. Eco Museu

			acessibilidade a diferentes públicos.	
		Oferece recuperação de coleções; promoção de acessibilidade ao público deficiente; controle temporal e espacial dos grupos de visitantes; vias para comunicação com as visitas do museu; virtualização de objetos de forma detalhada.	Permite acessibilidade a acervos restritos e distantes, além da aproximação das pessoas, com mesmo interesse /objetivo.	Espaço da inclusão, acessibilidade, imagens com pessoa usando libras, programa de áudio para deficientes, visuais, software para interação de quem tem dificuldade motora nas mãos etc.
<b>VIEIRA</b>	VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. Maré: casa e museu, lugar de memória. <b>Musas – Revista Brasileira de Museus, N°3</b> , Rio de Janeiro: IPHAN Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.	O museu virtual oferece contribuições no processo de resgate e preservação da memória de legados da humanidade.	Contribuição resgate da memória de patrimônio em geral.	Expor acervo, com fotografias e informações da história local de Xique-Xique (BA) a fim de divulgar e preservar cultura das comunidades ribeirinhas.
		O museu pode criar pontes para o rememoração de abordagens	Funcionar como ferramenta de registro	Espaço da inclusão, acessibilidade, imagens

		culturais antepassadas	da memória entre passado e presente.	com pessoa usando sinais de libras, programa de áudio para deficientes, visuais, software para interação de quem tem dificuldade motora nas mãos etc.
		Defende compromisso social. Promover interações e discussões entre os visitantes, de modo a anunciar demandas sociais, como preconceitos relacionados a temática apresentada.	Museu também como espaço de discussão e organização social.	Ícone sala de bate-papo para conversar sobre formas de agir a favor da preservação cultural local.
		Promover a interatividade com os visitantes, com o intuito de mediar pedagogicamente os estranhamentos que podem ser gerados a partir dos assuntos não comuns.	Estimular diálogos e discussões sobre assuntos não muito comuns e / ou polêmicos	Criar no portal, salas de bate-papo, e espaços para reuniões e oficinas educativas com temas de interesse das comunidades, em estudo.
		Virtualização e a disseminação do conhecimento, em uma perspectiva museológica de coleções relacionadas a	Registro no formato virtual, tecnológico do acervo de	Apresentar elementos culturais em um destes espaços:

		assuntos imersos na história da humanidade.	uma pesquisa sobre determinado tema.	1. Contexto; 2. Mapa Cultural; 3. Eco Museu
		<b>Museu Tradicional:</b> opera processos de musealização ex-situ; o objeto musealizado é apartado da sua realidade funcional e elevado à instância representacional no museu.	Subdivide-se em: <b>Museu Tradicional Ortodoxo</b> (um prédio que abriga coleções de arte, história, ciências, etc.) e <b>Museu Tradicional Coleções Vivas</b> (jardins botânicos, jardins zoológicos, aquários, vivários, biodomos etc.)	Não se aplica no Eco Museu
		<b>Museu de Território:</b> opera processos de musealização in-situ, ou seja, o objeto musealizado não é apartado do seu contexto de ambiência.	Ambiente integra-se ao acervo do Museu. Exemplos: parques naturais, sítios musealizados, museus à céu aberto e eco museus.	Apresentar elementos culturais em um destes espaços: 1. Contexto da região; 2. Mapa Cultural; 3. Eco Museu
		<b>Museu Virtual:</b> modelo que opera processos de <u>musealização</u> somente em ambiente virtual.	<u>Musealização</u> somente em ambiente virtual,	Acervo será exibido em página web

			museu digital, portal, site, 2D ou 3D etc.	
		<b>Eco Museus</b> como uma categoria de Museu de Território que opera musealização in-situ.	Opera musealização in-situ, associado ao ambiente interno no qual está inserido. No caso Bacia Rio São Francisco.	Eco Museu com apresentação da cultura do MRSF e Xique-Xique (BA). Apresentar elemento culturais em um destes espaços: 1Contexto, 2Mapa Cultural, e 3Eco Museu.
		<b>Os Museus a Céu Aberto</b> (pertencem ao Museu de Território) na sua história objetivavam apresentar um museu das tradições.	Museu a céu aberto, trabalha para expor o fazer e saber dos povos, as tradições. As coisas do povo. Objetiva valorizar patrimônio	Criar ícone com acervo retirado do contexto sobre a tradição popular, costumes e hábitos e as técnicas tradicionais.
		<b>Museu a Céu Aberto</b> apresenta as “coisas do povo”, a tradição popular, os costumes e hábitos, e as técnicas tradicionais dos noruegueses.	Museus de Folclore, ou ligados às práticas populares do país ou do território local, para valorizaçã	Apresentar elementos culturais em um destes espaços: 1. Contexto; 2. Mapa Cultural;

			o do patrimônio local e das práticas tradicionais populares.	3. Eco Museu; Símbolos / elementos culturais locais mais marcantes
<b>GEORGE HENRI RIVIÈRE / ICOM</b>	Disponível No site: <a href="https://historiadamuseologia.blog/atores/georges-henri-riviere/">https://historiadamuseologia.blog/atores/georges-henri-riviere/</a>	<b>Eco Museu</b> , pautado nas seguintes questões: preocupação com o patrimônio natural, redução da descontextualização das referências culturais por meio da musealização in-situ e valorização da cultura popular.	Eco Museu valoriza cultura popular	Apresentar acervo do patrimônio local (natural e cultural) e as características da cultura popular. Os elementos culturais em um destes espaços: 1. Contexto da região; 2. Mapa Cultural; 3. Eco Museu
<b>POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, COSTUMES, CULTURA POPULAR E RITUALIDADE E APLICAÇÃO NO EMVPRMVT</b>				
<b>AUTOR</b>	<b>BIBLIOGRAFIA ADOTADA</b>	<b>PENSAMENTO / PRINCÍPIO</b>	<b>O QUE É / SIGNIFICA</b>	<b>APLICAÇÃO NO ECO MUSEU (o que implica na prática)</b>
(Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2000)	<a href="https://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%ADgenas.-povos-e-comunidades-tradicionais">https://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%ADgenas.-povos-e-comunidades-tradicionais</a>	Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam	A Tradição e a organização social, é o que une e fortalece as pessoas que vivem em comunidades tradicionais, levando as preservarem sua identidade cultural.	Apresentar elemento culturais em um destes espaços: 1Contexto da região, 2Mapa

		territórios e recursos naturais.		Cultural, 3Eco Museu eles e Conversar sobre eles na sala de bate papo.
<b>ABIB</b>	ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. <b>Cultura popular e contemporaneidade</b> . São Paulo, Unesp, 2015..	A Cultura Popular é a alma e ferramenta de luta e resistência de um povo, contra poder hegemônico e que propicia a desigualdade social e a perda da identidade cultural.	Cultura popular como ferramenta e arma na luta para resistir às mudanças impostas pelas classes dominantes, elitistas. Preservando tradições e costumes locais.	Apresentar elementos culturais em um destes espaços: 1. Contexto da região; 2. Mapa Cultural; 3. Eco Museu; 4. Ações sustentáveis.
		A cultura popular como espaço luta remete às memórias, tradições e identidades de determinados grupos sociais, sendo requisitadas, demarcam posições, reconhecimento, autonomia e poder.	A cultura popular está para além de referências de memórias, tradições, pois é um ambiente propicio também para a luta de determinados valores, o que pode gerar a força e autonomia de um povo. Ferramenta de reivindicação social.	Ícone roda de conversa virtual, propor diálogos sobre busca da autonomia através da preservação da cultura local.
		Articular o passado historicamente não significa reconhecê-lo como verdadeiramente foi. Significa apoderarmo-nos de uma memória tal como ela relampeja num momento.	A história de um povo pode funcionar como instrumento de defesa de comunidades aparentemente mais frágeis, diante de classes hegemônicas, mas que através da força dos seus costumes, união entre as gerações avança.	Contribua com acervo
		A Ritualidade está presente no cotidiano, nas festas e nas celebrações das comunidades, ou nos grupos sociais, se caracterizam pela	Ritualidade, como ato de desenvolver ações e ritos tradicionais, simbólicos e valorosos para um determinado grupo. Ações que colaboram para	Galeria com fotografias e vídeos

		luta em defesa das tradições.	defender tradições e memória de um povo.	
		Ritualidade pode ser percebida no cantar de uma ladainha de capoeiras agachados sob o berimbau, que remete aos tempos de lutas e sofrimento na senzala; ou nas pesadas vestimentas do guerreiro do Maracatu de baque solto, invocando os antepassados e as forças da natureza...	A memória é trazida à tona pela ritualidade, presente nas manifestações desses grupos sociais e comunidades tradicionais, é componente fundamental da cotidianidade, e que favorecem as estruturas de dominação política, no grupo que pratica a ritualidade.	-Aconteceu na comunidade. - Galeria de fotografias e vídeos.
		O processo de globalização, direcionado pelo capitalismo, é um processo hegemônico e avassalador, porém, as contradições que surgem, levam a refletir e rebelar-se.	No processo de globalização, existe uma tendência a padronização e normatização dos valores e inclusive no modelo de cultura. Mas ao defender a identidade cultural, rejeita-se modelo hegemônico.	Na oficina formativa, propor tema: cultura globalizada x identidade cultural.
<b>TIPOLOGIA SERTANEJA</b>				
<b>AUTOR</b>	<b>BIBLIOGRAFIA ADOTADA</b>	<b>PENSAMENTO / PRINCÍPIO</b>	<b>O QUE É / SIGNIFICA</b>	<b>APLICAÇÃO NO ECO MUSEU (o que implica na prática)</b>
<b>CARDEL</b>	CARDEL, Lidia Maria Pires Sodré. <b>Tipologias da sertanidade baiana</b> : uma análise sobre três dimensões identitárias. UFBA. 2007.	A memória e as representações de grupos sociais sertanejos estão sedimentadas no princípio da mobilidade que está entremeada com a historicidade do atual espaço identitário do sertanejo.	As representações sociais trazem influência da história do território e do contexto que surgiram.	Na sala de bate papo, propor diálogo sobre representações sociais

		<p>Ter consciência do significado simbólico que o sertão possui para esses grupos sociais demanda, a princípio, retirar a materialidade que este conceito carrega.</p>	<p>Significado simbólico do sertão, representa coesão do indivíduo com ambiente no qual ele vive.</p>	<p>Espaços que falem e exponham registros fotográficos, sobre cultura do vaqueiro; cultura do couro; tropeiros e arraias.</p>
		<p>O ambiente geográfico reivindicado pelo homem sertanejo é fruto de uma relativa coesão simbólica que agrupa uma coletividade, e supõe o lugar em que os indivíduos / sujeitos se elaboram e se experimentam.</p>	<p>Significado simbólico do sertão, representa coesão do indivíduo com ambiente no qual ele vive.</p>	<p>Espaços que falem e exponham registros fotográficos, sobre cultura do vaqueiro; cultura do couro; tropeiros e arraias.</p>
<p><b>CARDEL</b></p>		<p>Esse território original, produto e produtor da identidade grupal, liga-se aos territórios identitários específicos (fundos de pasto, quilombolas, ribeirinhos, brejeiros etc.) elaborados socialmente.</p> <p>Assim o princípio unificador do significante “sertão”, se condensa na variedade polifônica das localidades singulares, reconfiguradas nas multiplicidades geográficas (reais e imaginárias) do sertão baiano.</p>	<p>Territórios de identidade do sertanejo estão próximos pelos contextos. Por exemplo: fundos de pasto, quilombolas, ribeirinhos, brejeiros.</p>	<p>Jargões regionais, apresentar ícone explicando as diferenças entre fundos de pasto, quilombolas, ribeirinhos, brejeiros.</p>

GERMAN I	GERMANI, Guiomar; OLIVEIRA, Gilca Garcia de; OLALDE, Alícia R. Acesso a terra e desenvolvimento territorial no MRSF. Relatório de Pesquisa. Salvador (BA), 2007.	Geografia agrária tem como tarefa fundamental “desalienar” os sujeitos rurais. Fazê-los romper com a ideologia opressora e/ou capitalista	Geografia agrária espaço e estudo para levar reflexão e criticidade e ao homem do campo, permitindo se posicionar na sociedade de forma crítica e evitar a opressão social.	Sala de bate papo e oficina formativa, propor reflexão sobre homem x campo (você sabia).
GERMAN I	GERMANI, Guiomar I. <b>Questão Agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia.</b> Feira de Santana (BA). ED:UEFES, 2010.	Campesinato x Agricultura Familiar.	A diferença entre os conceitos Campesinato e Agricultura Familiar, passa também pela compreensão sobre luta de classe, no campo.	Oficina formativa
DICIONÁRIO INFORMAL CAMPESTATO	<a href="https://www.dicionarioinformal.com.br/campesinato/">https://www.dicionarioinformal.com.br/campesinato/</a>	Campesinato é como se define a articulação dos camponeses em uma classe. É um conceito político de definição da classe camponesa.	Participação dos movimentos sociais na criação de políticas públicas que envolvem a posse de terras.	Oficina formativa.
WIKIPÉDIA	<a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Camponês">https://pt.wikipedia.org/wiki/Camponês</a>	No campesinato, o camponês, pertence a um conjunto	Campesinato trabalha	Oficina formativa

<b>CAMPONÊS</b>		de grupos sociais de base familiar que se dedica a atividades agrícolas, com graus diversos de autonomia, eventualmente empregando trabalhadores assalariados, e que dispõe da propriedade, dos instrumentos de trabalho, e usa da autonomia total ou parcial na gestão da atividade e por ser dono de uma parte ou da totalidade da produção. Muitas vezes o trabalho ocorre em economia de subsistência	de forma coletiva e com pessoas da família, usando da autonomia para desenvolver atividade econômica.	
<b>BOMBARDI</b>	BOMBARDI, Larissa Mies. <b>Geografia Agrária e Responsabilidade Social da Ciência.</b> São Paulo: Terra Livre, ano 19, v. 2, n. 21. jul\dez 2003	Fala-se em “novo rural brasileiro” quando na verdade estamos diante do “novo velho rural latifúndio” (muitas vezes maquiado/travestido pelo capital) que se arma todas as vezes em que o tipo de apropriação da terra é questionado pelos movimentos sociais.	Existe um modelo de agricultura que defende interesses da classe dominante e nele cabe desenvolver ações conforme antigas gerações elitistas do meio rural.	Oficina formativa
<b>GUIMARÃES</b>		No Brasil-Colônia a terra era um privilégio de classe e não mercadoria, a evolução social dos fatos tinha assegurado, ao menos formalmente, a liberdade de acesso a terra.	A terra deixa de ser privilégio de classe para ser mercadoria e isso muda a forma de acesso a propriedades rurais	Oficina formativa

			e também organização social.	
<b>GUIMARÃES</b>	GUIMARÃES, Alberto Passos. <b>Quatro séculos de latifúndio.</b> 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.	O que predominava no Brasil Império, como forma de acesso à propriedade da terra era a posse, isto é, a ocupação de terras desocupadas e, aparentemente, sem dono. E a área ocupada foi aumentando até constituírem-se imensos latifúndios.	A posse de terras, via ocupação de terras, é um procedimento antigo no Brasil.	Oficina formativa
		Imperador do Brasil abdicou a favor do seu filho, que contava então com cinco anos de idade, o país passou a ser governado por uma regência formada de pessoas originárias do seio da classe dos proprietários e senhores rurais. Com isto, a classe dos proprietários rurais passou a ser poderosa também politicamente.	No meio rural a divisão de classe, sempre foi mais evidente assim como privilégios da elite, constituída pelos proprietários de terras, que acumulavam poder político local e a defesa de seus interesses pessoais.	Oficina formativa
<b>MARTINS</b>	MARTINS, José de Souza. A sujeição da renda da terra ao capital e o novo sentido da luta pela reforma agrária. In: <i>Encontros com a civilização brasileira</i> , Rio de Janeiro, 22, Jan. 1980.	Lei de Terras (1850–1891) mudou significativamente, o sistema de propriedade da terra quando, no seu artigo 1º, declara que “ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o	Lei das Terras formaliza e legaliza a apropriação de terras no Brasil, impondo comercialização das terras	

		de compra”. E no artigo 2º determina que “os que se apossarem de terras devolutas ou alheias, e nelas derrubarem matos ou lhes puserem fogo, serão obrigados a despejo, com a perda de benfeitorias, e demais sofrerão pena. Instrumento impediu acesso democrático à terra pela população pobre.	como meio oficial de posse.	
		Se para o trabalhador livre, para o mestiço, esta lei significou o “cativeiro” da terra, para o capital significou sua liberdade. A terra já não estava livre para ser ocupada, como no regime anterior, mas livre para ser transformada em mercadoria e ser adquirida pelos que tivessem condições para isso; por fim, estava “livre” para gerar a renda capitalista da terra.	A terra passa ser mercadori a e símbolo de acumulo de capital, e aumento de renda, favorecen do expansão no capitalism o no campo.	Oficina formativa
		Engano supor que a finalidade da Lei de Terras foi democratizar o acesso à propriedade rural. Na verdade, foi um instrumento legal que assegurava o monopólio de classe sobre as terras de todas as regiões do país,	Com a restrição de acesso as terras, a classe pobre foi afastada de possibilid ades de adquirir sua própria	Oficina formativa

		inclusive das que ainda não tinham sido ocupadas economicamente. Com ela impossibilitava-se o acesso do lavrador pobre a terra, impedindo-o de trabalhar para si mesmo e obrigando-o a trabalhar para os grandes proprietários.	terra e ter autonomia. Ficando preso ao trabalho para outras pessoas. Estimula a divisão de classe.	
<b>GUIMARÃES</b>	GUIMARÃES, Alberto Passos. <b>Quatro séculos de latifúndio.</b> 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.	E foi somente no primeiro quarto do século XIX, com a introdução dos núcleos de colonização do imigrante europeu, que a pequena propriedade se concretiza na história do país como instituição consolidada.	Validação da propriedade de terras de pequena extensão.	Oficina formativa
<b>GERMANI</b>	GERMANI, Guiomar I. <b>Questão Agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia.</b> Feira de Santana (BA). ED:UEFES, 2010.	O espaço geográfico deve ser analisado em sua totalidade e no contexto do campo existe a intensa conflitualidade territorial dada pelos interesses antagônicos entre os agentes hegemônicos do capital, o Estado, as organizações e os movimentos sociais de luta pela/na terra.	Campo espaço de luta pelas terras e conflito de classes sociais.	Oficina formativa
		Questão agrícola se entende as questões relativas à produção (quantidade, preço, produtividade) envolvendo as diferentes etapas da produção até chegar a ao destino final.	A questão agrária aborda luta de classes e as relações do homem	Oficina formativa

		<p>Questão agrária se entende as questões referentes às relações sociais de produção, ou seja, como e de que forma se produz no campo.</p>	do campo com a terra.	
		<p>Capitalismo agrário – defende a territorialização do capital no campo como estratégia para a promoção do desenvolvimento territorial rural.</p>	<p>No capitalismo o agrário acontece a continuidade da história concentra de terras nas mãos da elite e das barreiras encontradas pelos grupos sociais minoritários, no acesso a terra e que reivindicam seus direitos territoriais</p>	<p>No ícone de rodas de conversa virtual e oficina formativa, propor como tema de debate e reflexão capitalismo agrário x tradições culturais.</p>
		<p>Toda a questão territorial expressa relações de poder, principalmente em uma sociedade estruturada em classes sociais. As relações de poder significam enfrentamentos, em que contrapõem os que detêm grandes extensões terra com os grupos sociais que lutam para “entrar” na terra ou para nela permanecer.</p>	<p>Relações de poder e as lutas de classes.</p>	<p>No ícone rodas de conversa virtual e oficina formativa, propor como tema de debate e reflexão relações de poder e as lutas de classe no campo.</p>
		<p>No contexto dos conflitos pela terra, se evidencia a</p>	<p>Organização de moviment</p>	<p>No ícone rodas de conversa</p>

		<p>materialidade da luta de classes a partir da qual os sujeitos se organizam politicamente em movimentos sociais no campo.</p>	<p>os sociais no campo.</p>	<p>virtual e oficina formativa, propor como tema de debate e reflexão como se deu a organização dos movimentos sociais no campo e sua importância.</p>
		<p>Pode-se fazer uma distinção da luta pela terra – empreendida pelos trabalhadores rurais sem terra – com a luta pela terra empreendida pelos povos e comunidades tradicionais. Mas a questão agrária / territorial é um denominador comum entre estas realidades.</p>	<p>Existe diferença na luta por terras, por quem é apenas o trabalhador rural pobre, querendo acesso ao direito a compra e /ou posse da terra. E outro grupo constituído pelas comunidades tradicionais que luta pelo direito da posse de terra, a qual pertenceu aos seus antepassados.</p>	<p>Oficina formativa sobre direitos e deveres no campo do trabalhador rural e dos povos tradicionais.</p>
		<p>Constituição de 1988 também é um marco institucional</p>	<p>Esforço para se organizar</p>	<p>Oficina formativa sobre</p>

		para regulação da posse de terras e a consolidação de outros movimentos entre os quais se incluem os povos e comunidades tradicionais e, de maneira especial os quilombolas, indígenas e pescadores.	e pressionar as diferentes esferas de poder, direitos por terra, dos grupos sociais das comunidades tradicionais, conforme são reconhecidos na Constituição.	direitos dos povos tradicionais, quilombolas, indígenas e dos pescadores.
<b>MILTON SANTOS</b>	Santos, Milton. A natureza do espaço (1996/2002).	Não confundir localização com lugar. Continua dizendo que “o lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E o lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”. O lugar não muda, mas o feixe de forças sociais, se exercendo em um lugar altera sua localização e atua no sentido de sua valorização (ou desvalorização). E é a valorização da terra, que será base dos atuais conflitos territoriais no campo.	Localização tem associação com identidade das pessoas e grupos sociais. Lugar é o objeto, conjunto de objetos, que representa o espaço puro e simples.	Oficina formativa

Após identificar princípios gerais e as bases de conhecimentos selecionados que irão compor o EMVPRMVM, compreendemos e selecionamos as diretrizes deste trabalho para organização e estrutura de montagem do referido Eco Museu Virtual. No capítulo seguinte, da modelagem do Eco Museu, estaremos apresentando as consequências práticas na adoção dos princípios destacados em cada um dos quadros do segundo capítulo, aqui apresentados.

## **CAPÍTULO VI**

### **MODELAGEM COMPUTACIONAL DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, EM XIQUE-XIQUE (BA).**

A partir da proposta de construção colaborativa de um Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, localizados em Xique-Xique (BA), no município da região do Médio Rio São Francisco, discorreremos neste capítulo o processo prático, estético e estrutural do desenvolvimento do referido Eco Museu indicado, destacando os itens de acervo selecionados para a construção dos moldes necessários à concretização da página web, junto ao processo de aplicação nas referidas comunidades.

Com esse intuito, referendamos as abordagens dissertadas nos capítulos anteriores, como bases que contribuirão na formação das partes do museu, a saber: os itens de acervo selecionado, no capítulo 3 e 4 sobre o contexto histórico e geral do território do Médio Rio São Francisco e de Xique-Xique (BA); no capítulo 5 foram apresentados os princípios teóricos adotados e seus direcionamentos para definir as bases de organização ao museu. Nesse sentido e com base nos quadros dos princípios teóricos que auxiliaram na modelagem, essa divisão aponta a elaboração de ações concretas para funcionamento do Eco Museu proposto, que será a abordagem deste capítulo.

Inicialmente, no trabalho de modelagem do Eco Museu, iremos conhecer o que é sociedade em rede e como ela funciona através do uso tecnologias digitais, além de identificar formas da presença dessa sociedade também na cidade de Xique-Xique (BA), território do nosso estudo.

#### **6.1 O QUE É SOCIEDADE EM REDE E COMO FUNCIONA**

Se buscarmos, isoladamente, os significados dessas palavras entenderemos que “sociedade se caracteriza pelo grupo de pessoas que interagem entre si, podendo estas ser de diferentes núcleos étnicos, culturais, políticos ou religiosos”.(In:<<https://administradores.com.br/artigos/sociedade-em-rede>>). Logo, percebe-se que a “Sociedade” é um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas.

Já o termo genérico “Rede”, significa um conjunto de “coisas” e/ou pessoas interligadas. Assim, Sociedade em Rede é um sistema de interações humanas que se apoiam no

ciberespaço, usando-o para interagir e compartilhar informações, além de produzir outras atividades. (In: <<https://administradores.com.br/artigos/sociedade-em-rede>>).

A sociedade em rede, peculiar do mundo globalizado, permite a interação de pessoas, por intermédio dos computadores. Estes geram, processam e distribuem informação construindo conhecimento partilhado que vai do entretenimento à política, passando por áreas como a economia, saúde e educação, caracterizando uma transformação do tempo e do espaço da experiência humana.

Como foi dito, a sociedade da informação e do conhecimento está caracterizada como uma sociedade em que as interações entre pessoas são, predominantemente, realizadas de forma digital. E por isso a sociedade em rede exige do ser humano uma nova maneira de estar e encarar tudo na sociedade.

A educação alicerçada nessas novas formas de acesso à comunicação se configura, portanto, como uma possibilidade de comunicação diferenciada, em que as relações se estabelecem em diferentes tempos e espaços, e que necessita de habilidades e estratégias comunicacionais específicas.

Nessa perspectiva, trabalhar com o cenário educacional atual implica, necessariamente, em contextualizá-lo em um cenário social e cultural mais amplo, de uma nova sociedade denominada por Castells (2010) como “sociedade em rede”, para então compreender a dinâmica econômica e social da nova era da informação, assim como suas estruturas e exigências.

A possibilidade de conciliar os recursos oferecidos pelas tecnologias da informação e comunicação com os princípios de educação, através de ferramentas tecnológicas, possibilita um trabalho de aproximação das pessoas ao conhecimento, com uso da metodologia cooperativa, colaborativa e interativa, sobretudo permitindo uma atualização constante das informações. E as atividades descritas no modelo conceitual acima se aproximam do modelo da sociedade em rede, concebida no nosso projeto e, portanto, estarão presentes no EMVPRMVMVT.

Castells (2006) destaca que não é qualquer tipo de educação ou qualquer tipo de política que atende a sociedade em rede. Para ele, a educação deve ser baseada no modelo de aprender a aprender, ao longo da vida (processual) e preparada para estimular a criatividade e a inovação, objetivando a aplicabilidade desta capacidade de aprendizagem a todos os domínios da vida social e profissional. Por exemplo, oferecendo palestras e/ou minicursos online sobre os assuntos mais variados. São essas ideias não convencionais e criativas que tem tomado conta da web, proporcionando soluções para problemas conhecidos que jamais seriam imaginados, o

que comunga com os princípios de Paulo Freire, citados anteriormente, e foram acolhidos em nosso trabalho.

A sociedade em rede, como percebemos, retrata a realidade da atual sociedade e suas características, que tem livre acesso as informações e os conteúdos, além de se comunicarem e socializarem entre si através de meios de comunicação diversos e principalmente, a Internet, diariamente, 24 horas sem intervalos. Os elementos citados que caracterizam a sociedade em rede, também estão presentes na nossa proposta do EMVPRMVM. Seja através do estímulo do diálogo e compartilhamento de informações, nas salas de bate papo, seja participando das oficinas formativas, colaborando e incluindo novas informações sobre, história local, símbolos culturais locais, seu cotidiano ou ainda avaliando e comentando ações e serviços disponíveis na nossa página web.

Nessa perspectiva, o nosso Eco Museu visa a ser uma solução digital que irá trazer elementos da cultura local dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso – Xique-Xique (BA), divulgando as mesmas para as novas gerações, além de oferecer espaço de conversas virtuais, trocas e aprendizado entre moradores das comunidades adotadas, como nas rodas de conversas e oficina formativas virtuais, a disposição para sociedade em rede desenvolver seus trabalhos e interesses diversos, neste local,

A seguir relataremos como a sociedade em rede funciona nos povoados ribeirinhos em estudo, para compreender melhor como essa sociedade vive e se desenvolve em Xique-Xique (BA).

## 6.2 COMO A SOCIEDADE EM REDE FUNCIONA NOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, POVOADOS DE XIQUE-XIQUE (BA)

Os povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso – Xique-Xique (BA), também vivem no contexto das sociedades em rede, porque estão interligadas com o mundo via tecnologias da contemporaneidade, e apresentam reflexos desta realidade, ofertando, recebendo, processando e compartilhando informações digitais, o que faz dos ribeirinhos participantes desta rede.

Para compreender como a sociedade em rede se desenvolve em Xique-Xique, listamos alguns exemplos das atividades práticas, que vem sendo desenvolvidas, nesta área: 1) os moradores, principalmente os jovens, dos povoados ribeirinhos de Xique-Xique - BA (destaque na Marreca Velha) tem hábito de usar internet e redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp etc.), postar acontecimentos da comunidade e da sua vida pessoal, como é comum em outras

localidades; 2) alguns moradores e instituições públicas e privadas diversas criaram blogs falando de assuntos cotidianos da cidade de Xique-Xique (por exemplo, criação de páginas do Facebook com seguintes temas: pastoral da juventude de Xique-Xique, grupo de teatro Ribeir'art Xique-Xique, filarmônica ribeirinhos do vale do São Francisco, escolas tradicionais da cidade como Polivalente Xique-Xique, Prefeitura Municipal, e outras páginas como: Cultura – Xique-Xique; Divulga Xique-Xique; Turismo de Xique-Xique e região; Xique-Xique cada vez mais amada; Por que você deve conhecer Xique-Xique; Xique-Xique Bahia; Notícias de Xique-Xique Bahia e Região; Compra e Venda Xique-Xique BA; Xique-Xique Bahia e Brasil; Inova Xique-Xique; Página de Xique-Xique.); 3) pessoas nascidas em Xique-Xique mas que não residem, no momento, na sua cidade natal, criaram blog's falando da cultura local, forma de manter a ligação com suas origens e lembranças, e poder “matar saudades” (exemplo: [xiquesampa.blogspot.com](http://xiquesampa.blogspot.com); [xiquexiquense.blogspot.com](http://xiquexiquense.blogspot.com); [meussertões.com.br](http://meussertões.com.br); [paginaxiquexique.blogspot.com](http://paginaxiquexique.blogspot.com)). Esses são alguns dos exemplos, de atividades que vêm sendo desenvolvidas pelas sociedades em rede que envolvem município de Xique-Xique (BA) e sua comunidade. Confirmamos a prática da sociedade em rede na localidade em estudo e por isso adotamos este conceito e abordagem referencial na nossa pesquisa.

Como parte das ações de contribuições do nosso trabalho de pesquisa para o território de Xique-Xique (BA), estamos oferecendo solução digital que possibilite o aprimoramento e otimização no uso das tecnologias já existentes (como já foi citado) na referida sociedade em rede presente ali. Será através da criação de uma página web, que tem como título o Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA).

O Referido Eco Museu está sendo modelado de acordo com informações coletadas sobre a realidade local, baseado no contexto histórico apresentado e princípios teóricos escolhidos, na nossa pesquisa. Seu objetivo é registrar informações sobre a cultura popular local e seu ambiente, através de uma vitrine com acervo que irá colaborar com conhecimento da própria comunidade e do mundo. É também, uma oportunidade de dinamizar informações digitalizadas, com as ferramentas interativas, estimular ações educativas com as oficinas formativas e possibilitar novas atividades socioeconômicas naquele território, através do desenvolvimento de serviços turísticos, com base no Turismo de Base Comunitária (TBC) no local, e a comercialização virtual dos produtos regionais, proporcionando uma geração de renda alternativa e melhoria na qualidade de vida a todos os envolvidos.

Por isso o Eco Museu visa ser uma solução digital para apresentar os símbolos culturais dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso - Xique-Xique (BA), e também funcionar como espaço colaborativo, pedagógico e de diálogo, oferecendo possibilidade de incluir outros

saberes culturais e sugestões em geral, participar das salas de bate papo e/ou mini cursos das oficinas formativas virtuais. Atividades que atendem às novas demandas da sociedade informatizada que chegou para ficar no vale do Rio São Francisco e também nas comunidades de Xique-Xique (BA).

### 6.3 A SOLUÇÃO DIGITAL EDUCATIVA ESCOLHIDA E AS ATIVIDADES OFERTADAS POR ESSA FERRAMENTA

É fato que o acesso à internet tem aumentado a cada dia, no mundo todo. Além de utilizarem a rede para procurar por informações e notícias, se comunicarem e se relacionarem, os usuários também utilizam para aperfeiçoar sua formação profissional, e ainda compram produtos e serviços por meio das lojas virtuais. Nesse contexto estão também os Museus virtuais que oferecem informações culturais sobre determinado tema e exibem acervos virtuais, que promovem a preservação do patrimônio e/ou da coleção apresentada, e também viabilizam inclusão social, com ferramentas de acessibilidade, de reflexão e outras atividades virtuais.

No nosso estudo sobre os povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato grosso, em Xique-Xique (BA) decidimos pelo formato de um Eco Museu, como solução tecnológica, por atender a referida sociedade em rede e por que está ferramenta vai funcionar também, como oportunidade de diálogo e discussões (sobre temas diversos, com troca de saberes e organização social), espaço educativo (promovendo atividades de ensino e aprendizado), oportunidade de inclusão social e ainda estimular o lado comercial (divulgação e venda de produtos regionais e dos serviços turísticos). Demandas que contemplam a realidade, interesses e necessidades dos povoados ribeirinhos em estudo.

Para viabilizar a concretização do projeto digital, optamos por um Eco Museu Virtual em formato 2D, através de uma página web da Internet, considerando-se que a tecnologia 3D, apesar de ser mais eficiente, tem alto custo e demoraria mais tempo para modelar e construir o Eco Museu. Com o tempo curto para período do mestrado, não teríamos como realizar este projeto. Por outro lado, a tecnologia 2D, escolhida por nós, atenderá as necessidades de comunicação, interação, exibição, avaliação e compartilhamento de informações, ações muito importantes no nosso estudo, é o que nos fez decidir pelo modelo 2D.

A nossa página web será composta por ferramentas que relatam contexto, principais fatos históricos, símbolos culturais, as tradições locais, como a cultura do gado, do couro, da palha e da pesca, gastronomia, jargões regionais, danças, músicas e poesias, além da exposição de imagens e vídeos e instrumentos de acessibilidade. Será construída uma vitrine composta

por elementos do patrimônio e da cultura local, que representam a região do Médio Rio São Francisco, mas com foco nos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, e que possam despertar o interesse de visitantes do Eco Museu, em realizar roteiros turísticos nestes povoados, no modelo de gestão do Turismo de Base Comunitária, o que poderá possibilitar também, complemento de renda para sobrevivência da população. Pois, além de trazer informações históricas, e da cultura popular local, no Eco Museu serão apresentados roteiros turísticos, sua descrição e orientação para execução dos mesmos. E também o EMVPRMVM promoverá e gerenciará vendas, de produtos regionais (controle de estoque) e com agendamento dos serviços turísticos e concretização do pagamento, virtualmente, culminando com a comercialização destes.

Após decidir pela tecnologia 2D, na próxima etapa estaremos conhecendo mais detalhes técnicos sobre as ferramentas 1 Portal, 2 Website e 3 Página Web, para compreender seu funcionamento e fazer a escolha sobre o formato tecnológico mais adequado para nosso Eco Museu Virtual.

### **6.3.1 o que é Portal, Página Web e Website**

#### **a) Portal**

Wikipedia afirma: “Um portal é um site na internet projetado para aglomerar e distribuir os conteúdos de várias fontes diferentes de maneira uniforme, sendo um ponto de acesso para uma série de outros sites ou subsites internamente ou externamente ao domínio ou subdomínio da empresa gestora do portal.

Na sua estrutura mais comum, os portais constam de um motor de busca, um conjunto, por vezes considerável, de áreas subordinadas com os conteúdos próprios; uma área de notícias; um ou mais fóruns e outros serviços de geração de comunidades, além de um diretório, podendo incluir ainda outros tipos de conteúdos.

Existem outras definições sobre Portal, mas preferi adotar esta referência, a qual simplifica e explica de forma objetiva funcionamento da ferramenta tecnológica. Enquanto os demais conceitos são muitos técnicos voltados para profissionais da área de informática, e não se aplicam ao nosso estudo.

Importante esclarecer também que os portais têm como características, oferecer acesso a um grande número de usuários e precisam ser dimensionados de acordo, pois, caso contrário o sistema fica lento, interrompe ou não responde à navegação. Isso é um processo caro e trabalhoso, principalmente porque ao longo do tempo o uso do Portal por usuários acaba

umentando e os equipamentos precisam ser trocados por outros mais poderosos e capazes, tornado a manutenção do portal onerosa e constante.

Quando isto não ocorre, muitas vezes a consequência pode ser, por exemplo, uma compra paga que não é registrada e que se perde; um pedido que não chega ao departamento de compras; o cliente que não consegue abrir sua tela de informações etc.

Com o grande volume de informação, é preciso organizar e catalogar as mesmas por assunto, os colaboradores que alimentam o Portal precisam ter acesso às informações estruturadas (informações armazenadas em sistemas e bases de dados, como por exemplo, datawarehouses e sistemas legados), assim como às informações não estruturadas (informações armazenadas em arquivos de texto, planilhas eletrônicas, arquivos de e-mail, dentre outros). O acesso a estas informações estruturadas ou não estruturadas se dá na maioria das vezes através do uso de APIs (Application Program Interfaces), também chamadas de applets, portlets, adaptadores ou conectores, sendo mais facilitado o acesso às informações estruturadas, pois, através das linguagens de programação, pode-se utilizar de APIs que facilitem ao colaborador acessar as informações através de interfaces intuitivas e amigáveis. Já para acessar as informações não estruturadas, é necessário utilizar, em conjunto com as APIs, métodos de categorização e taxonomia, mecanismos de busca.

Os métodos de categorização e taxonomia visam organizar as informações do Portal, criando informações sobre as informações (metadados) para assim os mecanismos de busca retornarem, de forma mais precisa, às informações que o usuário deseja.

O portal pode ser uma opção para funcionamento do EMVPRMVM, porque centraliza diversas funções e direciona para subsites de assuntos diferentes. Vejamos outras opções.

## **b)Website**

Segundo o Site Os Significados.Com.Br (2011): Website é uma palavra que resulta da justaposição das palavras inglesas *web*(rede) e *site* (sítio, lugar). No contexto das comunicações eletrônicas, *website* e *site* possuem o mesmo significado e são utilizadas para fazer referência a uma página ou a um agrupamento de páginas relacionadas entre si, acessíveis na internet através de um determinado endereço. No português europeu é também comum utilizar o termo sítio da internet ou sítio eletrônico. Cada *website* possui um objetivo, de acordo com o público ao qual é direcionado.

Na página ou páginas de um *website* podem ser colocados textos, imagens, vídeos ou animações digitais. Estas páginas são carregadas através do protocolo de rede HTTP (Hypertext Transfer Protocol) e são visualizadas através de um navegador (*browser*).

Um *website* pode apresentar uma forma estática, sendo a sua extensão.html porque utiliza a linguagem ou código HTML; ou uma forma dinâmica, interativa, sendo as linguagens Java Script e PHP as mais utilizadas.

Já o Wikipédia define Website assim: é um conjunto de páginas web agrupadas juntas e geralmente conectadas juntas de diversas formas. Também conhecido como "web site" ou simplesmente "site".

Uma coleção de páginas web armazenadas numa única pasta ou em subpastas relacionadas de um servidor web é conhecida como *site*. Um sítio web costuma incluir uma página principal chamada index.htm ou index.html.

“Um sítio eletrônico ou endereço eletrônico ou sítio ou saite, é um conjunto de páginas web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP ou pelo HTTPS na internet. O conjunto de todos os sítios públicos existentes compõe a World Wide Web.” (WIKIPÉDIA – Ano 2019).

No momento, para o Mestrado, e com tempo curto disponível, não poderemos trabalhar com várias páginas web e nem com portal, que é mais complexo para serem modelados (construídos), administrados e para serem “alimentados”, fazer manutenção pelas comunidades ribeirinhas. Propomo-nos a fazer o Eco Museu dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA) no formato de página web, para atender à sociedade em rede com a qual trabalhamos.

### **c) Página Web**

Considera-se página web um documento que pode ser mostrado em um navegador web como Firefox, Google Chrome, Opera, Microsoft Internet Explorer ou Edge, ou Safari da Apple. Ou seja, navegadores de simples acesso, comuns e familiares aos usuários da sociedade em rede, em geral. Tais documentos também podem ser referenciados apenas por "páginas".

“Percebe-se que a Página Web é qualquer documento que faça parte de um sítio web e que costuma conter ligações (igualmente chamadas hiperligações ou *links*) para facilitar a navegação entre os conteúdos.

As páginas web são desenvolvidas com linguagens de marcação como o HTML, as quais podem ser interpretadas pelos navegadores. Desta forma, as páginas podem apresentar informação em diferentes formatos (texto, imagens, sons, vídeos, animações, aplicativos), estar

associadas a dados de estilo ou conter aplicações interativas.” (Fonte: <https://conceito.de/pagina-web>).

A Wikipédia (2019) considera Página web como uma "página" na world wide web, geralmente em formato HTML e com ligações de hipertexto que permitem a navegação de uma página, ou secção, para outra. As páginas web usam com frequência ficheiros gráficos associados para fins de ilustração, e também estes ficheiros podem ser ligações clicáveis. Uma página web é apresentada com o recurso a um navegador (*browser*), e pode ser construída por forma a recorrer a applets (subprogramas que correm dentro da página), que muitas vezes fornecem gráficos em movimento, interação com o utilizador, com consulta de vídeos e sons.

A partir das discussões apresentadas acima, através de conceitos diversos, entendemos que a tecnologia da Página Web atende ao funcionamento do EMVPRMVM. Pois esta tecnologia passa a existir como documento, no sítio web, podendo oferecer outras seções complementares, como ficheiros com diferentes conteúdos. Sendo que no seu funcionamento, contamos com funções de interatividade e consulta de vídeos e sons. Percebe-se que esta ferramenta atende as nossas necessidades neste trabalho e por isso iremos adotá-la no nosso Eco Museu. Pois contém ligações com diversos conteúdos, as hiperligações ou *links*, que facilitam a “navegação”.

Após conhecer as características técnicas, iremos verificar procedimentos técnicos de como construir uma página web.

### 6.3.2 Como fazer uma Página Web

Segundo site, <https://impulseagencia.com/passos-a-passos-de-como-criar-uma-pagina-na-web/>, para fazer uma página na internet, importante primeiro fazê-la ser funcional, intuitiva e, além de tudo, atrativa, posteriormente seguir os passos abaixo:

- 1º) Criar um domínio.
- 2º) Hospedar seu site.
- 3º) Personalizar seu site (colocar informações ligadas a conteúdo de interesse e formatar a apresentação).
- 4º) Criar os conteúdos.
- 5º) Medir e avaliar os resultados.

Vejamos a seguir cada um desses passos.

### **1º Passo – Criar um domínio**

O domínio é seu endereço na internet (modelo: [www.nomedasuaempresa.com.br](http://www.nomedasuaempresa.com.br)). Você deverá registrá-lo por meio de um prestador — nacional ou internacional — no site Registro.br, órgão responsável pela regulamentação de endereços da web no Brasil.

Ideal é escolher um domínio que utilize o nome da sua empresa ou grupo cultural. Pode acontecer que esse endereço não esteja disponível, nesse caso, é importante optar por outro bastante próximo à sua marca.

Evitar nomes complicados de serem escritos e longos para reduzir problemas de digitação ou outros que prejudiquem o acesso dos usuários. Se o nome da sua empresa não for dos mais fáceis, facilite essa tarefa por meio de abreviações, por exemplo.

### **2º Passo – Hospedar seu site**

Para as pessoas acessarem seu site, é necessário que ele esteja hospedado em um local denominado de servidor. Diversas empresas oferecem esse serviço em troca de uma mensalidade. É como se você pagasse um aluguel pela utilização do espaço.

Você pode também comparar serviços e recursos disponíveis para encontrar a opção com o melhor custo-benefício para seu site institucional. Uma vez que problemas com lentidão e falta de suporte pode torná-lo bem caro no final das contas.

Também há opção de você contratar o domínio juntamente com a hospedagem, o que facilitará muito a sua vida.

### **3º Passo – Personalizar seu site**

Para saber como fazer uma página na internet, é preciso ter em mente o que ela será, museu, espaço informativo ou social ou comercial como a loja física do seu negócio. Ao acessá-la, as pessoas precisam ver a identidade da marca. Por isso, uma das etapas mais interessantes é a hora de dar cara ao seu site. Além de pensar na aparência da página, formatação de cores, tamanho da fonte, animação e etc.

### **4º Passo – Criar os conteúdos**

O conteúdo para site empresarial deve ser estrategicamente bem pensado para que as pessoas possam conhecer melhor sobre sua proposta, definir as informações necessárias para conhecer seu projeto, serviços e/ou os produtos que oferece.

Importante colocar logotipo ou slogan, nome da empresa ou título da proposta e informações de contato, seja no rodapé ou na capa da sua página. Na homepage, destaque o que sua empresa se propõe e diferenciais de forma resumida. O usuário deve encontrar informações rápidas e suficientes sobre trabalho apresentado, a sua especialidade.

### **5º Passo – Medir os resultados**

De nada adiantará aprender como fazer uma página na internet se você não acompanhar os resultados constantemente.

Saber quais são as seções mais visitadas pelos seus clientes, quando eles acessam, localização geográfica, como ele chegou até você, entre outras informações, permite conhecer melhor sobre seu cliente e investir em estratégias mais assertivas. Observar comentários eletrônicos e avaliação dos serviços.

Após conhecer o passo a passo de construção técnica de uma página web, observamos que alguns destas etapas se aplicam a construção do EMVPRMVMVT e outras não. O Eco museu tem como objetivo principal funcionar como ferramenta educativa e não como loja e negócio virtual, como sugerem as orientações técnicas do site citado acima e que é senso comum entre técnicos da área. Concordamos em Criar um domínio, Hospedar Site, Personalizar site, mas não vemos como a Criação de Conteúdos totalmente aplicável ao nosso modelo, como ideal para modelagem do nosso projeto a página web do EMVPRMVMVT, assim como desnecessário medir os resultados, como fazem empreendimentos comerciais.

O que se propõe é construir um acervo composto pela cultura e as tradições locais, baseados no contexto histórico do território onde estão os povoados em estudo. Apresentar os principais símbolos culturais locais, musealizar a cultura popular identifica na nossa pesquisa e ofertar venda de produtos regionais, indicados pelas comunidades, conforme sazonalidade dos mesmos, e acompanhar acesso principalmente dos moradores, seu entendimento das ferramentas, e as críticas e sugestões para aperfeiçoar a tecnologia digital apresentada, de forma que tenha real utilidade para eles. Na metodologia adotada na nossa pesquisa, serão aplicados ciclos interativos, de aperfeiçoamento da proposta da página web, criada, sobre o Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA).

Depois de compreender o processo de construção de uma página web, agora iremos apresentar a proposta concreta de modelagem (parte estética) da nossa página com os conteúdos (parte teórica) do nosso projeto.

## 6.4 MODELAGEM DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, XIQUE-XIQUE (BA)

Existem dois tipos de modelagem: a modelagem cognitiva e a modelagem sistêmica, utilizada pelos profissionais de computação. A seguir estaremos adotando a primeira tipologia de modelagem, a cognitiva, pois a partir da escolha dos princípios teóricos (do capítulo anterior), construiremos a modelagem cognitiva do Eco Museu Virtual, em desenvolvimento.

### **6.4.1 Descrição da nossa modelagem do Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA) – EMVPRMVMVT**

Para esclarecer a organização estética do Eco Museu, resolvemos dividir em 14 espaços (ícones) principais de trabalho, que darão acesso as informações aqui contidas. São eles:

Na Página Inicial estão informações sobre o Eco Museu, como resultado da minha pesquisa de mestrado e um relato sobre processo da construção do mesmo. Também apresento uma introdução sobre conceito de Eco Museu, justificando a escolha por está ferramenta. Nesta página ainda estão as orientações sobre a navegação com a descrição das páginas e subpáginas, do EMVPRMVMVT, e a explicação sobre o funcionamento destas ferramentas do Eco Museu.

O Contexto traz elementos que caracterizam a região MRSF (como os conteúdos sobre o povoamento por povos indígenas) e o município de Xique-Xique (BA), e também traz subpáginas descrevendo Xique-Xique sede, os povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso.

O Mapa cultural, apresenta dois mapas, um da Bacia Médio Rio São Francisco, e outro do Estado da Bahia, situando o município de Xique-Xique (BA). Também selecionamos alguns símbolos culturais locais, que são itens de acervo do museu, e cada um deles tem uma janela explicativa sobre este elemento cultural. São eles, os símbolos selecionados: a) Povoamento por indígenas; b) Igreja Miradouro; c) Coronéis e jagunços; d) Vaqueiros; e) Arráias e tropeiros; f) Feiras livres e mercado popular; g) Meios de transporte; h) Jargões regionais; i) A morte e os rituais fúnebres; j) Eventos regionais; k) Regata Ecológica da Marreca Velha; l) Dança de São Gonçalo que acontece em Mato Grosso; m) Poesia; n) Música regional ; o) Cordel;

Geografia Local: traz informações ligadas a geografia física da região como: vegetação, clima e relevo; peixes; plantas nativas; gado e outros animais; secas e enchentes.

No Eco Museu, trazemos o acervo principal da tecnologia apresentada, que foram musealizados por que descrevem a cultura e tradição popular, e o cotidiano dos moradores da Marreca Velha e do Mato Grosso. São eles: a) legado indígena; b) cultura da pesca c) cultura da palha; d) cultura do couro; e) superstições e fé; f) das comidas e bebidas regionais; g) contribua com acervo.

Crédito: Lista das pessoas /Coautoras que colaboraram e participaram da construção da modelagem do Eco Museu.

Sala de bate papo: tem objetivo de oferecer um espaço de diálogo entre as pessoas da Marreca Velha, moradores do Mato Grosso entre si, e sujeitos dos dois povoados com público externo. Conversas sobre diferentes temas do cotidiano local. Este espaço se divide em: Rodas de Conversa na Marreca Velha; Rodas de Conversa no Mato Grosso; Fórum; Documentos /ata dos encontros virtuais; Aconteceu na comunidade de Xique-Xique Sede; Aconteceu na Marreca Velha e Aconteceu no Mato Grosso.

Oficina formativa: espaço para aprendizado de determinado tema, através de mini cursos, com oportunidade de conhecer um conteúdo específico, exercita-lo e receber certificação, a distância (virtualmente).

Roteiros turísticos: espaço que traz informações, descrições e orientações diversas sobre roteiros turísticos propostos pelas comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso para visitantes. Além de exibir as opções de roteiros turísticos, agendamento de serviços, compra com pagamento prévio, aos membros das comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso. Nesta página estão disponíveis três roteiros turísticos diferentes, criados pelas comunidades. Também estão neste local, as subpáginas Vamos Pescar e Ações Sustentáveis.

Serviços Turísticos: exhibe lista dos serviços turísticos desenvolvidos e comercializados pela comunidade. Serviços como: hospedagem domiciliar, comida caseira, roteiro turístico com acompanhamento do guia anfitrião. Possibilidade de conhecer as opções e marcar serviço que lhe interessa, além de fazer perguntas e/ou comentar. A segunda subpágina é a Loja virtual comunitária com a vitrine dos principais produtos regionais da comunidade da Marreca Velha e do Mato Grosso, e as respectivas características dos mesmos. Mercadorias

como artesanatos diversos, colher de pau artesanal, legumes, hortaliças, doces etc. Outra subpágina: Agende on line, que propicia interação com visitante da página web e agendamento dos serviços turísticos.

Comentários e Contate-nos: existe espaço para colocar nome, telefone, e-mail e para escrever uma mensagem para organizadores do Eco Museu. Você pode também avaliar a página web do EMVPRMVMT e/ou serviço e/ou produto que você contratou.

Acessibilidade: ferramenta que possibilita acesso aos conteúdos do Eco Museu, participação e inclusão social de diferentes pessoas, independente da classe sócio econômica, e /ou condições físicas limitadas, por alguma deficiência. Uso de áudio em cada página, para efetivar acesso de deficientes visuais.

Galeria: espaço para compartilhar fotos e vídeos sobre a cultura popular de Xique-Xique, e dos povoados da Marreca velha e do Mato Grosso.

Ainda oferecemos Chat (uma ferramenta para conversar on line, assuntos diversos, para realizar comunicação rápida e objetiva, pontual sobre determinado item. Ou poderá também, esclarecer dúvidas. O Chat está disponível em todas as páginas do Eco Museu, no rodapé, do lado direito inferior.

Existe um botão com áudio da música Lamento Sertanejo, autoria de Gilberto Gil e Dominginhos, na parte inferior, de todas as páginas e subpáginas do Eco Museu, que pode ser escutado enquanto navega e conhece as informações aqui contidas.

Após conhecer os ícones e a organização do nosso Eco Museu, a seguir apresentamos as atividades ofertadas a esta página web, associadas aos princípios escolhidos e trabalhados na nossa pesquisa.

## 6.5 FUNCIONALIDADES DOS ITENS PRINCIPAIS DA BARRA DE MENU DO ECO MUSEU VIRTUAL DOS POVOADOS RIBEIRINHOS DA MARRECA VELHA E DO MATO GROSSO, ASSOCIADAS AOS SEUS RESPECTIVOS PRINCÍPIOS TEÓRICOS.

### 6.5.1 Contexto

Ícone Contexto traz informações introdutórias sobre a região MRSF e o município de Xique-Xique (BA). Princípios selecionados para elencar os tópicos foram baseados na teoria sobre uso de signos e símbolos; linguagem própria da região; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos, músicas e poesias sobre o RSF); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu; tipologia sertaneja. Princípios que nos levam a compreender a formação territorial e populacional da região em estudo, justificando acontecimentos e comportamento da população local, com influência dos fatos passados, mas que sobrevivem e persistem na atualidade.

### **6.5.2 Mapa Cultural**

Mapa Cultural esse ícone irá apresentar mapa geral da Bacia Médio Rio São Francisco e o mapa da Bahia, situando município de Xique-Xique (BA). Selecionamos os principais símbolos culturais (itens de acervo do museu, selecionados no contexto histórico) que caracterizam a região, a cidade de Xique-Xique e os povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso e que abrirão subpáginas explicativas e com imagens de cada um destes elementos culturais do EMVPRMVMVT.

Os princípios envolvidos no Mapa Cultural utilizados foram: uso de signos e símbolos; linguagem própria da região com produção de sentido; ícones/marcadores com representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu; tipologia sertaneja. Foram escolhidos estes princípios por que além de registro e preservação da cultura popular, o Mapa Cultural exibirá signos e símbolos culturais, para compreensão da história e do desenvolvimento local, associada à função informativa e fazendo do Eco museu virtual um espaço com estímulo ao autoconhecimento e valorização da sua própria cultura.

### **6.5.3 Eco Museu**

No ícone Eco Museu encontra-se o acervo principal da tecnologia apresentada, de forma musealizada. Apresentamos em “salões virtuais” (subpáginas) elementos que identificam e descrevem a cultura popular e o cotidiano dos povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso. É local para fazer a descrição das “coisas do povo” dos povoados em estudo, ou

seja, a tradição popular, os costumes e hábitos, e as técnicas tradicionais (saber e fazer) de uma comunidade tradicional.

Os princípios trabalhados neste espaço foram o uso de signos e símbolos; representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu e tipologia sertaneja. Pois estes princípios auxiliarão na seleção dos elementos culturais para compor referido ícone.

#### **6.5.4 Créditos**

No ícone Créditos Teremos a lista das pessoas que colaboraram com a modelagem e a construção da nossa página web. E os princípios escolhidos foram a colaboração e participação, que nos levaram a considerar coautoria da comunidade na criação desta ferramenta.

#### **6.5.5 Sala de bate-papo e Rodas de Conversas Virtuais**

Sala de Bate Papo e Roda de Conversa Virtual é uma ferramenta para dialogar sobre temas diversos, envolvendo interesses cotidianos, sejam de caráter comunitários, regionais, rurais e/ou políticos etc. Neste ícone tem uma subpágina nomeada documentos, arquivos e atas, que são encaminhamentos, em foram de relatórios, resultado das rodas de conversas virtuais, que podem ser utilizadas em ações presenciais, por exemplo pelas instituições como colônia de pesca, cooperativas, associações etc. Além de poderem dar continuidade em seus espaços presenciais, as ações e movimentos de lutas sociais e resistência, visando melhor qualidade de vida e conquistas sobre dos direitos humanos. Percebe-se que os princípios envolvidos nesta ferramenta são: participação, interação, dialogismo, educação informal, educação popular, autonomia, tipologia sertaneja, geografia agrária. O espaço dará voz e vez as pessoas da comunidade colocarem suas opiniões, compartilhar seus saberes e de alguma forma o processo educativo será desenvolvido, através da modalidade informal e nos moldes das experiências com educação popular, buscando incluir assuntos do universo da população sertaneja e história agrária, estimulando a lutar por uma qualidade de vida melhor e resistir pela preservação da sua terra e identidade cultural.

#### **6.5.6 Oficina Formativa**

Oficina formativa é a ferramenta para aprendizado de determinado tema, através de minicursos, ofertar conhecimentos e exercitar a aprendizagem. Exemplo: realizar oficina de criação de roteiros turísticos em TBC, mostrar passo a passo como faz e depois pedir que participantes da oficina, criem seu roteiro, compartilhe e poste fotos dos locais que compõem roteiro etc. E também propor atividades educativas que estimulem grupos a se organizarem e reivindicarem pelos direitos sociais.

Os princípios envolvidos nesta ação são: participação, colaboração, dialogismo, polifonia, interação, educação informal, educação popular, autonomia, tipologia sertaneja, geografia agrária, emancipação pedagógica e outros desta natureza. Foram selecionados estes princípios por que as oficinas irão trazer novos conhecimentos aos membros das comunidades ribeirinhas, mas serão atividades informais, que estimulem participação e troca de saberes. Ao mesmo tempo em que levem novos conceitos sobre organização social, de interesse local (vida sertaneja), orientações gerais iniciais sobre a gestão e desenvolvimento do TBC – Turismo de Base Comunitária no seu território, criação de roteiros turísticos e realização do serviço de receptivo turístico, de forma autônoma e coletiva e usando da metodologia participativa, sensibilizando sujeito a criar novos referenciais conceituais e postura de vida, fazendo processo educativo acontecer.

#### **6.5.7 Roteiros Turísticos**

Roteiros turísticos, será um ícone / espaço para exibição de roteiros turísticos criados pelas comunidades, com descrição dos mesmos e disponíveis para agendamento, venda e pagamento prévio, virtualmente, para moradores da Marreca Velha e Mato Grosso, que estão envolvidos. Com possibilidade de conversar on-line, através de um chat para tirar dúvidas e receber orientações prévias para realização do serviço. Os princípios envolvidos serão dialogismo, interação, técnico, comercial e do TBC. No caso do Turismo de Base Comunitária serão apresentados conceitos e características do TBC para as comunidades ribeirinhas que desejem desenvolver e gerir o TBC, trabalhar com esta atividade econômica.

#### **6.5.8 Serviços Turísticos**

Ícone composto por ferramentas de interatividade como loja virtual, agende on-line, contatos, membros e avaliação. Neste espaço são apresentados produtos regionais e serviços turísticos, definido pelos membros da comunidade ribeirinha em estudo, produzidos por eles e

possíveis de serem ofertados e comercializados. A página web será uma ferramenta de divulgação e gerenciamento deste processo de agendamento, reservas e vendas virtuais.

Os princípios utilizados para pensar a construção deste tópico no Eco Museu foram o de dialogismo, comunicação, linguagem, interação, técnico, comercial e do TBC. Além de usar da comunicação, tecnologia e interação, será necessário conhecimento técnico do turismo de base comunitária e de vendas para realizar as ações propostas.

#### **6.5.9 Loja Virtual Comunitária**

Loja Virtual Comunitário é um ícone para visualizar exposição de fotografias do artesanato e outros produtos locais, podendo planejar a compra, e/ou encomendá-los. A página web será uma ferramenta de divulgação e gerenciamento deste processo de agendamento, reservas e vendas virtuais.

Os princípios utilizados foram: dialogismo, comunicação, linguagem, interação, técnico, comercial e do TBC. Pois além de usar da comunicação, tecnologia e interação, sendo necessário conhecimento técnico do turismo de base comunitária e de vendas para realizar as ações propostas.

#### **6.5.10 Contatos**

Contatos é um ícone que registra dados básicos do usuário que deseja comprar produtos regionais e/ou serviços turísticos. Com possibilidade, do visitante do Eco Museu, enviar mensagem para administrador da página web.

Os princípios são: comunicação, dialogismo e interação. Através desta ferramenta haverá um estímulo, a aproximação com público, interação e comunicação mútua.

#### **6.5.11 Comentários**

O Ícone Comentários será para os visitantes do eco museu e a comunidade receptora /coautora da página web usarem como espaço para sugestões, críticas, avaliação dos serviços, compartilhamentos de informações, orientar e esclarecer dúvidas, sobre o eco museu, sobre produtos regionais exibidos e serviços turísticos ofertados pela comunidade. Princípios envolvidos são: dialogismo, interação, comunicação, colaboração, trabalho coletivo e participativo. Os princípios selecionados foram aqueles, que estimulam a comunicação, e a

prática de atividades conjuntas e participativas, por que, para nós, é importante uma ferramenta ouvir sugestões e críticas e assim desenvolver o Eco Museu de forma colaborativa, através de ciclos de aperfeiçoamento.

### 6.5.12 Acessibilidade

No ícone Acessibilidade serão ofertadas ferramentas de inclusão social e digital para todos tenham interesse em acessar EMVPRMVMT. Os princípios envolvidos são conceito de eco museu virtual e museu virtual; inclusão e igualdade social, equidade, participação e colaboração. Os princípios escolhidos possibilitarão ações democráticas, permitindo todos acessarem e interagirem na página web, fazendo acontecer princípio da inclusão e igualdade social, uma oportunidade de participação e interação com a tecnologia apresentada.

Em complemento às informações anteriores, para modelagem do Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA), apresentamos a seguir o quadro 11, que traz resumo das ferramentas que estarão disponíveis no referido EMVPRMVMT, baseadas nos princípios acolhidos no capítulo anterior, e que estão organizando as ações neste espaço virtual. Este quadro resumo mostra todas as ferramentas idealizadas para nossa página web, também associadas aos princípios, a fim de poder visualizar e compreender a influência dele na modelagem. Entretanto, vamos perceber que no processo de construção, nem todas estas ferramentas puderam ser modeladas, em virtude da falta de tempo no período da pesquisa de mestrado e também pela falta de recursos financeiros para contratar um programador, especialista em design computacional. Esta dificuldade levou a pesquisadora a assumir a construção do design do EMVPRMVMT, mesmo não sendo profissional da área de informática, e não dominando as ferramentas do site adotado, o “Wix.com” (site que disponibiliza criação de página web gratuitamente), porém permaneceram as limitações técnicas que refletiram na parcialidade da modelagem do Eco Museu planejado. Vejam abaixo itens que foram modelados e os que não foram.

## 6.6 RESUMO DA MODELAGEM COMPUTACIONAL DO EMVPRMVMT

**Quadro 12:** Resumo Modelagem Computacional do EMVPRMVMT

Localização	Ícone	Minha Descrição	Base de Conhecimento	de	Observações

<b>Abertura da Página Web, anúncio com destaque</b>	Fale com o Guia Anfitrião o Barqueiro do Rio São Francisco	- A tela da recepção do museu será composta por um guia virtual (o Barqueiro do Rio São Francisco), que se comunica com o visitante por meio de um balão de fala, com perguntas e respostas frequentes (planejada / programada). - Faça seu cadastro para poder navegar no EMVPRMVMT.	Comunicação, informação, linguagem, interação.	Não foi possível, modelar esta ação em virtude da falta de tempo e de recursos financeiros para contratar programador designer e pela pesquisadora ter conhecimento limitado nesta área.
<b>Menu Horizontal</b>	Página Inicia Orientações para navegação	O primeiro ícone da esquerda para direita, com apresentação do EMVPRMVMT. Como funciona e estar organizada a modelagem do museu. Listar funções existentes de cada ícone.	Comunicação, informação, linguagem, interação	Modelado
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Como usar o Eco Museu Virtual	- Guia anfitrião virtual, convida os visitantes a navegarem pelo Eco museu virtual e explica como funciona a organização da modelagem do museu. Incluir um tutorial.	Comunicação, informação, linguagem, interação.	Não foi possível modelar
<b>Menu Horizontal</b>	Contexto	Ícone Contexto traz informações introdutórias sobre a região MRSF e o município de Xique-Xique (BA). Itens que nos levam a compreender a formação territorial e populacional da região em estudo, justificando acontecimentos e comportamento da população local, com influência dos fatos passados, mas que sobrevivem e persistem na atualidade.	Teoria sobre uso de signos e símbolos; linguagem própria da região; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos, músicas e poesias sobre o RSF); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu; tipologia sertaneja	Modelado
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Mapa interativo cultural do Médio Rio São Francisco e de	Através do zoom, fazer aproximação no mapa, aos poucos, até chegar em Xique-Xique sede e depois	Interação, tecnologia, conceito de povos e	Não foi possível modelar

	Xique-Xique (BA);	nos povoados ribeirinhos da Marreca Velha e Mato Grosso). Mapa terá também uma vitrine com o acervo cultural pesquisado e selecionado no contexto, representado por imagens simbólicas para a população. Mapa com símbolos do Patrimônio e História Local.	comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu; tipologia sertaneja	
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Mapa: Ache aqui	Exibir mapa da região Bacia do Médio Rio São Francisco, do estado da Bahia, de Xique-Xique (BA) e dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, em estudo, com distribuição de símbolos culturais locais (acervo selecionado do contexto histórico).	Signos e símbolos culturais, história do local, informativo, sensibilizar, autonomia, valorização da cultura popular, conceito das comunidades tradicionais, o que é um museu virtual.	Não foi possível modelar
<b>Menu Horizontal</b>	Mapa Cultural	-Exibir imagens dos mapas da Bacia do Médio Rio São Francisco e outro Mapa do Estado da Bahia, situando Xique-Xique (BA) Abrirão subpáginas explicativas e com imagens dos elementos culturais selecionados como símbolos do EMVPRMVT (- Aspectos da Geografia Física regional, Presença indígena (remeiros, cultura da pesca), Criação gado, Coronéis e Jagunços, Vaqueiros, Cultura do couro e da palha, Arraias e feiras livres, Alimentação típica, Fé e Superstições, Igreja Miradouro, Dança de São Gonçalo, Regata da Marreca Velha.	Uso de signos e símbolos; linguagem própria da região com produção de sentido; ícones/marcadores com representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu; tipologia sertaneja; geografia agrária.	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Geografia Local	Traz informações ligadas a geografia física da região como: vegetação, clima e	Uso de signos e símbolos; linguagem própria da região	

		relevo; peixes; plantas nativas; gado e outros animais; secas e enchentes.	com produção de sentido; ícones/marcadores com representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos).	
<b>Menu Horizontal</b>	Eco Museu	-No ícone Eco Museu encontra-se o acervo principal da tecnologia apresentada, de forma musealizada.  -Apresentamos em “salões virtuais” (subpáginas) elementos que identificam e descrevem a cultura popular e o cotidiano dos povoados ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso. É local para fazer a descrição das “coisas do povo” dos referidos povoados em estudo, ou seja, a tradição popular, os costumes e hábitos, e as técnicas tradicionais (saber e fazer) de uma comunidade tradicional.	O uso de signos e símbolos; representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu e tipologia sertaneja.	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Créditos	No ícone Créditos Teremos a lista das pessoas que colaboraram com a modelagem e a construção da nossa página web.	Colaboração e participação, que nos levaram a considerar coautoria da comunidade na criação desta ferramenta.	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Sala de bate papo e, Rodas de conversas virtuais	-Rodas de conversas virtuais com temas de interesse das comunidades ribeirinhas e região;	Participação, interação, dialogismo, educação informal, educação popular, autonomia, tipologia sertaneja, geografia agrária.	Modelado
<b>Sub Página Sala de Bate Papo</b>	Rodas de conversas gerar documentos/ atas das reuniões	Subpágina da roda de conversa com nome “documento, arquivo, atas,” documentos que surgem como encaminhamentos e relatório final, resultado	Comunicação, Participação, interação, dialogismo, educação informal, educação popular, autonomia, tipologia sertaneja,	Não foi possível aplicar pela falta de tempo

		das rodas de conversas virtuais, para instituições como colônia de pesca, cooperativas, associações e etc. Além de poderem dar continuidade em seus espaços presenciais, as ações e movimentos de lutas sociais e resistência, visando melhor qualidade de vida e conquistas sobre dos direitos humanos.	geografia agrária, cultura popular.	
<b>Menu Horizontal</b>	Sala de Bate Papo morador anfitrião x visitante	- Oportunidade de conhecer e conversar com o morador pela sala de bate papo/chat, sobre a vida cotidiana na sua comunidade; - Disponibilizaremos ao visitante, oportunidade de dialogar com um guia anfitrião, sobre roteiro turístico e tirar dúvidas sobre serviço TBC.	Interação, educação informal, educação popular, tipologia sertaneja, geografia agrária.	Modelado como chat
<b>Sub Página sala de bate papo</b>	Rodas de Conversa: Reflexões políticas e filosóficas 1	Propor rodas de conversas virtuais, sobre assuntos que mobilize sujeitos a mudança no comportamento sócio-político. Estimular a autonomia das comunidades, emancipação pedagógica, autogestão dos negócios locais, respeito as diferenças e valorização da sua cultura. -Lançaremos perguntas interativas aos visitantes no final de cada leitura realizada, para motivar discussões.	Interação, educação informal, educação popular, tipologia sertaneja, geografia agrária.	Não Foi Possível Modelar
<b>Sub Página sala de bate papo</b>	Rodas de Conversa: Reflexões políticas e filosóficas	- Propor rodas de conversas virtuais, para reflexão, politização na prática cotidiana, estimular participar das lutas sociais, reivindicações, organização dos movimentos sociais, e também sobre a	Interação, educação informal, educação popular, tipologia sertaneja, geografia agrária.	Não foi possível modelar

		importância de cuidar e ter uma relação saudável com Rio São Francisco, e não apenas extrair os benefícios que ele promove.		
<b>Menu Horizontal</b>	Oficinas Formativas	- Oficinas de formação para desenvolvimento do TBC nas comunidades tradicionais e / ou populares; - Ofertar oficinas com temas políticos, sociais, rurais e agrários.	Interação, educação informal, educação popular, tipologia sertaneja, geografia agrária, emancipação pedagógica, autonomia, sócio-político.	Modelado
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Espaço TBC	-Construção de roteiros turísticos e venda de serviços voltados para o TBC.  -Listar principais termos técnicos do turismo e do TBC, das expressões culturais locais. Traduzir em idiomas diferentes.	Princípios que apresentem conceito e características do Turismo de Base Comunitária, autonomia, dialogismo, colaboração, participação, trabalho coletivo, economia solidária, conceito de povos tradicionais, cultura popular.	Não foi possível modelar
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Roteiros e Serviços turísticos	Negociação, agendamento e contratação dos serviços turísticos voltados para o TBC.	Princípios que apresentem conceito e características do Turismo de Base Comunitária.	Não foi possível modelar
<b>Sub item Serviços TBC</b>	Hospedagem Domiciliar	- Conhecer Meios de hospedagem disponíveis na localidade. - Mostrar fotos da hospedagem domiciliar. -Possibilidade de conversar via sala de papo com morador anfitrião, dono do alojamento.	Princípios da comunicação, dialogismo, polifonia, o TBC, conceito e características do Turismo de Base Comunitária, E-commerce	Não foi possível modelar
<b>Sub item Serviços TBC</b>	Alimentos e Bebidas	- Informar comidas e bebidas regionais, como é preparado o prato, quais são os ingredientes usados, quem é a (s) pessoa (s) que trabalha (m) preparando os pratos e vendem na região.	Princípios da comunicação, dialogismo, interação, polifonia, o TBC, conceito e características do Turismo de Base Comunitária, E-commerce	Não foi possível modelar

		-Exibir cardápio da gastronomia regional, contratar antecipadamente a degustação do prato típico.		
<b>Sub Item Serviços TBC</b>	Eventos Regionais e Atividades culturais	- Conhecer eventos regionais e atividades culturais diversas (como, quando e por que acontece). - Fazer reservas e agendamento para participar.	Princípios da comunicação, dialogismo, interação, polifonia, o TBC, conceito e características do Turismo de Base Comunitária, E-commerce	Não foi possível modelar
<b>Subpágina Mapa Cultural</b>	Eventos Regionais	Publicação de posts eletrônicos de eventos na cidade de Xique-Xique e nos povoados de estudo.	Comunicação	Modelado
<b>Sub Item Serviços TBC</b>	Eu quero pescar no Rio São Francisco	Informar e orientar procedimentos da pesca correta ecologicamente e locais adequados. Com ações interativas e dinâmicas. Imagens.	Princípios da comunicação, dialogismo, interação, polifonia, o TBC, conceito e características do Turismo de Base Comunitária, E-commerce, sustentabilidade.	Não foi possível modelar
<b>Sub Item Roteiros Turísticos</b>	Vamos pescar	Informar sobre equipamentos e sobre procedimentos para a pesca artesanal, correta ecologicamente e locais adequados.	Interação, dialogismo, comunicação, cultura popular, princípios do TBC	Não foi possível modelar na integra. Foi criado roteiro turístico, que o visitante pode pescar.
<b>Menu Horizontal</b>	Roteiro Turístico	Negociação, agendamento e contratação dos serviços turísticos	Conceito e características do TBC, dialogismo, interação, técnico, comercial e do TBC.	Modelado
<b>Barra de Ferramentas Superior</b>	Atividades sustentáveis para o meio de ambiente saudável.	Realizar atividades práticas e interativas que estimulem nos visitantes virtuais atitudes ecologicamente corretas, na interação com Velho Chico.	Colaboração, participação, comunicação, dialogismo, polifonia, interação.	Não foi possível modelar
<b>Sub Página dos Roteiros Turísticos</b>	Ações sustentáveis	Texto com dicas para população e visitantes virtuais sobre atitudes	Colaboração, participação, comunicação,	Modelado

		ecologicamente corretas durante a visita/viagem. Espaço para informar sobre práticas que prejudicam o meio ambiente.	dialogismo, polifonia, interação, conceito e características do TBC, conteúdo sócio político e sustentável.	
<b>Menu Horizontal</b>	Serviços Turísticos	Ícone composto por ferramentas de interatividade como loja virtual, agende on-line, contatos, membros e avaliação. Neste espaço são apresentados produtos regionais e serviços turísticos, definido pelos membros da comunidade ribeirinha em estudo, produzidos por eles e possíveis de serem ofertados e comercializados. A página web será uma ferramenta de divulgação e gerenciamento deste processo de agendamento, reservas e vendas virtuais.	Dialogismo, comunicação, linguagem, interação, técnico, comercial, tecnologia, conceito e características do turismo de base comunitária e de vendas.	Modelado
<b>Subpágina Serviços Turísticos</b>	Agende on-line	Ferramenta interativa para reservar roteiro turístico e / ou serviços de guia anfitrião, hospedagem domiciliar e refeição caseira.	Interação, comunicação, dialogismo, conceito e características do TBC, E-commerce.	Modelado
<b>Sub item serviços TBC</b>	Produtos regionais para venda	Visualizar exposição de fotografias do artesanato e outros produtos locais, podendo planejar a compra, e/ou encomendá-los para receber no local.	Comunicação, interação, cultura popular, E-commerce	Não foi possível modelar
<b>Subpágina</b>	Loja Virtual Comunitária	- Visualizar exposição de fotografias do artesanato e outros produtos locais, podendo planejar a compra, e/ou encomendá-los para receber no local. - A página web será uma ferramenta de divulgação e gerenciamento deste processo de agendamento, reservas e vendas virtuais.	Dialogismo, comunicação, linguagem, interação, técnico, comercial e do TBC. Além de usar da comunicação, tecnologia e interação, será necessário conhecimento técnico do turismo de base comunitária e de	Modelado

			vendas para realizar as ações propostas.	
<b>Barra de Ferramentas na parte superior</b>	Contatos / Cadastro	Cadastro: ícone para visitante cadastrar suas informações básicas como nome, local de residência, telefone, e-mail, idade, escolaridade, área de formação e atuação profissional, campo de interesse da nossa página web (mapa com elementos culturais, serviços TBC, sala de bate papo e outros). A partir do cadastro usuário poderá fazer interação e não apenas observar acervo do Eco Museu.	-Comunicação, linguagem, interação, dialogismo, polifonia, uso de instrumentos e signos, para difundir e divulgação de informações.	Não foi possível modelar na integra
<b>Subpágina Serviços</b>	Contatos	Ícone que registra dados básicos do usuário que deseja comprar produtos regionais e /ou serviços turísticos. Com possibilidade de o visitante enviar mensagem para administrador da página web	Comunicação, dialogismo, interação	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Comentários	-Comentários de visitantes do Eco Museu e da comunidade receptora e autogestora do TBC: Será um espaço para sugestões, críticas, avaliação dos serviços turísticos do TBC contratados, compartilhamentos de informações.  -Comentários de visitantes. Espaço para audição e avaliação dos visitantes da página.	Dialogismo, interação, comunicação, colaboração, participação, trabalho coletivo.	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Galeria	Expor registro de fotos e vídeos sobre as pessoas e cotidiano dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso.	Comunicação, Linguagem	Modelado
<b>Menu Horizontal</b>	Acessibilidade	Disponibilizar ferramentas tecnológicas	Conceito de eco museu virtual e	Não foi possível

		que possibilitem inclusão de pessoas com deficiências e/ou limitações no uso da tecnologia, mas que possam conhecer e participar das atividades ofertadas nesta página.	museu virtual; inclusão e igualdade social, equidade, tecnologia participação e colaboração.	modelar na íntegra. Espaço em construção.
--	--	---	--	---

**Fonte:** Elaborado pela autora /pesquisadora (2018)

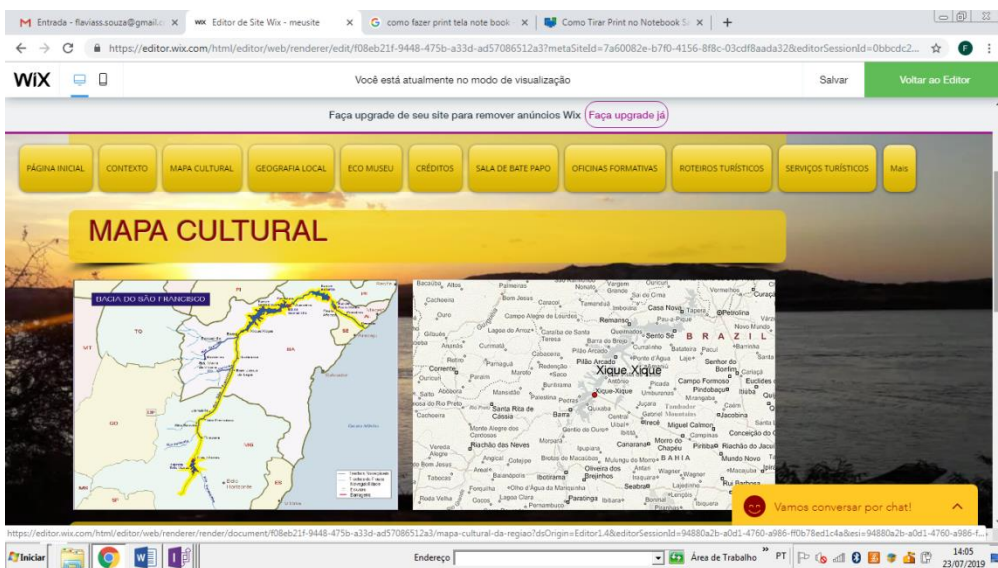
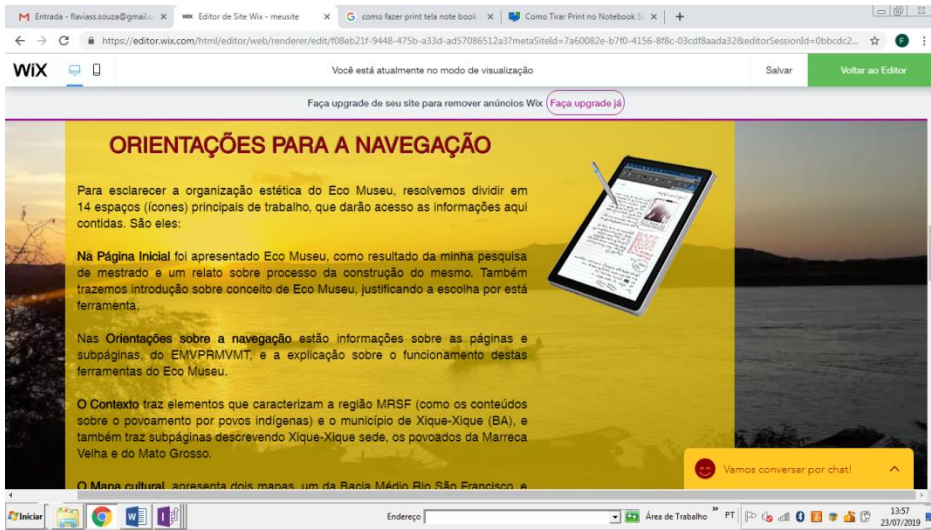
Depois de conhecer e compreender a estrutura da modelagem cognitiva do EMVPRMVMT, reafirmamos que os sujeitos participantes, das comunidades em estudo deste projeto, enquanto colaboradores e coautores, nos auxiliaram na construção da modelagem e do quadro acima, exposto neste capítulo, de modo a trazer informações reais e facilitar na prática, a construção dos aspectos a serem lançados na arte estética do Eco Museu Virtual, futuramente.

Vejamos a seguir algumas páginas da página web.

## 6.7 PRINT DAS TELAS DO ECO MUSEU

### PÁGINA INICIAL





Entrada - flaviassouza@gmail.com X Editor de Site Wix - meusite X como fazer print tela note book X Como Tirar Print no Notebook S X +

https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/08eb21f-9448-475b-a33d-ad57086512a3?metaSiteId=7a60082e-b7f0-4156-8f8c-03cdf8aada32&editorSessionId=0bbcd2...

WIX Você está atualmente no modo de visualização Salvar Voltar ao Editor



Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)

PÁGINA INICIAL CONTEXTO MAPA CULTURAL GEOGRAFIA LOCAL ECO MUSEU CRÉDITOS SALA DE BATE PAPO OFICINAS FORMATIVAS ROTEIROS TURÍSTICOS SERVIÇOS TURÍSTICOS Mas

## ECO MUSEU

**O QUE VER NESTE ECO MUSEU:**

- LEGADO INDÍGENA;
- CULTURA DA PESCA;
- CULTURA DA PALHA;
- CULTURA DO COURO;
- SUPERSTIÇÕES E FÉ;
- DAS COMIDAS E DAS BEBIDAS REGIONAIS;
- CONTRIBUA COM O ACERVO.

CESTO DE PALHA

Vamos conversar por chat!

Iniciar Endereço Área de Trabalho PT 14:05 23/07/2019

Entrada - flaviassouza@gmail.com X Editor de Site Wix - meusite X como fazer print tela note book X Como Tirar Print no Notebook S X +

https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/08eb21f-9448-475b-a33d-ad57086512a3?metaSiteId=7a60082e-b7f0-4156-8f8c-03cdf8aada32&editorSessionId=0bbcd2...

WIX Você está atualmente no modo de visualização Salvar Voltar ao Editor

Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)

## SALAS DE BATE PAPO

Sala de bate papo /chat : esse espaço tem objetivo de oferecer um cantinho da conversa, mesmo a distância, entre as pessoas das comunidades da Marreca Velha e outra sala entre as pessoas do povoado de Mato Grosso, sobre diferentes temas do cotidiano local, Reuniões e encontros virtuais para conversas e tomadas de decisões dos interesses comunitários e / ou ficar informado das novidades locais.

Estê fone se divide em:

- CADASTRO DOS PARTICIPANTES;
- ESPAÇO PARA RODAS DE CONVERSAS VIRTUAIS;
- FORUM;
- DOCUMENTOS EM ANEXO, ARQUIVOS E ATAS DAS REUNIÕES;



Vamos conversar por chat!

Iniciar Endereço Área de Trabalho PT 14:12 23/07/2019

Entrada - flaviassouza@gmail.com X Editor de Site Wix - meusite X como fazer print tela note book X Como Tirar Print no Notebook S X +

https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/08eb21f-9448-475b-a33d-ad57086512a3?metaSiteId=7a60082e-b7f0-4156-8f8c-03cdf8aada32&editorSessionId=0bbcd2...


WIX Você está atualmente no modo de visualização Salvar Voltar ao Editor

Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)

## Oficinas Formativas

**O QUE É:**

- Espaço para aprendizado de determinado tema, com oportunidade de conhecer e exercitar a aprendizagem.
- Estaremos oferecendo mini cursos a distância, inclusive com atividades que exercitem o conhecimento apreendido.
- Oficinas formativas previstas: Dia 02/07/2019 às 9h. Tema: Oficina Noções básicas sobre o TBC



DURANTE A OFICINA: TIRE SUAS DÚVIDAS

EXERCÍCIO PÓS OFICINA: APRESENTE SEU ROTEIRO TURÍSTICO

Vamos conversar por chat!

Iniciar Endereço Área de Trabalho PT 14:14 23/07/2019

WIX

Você está atualmente no modo de visualização

Salvar Voltar ao Editor

Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)

## ROTEIRO TURÍSTICO 1

### Roteiro Turístico 1

**Descrição:** Este roteiro inclui visita ao povoado da Cabeça da Ilha pelo Rio São Francisco, saindo da Marreca Velha, contemplando-se a paisagem ribeirinha, sua vegetação e morros. Na Cabeça da Ilha, tem-se a experiência de conviver com a população local, observando as práticas do plantio da mandioca, produção de farinha azeda, tapioca, degustação de culinária à base de peixe, e a oportunidade de adquirir esses produtos.

**Período:** Este roteiro só é realizado entre os meses abril a setembro, por motivos climáticos.

**Programação:**

- 08:00h Encontro na frente da Associação de Moradores do povoado Marreca Velha.

GUIA ANFITRIÃO

Vamos conversar por chat!

WIX

Você está atualmente no modo de visualização

Salvar Voltar ao Editor

Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)

## SERVIÇOS TURÍSTICOS

ABAIXO VOCÊ VAI ENCONTRAR INFORMAÇÕES SOBRE OS SERVIÇOS TURÍSTICOS E PRODUTOS REGIONAIS, DEFINIDOS PELAS COMUNIDADES E COMERCIALIZADOS NESTA PÁGINA WEB.

Serviços como: hospedagem domiciliar, comida caseira, agendamento de receptivo para passeios locais, guia anfitrião, pesca sustentável, eventos regionais. Possibilidade de conhecer as opções e marcar serviço que lhe interessa, além de fazer perguntas e/ou comentar.

Contatos no Mato Grosso: Jazy, Neide, Maria, Domingos, Alberto e Adriano

Contatos na Marreca Velha: Romário, Ricardo, Priscila, Carlinhos


Vamos conversar por chat!

WIX

Você está atualmente no modo de visualização

Salvar Voltar ao Editor


Faça upgrade de seu site para remover anúncios Wix [Faça upgrade já](#)



### ROTEIRO TURÍSTICO

3 h  
R\$15

[Agendar já](#)

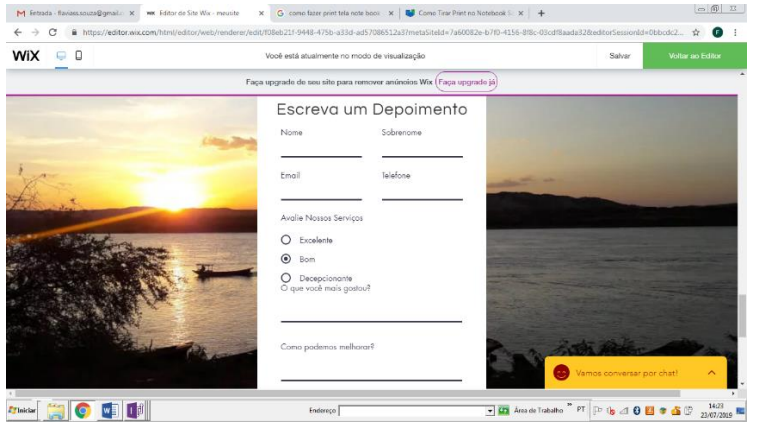
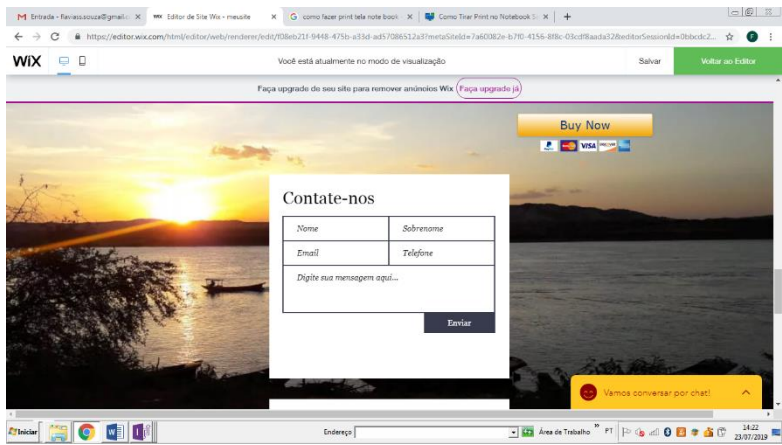
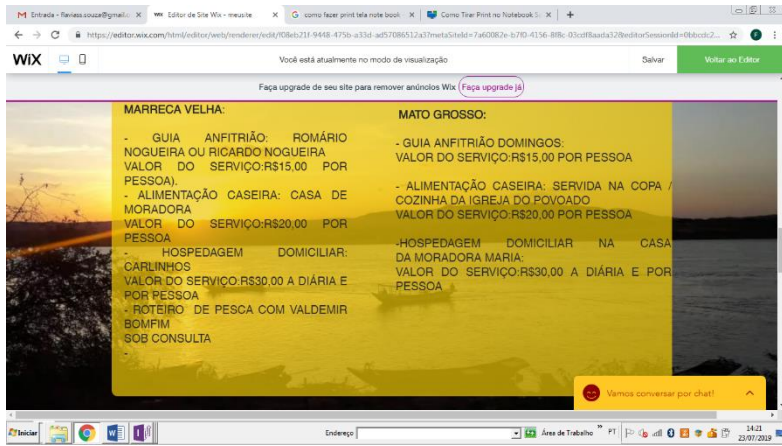


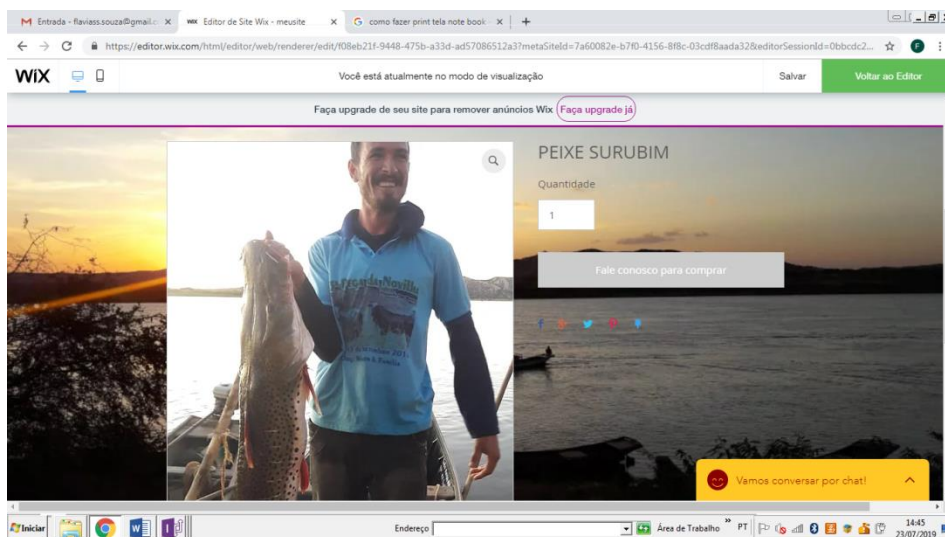
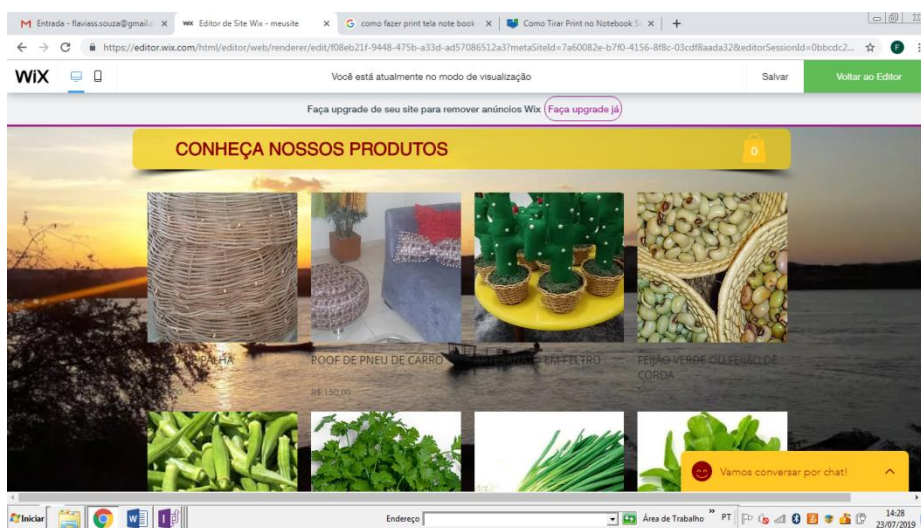
### REFEIÇÃO CASEIRA

1 h  
R\$20

[Agendar já](#)

Vamos conversar por chat!





Para conhecer e ter acesso a página web do Eco Museu, na íntegra, acesse link:

<https://flaviassouza.wixsite.com/meusite>

Uma vez definida a modelagem, apresentamos, na sequência, a metodologia usada na pesquisa e estudo desta dissertação.

## **CAPÍTULO VII**

### **A METODOLOGIA**

Após apresentar a proposta de Eco Museu Virtual e ter modelada, conforme print das telas exibidas, no capítulo anterior, é necessário validar a efetiva solução dentro do que foi proposto. Para isso, foi pensada uma solução, útil para comunidade dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso que colabore com melhoria do cotidiano das pessoas dessas localidades, e também funcione como alternativa educacional. A seguir iremos descrever a metodologia utilizada

#### **7.1 DESCRIÇÃO GERAL DO TRABALHO**

Após construir nosso contexto geral e histórico sobre MRSF, Xique-Xique e seus povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, definimos princípios teóricos, foi modelado uma página web, nos moldes ofertados pelo programa gratuito “wix.com”, por mim, usando como base as informações levantadas no nosso contexto histórico e princípios trabalhados nesta dissertação. E em seguida pretendemos apresentar o EMVPRMVM, para pessoas de Xique-Xique sede, e dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso. Ouvi-las, receber críticas e sugestões, novos conteúdos e fotografias, a fim de avaliar nossa ferramenta eletrônica, e obter a participação dos moradores que são coautores do Eco Museu. Após esta atividade colaborativa, iremos acompanhar e analisar as sugestões, e se procederem faremos as modificações recomendadas e posteriormente realizaremos análise dos resultados, completando um ciclo de aplicação da metodologia adotada, a Design Based Reserch - DBR.

#### **7.2 DEFININDO PROCESSO DE PESQUISA APLICADA E AS CATEGORIAS DA PESQUISA**

Depois de compreender processo de trabalho desta pesquisa, iremos apresentar a as categorias a serem adotadas, como parte da metodologia da aplicação da pesquisa. Serão duas as categorias da pesquisa, a serem trabalhadas: categoria de referência e categoria de análise.

A Categoria de referência é formada pelos princípios teóricos escolhidos, os quais foram divididos em: 1) Princípios Epistemológicos, e da Concepção do Conhecimento; 2) Princípios de Organização da Educação; 3) Princípio de Musealização e Abordagem

Tecnológica; 4) Princípios de Conteúdo, com Concepção Cultural; e 5) Princípio de Concepção da Regionalidade.

Já a categoria de análise, é a construção do próprio Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA).

Percebe-se que o Eco Museu funcionará conforme norteamento dado pelos princípios adotados e também pela colaboração das pessoas, na modelagem da página web e com as modificações que forem surgindo.

Para melhor entendimento, a seguir apresentaremos quadros que mostram a aplicação da pesquisa, a partir das categorias de referência e de análise. Iniciamos pela categoria de referência, baseada nos princípios. Os quadros mostrarão se os princípios apresentados como base de conhecimento do nosso trabalho, estão presentes no Eco Museu projetado. A avaliação destas categorias de referências, em cada parte do Eco Museu, vai resultar na avaliação dos sujeitos e nas mudanças para o novo ciclo.

### 7.3 ANÁLISE DAS CATEGORIAS DE REFERÊNCIA: OS PRINCÍPIOS

**Quadro 13:** Princípios Teóricos utilizados nas Categorias de Referência

SUBCATEGORIA	CATEGORIA DE REFERÊNCIA	DESCRIÇÃO ANALÍTICA
<b>Socioconstrutivismo</b>	Mediação	O Eco Museu e suas subcategorias estão mediando, novos conhecimentos, mostrando símbolos culturais e tradições populares. Também faz a mediação de informações sobre que aconteceu na comunidade e venda de produtos e serviços virtualmente.
	Interatividade	A interatividade está presente no Eco Museu nas ações do fórum, dos comentários, contatos, agende on-line seu serviço, comprar e pagar on-line (pay pail).
	Foco na práxis	Práxis está no Eco Museu, com a descrição de atividades cotidianas dos moradores dos povoados, em estudo e também com ícone que aconteceu na comunidade.
	Colaboração	No Eco Museu existem convites para visitantes colaborarem, como contribua com acervo, compartilhe receita de comida tradicional, divulgue evento

		regional, notícias do que aconteceu na comunidade.
	Relações Sociais	No Eco Museu existe proposta de relacionamento com fórum, chat, roda de conversa e oficinas formativas.
	Construção do conhecimento coletivamente	No Eco Museu tem espaços para construção coletiva, como colabore com o acervo, rodas de conversa para definições de propostas, oficinas formativas participativas.
	Uso da Linguagem	No Eco Museu temos texto com linguagem acessível, tem jargões regionais e fotografias e vídeos com registros da cultura local e sobre território.
	Participação do sujeito aprendiz	No Eco Museu o sujeito pode participar das atividades, através dos ícones colabore com acervo, compartilhe receitas de comidas tradicionais, divulgue evento regional, notícias, aconteceu na comunidade, chat, fórum, roda de conversa e oficina formativa participativa.
	Dialogismo	No Eco Museu o sujeito pode dialogar e conversar, através dos ícones como o chat, fórum, roda de conversa e oficina formativa participativa.
	Polifonia	Nas páginas disponíveis no Eco Museu temos subpáginas com conteúdos entrelaçados ao tema principal. Como no ícone Eco Museu, surgem subtemas, da musealização de elementos culturais locais.
	Educação Libertadora	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
	Busca pela autonomia	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.  E também a página web proposta oferece atividade comercial dos serviços

		turísticos e produtos regionais, para gerar renda complementar.
	Fim da alienação e opressão	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem o pensar, a organização social, trabalho coletivo para inibir a instalação de valores e atividades definidas pelo sistema capitalista anulando a identidade cultural regional.
	Emancipação intelectual	O Eco Museu propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
	Igualdade e equidade social	O Eco Museu propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
	Não reduzir modos de vida e pensamentos do sujeito a um padrão	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem o pensar, a organização social, trabalho coletivo para inibir a instalação de valores e atividades definidas pelo sistema capitalista anulando a identidade cultural regional.
<b>Educação Informal e Popular</b>	Atividade com caráter de intencionalidade, mas baixo grau de estruturação e sistematização rígida	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas diversos.
	Participação	No Eco Museu o sujeito pode participar das atividades, através dos ícones colabore com acervo, compartilhe receitas de comidas tradicionais, divulgue evento regional, notícias, aconteceu na comunidade, chat, fórum, roda de conversa e oficina formativa participativa.
	Troca de saberes	No Eco Museu o sujeito pode participar das atividades, roda de conversa e oficina formativa de forma participativa e com troca de saberes pré-adquiridos antes da formação educacional.

	Construir coletivamente da aprendizagem	No Eco Museu tem espaços para construção coletiva, como colabore com o acervo, rodas de conversa para definições de propostas, oficinas formativas participativas.
	Conhecer direitos do cidadão	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político e de cidadania, a fim de levar informação as pessoas e garantir instrumentos que possibilitem acesso aos direitos do cidadão.
	Estimular participação na luta social pela emancipação	O Eco Museu propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
	Atividades educativas dos movimentos sociais e educações especiais	O Eco Museu propõe através das oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem o pensar, a organização social, com metodologia que possibilite o aprendizado de diferentes sujeitos.
	Transformar as condições de vida para melhor	O Eco Museu oferece ações educativas, que levam sujeito a pensar e desejar transformar sua vida e o mundo. E também oferece comércio eletrônico /virtual que poderá proporcionar complementação de renda e melhoria de vida.
	Educação Horizontal e Dialógica	O Eco Museu propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural e com metodologia participativa, dialógica com troca de saberes, sem imposição de conteúdos.
	Ética, solidariedade e transformação social	O Eco Museu tem como proposta abordar temas que trabalhem a transparência de ações, com ética, que estimulem a solidariedade, através da colaboração e participação na construção da página web e de atividades que surjam com desdobramento deste trabalho, podendo

		favorecer a transformação social, e numa ótica mais humana.
	Lutar e Educar	O Eco Museu propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
<b>Tecnologias / Museu Virtual/ Eco Museu</b>	Extensão Digital	O Eco Museu disponibiliza informações via digital, possibilitando maior alcance de pessoas, conforme sua proposta conceitual.
	Divulgar variedade de serviços	No Eco Museu existe ícone serviços turísticos, que agenda e comercializa hospedagem domiciliar, refeição caseira, guia anfitrião e roteiros turísticos. Além de ofertar a loja virtual comunitária, que vende produtos regionais.
	Acessibilidade	Foi pensada para o Eco Museu a ferramenta de acessibilidade, a fim de incluir e possibilitar acesso aos conteúdos desta página web, à pessoas com deficiências físicas, limitações cognitivas e/ou sociais.
	Controle temporal e espacial	Os administradores e organizadores do Eco Museu poderão controlar número de acessos a página web, quantas vezes visitante acessou e quais ícones foram mais procurados.
	Comunicação	No Eco Museu o sujeito pode dialogar e conversar, através dos ícones como o chat, fórum, roda de conversa e oficina formativa participativa. Tem ainda os comentários e contatos.
	Virtualização de objetos	Foi disponibilizado no Eco Museu, páginas nomeadas de contexto, mapa cultural e eco museu. Esses espaços são compostos de elementos culturais da região MRSF e de Xique-Xique, com respectivas informações e/ou legenda sobre eles. Uma forma de virtualizar objetos / símbolos das tradições populares locais.
	Musealizar Tradições populares e coisas do povo	No Eco Museu tem o ícone Eco Museu, que apresenta e descrê as tradições populares da Marreca Velha e do Mato Grosso.

	Fazer com a colaboração da comunidade	A página web do EMVPRMVMVT, foi construída com a colaboração das comunidades parceiras do nosso estudo e pretende-se que a manutenção desta ferramenta seja realizada pelos mesmos. Os sujeitos fazem comentários sobre a estética e a estrutura do Eco Museu, enviam fotografias e conteúdos para agregar a tecnologia.
<b>Concepção do conteúdo cultural</b>	Tradição e organização social unem e fortalecem os sujeitos	No Eco Museu os símbolos culturais que são comuns a localidades da região, despertam interesse das pessoas em ver, reconhecer sua tradição, e organizar acervo também do seu povoado. E a partir das tradições culturais, acontece união dos sujeitos, que lutam pela preservação da sua identidade, fortalecendo à causa e grupo social.
	Preservação da Identidade Cultural	O Eco Museu apresenta acervo com elementos da cultura popular e tradições locais do MRSF e de Xique-Xique, identificados durante a pesquisa, uma forma de registro e de preservar essas informações, estimulando também a preservação da identidade cultural.
	Cultura popular ferramenta de luta e resistência	O Eco Museu além de expor símbolos da cultura popular dos territórios de estudo, propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias ou nas oficinas formativas, ofertar mini cursos, sobre temas sócio político, que estimulem emancipação, luta pelos direitos sociais e resistência cultural.
	Reivindicação social	O Eco Museu além de expor símbolos da cultura popular dos territórios de estudo, propõe atividades através das salas de bate papo, para expressar suas idéias, articular organização social e fazer reivindicações sociais, as instituições / estâncias locais.
	História x Defesa do povo	O EMVPRMVMVT conta História local, exhibe elementos culturais, e a partir do conhecimento e das informações históricas, estimula as comunidades lutarem em busca de seus interesses, defendendo seu povo e sua identidade.
	Ritualidade do cotidiano	No Eco Museu tem exposição de símbolos e manifestações culturais, descrevendo principais rituais do seu cotidiano.

<b>Regionalidade</b>	Princípios de identidades ligados as formas de apropriação dos espaços históricos e místicos do sertão	Na construção do Eco Museu, foi adotada a regionalidade para selecionar acervo, que mostra identidade local, e as características dos territórios de estudo, históricas e místicas do sertão.
	Território de luta	O EMVPRMVMT conta História local, exhibe elementos culturais, e a partir do conhecimento e das informações históricas, estimula as comunidades lutarem em busca de seus interesses, defendendo seu povo e sua identidade.
	Locais sertanejos x sujeitos	O Eco Mostra características sobre Xique-Xique sede, e os povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, além de trazer informações sobre sujeitos que vivem nestes locais e sua cultura.

**Fonte:** Elaborado pela autora /pesquisadora (2019)

Após análise da categoria de referência, iremos trazer a categoria de análise que é constituída pelo próprio Eco Museu. E a categoria que será analisada e avaliada com base na categoria de referência, para que a comunidade possa gerar soluções continuamente melhores, conforme orienta a DBR.

#### 7.4 ANÁLISE PROPOSTA PELO ECO MUSEU

**Quadro 14:** Princípios Teóricos das Categorias de Análise do Eco Museu

SUBCATEGORIA	DESCRIÇÃO	Categoria de referência	Base de Conhecimento / Princípio
<b>Contexto</b>	Traz elementos que caracterizam a região MRSF (como os conteúdos sobre o povoamento por povos indígenas) e o município de Xique-Xique (BA), e também as subpáginas descrevendo Xique-Xique sede, os povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso.	Princípios Epistemológicos, Princípio dos conteúdos com concepção cultural, Princípio de Concepção da Regionalidade	Teoria sobre uso de signos e símbolos; linguagem própria da região; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; tipologia sertaneja.
<b>Mapa Cultural</b>	Apresenta dois mapas, um da Bacia Médio Rio São Francisco, e outro do Estado da Bahia, situando o município de Xique-	Princípios Epistemológicos, Princípios de Conteúdo com Concepção Cultural,	Uso de signos e símbolos; linguagem própria da região com produção de sentido; ícones com

	Xique (BA). Também tem a descrição de alguns símbolos culturais locais.	Princípio de Concepção da Regionalidade	representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; tipologia sertaneja; geografia agrária.
<b>Eco Museu</b>	Onde fica o acervo principal da tecnologia apresentada, elementos musealizados e que descrevem a cultura e tradição popular, e o cotidiano dos moradores da Marreca Velha e do Mato Grosso.	Princípios Epistemológicos, Princípio de Musealização e Abordagem Tecnológica, Princípios de Conteúdo com Concepção Cultural, Princípio de Concepção da Regionalidade	O uso de signos e símbolos; representações locais; ferramentas audiovisuais (vídeos, fotos); conceito de povos e comunidades tradicionais; conceito de cultura popular; conceito de museu virtual e eco museu e tipologia sertaneja.
<b>Sala de bate papo</b>	Tem objetivo de oferecer um espaço de diálogo entre as pessoas da Marreca Velha; e outra sala para moradores do Mato Grosso conversarem entre si; e uma terceira para os sujeitos dos dois povoados poderem conversar com público externo.	Princípios Epistemológicos, Princípios de Organização da Educação, Princípio de Concepção da Regionalidade	Participação, interação, dialogismo, educação informal, educação popular, autonomia, tipologia sertaneja, geografia agrária.
<b>Oficina Formativa</b>	Espaço para aprendizado de determinados temas (importantes para a comunidade), através de mini-cursos, com oportunidade de conhecer um conteúdo específico, exercitá-lo e receber certificação.	Princípios Epistemológicos, Princípios de Organização da Educação, Princípio de Concepção da Regionalidade	Interação, educação informal, educação popular, tipologia sertaneja, geografia agrária.
<b>Roteiros Turísticos</b>	Espaço que traz informações, descrições e orientações diversas sobre roteiros turísticos propostos pelas comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso para visitantes. Além de exibir as opções de roteiros turísticos, agendamento, compra com pagamento prévio,	Princípios Epistemológicos, Princípios de Conteúdo com Concepção Cultural, Princípio de Concepção da Regionalidade, Concepção de TBC, concepção técnica e concepção comercial	Comunicação, diálogo, conceito, modelo de gestão TBC, dialogismo, interação, técnico, comercial, tipologia sertaneja e do TBC.

	aos membros das comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso.		
<b>Serviços Turísticos</b>	Exibe lista dos serviços turísticos desenvolvidos e comercializados pela comunidade. Serviços como: hospedagem domiciliar, comida caseira, agenciamento de receptivo para passeios locais e acompanhamento do guia anfitrião. Possibilidade de conhecer as opções e marcar serviço que lhe interessa, além de fazer perguntas e/ou comentar.	Princípios Epistemológicos, Concepção de TBC e comercial	Dialogismo, comunicação, linguagem, interação, técnico, comercial(E-Commerce) e do TBC.
<b>Loja Virtual</b>	Vitrine dos principais produtos regionais produzidos pelas comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso. Mercadorias como pescado, colher de pau, legumes, hortaliças, doces etc.	Princípios Epistemológicos, Concepção regional, Concepção comercial /E-commerce	Dialogismo, comunicação, linguagem, interação, regionalismo, identidade cultura, técnico, comercial (E-commerce) e do TBC.
<b>Comentários e contatos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Deixe uma mensagem, avaliando a página web do Eco Museu e/ou serviço e/ou produto que você contratou.</li> <li>- Espaço para visitante virtual colocar seus dados pessoais e enviar mensagem para os organizadores do Eco Museu e representantes das comunidades em estudo.</li> </ul>	Princípios Epistemológicos,	Dialogismo, interação, comunicação, colaboração, trabalho coletivo e participativo.
<b>Acessibilidade</b>	Ferramenta que possibilita acesso aos conteúdos do Eco Museu, participação e inclusão social de diferentes pessoas, independente da classe sócio econômica, e /ou condições físicas limitadas, por alguma deficiência.	Princípios Epistemológicos, Princípio de Musealização e Abordagem Tecnológica	Comunicação, Dialogismo, participação, Conceito de eco museu e museu virtual; inclusão e igualdade social, participação e colaboração.

	Uso de áudio (aplicativo) em cada página, para efetivar o acesso de deficientes visuais.		
--	--	--	--

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora/autora (2019)

Uma vez identificadas as categorias para aplicação e análise da pesquisa iremos apresentar o campo de aplicação, informar perfil socioeconômico da comunidade, os sujeitos e as práticas para a nossa coleta de dados durante a pesquisa.

## 7.5 CAMPO DE APLICAÇÃO: DESCRIÇÃO DAS APLICAÇÕES NA PESQUISA, A COMUNIDADE, OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS PARA COLETA DE DADOS

### 7.5.1 A comunidade e os sujeitos que participaram da aplicação da pesquisa na Marreca Velha

Os moradores da Marreca Velha que participaram da pesquisa aplicação são jovens de 16 a 25 anos e também pessoas de meia idade, entre 30 e 50 anos. Os participantes jovens têm escolaridade até o Ensino Médio, e alguns poucos cursam Ensino Superior. Mas os de meia idade só têm Ensino Fundamental. Existe uma predominância de homens, mas com a participação feminina. A comunidade é composta cem por cento por sujeitos de pele branca. A maior parte da população é conservadora, com pensamentos tradicionais, casados com filhos e adeptos ao catolicismo, recriminam outras práticas religiosas, principalmente ligadas ao candomblé. Os adultos, em sua maioria, trabalham com mais de uma atividade econômica, para sua subsistência, através da pesca, do cultivo na roça com produção de poucos produtos rurais, e ainda com a criação de galinha, gado e porco. Tudo em pequena escala, mas diversificado. Alguns pouquíssimos marrequeiros são comerciantes, possuindo mercearia no próprio povoado e outros, tem estabelecimentos de médio porte, em Xique-Xique sede, vendendo cereais, produtos de limpeza em atacado, e até equipamentos de pesca. Inicialmente, tínhamos mais ou menos 25 pessoas participando da pesquisa, mas depois reduziu para 10 pessoas.

Os principais articuladores da comunidade são Romário e Priscila, jovens da faixa etária dos 20 anos, mas que pertencem a tendências políticas opostas e isso cria tensões em trabalhos coletivos na comunidade, por que acontece rateio das pessoas participantes. Outras pessoas que estão participando da pesquisa Sr. Joãozinho e esposa, Valdemir e esposa, Ricardo e esposa, jovem Sabrina de 17 anos.

### **7.5.2 A comunidade e os sujeitos que participaram da aplicação da pesquisa no Mato Grosso**

Já no Mato Grosso, a pesquisa aplicação envolve pessoas de meia idade, entre 30 e 50 anos, e poucos jovens. Sobre a escolaridade, os jovens têm Ensino Médio concluído mas entre os mais velhos normalmente só cursaram até o Ensino Fundamental. Participação mais de mulheres que dos homens, mas eles também estiveram presentes. A comunidade apresenta mistura racial, figuras com traços do caboclo sertanejo, muito presente, entre moradores. A maior parte da população é conservadora, de pensamentos tradicionais, casados com filhos e adeptas ao catolicismo, e tem vergonha de expressar outras crenças. As pessoas trabalham mais com atividade agrícola, do que com a pesca. A pesca não é desenvolvida com constância, para obter renda. Também comercializam produtos derivados da mandioca, farinha e tapioca para beiju. Além de trabalharem em mais de uma atividade, como agente de saúde, professor, moto táxi etc. Não existe comércio no local. Suplementos alimentares, produtos de higiene pessoal e para limpeza da casa, são adquiridos em Xique-Xique sede, no dia feira local, às sextas-feiras.

Estão participando da pesquisa 17 pessoas. Neide é a principal articuladora, no momento, porque outros líderes (Alberto, Ester e Jazy) passaram a residir fora em Xique-Xique sede e no povoado vizinho, apesar de irem ao povoado do Mato Grosso com frequência e continuarem a participar das atividades sociais no local. Novas lideranças surgiram durante a pesquisa, como Domingos, Maria e Zeleide.

Importante ressaltar que serão essas pessoas, que colaborarão com a construção do Eco Museu, e serão coautoras da página web proposta, e que pertence a eles. Terão participação constante no Eco Museu, interagindo, opinando, contribuindo com conteúdos e fotografias, dando retornos diretos (participando) indiretos (fazendo comentários e dando sugestões de alterações no eco museu). E por isso descrevemos perfil, dos participantes da pesquisa, a fim de compreender suas atitudes, no processo e que tipo de dado contribuirá.

Após conhecer os coautores que atuaram na construção do Eco Museu, iremos definir instrumentos de coleta da pesquisa aplicação do nosso trabalho.

## **7.6 INSTRUMENTOS DE COLETA**

A coleta de dados da nossa pesquisa será realizada através da própria página web do Eco Museu. Iremos observar ícones específicos, que funcionarão como ferramentas de coleta.

São eles: comentários, avaliação dos serviços, contatos com envio de mensagem, chat, fórum, contribua com acervo, compartilhe receitas de comidas tradicionais, divulgue eventos regionais, aconteceu na comunidade, informe ações que prejudicam meio ambiente no seu povoado, vendas eletrônicas, loja virtual comunitária, agende on-line serviço turístico, pay pail, galeria de fotografias e vídeos poste material também. Através destes instrumentos, analisaremos se os usuários visitam, reagem, interagem, preenchendo cadastro, deixando nome e contato, fazendo comentários, para que a pesquisadora avalie depois.

Outro instrumento de coleta que será utilizado na nossa pesquisa, é o parecer dos agentes colaboradores do EMVPRMVM. A proposta é apresentar o Eco Museu a pessoas com perfil apropriado ao tema, para avaliar e colaborar com a modelagem do Eco Museu, de acordo sua origem e/ou formação, irá dar alguma contribuição na construção da página web. Para esta atividade acontecer, foram convidadas pessoas que moram em Xique-Xique sede, mas tem alguma ligação com os povoados de estudo, ou com incentivo da cultura popular no município. Também convidamos sujeitos que residem em Salvador e podem colaborar de acordo com sua formação, com a etapa de construção da página web. Entre as pessoas estão: profissional de comunicação, fundadora da ITCP /UNEB, pedagoga, museóloga, historiador, desenhista, relações públicas e outros.

Após identificar os instrumentos de coleta para aplicação da pesquisa iremos apresentar um quadro detalhado sobre referidos instrumentos.

### 7.6.1 Instrumentos de Coleta no Eco Museu

**Quadro 15:** Descrição dos Instrumentos de Coleta no Eco Museu

<b>ÍCONE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO NO ECO MUSEU E A DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA</b>
<b>COMENTÁRIOS</b>	Localizado no menu horizontal.  Visitante do Eco Museu pode informar nome e contato do telefone e e-mail, e enviar mensagem. Essa mensagem, pode ser uma dúvida que precisa ser esclarecida, uma crítica, um elogio, uma sugestão etc.
<b>AVALIAÇÃO DOS SERVIÇOS</b>	Localizado em dois espaços do menu horizontal: comentários e também no ícone serviços turísticos, que ficam no menu horizontal.  Dar nota ao Eco Museu e /ou serviços turísticos comercializados

<b>CONTATE-NOS. ENVIE SUA MENSAGEM</b>	<p>Localizado em dois espaços do menu horizontal, comentários e também no ícone serviços turísticos, que ficam no menu horizontal.</p> <p>Visitante do Eco Museu pode informar nome, contato do telefone e e-mail, e pode ou não enviar mensagem.</p>
<b>CHAT</b>	<p>Espaço disponível em todas as páginas (fica no canto direito inferior da tela).</p> <p>Está disponível para conversa on-line, rápidas e objetivas, com usuários do EMVPRMVT</p>
<b>FÓRUM</b>	<p>É uma subpágina do ícone sala de bate papo (menu horizontal).</p> <p>Local para realização de encontros de discussões temáticas</p>
<b>CONTRIBUA COM O ACERVO</b>	<p>É uma subpágina do ícone Eco Museu, que fica no menu horizontal.</p> <p>Tem como objetivo receber contribuições de conteúdos e fotografias sobre elementos culturais, do visitante virtual.</p>
<b>COMPARTILHE RECEITAS DE COMIDAS TRADICIONAIS</b>	<p>Está dentro de uma subpágina do ícone do Eco Museu, chamado das comidas e das bebidas.</p> <p>Convite para colaborar com este item de acervo.</p>
<b>DIVULGUE SEU EVENTO</b>	<p>Eventos Regionais, é uma subpágina do Mapa cultural, que fica menu principal.</p> <p>Neste local tem exibição de vários posts promocionais de eventos e anúncios informativos de acontecimentos no município. E existe convite para visitantes postarem outros eventos na cidade e povoados.</p>
<b>ACONTECEU NA COMUNIDADE</b>	<p>É uma subpágina do ícone sala de bate papo, que fica localizado no menu horizontal.</p> <p>E é um espaço para a comunidade inserir notícias de acontecimentos locais.</p>
<b>INFORME AÇÕES QUE PREJUDICAM MEIO AMBIENTE NO SEU POVOADO</b>	<p>É uma subpágina do ícone roteiros turísticos, que fica localizado no menu horizontal. Nominado Ações sustentáveis.</p> <p>Espaço que dar dicas de como agir em harmonia com meio ambiente e denunciar, ações que estão prejudicando a natureza e RSF.</p>
<b>VENDAS ELETRÔNICAS</b>	<p>Encontra-se no ícone serviços turísticos (menu horizontal).</p>

	Oferece a possibilidade de agendar on line contratação de serviços turísticos e para a compra de produtos regionais produzidos por pessoas dos povoados da Marreca Velha, Mato Grosso e de Xique-Xique sede.
<b>LOJA VIRTUAL COMUNITÁRIA</b>	É uma subpágina do ícone serviços turísticos.  Neste espaço existe a possibilidade de vender produtos regionais produzidos por pessoas dos povoados da Marreca Velha, Mato Grosso e de Xique-Xique sede.
<b>AGENDE ON LINE SERVIÇO TURÍSTICO</b>	Fica no ícone serviços turísticos (menu horizontal).  Oferece a possibilidade de agendar on line a contratação de serviços turísticos, ofertados e realizados por pessoas dos povoados da Marreca Velha, Mato Grosso e de Xique-Xique sede.
<b>PAY PAIL</b>	Fica na página de serviços turístico (menu horizontal) e também na subpágina de loja virtual comunitária, como ícone / aplicativo.  Sua função é cobrar pagamento do serviço ou produto no cartão de crédito. Aparecem bandeiras das empresas dos cartões.
<b>GALERIA DE FOTOGRAFIAS E VÍDEOS: POSTE SEU REGISTRO TAMBÉM</b>	Na página Galeria(que fica no menu horizontal) tem um espaço para visitantes do EMVPRMVMT, incluir novos registros fotográficos e de vídeos sobre Xique-Xique e seus povoados.

**Fonte:** Elaborado pela autora/ pesquisadora (2019)

## 7.7 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Como critérios de análise dos dados coletados, pelos instrumentos apontados anteriormente, iremos acompanhar funcionamento do Eco Museu, observar o acesso dos visitantes da página web, os ícones com suas subpáginas, identificar as mais procuradas, verificar se as atividades interativas têm sido usada na prática. E para cada subpágina visitada, iremos verificar as categorias alcançadas, como o dialogismo, interação, colaboração, tecnológico etc. E se existir registro no sistema de uma determinada página, por 50% ou mais dos participantes que até então tenham acessado EMVPRMVMT, terá atendido processo das interações com várias pessoas, então você vai considerar sucesso (atendido). E em caso de mais de 50% dos acessos sugerirem alterações, acolheremos.

Acompanhamento que será através da análise das sugestões dos visitantes do Eco Museu, sobre possíveis alterações. Seja para agregar novos conteúdos ou para eliminar algum item. Caso seja viável, e mais de 50% dos visitantes concordarem, a autora com as comunidades do estudo alteram o item apontado. Vejamos na prática como funcionará análise em cada instrumento de coleta de dados da minha pesquisa aplicação

### 7.7.1 Critérios de Análise dos Dados da Pesquisa Aplicação

**Quadro 16:** Critérios de Análise dos Dados da Pesquisa, a partir dos Ícones

<b>ÍCONE</b>	<b>CRITÉRIO DE ANÁLISE</b>
<b>COMENTÁRIOS</b>	Durante acompanhamento para análise dos dados coletados, verificará, se as sugestões mexem com conteúdo ou se dialoga com a estrutura do eco museu. Se a intervenção sugerida, for sobre conteúdo, já pode alterar no eco museu, e dependendo da opinião da comunidade pode até apagar o referido conteúdo. Se os visitantes se manifestarem sobre alteração na estrutura estética, pergunta-se a comunidade se cabe (concorda) e se couber, realiza-se a mudança.
<b>AVALIAÇÃO DOS SERVIÇOS</b>	Medirá grau de satisfação dos visitantes com eco museu. Caso mostre nível médio para alto de satisfação, manteremos as propostas e caso tenha alto nível de rejeição ou pouca aceitação, teremos que modificar atividades de interatividade, a fim de ficarem mais atrativas e de fácil compreensão e acesso aos conteúdos.
<b>CONTATE-NOS. ENVIE SUA MENSAGEM</b>	O volume de acessos, nesta ferramenta e tipo de conteúdo que venha nas mensagens, poderão nos informar interesse e participação dos visitantes do Eco Museu ou não, o que podem trazer dados do direcionamento para manutenção do Eco Museu.
<b>CHAT</b>	Se houver procura, por diálogos, e os conteúdos destas conversas mostrarem domínio sobre Eco Museu, temos um indicio de real interesse pela página web, que a pessoa olhou, pesquisou a página web e assim podemos considerar as sugestões de intervenção da pessoa.
<b>FÓRUM</b>	Observará os visitantes interagirem entre si, e caso isto venha acontecendo, através do Eco Museu, investigar, se eles se identificam com EMVPRMVM. Para isso, será verificado nas falas dos usuários, se estão se comunicando, com entusiasmo e naturalidade, da mesma forma quando acontece rodas de conversas presenciais, na comunidade. Então é um sinal de aprovação.
<b>CONTRIBUA COMO ACERVO</b>	A medida que usuários participem, enviem material para postar, tenham interesse em contribuir com o acervo do Eco Museu, estaremos avaliando positivamente as ações com interação e colaboração.
<b>COMPARTILHE RECEITAS DE COMIDAS TRADICIONAIS</b>	Verificar a quantidade de compartilhamentos de receitas, e de acordo com a participação, envolvimento, histórias vinda em cada material, passaremos a acolher, incluir no Eco Museu.

<b>DIVULGUE SEU EVENTO</b>	Observar se visitantes virtuais criam hábito de se informar sobre eventos regionais via Eco Museu e também, se as pessoas ficam motivadas a anunciar seus eventos nesta página web, e caso tenha uma resposta positiva, poderá ampliar as informações sobre este item.
<b>ACONTECEU NA COMUNIDADE</b>	Perceber se a comunidade colabora com notícias para fazer manutenção desta ferramenta, e os tipos de conteúdos que irão surgir, para avaliar se ícone é válido ou não, se vale apenas incluir material ou não.
<b>INFORME AÇÕES QUE PREJUDICAM MEIO AMBIENTE NO SEU POVOADO</b>	Verificar se canal irá funcionar como local de denúncia ações e crimes contra meio ambiente e RSF. Ou se as pessoas terão receio de retaliação. Ou não consideram importante interagir e participar desta ferramenta. Dependendo do número de acessos, acolhem-se as sugestões ou não.
<b>VENDAS ELETRÔNICAS</b>	Observa neste item, se haverá demanda para contratar roteiros, serviços de hospedagem domiciliar e refeição caseira, e visitantes virtuais terão interesse e credibilidade em fechar negócio virtual, pagando. E avaliar se deve mexer no preço, ou no anúncio (conteúdo).
<b>LOJA VIRTUAL COMUNITÁRIA</b>	Investigar no acesso a este ícone, os produtos que tem maior interesse do público. As dúvidas mais frequentes sobre eles. Volume de vendas. Questões de logística de distribuição e entrega dos produtos. E - Commerce, ou faz acertos.
<b>AGENDE ON LINE SERVIÇO</b>	Verificar as ações das duas partes, se público utilizará a ferramenta de agendamento virtual e comunidade se acostumará em responder instantaneamente os pedidos.
<b>PAY PAIL</b>	Observar se aplicativo tem procura; avaliar custo x benefício. E caso seja interesse dos colaboradores, parceiros coautores do Eco Museu, propor formas de pagamento diferentes.
<b>POSTE SEU REGISTRO TAMBÉM</b>	Investigar se acesso dos visitantes virtuais é para visualizar as fotos postadas neste ícone ou para poder colaborar, incluindo novas fotografias. E criar mecanismos para usuários fazerem as duas ações.

Fonte: Elaborado pela autora / pesquisadora (2019)

Após conhecer critérios de análise dos dados coletadas na pesquisa aplicação, apresentamos, no próximo capítulo, a análise dos resultados da pesquisa, no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO VIII**

### **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Depois de mostrar a metodologia da nossa pesquisa, neste capítulo trazemos relatos sobre processo de aplicação da pesquisa, a partir da apresentação.

#### **8.1 EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DA PÁGINA WEB EMVPRMVMPT NO POVOADO DA MARRECA VELHA**

No dia 29 de junho de 2019, no turno vespertino, estivemos no povoado da Marreca Velha, em Xique-Xique (BA), para aplicar um ciclo de interatividade com moradores. A visita foi previamente agendada via telefone, com sujeitos da comunidade, e eles escolheram se reunir um sábado à tarde, quando não estariam no momento de trabalho. Levei note book e data show pessoal, e antes da visita consultei sobre disponibilidade de acesso à internet para poder fazer a apresentação da página web. Foi informado que era possível usar internet de algum morador, no momento da exibição. Pensamos fazer a apresentação no passeio / calçada, em frente a associação de moradores, para ficar em local público / visível, e mais pessoas se aproximarem da atividade, tomar conhecimento e ajudar na avaliação da ferramenta. Mas no momento da apresentação, neste local a internet não funcionou. Mudamos de local, e fomos para a frente da casa do morador Valdemir, que ofereceu a internet pessoal dele, mas também não conseguimos conectar. Então foi sugerido entrar na residência deste morador, o que limitou a participação no número de pessoas, por ter um espaço restrito e nem todas as pessoas ficaram bem acomodadas para visualizar informações. O Data Show também deu problemas e naquele momento, não projetava na parede as imagens, e as pessoas da comunidade acompanharam a explicação pela tela do meu computador na exibição do EMVPRMVMPT (antes de chegar no povoado deixei a tela aberta do Eco Museu, no modo edição do wix).

Inicialmente, tínhamos mais ou menos 25 pessoas, mas até o fim da apresentação só ficaram 10 pessoas. Ficamos das 14 às 17h, em reunião, explicando as ferramentas, visualizadas no meu computador pessoal e anotando as contribuições.

##### **8.1.1 Nova alternativa para coleta de dados diante imprevistos no campo da pesquisa no povoado da Marreca Velha**

Tivemos que improvisar, diante dos vários problemas que surgiram no momento da apresentação da página web Eco Museu e considerar novos critérios de análise da pesquisa. Passei a analisar todas as formas de pareceres que surgiram durante encontro.

Foi questionando se os participantes concordavam com a formatação, conteúdo, fotografias e o grupo de dez pessoas aprovaram. Entre eles, Joãozinho, Valdemir e Ricardo colaboraram com informações, complementando conteúdo, como nome dos tipos de plantas nativas e peixes. Após o encontro, Romário e Sabrina me levaram ao quintal de uma casa da comunidade, que tinham outras plantas, não inclusas e eu fotografei as mesmas, para incluir na página do eco museu. Ficaram de encaminhar posteriormente, pelo WhatsApp e e-mail, algumas fotos de acontecimentos na comunidade e registros fotográficos, pessoais deles, no local.

Percebe-se que foi validada a nossa proposta, no entanto percebemos que, para a solução digital ofertada, funcionar, é necessário a comunidade resolver instabilidade de acesso à internet e de fato poder gerar avaliação real do produto EMVPRMVM. No mais, a comunidade ficou satisfeita em ver sua cultura valorizada e documentada, principalmente os jovens ficaram bastante empolgados com a página web e as ferramentas de interatividade, disponíveis. E elogiaram. Os mais velhos disseram que era bom poder anunciar produtos e ter renda extra. No momento estão com dificuldade de vender e distribuir pescado, por que na região existem empresas que trabalham com produção em cativeiro, que vendem por preço menor e em maior escala, e está concorrência tem prejudicado pescadores locais que trabalham com pesca artesanal. A loja virtual pode abrir novas possibilidades de comercialização. Outro aspecto que foi conversado, neste encontro foram quais produtos regionais poderiam ser ofertados na loja virtual comunitária, e eles sugeriram tirar peta, rapadura e cachaça por que a produção não acontece no povoado da Marreca Velha, e incluir além do peixe, colher de pau artesanal. Sobre serviços turísticos, confirmamos a disponibilidade dos guias anfitriões que se comprometeram com a atividade, Romário e Ricardo. Também Valdemir se ofereceu para fazer roteiro que leva ao rancho dos pescadores. Carlinhos hospedará pessoas quando houver demanda. E Marli poderá fazer a refeição caseira, mas advertiu que nos próximos dias está vindo para Salvador acompanhar a filha, que irá fazer uma cirurgia e não sabe quanto tempo ficará fora do povoado. E eu falei que a contratação não seria imediata, e principalmente público sempre consultoria com antecedência a disponibilidade da comunidade em receber visitantes.

Diante das dificuldades de acesso à internet, durante a atividade proposta para aplicação do ciclo, que impediram navegar pela página web do Eco Museu, os critérios de análise da nossa pesquisa deixaram de ser interatividade nos ícones selecionados do

EMVPRMVMVT e passaram a ser, exibição do Eco Museu no modo edição, e a audição dos participantes sobre a tecnologia, com anotação de informações em diário de bordo sobre comentários do mesmo e a posterior análise das contribuições.

## 8.2 EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DA PÁGINA WEB EMVPRMVMVT, NO POVOADO DO MATO GROSSO

No dia 30 de junho de 2019, domingo, às 09h 40 chegamos ao Povoado do Mato Grosso, na casa dos moradores Neide e João, interlocutores com a comunidade, que nos levou até igreja e abriu imóvel para preparar equipamento audiovisual para reunião. Instalamos data show, que projetou normalmente na parede da capela, mas internet não funcionou. Também já havia deixada página aberta no modo edição da página web do Eco Museu, elaborada via programa wix.com. Aos poucos os moradores foram chegando. Apesar de termos realizado encontro no dia e horário sugerido pela comunidade, alguns moradores (principalmente os homens jovens), tinham ido para povoado próximo, Quixaba, em virtude do encerramento do campeonato de futebol, agendado para 15h. Sendo que as pessoas têm hábito de chegarem antes de jogar futebol para participar de outras modalidades de campeonatos, como de dominó, sinuca etc. Dia de lazer na comunidade. Às 10h 30 iniciamos a apresentação do Eco Museu, falamos da pesquisa de mestrado, lembramos que no ano passado estivemos lá para conversar sobre pesquisa histórica e que na ocasião eles me ajudaram, cedendo informações. E que agora precisava da colaboração deles em nova etapa, avaliar e ajudar a contribuir página web, Eco Museu dos povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso.

### **8.2.1 Nova alternativa para coleta de dados diante imprevistos no campo da pesquisa povoado do Mato Grosso**

Também tivemos que improvisar, no momento da apresentação sobre o Eco Museu, no povoado do Mato Grosso. E a falta de acesso à internet impediu de realizar atividades interativas durante a apresentação da página e tivemos que considerar novos critérios de análise da pesquisa. Passei a analisar todas as formas de pareceres que surgiram durante encontro.

No nosso encontro mostrei acervo dos elementos culturais, as fotografias, da proposta sala de bate papo e loja virtual. O grupo composto de 17 pessoas. Eles ficaram atentos, concentrados e satisfeitos. Conversamos sobre produtos regionais que tinham interesse em comercializar virtualmente e falaram dos produtos orgânicos da roça da moradora Maria,

artesanato de Sr. Edvaldo e listaram para mim que objetos eram estes, pediram para incluir leite de vaca. Conversamos ainda sobre roteiro turístico a ser ofertado e quem seriam os responsáveis pela execução dos serviços turísticos. Sobre roteiro eles listaram locais a serem visitados, que era interessante para comunidade e visitantes podem também gostar. Todos de possível acesso. Pensamos em conjunto na ordem e organização da visita, e melhor horário para a visita a esses espaços. Inclusive foi proposta uma atividade noturna para visitante que deseje pernoitar na comunidade. Uma moradora de nome Ester, antes viúva, recentemente casou e foi morar no povoado próximo da Associação do Itapicuru, e ofereceu fazer a continuação do roteiro no dia seguinte lá. O povoado é local de caatinga e serra. Todos concordaram. Sugeriram que o visitante devia vir em outubro, durante os festejos de São Francisco, para participar destas celebrações, também.

Sobre os serviços turísticos, ficou definido que a hospedagem domiciliar será realizada por Maria; guia anfitrião será Domingos e a refeição será produzida de forma coletiva, na copa da cozinha da igreja, como é costume deste povoado, fazer coletivamente, na igreja e servir lá mesmo, quando acontece alguma festividade ou visita no povoado. Alguns moradores ficaram de enviar fotos da crisma e da primeira comunhão recém celebrada no povoado, para colocar na página como aconteceu na comunidade. E fotografar peças do artesanato de Sr. Edvaldo para colocar loja virtual, com respectivo preço.

Verifica-se que também no Mato Grosso, a falta de acesso à internet, durante a atividade proposta para aplicação do ciclo, que impediram navegar pela página web do Eco Museu, e os critérios de análise da nossa pesquisa deixaram de ser interatividade nos ícones selecionados do EMVPRMVM T e passaram a ser, exibição do Eco Museu no modo edição, e a audição dos participantes sobre a tecnologia, com anotação de informações em diário de bordo sobre comentários dos mesmos e posterior análise das contribuições.

### 8.3 EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DO CICLO DA PESQUISA COM OUTROS AGENTES COLABORADORES /COAUTORES DO EMVPRMVM T

#### **a) Conversa com Suely e Sérgio da equipe ITCP /UNEB Salvador (BA)**

Encontrei parte dos membros da Incubadora Tecnológica das Cooperativas Populares – ITCP / UNEB Salvador, dia 17 de junho de 2019, na sala de trabalho da ITCP (bairro da calçada em Salvador -BA). Neste dia, os colaboradores que puderam colaborar com a página web do Eco Museu, foram Suely e Sergio, pessoas com as quais trabalhei entre anos de 2017 e 2018, em projetos diversos, inclusive no CIPAR que foi desenvolvido no município de Xique-Xique (BA).

Suely Guimarães, atualmente está aposentada e é engenheira civil e uma das fundadoras da ITCP /UNEB (20 anos atrás). Trabalhou com pesquisa, comunidades e economia solidária desde quando trabalhava no CEPED. Odilon Sérgio de Jesus é bacharel e Mestre em Comunicação, tem experiência em trabalhos comunitários, e atualmente coordena o núcleo COOAPES /ITCP. Eles elogiaram e também fizeram sugestões de incluir algumas fotos, que existem nos arquivos da ITCP e incluir alguns novos conteúdos, sobre cultura local.

**b) Conversa com Larissa Reis, pedagoga e pesquisadora, autora do Museu virtual MUCAI**

No dia 04 de junho de 2019, após reunião do grupo de pesquisa, em Salvador, encontrei Larissa, que é pedagoga, colega do grupo de pesquisa sociedade em rede, fez mestrado na UNEB, sob Orientação do professor Alfredo Matta, que também é meu orientador e usou da mesma metodologia, que adotei no meu trabalho. Ela criou um museu virtual, o MUCAI, resultado do mestrado dela, no programa wix.com. Apresentei a versão da minha página web, naquele momento, para Larissa, e a mesma contribuiu com a modelagem estrutural da página web, por que ela tem mais experiência com wix.com, do que eu. Ela relatou a experiência dela, antes e depois da defesa com museu virtual, explicou como fazer algumas alterações; mostrou um tutorial de como usar o programa wix.com; ensinou a anexar alguns materiais do audiovisual; sugeriu solução para acessibilidade, gravar com minha voz textos do eco museu para suprir necessidade do ícone acessibilidade.

**c) Conversa com Carlos Alberto Marçal, em Xique-Xique /Sede**

Durante a visita a Xique-Xique sede, no período de 28/06 a 30/06/2019, tivemos a oportunidade de apresentar a outras pessoas moradoras da cidade, a página web do EMVPRMVMVT. No dia 28/06/2019, sexta-feira no turno vespertino, na recepção do Hotel J. Macedo, apresentamos (através do computador pessoal) a Carlos Alberto Marçal de Meira, geógrafo e funcionário do INEMA em Xique-Xique, que nasceu e cresceu na Marreca Velha, se mudou com a família, para Xique-Xique sede na adolescência e continua mantendo relações sociais com a comunidade. Por isso convidamos o mesmo para colaborar com a construção da tecnologia proposta. Ele gostou do material, e deu algumas sugestões, nos textos, para incluir nome de outros pescados e plantas nativas. Sugeriu mexer no texto cultura da pesca e da palha, trocar algumas fotografias. E também cedeu fotos antigas, do acervo pessoal dele, para expor no Eco Museu.

**d) Conversa com Padre Claudivaldo de Sousa Nogueira**

No dia 29/06/2019, sábado, às 19h, na recepção do Hotel J Macedo, localizado em Xique-Xique (BA), encontrei Padre Claudio, como é conhecido, tem 47 anos, é Pároco da Igreja Matriz da cidade, do Senhor do Bonfim, e que assiste as várias igrejas e comunidades dos povoados de Xique-Xique, em virtude da carência de padre na região. Padre Claudio nasceu e foi criado na Marreca Velha, admirador e incentivador da preservação da cultura popular. Ele assistiu à apresentação com muita empolgação e sugeriu estender a apresentação para mais instituições, inclusive a Prefeitura, no caso da Igreja, ele tem interesse que seminaristas conheçam e ajudem na manutenção do Eco Museu, já que circulam nas comunidades e podem incentivar a população, a continuar a agregar com acervo e fazer uso das ferramentas de interação.

**e) Conversa com Giselda, Arilda, Tânia e Edinéa, em Xique-Xique / Sede**

No dia 30/06/2019, domingo, às 16h, na recepção do Hotel J Macedo, localizado em Xique-Xique sede, encontrei com Del, Arilda (membros da equipe da coordenação de cultura do município) e Artesãs -Tânia e Edinéa (membros do Grupo Mãos que acreditam) para apresentar o EMVPRMVMVT.

Giselda Pinheiro Meira Queiroz (Del) e Arilda Rufino da Rocha são nascidas em Xique-Xique, e através da Secretaria de educação e cultura, tem desenvolvido várias atividades que estimulam resgate e preservação da identidade cultural, dos povoados locais, e por isso conhecem de perto elementos que são símbolos culturais da região, e podem colaborar com a nossa proposta, incluindo itens de acervo e interferindo em alterações dos conteúdos.

As artesãs Edinéa Gomes da Silva e Tânia Maria Andrade dos Anjos Gonçalves que coordenam o grupo de artesanato da cidade, há um ano, apesar de não terem nascido em Xique-Xique, tem convivido com artesãos diversos e conhecendo elementos culturais da região. E também mostraram interesse em divulgar produtos regionais na loja virtual comunitária, uma subpágina do Eco Museu, e foram conhecer a ferramenta para passar informação aos demais artesãos, e verificar se encontram mais adesão, posteriormente. Neste grupo também tem artesãos da Marreca Velha.

O encontro foi bastante produtivo e foram acrescentadas informações sobre superstições, mitos da região, fez relatos sobre experiências da população com esse tema. Sugeri mexer em algumas fotografias. Incluir oficina formativa sobre o tema material reciclado e reutilizável. E pensou-se articular um retorno da pesquisadora para apresentar material ao Prefeito e outras pessoas, pois no período que fiz a visita aconteceu grande festa de

São Pedro, na praça e na colônia de pescadores do município, e algumas autoridades não tinham disponibilidade na agenda para exibir Eco Museu.

#### **f) Conversa com Museóloga, Historiadores, Relações Públicas, Bióloga / Desenhista**

Em Salvador, dias 05 de julho de 2019, encontrei com Edildéa Guimarães (Museóloga, Historiadora e professora da educação profissional) e Hercules Azevedo (Historiador, Poeta e Professor da Rede Estadual da Bahia, de História). Eles se disponibilizaram a colaborar com a construção do EMVPRMVM, foram até minha residência, visualizaram a página no meu computador pessoal. Apresentei a página web proposta, eles elogiaram o trabalho, e fizeram as seguintes sugestões: incluir alguns desenhos de iconografia ou desenho em nanquim, dos elementos culturais, na subpágina do mapa cultural, ao invés de colocar como fotografias (exemplo: tropeiro, coronéis, vaqueiros e etc.); acrescentar exemplos de cordel da região; levantar histórias dos poetas da região; em cada ícone do Eco Museu apresentar o desenho de um símbolo, ao lado do nome.

No dia 06 de julho de 2019, pela manhã, em minha residência, apresentei o Eco Museu a Monica Abud (Professora do Município de Salvador e da rede particular, de Biologia, Psicanalista e Desenhista). Foi sugerido por ela, colocar o conceito de Eco Museu logo na página inicial. Mônica se ofereceu para criar a logomarca (desenhar) da página web e ficamos refletindo juntas quais são as principais informações desta ferramenta para colaborar na criação.

No dia 16 de julho de 2019, à noite, em minha residência, a conversa foi com Rafael Henrique Costa Santos de Jesus (Relações Públicas, Historiador, Professor e Membro sindicato professores da rede pública de Lauro de Freitas). Rafael sugeriu fazer articulação política na região de Xique-Xique para conseguir patrocínio para continuar as aplicações dos ciclos que permitem a manutenção da página web, além de promover maior visibilidade do Eco Museu.

#### **g) Conversa com Francisca de Paula**

Professora Doutora Francisca de Paula Santos da Silva. Ela é bacharel em Turismo, Administradora de Empresas, Mestrado e Doutorado em Educação, Coordenadora do Grupo de Pesquisa SSEETU da UNEB, com foco no estudo, pesquisa e extensão no Turismo de Base Comunitária – TBC -, no Cabula e entorno, ambiente urbano. E é também minha co-orientadora neste trabalho.

Em Salvador nos dias 23 de maio de 2019, a professora Paula, sugeriu rever o título, colocar cor da barra de ferramentas mais escura. Separar sala de bate papo das oficinas formativas. E desagrupar minhas subpáginas que estavam concentradas em apenas cinco ícones

no menu da barra de ferramentas e ficaram com excesso de informações, confusos. Então pensamos criar os seguintes novos ícones: página inicial; orientação para navegação; contexto (região, Marreca Velha e Mato Grosso); Mapa Cultural da Região (feiras livres, igrejas e santuário Bom Jesus da Lapa, jargões regionais, dança, eventos, regata); Eco Museu (legado indígena, couro, vaqueiro, gado, tropeiros, palha, coronéis e jagunços, religião, fé e superstições, da comida, pesca); Galeria (vídeos e imagens); Sala de Bate Papo; Serviços; Roteiros; Loja; Acessibilidade.

Depois nos dias 04 e 08 de julho de 2019, recebi novas orientações sobre a organização da modelagem.

No dia 04 de julho apresentei a nova versão da página web e ela sugeriu fazer outras mudanças estrutura e estética no Eco Museu. Ficamos analisando a página inicial e orientações para navegação, para fazer correção textual e ortográfica.

No dia 08 de julho, foi sugerido modificar texto da página inicial, tirando informações de introdutórias de Xique-Xique e falar sobre conceito de Eco Museu; no link que fala sobre foto da moradora da Marreca Velha, Sabrina Bonfim, refazer texto e falar mais da autora e menos do projeto no qual a foto foi premiada; revisamos as subpáginas do Contexto, Mapa Cultural e Eco Museu. E mudamos algumas posições, tirando algumas subpáginas do Eco museu e distribuindo entre contexto e mapa cultural, por que não estava dentro da proposta de musealização de elementos do eco museu e se tratava de contexto ou símbolo cultural da região; sugeriu refazer texto das páginas da Marreca Velha e do Mato Grosso, com linguagem para Eco Museu, explicando cada elemento local, com sua respectiva foto; foi proposto também, não nomear temas das oficinas formativas, já que ainda não ocorreram; na página dos roteiros turísticos, descrever serviço antes de colocar roteiro propriamente dito.

#### **h) Conversa com Dourival, mestrando, construindo o Museu Digital do pagode**

Dourival de Sousa Neto, Bacharel em Música, já atuou como músico profissional, professor da rede municipal de Lauro de Freitas, meu colega do mestrado, também está modelando Museu Digital do Pagode, e colaborou com a construção da minha página web. Ele me ensinou a usar ferramentas do wix.com. Iniciou processo de modelagem do Eco Museu comigo, além de ter tirado dúvidas sobre operacionalização deste programa e opinou no processo de elaboração estética do Eco Museu, sugerindo cor, a fonte, conteúdo e etc. Converteu alguns vídeos para eu conseguir fazer up load.

Os critérios de análise dos resultados da aplicação da pesquisa, com os agentes colaboradores, também sofreram algumas, mudanças, por que em cada conversa com um

agente, foi direcionada a atenção para uma das ferramentas do Eco Museu, que não estavam como critério de análise anteriormente. E nós anotamos comentários e analisamos a sugestão de intervenção.

Seguindo os passos da DBR, após receber parecer dos sujeitos das comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso e dos agentes colaboradores, durante o ciclo de aplicação da pesquisa, iremos analisar as sugestões e definir se acataremos as mudanças propostas ou não.

Importante explicar que só foi realizado um ciclo de aplicação, em virtude do tempo curto para a realização do mestrado, e também pela falta de recursos financeiros para contratar um programador design gráfico computacional. Pois essa situação, me levou a dedicar muito tempo a modelagem do EMVPRMVMVT, e restringiu tempo para aplicação de mais ciclos e análise dos resultados. Não atrapalhou a qualidade da pesquisa, o fato de aplicar único ciclo, nem impediu de ter acesso aos dados da pesquisa, nem de fazer análise de resultados da mesma. E dentro da proposta da DBR, mesmo acontecendo a defesa do mestrado, a pesquisa não será encerrada, de modo que novos ciclos serão desenvolvidos.

Depois de fazer análise dos resultados, através da aplicação da pesquisa (apresentação do Eco Museu) para as comunidades da Marreca e do Mato Grosso e agentes externos, apresentamos, a seguir, a conclusão do nosso trabalho.

## CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, iremos partilhar como foi a experiência como pesquisadora, em cada fase, e posteriormente veremos os resultados alcançados, após a vivência neste processo.

No momento de construção do contexto, tive dificuldade em produzir o texto, por causa, do estigma de escrita tradicional, e fiz inicialmente texto com descrição dos fatos históricos e não conseguia criar contexto histórico, como pede a metodologia deste trabalho. Levei muito tempo me dedicando a esta etapa. Também, durante desenvolvimento da minha pesquisa, tive acesso a várias bibliografias sobre Rio São Francisco, além de ouvir os muitos relatos das comunidades sobre a história e cultura local, (no período trabalho da ITCP/UNEB na região), o que me motivou a fazer contexto extenso. Surgiram muitas informações e que foram importantes para minha compreensão sobre Médio Rio São Francisco e Xique-Xique, pois no decorrer do processo foram sendo observadas no cotidiano atual, dos povoados, os elementos simbólicos e fatos históricos ainda vivos, presentes no território. Então, eu incluir no contexto. Mas posteriormente o longo texto do contexto foi gerando incômodos e repercussão negativa. Foi ficando trabalhoso o processo de modelagem, e houve necessidade de fazer nova seleção de acervo para o Eco Museu, nesta nova etapa.

No capítulo dos princípios também, criei empolgação e trouxe muitas bases teóricas. Algumas foram detalhadas e esmiuçadas. E à proporção que definia que tal princípio estaria de tal forma no EMVPRMVMVT propunha várias ferramentas para minha página web. Inicialmente, parecia ter gerado uma solução tecnológica criativa e interessante, mas depois percebi que os excessos traziam dificuldades no processo de modelagem. Principalmente por que fui a “design” da página web, já que não foi possível contratar um programador, e tive dificuldade em construir na prática, as ferramentas idealizadas e com grande variedade. Assim algumas propostas não puderam ser modeladas.

A modelagem do Eco Museu foi realizada pelo programa wix.com. Inicialmente tive muita dificuldade em dominar as ferramentas e fazer a formatação. E foi fundamental as orientações e ajuda externa dos colegas do grupo de pesquisa Dourival e Larissa. Uma vez aprendido como configurar o meu conteúdo na página web, comecei a definir ícones e montar acervo. Sendo que foi bastante trabalhoso, incluir fotos, organizá-las, colocar legendas e caixas de texto para trazer informações sobre determinado tema e formatar individualmente tipo e tamanho da fonte, cores etc. À proporção que recebi orientação da minha co-orientadora,

reorganizava as idéias e redistribuía conteúdos nas subpáginas. Além de fazer várias revisões ortográficas e textuais. E assim foi surgindo o Eco Museu dos Povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA).

O Método DBR, foi interessante e importante, para a proposta do meu trabalho de pesquisa. Por que de acordo com perfil das pessoas das comunidades de estudo, que tem um modo de vida simples, e usa linguagem regional e tem baixa escolaridade, conseguimos estabelecer melhor a comunicação, coletar dados, modelar a página web conforme universo delas e promover identificação das comunidades com o Eco Museu, para gerar estímulo nos moradores, em participarem da pesquisa.

Os resultados alcançados foram: criação da página web idealizada, utilizando parte do acervo selecionado no contexto histórico e com a maioria dos princípios teóricos definidos. As comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso conheceram a página web, se apropriaram e contribuíram com novas informações. Moradores mostraram interesse em continuar com as atividades propostas no Eco Museu. Mas não conseguimos modelar todos princípios projetados, em virtude falta de tempo, como já foi citado anteriormente. E também só conseguimos fazer um ciclo de aplicação da pesquisa.

Na nossa pesquisa oferecemos uma solução tecnológica para resolver a problemática indicada no início deste trabalho, qual seja: inexistência do Eco Museu Virtual sobre povoados ribeirinhos da Marreca e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA), com função educacional, para atender as comunidades ribeirinhas, pertencentes à cultura do Médio Rio São Francisco.

Assim atingimos o objetivo geral que era investigar e criar um instrumento tecnológico, informativo, dialógico, de mediação, interação, participação e formação, com comunidades ribeirinhas localizadas no município de Xique-Xique (BA), através da construção do Eco Museu virtual, que apresente as tradições locais. Sendo que ações de formação não chegaram ser aplicadas, pela falta de tempo no processo da etapa final da pesquisa.

E conseguimos alcançar os objetivos específicos: Investigar sobre história, formação e desenvolvimento da população da região do Médio Rio São Francisco e do município de Xique-Xique (BA), e conseqüentemente da sua formação cultural; Levantar os elementos históricos e culturais que estão presentes na atualidade, em Xique-Xique (BA), e povoados em estudo, Mato Grosso e Marreca Velha; Listar princípios teóricos norteadores para construção do museu, “linkando” com acervo do museu; Fazer a modelagem dos elementos do acervo do eco museu virtual, segundo contexto geral e histórico da pesquisadora; Construir junto com a comunidade acervo sobre elementos históricos e culturais, identificados durante a pesquisa e formalizando a coautoria da comunidade neste trabalho.

O nosso Eco Museu, na prática, acolheu a maior parte princípios pensados e a nossa página, contou com os teóricos Vygotsky, Bakhtin, Paulo Freire e Rancière, que trouxeram os pensamentos ligados ao socioconstrutivismo, e usamos nas ações de interatividade. Também usamos bases de conhecimentos sobre educação informal, da educação popular com Arroyo, para pensar ações nas salas de bate papo e para as oficinas formativas. Para pensar a tecnologia do Eco Museu Virtual consideramos os autores Carvalho, Vieira e Iconfom, que conceitua este espaço como local de exposição “coisas do povo”, sobre sua tradição popular, associando a ferramenta educativa e de acessibilidade. A Cultura popular definida por Abib foi ressaltada no ícone Eco Museu e também considerada como ferramenta de resistência e luta social, no espaço educativo, da oficina formativa. As referências de vindas de Lídia Cardel sobre identidade do sujeito sertanejo, colaboraram para pensarmos a estética e linguagem do Eco Museu. Percebe-se que as contribuições teóricas no nosso estudo foram essenciais para formatar o EMVPRMVMVT.

A Solução tecnológica proposta, Eco Museu deu certo para 5 pessoas na Marreca Velha e 10 pessoas no Mato Grosso, e mais 7 artesãs de Xique-Xique / sede (porque estão como prestadores de serviço e dos produtos regionais na página web) e 14 agentes colaboradores externos. Além de outras pessoas terem consultados demais ícones e enviado material para colaborar com acervo da página web.

A partir da criação do Eco Museu Virtual dos Povoados da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA), criamos a oportunidade para pessoas receberem formação distância, no ícone oficinas formativas, mas não tivemos tempo de operacionalizar esta ação. A formação foi em relação acervo cultural, que ficará disponível para a população e para escolas da região, aperfeiçoarem seus conhecimentos sobre história local. Todos que tiverem presentes na apresentação serão multiplicadores desta tecnologia e a comunidade ganhou com valorização da autoestima, preservação da identidade cultural e projeção via web, das suas tradições, serviços e roteiros turísticos e produtos regionais.

As perspectivas futuras são de que mais pessoas acessem o referido Eco Museu, principalmente das comunidades da Marreca Velha e do Mato Grosso e interajam, utilizem os ícones interativos, comentem, avaliem e enviem novos conteúdos, para dinamizar funcionamento da página web e possibilitando a continuação do trabalho com aplicação de novos ciclos

Importante ressaltar, que ainda serão aplicados mais ciclos, para fazer a coleta de novos dados, para nossa pesquisa e em seguida realizar a análise dos mesmos. Ou seja, continuaremos a construir e a modelar o Eco Museu Virtual.

No momento, a proposta do início deste trabalho foi realizada e teve a comunidade como coautora, se reconhecendo no material apresentado, da página web e tem colaborado, trazendo outros conteúdos e imagens para complementar a página web, além de opinar sobre as demais ferramentas existentes no EMVPRMVMT.

Diante tantas dificuldades do cotidiano das comunidades investigadas, no acesso ao território de estudo, e outros problemas que surgiram no processo de estudo e pesquisa desta dissertação, como falta de recurso para contratar programador etc., além do tempo limitado, no mestrado, para desenvolver o estudo apurado que merece o Rio São Francisco, considero trabalho concluído com êxito e alcance das metas e resultados esperados. Uma alegria poder colaborar com as comunidades ribeirinhas da Marreca Velha e do Mato Grosso, e deixar legado concreto, produto Eco Museu disponível na rede, que atenderá a Xique-Xique e região. Uma satisfação poder criar uma ferramenta que oferece várias informações sobre Médio Rio São Francisco, Xique-Xique e Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, contando sua história e cultura tão rica e viva, ainda na atualidade. E também um privilégio ter trabalhado e desenvolvido este trabalho, de forma colaborativa, com as pessoas da comunidade e poder ver o brilho no olhar, a realização e empolgação das pessoas com o resultado da criação da página web, Eco Museu Virtual. Também criamos conta do Eco Museu no Facebook, para divulgar nossa pesquisa e muitas pessoas da região passaram a interagir e conhecer acervo, a curtir, compartilhar e comentar sobre o material publicado, o que demonstra interesse e aprovação do público local.

Assim, o meu trabalho de pesquisa do mestrado aqui apresentado, o Eco Museu Virtual dos Povoados Ribeirinhos da Marreca Velha e do Mato Grosso, Xique-Xique (BA), município localizado na região do Médio Rio São Francisco: uma alternativa educacional foi desenvolvido com estudo intenso sobre o tema, e em parceria com a participação e coautoria de moradores de Xique-Xique, comprovando viabilidade do projeto e sendo legitimada pelas populações ribeirinhas em foco.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R. J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. Campinas: Centro Memória da Unicamp; Salvador: EDUFBA, 2005.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Cultura popular e contemporaneidade**. São Paulo, Unesp, 2015..
- ANDRADE, Adriana Bittencourt. **A ocupação dos sertões no século XVIII: O caso do oeste baiano**.
- LUCCI, Marcos Antonio. **A Proposta de Vygotsky: A Psicologia Sóciohistórica**. São Paulo: PUC. 2006.
- AGUIAR, Durval Vieira de. **Província da Bahia**. Salvador: Celebra - MEC, 1979.
- ALVES, Katiane. **Turismo de Base Comunitária: fundamento histórico e abordagens conceituais**.
- APA Lagoa Itaparica** - Decreto de criação: Decreto Estadual nº 6.546, de 18 de julho de 1997
- ARAÚJO, Nerivaldo. **Na cadência das águas do Velho Chico: poética oral do samba de roda ribeirinho**.
- ARROYO, Miguel G. **Educação popular, saúde, equidade e justiça social**. 2008.
- AVEIRO, Carolina . **A Transposição do Rio São Francisco: Aspectos polêmicos e Jurídicos**. São Paulo. 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARBOSA, Railton do Nascimento; LAVORATTI, Janes Terezinha. **A Conquista da Terra e a Atual Situação dos Camponeses no Assentamento Rural Lagoa de Itaparica, Município de Xique-Xique (BA)**.
- BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras / – Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009**.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas, vol. I. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia Agrária e Responsabilidade Social da Ciência**. São Paulo: Terra Livre, ano 19, v. 2, n. 21. jul\dez 2003
- BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil, 1824.
- BRASIL. Constituição da República do Brasil, 1988.

CAMPOS FILHO, Alberto Viana de; SILVA, Francisca de Paula Santos de; CHAVES, Isis Maria Ferreira; ARAÚJO, Maria do Carmo; CAZENAVE, Reveca. **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária: o ABC do TBC**. SÁ, Natalia da Silva Coimbra de. (Org.) - Salvador: EDUNEB, 2012.

CARDEL, Lidia Maria Pires Soares e OLIVEIRA, Rejane Alves de. **Práticas e Contradições: um estudo de caso sobre camponeses assentados no Médio São Francisco**.

CARDEL, Lidia Maria Pires Soares. **Tipologias da sertanidade baiana: uma análise sobre três dimensões identitárias**. UFBA. 2007.

CARVALHO, Murilo; KOTSCHO, Ronaldo. **O Vale do São Francisco: uma viagem de canoa, de Minas Gerais ao Oceano Atlântico**. – Relato da viagem de Burton. Impresso em 1989.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. Comunicação e informação de museus na internet e o visitante virtual. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: PPG-PMUS Unirio. Vol. 1, nº1, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/8/4>>

CARVALHO, Murillo; KOTSCHO Ronaldo. **O Vale do São Francisco: uma viagem de canoa, de Minas Gerais ao Oceano Atlântico**. (Relato da viagem de Burton). Impresso em 1989).

CASSIMIRO NETO. **Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique**. 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venancio majer; atualização para a 6. ed.: Jussara Simões. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é** (2006).

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O Brasil é Grande, mas o mundo é pequeno** (2008).

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 4.ed. 1989, p. 23.

Comitê Internacional para a Museologia – ICOFOM

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **O turismo comunitário no nordeste brasileiro**. 2008.

COUTO, Solange Maria Santana. **Expressões da questão agrária no portal do Sertão**. Salvador, UFBA. 2014.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual para pensar a realidade brasileira**

Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2000

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, 2017. **Título: MUSEU VIRTUAL DE CONTOS AFRICANOS E ITAN: CONTRIBUIÇÕES À IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03.**

Dissertação sobre agrocaatinga em Xique Xique.

Dissertação de Mestrado de Carolina Jessica Domschke Sacconi. A transposição do rio São Francisco: contradições da presença-ausência da obra ao longo de seus eixos. São Paulo, 2019.

DJINDJIAN, François. The Virtual Museum: an introduction. **Archeologia e Calcolatori Supplemento**. Itália: Paola Moscati. V.1, 2007. Disponível em: <[http://soi.cnr.it/archcalc/indice/Suppl\\_1/2\\_Djindjian.pdf](http://soi.cnr.it/archcalc/indice/Suppl_1/2_Djindjian.pdf)>. Acesso em 07 jun. 2016, às 20 h.

DOWBOR, Ladislau. **A Reprodução Social: Proposta para uma gestão descentralizada**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. **História: Do Rio das Rãs ao Mangal - Comunidades Quilombolas do Baixo Médio São Francisco-Bahia** UNEB/Campus VI Caetité

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Felisberto. **História Territorial do Brasil, Bahia, Sergipe e Espírito Santo**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1998.

FUNARI, Pedro; PINSKY, Jaime. (Orgs.) **Turismo e Patrimônio Cultural** / São Paulo: Contexto, 2001.

Fundação Nacional de Saúde - FUNASA (2010)

GARCEZ, Angelina N. Rolim e MACHADO, Hermano A. (Coords.). **Leis de Terra do Estado da Bahia**. Salvador: Governo do Estado da Bahia/INTERBA/UFBA, Barcelona (Espanha), 1985.

GEOGRAFAR. Geografia dos Assentamentos na Área Rural.

GERMANI, Guiomar Inez. **Assentamentos de Reforma Agrária: Produção de Novos espaços de vida e de conflitos**. **Revista Vozes**, n° 6, Petrópolis: Vozes, 2001.

GERMANI, Guiomar; OLIVEIRA, Gilca Garcia de; OLALDE, Alícia R. Acesso a terra e desenvolvimento territorial no Médio São Francisco. In QUAN, J.F. **Acesso a terra e desenvolvimento territorial no semi-árido nordestino**. Relatório de Pesquisa. Salvador (BA), 2007.

GERMANI, Guiomar Inez. **Questão Agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia**. In: COELHO NETO, A ; SANTOS, E. M. C. e SILVA, O. A. (Orgs.) **Geografia dos movimentos sociais**. Feira de Santana (BA). UEFES Editora, 2010.

GOMES, Pedro Augusto Boal Costa e GONDAR, Josaida de Oliveira. **A emancipação pedagógica de Jacques Rancière e o teatro do oprimido como re-partilha do sensível.** Revista Internacional e Interdisciplinar INTERThesis. UFSC. Volume 12. Nº1. 2015

GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro séculos de latifúndio.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Humanitas, 2009.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos.** PUC São Paulo, 2000.

HADDAD, Sergio. **Por uma nova cultura na Educação de Jovens e Adultos, um balanço de experiências de poder local.** 30a . Reunião Anual da Anped 7-10 de outubro de 2007 - Caxambu Trabalho encomendado pelo GT 18 – Educação de Jovens e Adultos.

Índios no Brasil (2007), Julio Cezar Melatti. Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil (PIB)

IRVING, Marta de Azevedo. **Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária, inovar é possível?**

JUNIOR, Caio Prado. **A Questão Agrária no Brasil.** São Paulo: Brasiliense/AS. 1979.

KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária.** Trad: C. Iperoig. 3. ed. São Paulo: Proposta Editorial. 1980. (Coleção Proposta universitária).

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Dannilo Carneiro; MELO, Lígia Albuquerque de. **A Pesca Artesanal no Ambiente do Rio São Francisco,** BRASIL UFPE.

LINS, Wilson. **O Médio São Francisco:** uma sociedade de pastores e guerreiros. 2. ed. Editora Progresso, 1960.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento:** ruptura ou continuidade? Campinas (SP). Autores Associados; Americana (SP). Editora UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008.

MARTINS. Luciana Conceição de Almeida. **História Pública do quilombo do Cabula:** representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária. 311f. il. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MARTINS, José de Souza. A sujeição da renda da terra ao capital e o novo sentido da luta pela reforma agrária. In: *Encontros com a civilização brasileira*, Rio de Janeiro, 22, Jan. 1980.

MATTA, Alfredo. **História da Bahia**: Licenciatura EAD em História. Salvador. Ed: EDUNEB, 2013.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Rodrigues da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *Design-Based Research* ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador: UNEB. V. 23, n.42, jul./dez. 2014.

MATTOSO, Kátia. **Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX**. Salvador: Hucitec, 1978.

MARTINS-COSTA, A. L. B. **Uma Retirada Insólita**: A Representação Camponesa sobre a Formação do Lago de Sobradinho. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: Museu Nacional. UFRJ/PPGAS, 1989.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. Tradução: Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Bontempo, 2008.

MOURA, M. M. Camponeses. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios) QUEIROZ, M. I. P. de. **O Camponato Brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973.

NUNES, Eduardo Jose Fernandes; SOUZA, Dionalle Monteiro. **Educação e Território**: estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador, 2007.

ONOFRE, Gisele Ramos. **Ensino de Geografia Agrária**: Relatos de Experiências, Reflexões e Debates. Unespar – Campus de Campo Mourão - PR. 2014.

PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas**. Lisboa: Textos Editores, 2005, p.30.

Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS- **Conselho de Desenvolvimento Sustentável do Território de Irecê**. 2010.

POVOS Quilombolas na Luta Contra a Privatização da Chesf e em Defesa do Rio São Francisco. **Revista do Fórum Social em Defesa das Águas e do Rio São Francisco**. Petrolândia. 2017.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 21.ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

RAMALHO, C. **O Mundo Das Águas e Seus Laços de Pertencimento**. *Revista: Raízes*, v. 23, n. 01 e 02, jan./dez. 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução: Lilian do Valle Coleção Educação: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A emancipação é um problema de todos** Disponível em: <<https://lavrapalavra.com/2015/12/09/ranciere-a-emancipacao-e-um-problema-de-todos/>>. Acesso em: 15 jan. 2018

**Reforma Agrária.** Boletim de Geografia Teorética. Rio Claro, 10 (19), 1980.

SABOURIN, E. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste Brasileiro. **Revista Raízes**, Campina Grande, Ano XVIII, n. 20, nov. 1999.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina** – José Carlos Barreto de Santana (Org.) 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A queda do Ângelus Novus:** para além da equação moderna entre raízes, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço** (1996 /2002).

SEMINÁRIO destaca importância das comunidades quilombolas para o rio São Francisco. **I Seminário das Comunidades Quilombolas da Bacia do São Francisco.** Abril, 2016.

SILVA, Edcarlos Mendes da. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos** . Salvador, 2010.

SILVA, F. P. S.; MATTA, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, N. Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula. **Caderno Virtual de Turismo.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, ago. 2016.

SILVA, Francisca de Paula Santos da. (Org.) **Turismo de Base Comunitária e cooperativismo:** articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno. Salvador. EDUNEB, 2013.

SILVA, Francisca de Paula Santos da. (Org.) **Turismo de base comunitária e cooperativismo:** articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno. - Salvador: EDUNEB, 2013.

SILVA, José Graziano da. **O que é Questão Agrária.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense/SA. 1985 (Coleção Primeiros Passos).

TAVARES, Luís Henrique. **História da Bahia.** Salvador: Correio da Bahia, 2000.

Texto para discussão Nº 13: **idades do agronegócio no oeste baiano.** Publicações SEI – Superintendência dos estudos econômicos e sociais da Bahia, outubro/2017.

VINHAS, Moisés. **Problemas agrário-camponeses do Brasil** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972 (coleção: Retratos do Brasil).

**VIAGEM de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico** (*Explorations of the Highlands of Brazil*). A obra foi o resultado dos quatro meses de viagem de Burton pelos rios das Velhas - de Sabará até Pirapora - e São Francisco.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. Maré: casa e museu, lugar de memória. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. N° 3, 2007. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2011/01/Musas3.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. A questão agrária na Bahia: Permanências e Mudanças. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da (Orgs.) **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, 2009.

**Disponível em**

[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/TURISMO\\_DE\\_BASE\\_COMUNITARIA.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/TURISMO_DE_BASE_COMUNITARIA.pdf). Ed.: Letra e Imagem - UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

**Disponível em:** [www.acordacultura.org.br/artigos/25092013/a-tradicao-oral-e-sua-metodologia](http://www.acordacultura.org.br/artigos/25092013/a-tradicao-oral-e-sua-metodologia). Acesso 25/8/2016

**Disponível em** [www.trasosmontes.com/alexandreparafita/content/view/13/36/](http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/content/view/13/36/)- Acesso 25/08/2016

**Disponível em** [www.revistacapitolina.com.br/tradicao-oral-e-a-preservacao-de-culturas/](http://www.revistacapitolina.com.br/tradicao-oral-e-a-preservacao-de-culturas/) - Acesso: 25/08/2016

**Disponível em**

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/.../evolucao.pdf> [focinadesociologia.blogspot.com/2006/04/tradies-orais.htm](http://focinadesociologia.blogspot.com/2006/04/tradies-orais.htm) - Acesso: 25/08/2016

**Disponível em** <https://portal.febab.org.br/anais/article/download/1415/1416>- Acesso: 25/08/2016

**Disponível em** <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf> - Acesso 25/08/2016

**Disponível em** <https://www.todamateria.com.br/bacia-do-rio-sao-francisco/> Acesso em 19/08/2017

**Disponível em** <https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicionais> Acesso 19/08/2017

**Disponível em** [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300001) - Acesso 6/1/2018 **texto título Conhecimento, educação e contemporaneidade. Autor** Antônio Flavio Barbosa Moreira.

**Disponível em** <http://www.ugr.es/local/recfpro/Rev102COL2port.pdf>

**Disponível em** <http://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/geografo-critica-projeto-transposicao-rio-sao-francisco-51411>

Disponível em <http://xiquesampa.blogspot.com.br/2009/05/um-pouco-da-historia-de-xique-xique.html> Acesso 19/08/2017

Disponível em <https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicionais> Acesso 19/08/2017

<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/rio-sao-francisco.htm>

<https://escoakids.uol.com.br/geografia/rio-sao-francisco.htm>

[https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza\\_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/](https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Transposiçao>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/povoamento-brasileiro.htm>

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/principais-quilombos-brasileiros>

<https://www.todamateria.com.br/baci-do-rio-sao-francisco/> Acesso em 19/08/2017

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/64.pdf>

<https://mirim.org/quem-sao>

<http://programatodosocantos.com.br/a-bahia/em-informacoes/geografia/quilombo-de-rio-das-ras-encanto-alem-da-paisagem/>

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/882>

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/print>

<https://culturaxiquexique.blogspot.com.br/2017/12/comunidade-remanescentes-de-quilombo.html>

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tuxa>

<https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Tux%C3%A1>

<http://indios-tuxa-rodela.blogspot.com/p/cultura.html>

<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/agua-para-a-aldeia-tuxa-na-bahia/>

<http://xiquexiquense.blogspot.com.br/2010/04/passagens-historicas-o-quilombo-de.html>

<http://www.incra.gov.br/quilombola-mesa-sobre-regularizacao-de-territorios-realiza-segunda-reuniao-na-bahia>

<http://www2.codevasf.gov.br/osvales/vale-do-sao-francisco/solos/>

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/coronelismo2.htm>

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/64.pdf>

<http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/o-que-e-socioconstrutivismo/>  
[https://www.google.com.br/search?q=mapas+xique+xique+da+bahia&hl=pt-BR&tbm=isch&tbs=rimg:CQECpAZ0NO5sIjhB5uDFSQrATm9l2fqHsUFYw4mt8d0I7WEiBMc50FpqKdCqmdIpyptPFZKpoU3JYyuTrg2kwkgsCoSCUHm4MVJCv4BEWeCdmIwvufRKhIJOb2XZoexQURztW6nkElNp0qEgljDia3x3QjtRF6NjOZsYc1oCoSCYSIExnQWmoEb u2OcM051gpKhIJp0KqZ0inKm0R8veEfHdVRA YqEgk8VqmqhTcljBFMrlg2aaVy7CoSCa5OuDaTCSCwEfTQWmecXf69&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwjj96w7frZAhVCiJAKHZnAA0gQ9C96BAgAEBs&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgrc=I\\_zHsb0yunviBM](https://www.google.com.br/search?q=mapas+xique+xique+da+bahia&hl=pt-BR&tbm=isch&tbs=rimg:CQECpAZ0NO5sIjhB5uDFSQrATm9l2fqHsUFYw4mt8d0I7WEiBMc50FpqKdCqmdIpyptPFZKpoU3JYyuTrg2kwkgsCoSCUHm4MVJCv4BEWeCdmIwvufRKhIJOb2XZoexQURztW6nkElNp0qEgljDia3x3QjtRF6NjOZsYc1oCoSCYSIExnQWmoEb u2OcM051gpKhIJp0KqZ0inKm0R8veEfHdVRA YqEgk8VqmqhTcljBFMrlg2aaVy7CoSCa5OuDaTCSCwEfTQWmecXf69&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwjj96w7frZAhVCiJAKHZnAA0gQ9C96BAgAEBs&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgrc=I_zHsb0yunviBM)

[https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&gs\\_l=psy-ab.3](https://www.google.com.br/search?hl=ptBR&biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&q=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&oq=mapa+regi%C3%A3o+medio+rio+sa%C3%B5a+francisco&gs_l=psy-ab.3) – Acesso dia 15/102017

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Camponês>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/campesinato/>

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/a-sociedade-em-redes/43818>

<https://administradores.com.br/artigos/sociedade-em-rede>

<http://mpel6uab.pbworks.com/w/page/60366719/Defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20SOCIEDADE%20EM%20REDE>

<https://conceito.de/pagina-web>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_web](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_web)

[https://developer.mozilla.org/ptBR/docs/Learn/Common\\_questions/Pages\\_sites\\_servers\\_and\\_search\\_engines](https://developer.mozilla.org/ptBR/docs/Learn/Common_questions/Pages_sites_servers_and_search_engines)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia\\_eolica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia_eolica)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Parques\\_e%C3%B3licos\\_da\\_Bahia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Parques_e%C3%B3licos_da_Bahia)

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26554197/transposicao-do-rio-sao-francisco>

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/64.pdf>

<http://projetoлагodesobradinho.blogspot.com/p/historico.html>

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=524&Itemid=195](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=524&Itemid=195)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_de\\_Desenvolvimento\\_dos\\_Vales\\_do\\_S%C3%A3o\\_Francisco\\_e\\_do\\_Parna%C3%ADba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Desenvolvimento_dos_Vales_do_S%C3%A3o_Francisco_e_do_Parna%C3%ADba)

[https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza\\_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/](https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza_blog/a-fauna-e-a-flora-da-bacia-do-rio-sao-francisco/)

[https://www.indiosonline.net/as\\_tribos\\_do\\_sao\\_francisco/#:~:text=No%20Alto%20S%C3%A3o%20Francisco%20Xacriab%C3%A1,territ%C3%B3rio%20ind%C3%ADgena%20para%20fazerem%20propriedades.&text=As%20tribos%20sobreviventes%20est%C3%A3o%20no,Nhenety%20Kari%20DXoc%C3%B3](https://www.indiosonline.net/as_tribos_do_sao_francisco/#:~:text=No%20Alto%20S%C3%A3o%20Francisco%20Xacriab%C3%A1,territ%C3%B3rio%20ind%C3%ADgena%20para%20fazerem%20propriedades.&text=As%20tribos%20sobreviventes%20est%C3%A3o%20no,Nhenety%20Kari%20DXoc%C3%B3).

<http://www.palmares.gov.br/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/influencia-de-angola-e-vista-em-varios-tracos-culturais-do-brasileiro>

<https://culturaxiquexique.blogspot.com/2017/12/comunidade-remanescentes-de-quilombo.html>

<https://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%ADgenas,-povos-e-comunidades-tradicionais>

[https://www.academia.edu/34475866/O\\_SUJEITO\\_INTELCTUAL\\_LEITURAS\\_DE\\_JOSEPH\\_JACOTOT\\_1770-1840\\_NO\\_BRASIL](https://www.academia.edu/34475866/O_SUJEITO_INTELCTUAL_LEITURAS_DE_JOSEPH_JACOTOT_1770-1840_NO_BRASIL)

Disponível No site: <https://historiadamuseologia.blog/autores/georges-henri-riviere/>

Entrevista com líderes dos grupos culturais: 1Samba de roda é na pisada ê. 2Dança de São Gonçalo. 3 Mulheres artesãs de Passagem de Areia.

ANEXO I: LOGOMARCA DO ECO MUSEU CRIADA POR MÔNICA ABUB

